

fundação cultural do distrito federal

BRASÍLIA, 19 DE ABRIL DE 1966

E-401

OF. Nº 111/SA/66 -FCDF

SENHOR CHEFE,

EM CUMPRIMENTO AO QUE DETERMINA O REGULAMENTO DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.F.S.P., VIMOS, POR MEIO DO PRESENTE, SOLICITAR DE V.S.A. A EXPEDIÇÃO DO "ALVARÁ DE LICENÇA" PARA A REALIZAÇÃO DO ESPETÁCULO "O TARTUFO" DE MOLIERE, PELO TEATRO MIGUEL / LEMOS DO RIO DE JANEIRO, A SE REALIZAR NOS DIAS 5,6 E 7 DE MAIO NO TEATRO MARTINS PENNA.

PARA OS DEVIDOS FINS, ANEXAMOS AO PRESENTE A DEVIDA AUTORIZAÇÃO DA COLIGAÇÃO SBAT/SBACEM/SADEMBRA.

RENOVAMOS, AO ENSEJO, NOSSOS PROTESTOS DE ELEVADA ESTIMA E CONSIDERAÇÃO.

Artistides Alves de Carvalho Pires
ARTISTIDES ALVES DE CARVALHO PIRES
SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVO DA F.C.D.F.

AO ILMO, SENHOR

DR. ROMERO LAGO

DD, CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.F.S.P.

NESTA

2-a Joo

SENHOR CHEFE

ENCAMINHO A V.S. O PRESENTE PROCESSO
REFERENTE A PEÇA TEATRAL, "TARTUFO"
COM PARECER ANEXO DA CENSORA MARIA SELMA
E IMPROPRIEDADE DE 14 ANOS.

INFORMO OUTROSSIM QUE A REFERIDA
PEÇA SERÁ LEVADA NO TEATRO MARTINS PENNA
NOS DIAS 5-6-7/5/66 COMO TAMBEM QUE O
SOLICITANTE ESTÁ EM DIA COM O DIREITO
AUTORAL.

Em 22/4/66

Estevão Iemini de Rezende
ESTEVÃO IEMINI DE REZENDE
RESPONSÁVEL P/ TTC

AUTORIZO A EXPEDIÇÃO DO COMPETENTE
CERTIFICADO, DESDE QUE FEITAS E CUM-
PRIDAS AS EXIGENCIAS LEGAIS, ATENDENDO
A IMPROPRIEDADE IMPOSTA PELO CENSOR.

Em 22/4/66

A. Romero Lago
A. ROMERO LAGO
CHEFE DO S.C.D.P.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0020, p. 4



Affiliada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

03
Cru

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 139911

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representa-

ção da peça teatral: O "TARTUFO"

Original de MOLINERE —

Música de

Tradução de

No Teatro

Empresa

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% (deis) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ salário mínimo mensal por espetáculo, obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-
tentificado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-
mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 20 de Maio de 1956

Esta via de Autorização deve ser anexada ao progra-
ma respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá
ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Resp. [assinatura]

Isenta de selo, por Lei nº 19 de Dez. 1957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salva cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

" TARTUFO"
(MOLIÈRE)

Dentro do que me foi apresentado, pelo script, vejo que trata-se de uma obra literaria, cheia de muita filosofia, como são tais obras, na sua totalidade. Passam então a relatar o conteúdo da mesma:

Personagens vivem a chantagem de um homem (Tartufo), que passando-se por uma criatura virtuosa, consegue a confiança de um pai de familia, que chega a impor para filha, (que é noiva de Valério, rapaz pouco apreciado por si, pela maneira de proceder, deixando de lado, ^{as coisas mais necessárias, como:} principalmente de praticar a religião, indo a missa todos os domingos), o matrimônio, com tal cidadão. Acontece que com o passar dos tempos são conhecidas realmente as criaturas, E é aí que vemos o pai severo e esposo fiel assistir da criatura sublime (Tartufo) uma proposta de adultério à sua querida esposa. Certificando-se que "Tartufo", não passa de um canalha, passa a crê que Valério seria o homem ideal para filha. Esta obra de Molière está bem enquadrada naquela frase ~~de~~ muita filosofia.

"Com o passar dos tempos é que se conhecem as criaturas".

Pelo script, pois nada me foi encenado, acho que nada impede, ser esta peça assistida por público maior de quatorze anos.

Maria Selma Miranda Chaves
MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
(Censor)

Brasilia, 22 de abril de 1966

M. J. N. I. - DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Nº 401/66

401/66

"O TARTUFO" (MOLIE-

RE).

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DIST. FEDERAL

D.F.

14 (QUATORZE) ANOS

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

PARA OS DIAS 5, 6 e 7 DE MAIO DE 1966.

22

ABRIL

66

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 7



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GB

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR=GB

D. F. S. P.	
059413	25 NOV 68

Of. nº 443/68

Em 21 de NOVEMBRO de 1968

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPF-
Assunto: sobre peças teatrais

Senhor Chefe,

Cumprindo determinações dêsse SCDP, encaminho a V.Sa. os textos acompanhados das autorizações da SBAT, referentes as peças "TARTUFO", de Molière e "MULHERES PRÁ KILO", de Olindo Dias Corleto, a fim de serem examinadas por êsse Serviço.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa. os protestos de estima e consideração.

Marina de Mello Ferreira

MARINA DE MELLO FERREIRA
Chefe da TCDP-DR/GB

BRAS-DA - D. F. S. P.
RECEBI *25/11/68* AS *10* HORAS
ASS. *Kenn*
CHIEFE SUBSEÇÃO ENCHIMENTO (SSIS)



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,
para fins de CENSURA, duas cópias da peça:

"TARTUFO" de Molière, tradução de Guilherme Figueiredo

próxima apresentação da.....?

.....no Teatro.....?

com estreia marcada para o dia.....?

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,



Djalma Bittencourt
Djalma Bittencourt
Superintendente

*Encaminhe-se
para Brasília
em 20-11-68
Maurício Figueiredo*

08
En

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

Em 18 de novembro de 1968

Do Diretor do Serviço Nacional de Teatro

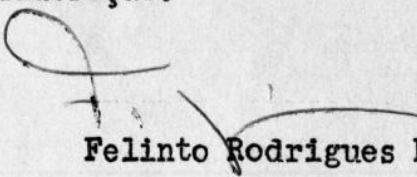
Ao DD. Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

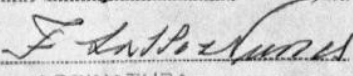
Assunto - solicitação -

Prezado Senhor,

O Diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura vem solicitar de Vossa Senhoria as devidas providências no sentido de que seja aprovado o texto da peça "Tartufo", de Molière, tradução de Guilherme Figueiredo, que será apresentada na cidade de Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte, e cuja estréia se dará no próximo dia 15 de dezembro do corrente ano, pelo grupo de alunos do Primeiro Curso Experimental de Teatro, promovida por este SNT e pela Reitoria da Universidade do Rio Grande do Norte.

Aproveita o ensêjo para apresentar à V.S. os protestos de elevada estima e consideração.


Felinto Rodrigues Neto
Diretor

D.P.F.-DELEGACIA REGIONAL-GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º 10834
DATA 20/11/1968

ASSINATURA

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr. Chefe da Seção de Censura

O Diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura, por intermédio da TCDP/DR-DPF/GB, enviou para exame deste SCDP, a peça teatral "TARTUFO" de Molière, em tradução de Guilherme Figueiredo.

A referida obra, em 22 de abril de 1966 foi examinada pela Censora MARIA SELMA MIRANDA CHAVES, que em detalhado parecer, propoz a emissão de Certificado com a IMPROPRIEDADE PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS, que foi ratificado pela então Chefia deste Órgão, emitindo-se o Certificado nº 401/66.

Assim sendo, à vista do exposto e como se trata de / mesma obra, sugerimos que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos, condicionando, entretanto, a entrega dos mesmos ao exame do Ensaio Geral, para efeitos de marcação. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 28/novembro /68.

JOSE SAMPATO BRAGA
TCTC- SCDP/DF

De acordo.

Em 2/12/68
Sampa

Em 2 Dez 68

Expediente
Alaymon



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, p. 12

198

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 866/68

PEÇA -/:/: * TARTUFO * :/:/-

ORIGINAL DE MOLIÈRE

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 03 de DEZEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 03 de DEZEMBRO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

P/ **ALOYSIO MUELTHALER DE SOUZA**

AP/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 27, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - / * TARTUFO * / -.

Original de MOLIÈRE

Tradução de GUILHERME FIGUEIREDO

Adaptação de _____

Produção de SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

Tendo sido censurada em 28 de NOVEMBRO de 19 68 e rejeitada

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE)
ANOS::::::::: CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL:::::::::

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO PELO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S. C. D. P.

Brasília, 03 de DEZEMBRO de 19 68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 13



JOSÉ SAVATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º

Data 3-12-68

Do: **Chefe do SCDP**

Para: **Sr. Sub-Delegado Regional do DPF-RN**

Assunto: **Peça teatral (encaminha)**

Sr. Sub-Delegado:

Em anexo, encaminho a V.SA., scripts e certificados da peça teatral "TARTUFO", original de Molière, com tradução de Guilherme Figueiredo, solicitando que referidos documentos somente sejam entregues ao interessado - Reitoria da Universidade do Rio Grande do Norte - após o exame do ensaio geral por essa SDR, remessa de relatório minucioso, a respeito, a este SCDP e decisão desta Chefia à vista do mesmo.

ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

ap/



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CÓPIA PARA CONTRÔLE DO D.C.T.

Bruga

MARINA DE MELLO FERREIRA
CHEFE DA TCDP-DE/GB

PRAÇA MAL. ÂNCORA, Nº 3 - RIO DE JANEIRO-GB

580

03 12 68

SOLICITO INFORMAR DIRETOR SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
VG DOCUMENTAÇÃO REFERENTE PEÇA TEATRAL "TARTUFO" SEGUIRAM HOJE DESTINE
NATAL VG DEVENDO SER ENTREGUE REITORIA UNIVERSIDADE APÓS EXAME ENSAIO
GERAL PT PELO SCRIPT VG A PEÇA FOI CLASSIFICADA PARA MAIORES DE QUATOR-
ZE ANOS PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE DO SODP

12



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE, M. G.

TEATRO UNIVERSITÁRIO

Av. Afonso Pena, 867 - 19º Andar

Exmº Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
Ed. do B.N.D.E. - 4º Andar
Brasília - D.F.

O abaixo assinado, Teatro Universitário da UFMG, com sede nessa cidade, à Av. Afonso Pena, 867 - 19º Andar, vem mui respeitosamente requerer de V. Exª se digne autorizar a censura do texto "Tartufo", de Molière, que segue anexo, juntamente com Ofício de nº 139/69, do requerente e carta da SBAT., de 23/09/1969, para apresentações teatrais em sua praça, no Teatro da Imprensa Oficial, no período de 13 à 31 de outubro próximo e possíveis apresentações posteriores em outras praças.

Nêstes termos,
pede deferimento.

Belo Horizonte, 24 de setembro de 1969

TEATRO UNIVERSITÁRIO DA UFMG

Edson Resende
Diretor Administrativo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE, M.G.

Teatro Universitário-Ed.Acaiaça -199

Nº 139/69

Em 22 de setembro de 1969.

Senhor Diretor,

O Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais apresenta a êsse Departamento o texto "Tartufo" de Molière, pedindo-lhe a fineza de liberá-lo o mais rápido possível, uma vez que a estréia está marcada para o dia 13 de outubro do corrente ano.

Sem mais, subscrevo-me

Respeitosamente.

Haydée Bittencourt
Diretora Artística do TU da UFMG

Exmo. Sr.

Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

- Departamento de Segurança Federal -

Brasília - D.F.



152

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 23 de setembro de 1969

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Temos a grata satisfação de passar às mãos de V. Sa. 3 (três) cópias mimeografadas da peça "TARTUFO" de Molière, tradução de Jaci Monteiro com revisão de Pontes de Paula Lima, nosso associado, para ser censurada de acôrdo com o regulamento dêsse conceituado Serviço.

Sem outro particular para o momento, subscrevemo
nos,

Atenciosamente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal de Minas Gerais

Grover Ferreira
GROVER FERREIRA
Diretor



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: "O TARTUFO"
- b) Título original: _____
- c) Autor: Molière
- d) Tradutor: Jaci Monteiro (Revisão de Pontes de Paula Lima)
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Teatro Universitário da UFMG
- h) Classificação da Censura: 14 ANOS-

II) Análise Drama abordando problema de família.

- a) Gênero: Drama
- b) Argumento: De tanto insistir em provar suas virtudes Tartufo consegue casar com a filha de Valério. Depois de algum tempo descobre que o melhor marido para a moça seria o próprio pai.
- c) 1 - Mensagem: Negativa.
- 2 - Impressão final: Buena para público adulto.
- d) Diálogos: Próprios do autor.
- e) Cenário: Sugerido a encenação.

f) Personagens: De As constantes do texto anexo.

g) Valor educativo: Relativo

III) Conclusão: Liberar-se para publico maior de 14 ANOS

Brasília, 14 de Outubro de 1969

[Assinatura]
Técnico de Censura - Cart. nº

Sr. Chefe da Seção de Censura

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO, que a examinou.

TÍTULO:- O TARTUFO
AUTOR:- Molière
TRADUÇÃO:- Jaci Monteiro
RESTRIÇÃO:- 14 ANOS

Em, 15 Out 69

[Assinatura]
JOSE Sampaio BRAGA
TCTC/SC/SCDP

Devido Tema focalizado
expedir os certificados
com a Suficiência
para menores de 18 anos
e TV. Eis a minha
Sugestão.

MANUTENHA-SE
A IMPRESSÃO
ANEXO 102.

15/10.69

Em 15/10/69

[Assinatura]

MOLIÈRE

TARTUFO

Comédia em 5 atos. Tradução livre em dodecassílabos de

GUILHERME FIGUEIREDO

com um prólogo inspirado nas duas primeiras
petições do autor ao rei Luís XIV

PARA

Thiers Martins Moreira

Procópio Ferreira

Joraci Camargo

Renato Alvim

PERSONAGENS

SENHORA PERNELA, mãe de Orgonte

ORGONTE, marido de Elmira

ELMIRA, mulher de Orgonte

DAMIS, filho de Orgonte

MARIANA, filha de Orgonte, namorada de Valério

DORINA, criada de Mariana

VALÉRIO, namorado de Mariana

CLEANTO, cunhado de Orgonte

TARTUFO, falso devoto

O SENHOR LEAL, meirinho

Um guarda

FLIPOTE, criada da senhora Pernela.

(Cena em Paris, em 1667, em casa de Orgonte)

PRÓLOGO

Inspirado nos dois primeiros «placets» apresentados a Luís XIV por Molière, para desinterdição da comédia «Le Tartuffe».

O *Prólogo* (descerrando as cortinas o bastante para passar, e adiantando-se para o proscênio. O prólogo deve ser o ator que fará o papel de Tartufo. Deve vir caracterizado, e recitará suas palavras dando-lhes a princípio um tom de leitura de petição, e passando pouco a pouco a interpretá-las.)

Majestade: é costume ouvir-se que a comédia
 Corrige divertindo; uma platéia pede-a
 Não só para sorrir de máscaras fingidas
 Que moram noutro mundo e mostram outras vidas,
 Mas para descobrir, atrás das fantasias,
 A verdade que roça em nós todos os dias.
 Cada fala de ator é censura e conselho:
 Quando vos sentais lá, estais diante do espelho.
 E assim podeis vos ver, debaixo do artifício:
 A beleza, a verdade, a hipocrisia, o vício.
 Assim eu também quis atacar a impostura,
 Os devotos sem fé, os santos de alma impura,
 Que tratam de empolgar, com zêlo contrafeito,
 A bolsa de um amigo e o coração de um peito.
 São vícios do meu tempo; a minha personagem
 Rende aos homens de bem a maior homenagem:
 Se em seu falso fervor não é logo entendida,
 Não é culpa do autor: a culpa cabe à vida
 Que podia ter criado um sinal exterior,
 Uma pinta na testa, a marcar o impostor.
 As testas, majestade, estão, de hora em hora,
 Perdendo a distinção que mostravam outrora:
 A coroa de espinho, os diademas de ouro,
 As gotas de suor, as coroas de louro;
 Quem olhá-las nada há de encontrar que as decifre,
 Nem coroas de rei, nem coroas de chifre.
 Ora, porisso mesmo, o hipócrita que eu tinha
 Imaginado aqui, aos outros não convinha;
 Aquêles que falei, que não trazem sinais,
 Descobriram no meu, cópia de originais.
 Passei a ser o diabo. O meu caráter bufo
 Julgaram ser pior que o do próprio Tartufo.
 Como vão consentir os Tartufos da vida
 Que a face de Tartufo entre a ser exibida,
 Seu gesto, sua voz, seu riso, seu olhar,
 Para que qualquer um o possa autenticar,
 Aqui, ali, além, mais perto, mais distante,
 Meigo, astuto, atrevido, amoroso, arrogante,
 Zombeteiro, ladrão, calculista e genial,
 Fingido benfeitor, e praticando o mal?
 Se me devem punir por uma ação tão feia,
 Metei a humanidade inteira na cadeia,
 Porque quaisquer de nós, ao menos um segundo,
 Fomos como Tartufo atrás dos bens do mundo,

Desejando demais, fingindo não querer,
Rezando sem ter fé, receiosos de crer,
Amando sem amor, chorando sem chorar,
Sorrindo sem sorrir, entregando sem dar,
Maldizendo a justiça, adorando as vinganças,
Segredando rancor, esmagando esperanças;
Medrosos de estender a mão para um leproso,
Mas dêle recebendo um pagamento odioso;
Capazes de pregar virtude e castidade,
Incapazes, porém de domar a vontade;
Ansiosos de olhar paisagens sutis,
Mas evitando ver um amigo infeliz;
Aplaudindo uma voz que canta, quente e rica,
Mas recusando ouvir uma voz que suplica;
Sonhando uma partilha igual para a riqueza,
Contanto que ninguém se assente à nossa mesa;
Fingindo desejar um mundo mais perfeito,
Mas querendo implantar por lema o preconceito;
Aconselhando o estudo, e não sabendo ler,
Pretendendo ganhar, e sem saber perder,
Desejando auferir bons lucros, mas falar
Que aquêles que não têm devem se resignar.
O retrato é fiel, porisso traz desgosto
A quem reconhecer aqui seu próprio rosto...
Quem proíbe Tartufo? Os monarcas? Os reis?
Os máus? Os beaguins? As injunções? As leis?
As normas da moral? A inveja dos confrades?
As pessoas de bem? As beatas? Os frades?
Não se pode impedir que o meu Tartufo exista:
Êle é puro demais — como criação de artista:
Na sua sordidez previne a todos mais:
«Lembraí-vos! Sois assim! Nunca vos esqueçais!»
Podemos começar? Se a platéia consente,
Tartufo vai viver — e vive eternamente.

(retira-se com uma mesura)

A T O I

CENA I

Sra. Pernela, Elmira, Mariana, Cleanto, Damis, Dorina, Flipote.

SRA. PERNELA

Vamos, vamos, Flipote, eu preciso deixá-los...

ELMIRA

Correis com passos tais... nem posso acompanhá-los...

SRA. PERNELA

Deixai lá, minha nora; usemos de franqueza:
Já não mereço mais tanta delicadeza.

ELMIRA

Nós temos o dever de vos retribuir.
Mas por que, minha mãe, tanta pressa em partir?

SRA. PERNELA

Não posso suportar o que se passa aqui,
E ver que do que digo a gente tôda ri.
Desta casa, palavra, eu saio edificada:
Em tudo quanto falo eu sou contrariada.
Respeito?! Cada qual falar mais alto logra.
É, sem tirar nem pôr, uma casa da sogra.

DORINA

Mas, senhora...

SRA. PERNELA

Ouve aqui: tu és uma empregada
Muito forte na lingua — e mal acostumada.
Só te debes meter no que te diz respeito.

DAMIS

Mas...

SRA. PERNELA

Ouve lá, meu neto: és um tolo perfeito,
Isto eu digo e repito: êste mesmo estribilho
Está farto de ouvir o pobre do meu filho,
Teu pai: breve estarás no rol dos pecadores
A lhe trazer sòmente amargos dissabores.

MARIANA

Eu acho...

SRA. PERNELA

Ora, aqui está: tua cara irmãzinha!
Tôda cheia de não-me-toques, tão sonsinha,
Mas é como quem diz: quem vê cara, não vê
Coração. Meu bem, és fingida como quê!

ELMIRA

Mas, minha boa mãe...

SRA. PERNELA

Que mãe coisa nenhuma!
O teu procedimento é o que interessa, em suma
Devias dar um bom exemplo a êsses meninos,
E impedi-los de andar em novos desatinos.

A falecida mãe deles assim fazia;
Mas gostas de gastar: durante todo o dia
Andas como princesa — e quem quer agradar
Só ao marido não precisa se enfeitar.

CLEANTO

Minha boa senhora...

SRA. PERNELA

O mano dela... Qual!

Eu vos estimo, e vos respeito, et-coetera e tal,
Mas se eu fôsse, senhor, a mulher de meu filho,
Punha-vos já lá fora! É que sois o impecilho
A uma vida decente. As vossas pregações
Para gente de bem são péssimas lições.
Eu sou franca demais. É o meu modo de ser:
É que nunca enguli o que tenho a dizer.

DAMIS

O vosso bom Tartufo é um homem feliz...

SRA. PERNELA

É um homem de bem: deve ouvir-se o que diz,
E não posso admitir que um rapazelho tonto
Fale mal de Tartufo e me indigne a êsse ponto.

DAMIS

Como? E eu posso admitir que um crítico... impoluto
Venha usurpar aqui um poder absoluto,
E aceitar que ninguém possa chorar ou rir
Sem que o bravo senhor se digne consentir?

DORINA

A lhe dar atenção, a ser êle escutado,
Tudo que se fizer é vergonha e pecado.
Pois tudo êle controla, êsse crítico ousado.

SRA. PERNELA

E tudo que controla está bem controlado.
Êle pensa no céu. A cada um quer dá-lo,
E meu filho devia ensinar-vos a amá-lo.

DAMIS

Mas vejamos, vovó: de modo algum me obrigo
A aceitar o senhor Tartufo como amigo;
Não seria leal se de outro modo agisse,
Se recitasse *amen* a tudo que êle disse.
Estou prevendo o dia, aliás muito grato,
Em que será preciso ir-lhe às vias de fato.

DORINA

Outra coisa haverá mais contrária à razão?
Ter um estranho aqui a fazer de patrão?
Um mero espertalhão, sem linha e sem escol,
Cuja casaca não valia um caracol,
Que chega de repente, e adquire tanta asa
Que passa a mandar mais do que o dono da casa?

SRA. PERNELA

Pois seria melhor se todos que aqui estão
Fossem obedecer-lhe a santa direção.

DORINA

Ele passa por santo em vossa fantasia;
Tudo que faz, porém, é mera hipocrisia.

SRA. PERNELA

Olha a língua!

DORINA

Ele e o criado, o parvo do Laurêncio,
Não podem merecer que se fique em silêncio.

SRA. PERNELA

Quanto ao criado, não sei. No que respeita ao amo,
Exijo compostura, e discreção reclamo.
Sômente o detestais, com tamanha ruindade,
Porque ele a cada um diz a sua verdade;
Contra todo pecado arremete com ira:
O interêsse do céu é tudo que o inspira.

DORINA

Muito bem: mas por que será que últimamente
Não deixa que ninguém esta casa freqüente?
Em que pode tal coisa ofender tanto o céu
Que lhe faça romper em tão grande escarcêu?
Desejais que vos dê a explicação agora? (*mostrando Elmira*)
Eu creio que ele tem ciumes da senhora.

SRA. PERNELA

Cala-te! Infâmia tal proibo que repitas!
Não é só ele quem censura essas visitas.
O frívolo rumor de cada recepção,
Carruagens sem cessar paradas no portão,
Lacaios de libré, mexericos e dansa
Causam irritação a tôda a vizinhança.
Acredito que daí não se vá muito além;
Mas falam — e afinal isto não fica bem.

CLEANTO

E quereis impedir que falem? Esta vida
Haveria de ser bastante aborrecida
Se a cada mexerico e a cada falsidade
Se houvesse de perder uma bela amizade.

E mesmo usando assim de renúncia e disfarce,
Podieis obrigar tôda a gente a calar-se?
Contra a maledicência a precaução é nula;
Portanto, cada qual que a desdenhe ou que a engula.
Tratemos de viver na maior inocência
E deixemos de lado a alheia impertinência.

DORINA

Dafne, nossa vizinha, e o rico maridinho
Não serão dos que têm por nós êsse carinho?
Êsses cuja conduta o menos satisfaz
Sempre os primeiros são a falar dos demais.
Vivem a simular sua solicitude
E querem defender nossa própria virtude;
Com que alegria vão divulgando uma intriga,
Dando-lhe um meigo tom que se aceite e se diga!
Com alheias ações, disfarçadas ou nuas,
Pensam catalogar jurisprudência às suas,
E na falsa ilusão de alguma semelhança
De esconder o que são guardam sempre a esperança;
Ou tratam — o que é pior — de distribuir por todos
O que merecem mais: os risos e os apodos.

SRA. PERNELA

E que tem isto a ver com o que estou a falar?
Oranta, bem sabeis, leva vida exemplar:
Só se dedica a Deus. Pois de alguém mais ouvi
Que ela censura muito o que se passa aqui.

DORINA

Admirável exemplo, e que senhora boa!
É certo que hoje impõe respeito essa pessoa:
A idade lhe pôs n'alma o terror do pecado:
Tudo se lhe apagou no corpo recatado.
Mas enquanto ela pôde arrebatat paixões,
Bem que se aproveitou das boas ocasiões!
Mas vendo o seu encanto esconder-se e murchar
Ao mundo que a abandona ela quer renunciar;
E com pomposo véu de alta sabedoria
Encobre tudo quanto outrora ela exhibia.
Assim passa o poder das coquetes famosas...
É duro recordar que não são mais formosas.
Soltas ao abandono, a sombria inquietude
Dá-lhes a profissão de guardiãs da virtude;
Tão rigorosas são tais mulheres de bem
Que pra tudo no mundo uma censura têm.
Reclamam dia e noite, em voz que não se peja;
Mas não por caridade — apenas por inveja.
Não podem resistir à injustiça sem nome
Uma vez que a velhice extinguiu-lhes a fome.

SRA. PERNELA (*a Elmira*)

São êsses, com certeza, os contos de que gostas,
Minha nora! Ah, nem digo o quanto me desgostas!
Até ela (*aponta Dorina*) não faz senão tagarelar!
Mas agora chegou minha vez de falar.
Meu filho praticou uma ação muito boa
Ao recolher aqui essa santa pessoa.
Foi o céu que o mandou, com suas luzes sagradas,
Pra vos reconduzir, ovelhas desgarradas.
Pra vossa salvação ouvi-o com respeito,
Pois tudo que êle faz está muito bem feito.
Visitas, bailes são procedimento errôneo,
São pecados mortais, invenções do demônio;
Nessas ocasiões nada se ouve de casto:
São ditinhos, canções — coisas de que me afasto.
Não é raro sofrer o próximo também
Sua difamação: não escapa ninguém.
Enfim, do mais sensato a mente leva a pior
Só pela confusão dos outros ao redor;
Fazem murmurações pela menor tolice.
É justamente como um doutor já me disse:
«Falam, procedem de maneira muito errônea:
É o que já se chamou Torre de... Babilônia»,
Tôda a gente cochicha e grita e papagueia.
Êle até me contou a história muito feia... (*mostrando Cleanto*)
Já vem êste senhor a fazer zombaria!
Vá zombar de tua... ah!, cessai a grosseria! (*a Elmira*)
Uma história... Ora, adeus! Já não digo mais nada!
Estou velha demais pra ser desrespeitada!
Tanto melhor! Pecai! Prossegui no folguedo!
Sabei que por aqui não ponho o pé tão cedo! (*dá uma tapa em Flipote*)
Vamos! Que estás fazendo aí à minha espera?!
Fujamos desta casa! Anda daí, megera!

CENA II

Cleanto, Dorina

CLEANTO

Eu fico por aqui. Não vou sair agora,
Senão eia me mata, esta boa senhora.

DORINA

Não podeis calcular o quanto me dá pena
Que ela venha fazer por cá tamanha cena.
Se a coisa prosseguisse, estarieis, eu creio,
Ouvindo desta dama um belo nome feio.

CLEANTO

Como por pouca coisa ela fica exaltada!
Estará por Tartufo acaso apaixonada?!

DORINA

E, creia, não é nada, a comparar-se ao filho,
Se o tivesses de ouvir nesse mesmo estribilho.
Quando serviu ao rei, mostrou-se bravo, é exato:
Julgamo-lo porisso um sujeito sensato.
Mas não passa de um parvo, um filósofo bufo,
Depois que se embeçou pelo tal de Tartufo.
Trata-o de meu irmão, faz tudo que ele quer,
Tartufo é seu pai, mãe, filho, filha e mulher!
Dos segredos que tem, Tartufo é o confidente,
E de suas ações o diretor prudente.
Ele o afaga, ele o beija, e nem por uma amante
Não teria ninguém ternura mais constante.
A mesa é no lugar mais nobre que ele o senta,
E deleita-se ao vê-lo comer por sessenta!
Das melhores porções bondosamente o serve;
Se o outro acaso arrotou, ele: «Deus te conserve!»
Enfim: está maluco: é seu herói, seu tudo,
E cita a cada passo o seu talento agudo.
O seu gesto é milagre, a sua voz poesia,
E as palavras que diz valem por profecia.
O outro bem que o conhece — e aproveita-se, é claro,
Pois tem tôda a arte de fazer-se de homem raro.
Sua patifaria arranca-lhe dinheiro;
Recomenda moral, da sala ao cozinheiro;
Vive a recriminar, de olhar baixo e voz rouca,
As fitas, o perfume, a pintura da boca.
Um lencinho que achou nas folhas de um missal
Foi como se encontrasse o Príncipe do Mal!

CENA III

Elmira, Mariana, Damis, Cleanto, Dorina

ELMIRA

Tiveste muita sorte em não a acompanhar
À porta: o que nos disse é de fazer corar!
Meu marido aí vem. Vou subir e esperá-lo.

CLEANTO

Eu fico por aqui. Quero apenas saudá-lo.

CENA IV

Cleanto, Damis, Dorina

DAMIS

Vêde se êle afinal já tem tudo assentado
Para casar Mariana. Estou muito assustado.
Porque, como sabeis, eu tenho grande afeto
Pela irmã de Valério, êsse amigo dileto,
E temo que Tartufo a tudo isto se oponha
E em seu próprio favor o meu pai predisponha.

CENA V

Orgonte, Cleanto, Dorina

ORGONTE

Bom dia, meu irmão.

CLEANTO

Eu já me despedia,
Mas decidi esperar para dar-te bom dia.

ORGONTE

Dorina... (a *Cleanto*) Meu cunhado, um pouco de paciência
Pois quero me informar do que houve em minha ausência.
(a *Dorina*)
Nos dias em que estive ausente da cidade,
Que se fez por aqui? Qual foi a novidade?

DORINA

Madame sentiu febre ante-ontem, pobrezinha,
E que dor de cabeça a afligiu à noitinha!

ORGONTE

E Tartufo?

DORINA

Ah! Melhor não teria passado:
Forte, gordo, loução, satisfeito e corado.

ORGONTE

Pobre homem!

219

DORINA

Ao jantar ela teve um desgosto,
Não conseguiu comer. Nada lhe dava gosto.
Sentia tanta dor que nem'stava tão bela.

ORGONTE

E Tartufo ?

DORINA

Jantou, sòzinho, diante dela.
Com tôda a devoção, comeu um cordeirinho,
Perdizes, frango assado, um caneco de vinho.

ORGONTE

Pobre homem !

DORINA

Tôda a noite ela esteve acordada,
Sem conseguir dormir, arquejando, agitada.
Não pôde, com o calor, nem mesmo cochilar;
Porisso todos nós ficamos a velar.

ORGONTE

E Tartufo ?

DORINA

Embalado em cândida moleza,
Seguiu direto ao quarto, ao levantar da mesa,
E, metendo-se ao leito amigo e agasalhado,
Sem sustos, dormiu como um bem-aventurado.

ORGONTE

Pobre homem !

DORINA

Como não houvesse melhoria,
Convencemo-la então a sofrer a sangria.
Com isto aliviou-se imediatamente.

ORGONTE

E Tartufo ?

DORINA

Portou-se corajosamente.
Para enfrentar o mal, procurou sem demora
Recuperar o sangue extraído à senhora :
Bebeu, durante o almoço, oito copos de vinho.

ORGONTE

Pobre homem !

DORINA

Todos dois vão passando... benzinho.
 À senhora direi, se concedeis licença,
 À atenção que mostrais em sua convalescença.

CENA VI

Orgonte, Cleanto

CLEANTO

Ela se ri no teu nariz, meu caro irmão.
 E, sem te provocar, acho que tem razão.
 Onde é que já se viu semelhante capricho?
 Como é que um marmanhão te inspira tal rabicho
 Que te faz esquecer tudo mais nesta vida?
 Já não basta lhe ter dado casa e comida,
 Ainda a chegas a ponto...

ORGONTE

Alto lá, meu cunhado!
 Tu não sabes que santo é por ti caluniado!

CLEANTO

Talvez. Mas vejo bem que homem poderá ser!

ORGONTE

Sentir-te-ias feliz, irmão, de o conhecer!
 Um varão exemplar, nobre, austero, leal,
 É... um homem... que... ah... um homem, afinal.
 Quem seguir-lhe as lições ao sossego profundo
 Chegará, desdenhando as baixezas do mundo,
 Como me tem mudado o seu forte convívio,
 Que me faz abdicar de tudo, num alívio
 De amizades, de bens, de riquezas quaisquer!
 Eu podia perder filho, filha e mulher,
 Que isto não me traria a sombra de um tormento.

CLEANTO

Aí está o que se chama um belo sentimento!

ORGONTE

Soubesses como foi que um dia eu o encontrei,
 Ter-lhe-ias amizade igual à que lhe dei.
 Tôda manhã, na igreja, obediente ao rito,
 Vinha perto de mim ajoelhar-se, contrito.
 De todos os fiéis atraía a atenção
 Pelo santo fervor de dizer a oração.

Pondo em cada palavra um suspiro arquejante,
 Beijava humildemente a terra a cada instante.
 Precedia-me à saída em marcha austera e lenta
 Para me oferecer a concha de água benta.
 Um dia descreveu-me o seu santo criado
 Quem era, que fazia, e o seu misero estado;
 Passei a dar-lhe esmola; êle me agradecia,
 E para devolver-me uma parte insistia :
 «É muito, balbuciava, apenas a metade;
 Não mereço, senhor, inspirar-vos piedade».
 E quando eu recusava, os seus instintos nobres
 Levavam-no a entregar o que era excesso aos pobres.
 E finalmente o céu a esta casa o fez vir.
 E tudo desde então parece-me sorrir.
 Êle cuida de tudo, até de minha esposa,
 Cuja honradez, o amparo, é nele que repousa;
 Insiste em prevenir-me contra os que a cobiçam,
 E os ciumes que lhe dão são mais que os que me atijam.
 Não sabes quanto zelo a sua alma revela :
 Considera pecado a menor bagatela;
 Um nada bastará para o escandalizar.
 A ponto de outro dia estar a se acusar
 De se deixar possuir de cólera insensata
 Ao esmagar com o pé uma pobre barata.

CLEANTO

Estás louco, que diabo!? Ou se falas assim
 Não tens outra intenção senão zombar de mim?
 Onde queres chegar? Que mosca te mordeu?

ORGONTE

Tu falas, meu irmão, como um perfeito ateu.
 E não negues que o és, de modo lamentável.
 Um dia chegarás a um gesto condenável...

CLEANTO

Tu desejas, Orgonte, a cegueira geral,
 E eu acho que ver bem não me faz nenhum mal.
 Julgas que duvidar de crenças simuladas
 É um feio desrespeito às coisas mais sagradas.
 Meu modo de pensar não me põe em perigo;
 Eu sei bem o que digo e Deus sabe o que digo.
 Como é que a escravizar-te assim tu te consentes?
 Há falsas devoções, como há falsos valentes.
 E assim como o valente é quem defende os bons,
 E não quem faz reclame em torno de seus dons,
 Assim o bom devoto, o que serve de exemplo,
 Não é quem macaqueia as virtudes do templo.
 Tu não sabes fazer nenhuma distinção
 Entre a hipocrisia e a pura devoção?
 A amá-los como iguais será que estás disposto,
 Sem diferenciar a máscara do rosto?
 Igualar o artifício e a sinceridade,

Confundir a aparência e a realidade,
 Aceitar que o fantasma é a própria pessoa,
 Receber moeda falsa e dá-la como boa?
 Aos homens, podes crer, em grande proporção,
 Nem sempre é dado vê-los tais como eles são.

ORGONTE

És um gênio, um doutor em todos os assuntos,
 E resumem-se em ti os sábios todos juntos.
 És profeta, és Catão. Pelo modo que ris
 Todos os homens são perfeitos imbecis.

CLEANTO

Não procures zombar. A minha pretensão
 É mostrar entre o errado e o certo a distinção.
 Como não sei de herói mais digno de respeito,
 Mais digno de louvor, que o devoto perfeito,
 Nada sei de mais puro, e mais nobre e mais belo
 Que o sincero fervor e o verdadeiro zêlo,
 Nada vejo também que seja mais odioso
 Que a máscara infiel de um zêlo especioso —
 Perfeitos charlatães, carolas de banquete,
 Que da crença no céu só têm o cacoete;
 Zombam impunemente, abusam sem cuidado
 Daquilo que há em nós de mais santo e sagrado;
 Almas que ao interesse aceitam submissão,
 Fazem da própria fé negócio de balcão,
 E procuram comprar dignidade e conceito
 Com olhares no chão e pancadas no peito;
 Pessoas de um fervor que nos causa estranheza,
 Que ao correr para Deus, vão atrás da riqueza,
 Que sabem ajustar a devoção ao vício,
 Vingativas, sem fé, repletas de artifício;
 Que para condenar encobrem tôda a vida
 Com o desejo do céu a vaidade ferida;
 De tal modo brutais no seu ódio boçal
 Que usam armas do bem na prática do mal.
 E nelas a paixão raivosa que as domina
 Com o ferro mais sagrado é que nos assassina.
 Caracteres assim nos podem confundir,
 Mas ao crente sincero é fácil distinguir:
 Tudo pode alcançá-los sem que nada os mude,
 E no entanto não são fanfarrões da virtude;
 Neles não se descobre a empáfia insuportável,
 Pois sua devoção é humana e tratável;
 Não censuram ações que pareçam impuras,
 Pois sabem quanto orgulho anda nessas censuras;
 E porisso, deixando o orgulho aos falastrões,
 Com atos, sem falar, dão as suas lições.
 A aparência do mal bem pouco lhes importa,
 Porque julgar-nos bons muito mais os conforta.
 Não fomentam questões, a intriga os enfastia,
 Seu programa é deixar viver com alegria;
 Jamais ao pecador votam ódio inclemente:

Seu ódio se dirige ao pecado sòmente.
Não querem proteger, vendo no alheio um réu,
O interêsse do céu, mais do que o próprio céu.
São êstes os que eu amo e de quem sou amigo,
Os exemplos que dou, os exemplo que sigo.
O homem que tens aqui não é dêsse modelo.
É de muito boa fé que lhe louvas o zêlo,
Mas julgar-te-ia um tolo aquêle que te ouvisse

ORGONTE

Clearto, meu irmão, disseste tudo ?

CLEANTO

Disse.

ORGONTE (despedindo-se)

Passe bem.

CLEANTO

Meu irmão, uma palavra mais.
Deixemos isto. Um outro assunto aqui me traz,
Mais digno de atenção, mais importante e sério :
Tu prometeste a mão de tua filha a Valério.

ORGONTE

Sim.

CLEANTO

Marcaste o dia, até, do casamento.

ORGONTE

É certo.

CLEANTO

Como então explicas o adiamento?

ORGONTE

Não sei.

CLEANTO

Será que acaso outra idéia tiveste?

ORGONTE

Talvez.

CLEANTO

E vais faltar a palavra que deste ?

ORGONTE

Não digo tanto.

CLEANTO

Nada, ao que bem me pareça,
Poderá te impedir de cumprir a promessa.

ORGONTE

Depende.

CLEANTO

Para dar ao noivo uma certeza
Precisarás usar de tanta sutileza?
Valério me pediu que eu viesse te falar.

ORGONTE

Louvado seja Deus!

CLEANTO

Que lhe devo contar?

ORGONTE

O que quizeres.

CLEANTO

Mas eu preciso saber
Qual a tua intenção. E qual é?

ORGONTE

Proceder

Como agradar ao céu.

CLEANTO

Vamos falar a sério:
Sim ou não? Que resposta hei de dar a Valério?

ORGONTE

Adeus.

CLEANTO (sôzinho)

Por seu amor receio uma desgraça
É preciso contar-lhe tudo que se passa.

A T O II

CENA I

Orgonte, Mariana

ORGONTE

Mariana!

MARIANA

Meu pai?

ORGONTE

Vem até cá. Desejo
Confiar-te um segredo.

MARIANA (a Orgonte, que olha pela porta do fundo)
E que procuras?

ORGONTE

Vejo

Se pra nos escutar alguém aqui estaria :
É propícia aos espiões da casa a galeria.
Não há ninguém. Mariana, eu sempre te quis tanto,
Sempre soube apreciar êsse teu meigo encanto,
Sempre te dediquei meu afeto mais terno.

MARIANA

E eu sei o quanto devo ao carinho paterno.

ORGONTE

Disseste muito bem, minha filha. Queria
Que fazer-me feliz fôsse a tua alegria.

MARIANA

Jamais houve entre nós, meu pai, qualquer arrufo.

ORGONTE

Muito bem. E que tal nosso hóspede Tartufo?

MARIANA

Que tal?

ORGONTE

Sim. Que achas dêle? E vê como respondes...

MARIANA

Acho... o que vos apraz, se nisto empenho pondes.

CENA II

Orgonte, Mariana, Dorina (entrando de mansinho e ficando atrás de Orgonte, sem ser vista)

ORGONTE

Muito bem, outra vez. Dize então, minha filha,
Que na pessoa dêle alto mérito brilha,
Que te comove, que é devoto, que é piedoso,
Que anseias que teu pai o faça teu esposo.
Que tal?

MARIANA (*recua surpreendida*)

Que tal?

ORGONTE

Que foi?

MARIANA

Ora essa!

ORGONTE

O que?

MARIANA

Que horror!

ORGONTE

Come?

MARIANA

Quem desejais que eu diga, por favor,
Que me comove, que é devoto, e que é piedoso,
Que anseio que meu pai o faça meu esposo?

ORGONTE

Tartufo.

MARIANA

Não, meu pai, vossa filha vos jura!
Oh, por que desejais que eu diga uma impostura?

ORGONTE

Mas eu quero que seja uma verdade, e pronto.
Deves obedecer-me aqui ponto por ponto.

MARIANA

Mas vós quereis, meu pai...?

ORGONTE

É meu desejo ardente
Que Tartufo se torne assim nosso parente.
Ele se casará contigo, eu decidi,
E como sou teu pai... (*percebendo Dorina*) Que fazes tu aqui?
Trata de me explicar essa bisbilhotice
Que te fez escutar tudo aquilo que eu disse!

DORINA

Na verdade eu não sei se ouvi perfeitamente,
Ou se isto que se diz é boato somente.
Não me lembro quem foi que falou nessa asneira;
O fato é que eu julguei que fosse brincadeira.

ORGONTE

Como? Isto te parece assim incrível?

DORINA

Tanto

Que se vós o dizeis, nem ao menos me espanto.

ORGONTE

Eu sei como hás de crer numa coisa tão séria!

DORINA

Ah, meu caro senhor, é uma bela pilhéria!

ORGONTE

Eu digo exatamente o que vais ver agora:

DORINA

Que pilhéria!

ORGONTE

Não 'stou brincando, não senhora!

DORINA

Não creias, Mariana, em nada que ele diz.
Está brincando, eu sei.

ORGONTE

Não 'stou.

DORINA

Vós insistis

Em vão. Ninguém vos crê, senhor.

ORGONTE

Com mil trovões!

DORINA

Pois cremos, está bem. Pior pra vós. Questões
Como esta imaginei que haviéis de tratar
Com toda a sizudez que costumais usar;
No entanto vejo agora...

ORGONTE

Escuta bem: invades

Esta sala, a tomar certas intimidades
Que não são de meu gosto, e porisso previno...

DORINA

Falemos sem zangar, com todo o nosso tino:
De quem quereis zombar nesta conspiração?
Unir a vossa filha a um tal espertalhão?
Pois êle que procure outro emprêgo a contento.
Que vantagem vos traz tão doido casamento?
Pra que haveis de escolher, com toda essa riqueza,
Um genro que é mendigo?

ORGONTE

Oh, cala-te! A pobreza

É neste casamento uma razão bem séria :
A miséria, em Tartufo, é uma honesta miséria.
Mais alto que a grandeza êle soube galgar
Pois de todos os bens decidiu se privar
Apenas por desdem às coisas temporais
E por ardente amor às coisas imortais.
Porém com minha ajuda há de dispor de meios
De voltar a ter tudo e viver sem receios.
Recuperará seu castelo e o mais que sobre :
Ainda que não pareça, êle é de berço nobre.

DORINA

Ao menos êle o diz — e tamanha vaidade,
Senhor, não calha bem com a sua piedade;
Quem numa vida santa empenha tanta crença
Não se deve orgulhar de nome ou de nascença:
O humilde proceder que exige a devoção
Não casa muito bem com o brilho da ambição.
Para que tanto orgulho?! Ah, com tôda franqueza,
Falemos dêle mesmo, em vez de sua nobreza.
Tornareis possuidor, sem que o sangue vos gele,
De filha como a vossa, um tipo tal-qual êle?
Acaso não deveis refletir com prudência
E de tal união prever a consequência?
Sabei que de uma filha arrisca-se a virtude
Quando no casamento o seu gosto se ilude:
O propósito de viver honestamente
Depende do marido a fazê-la contente.
Aquêlê que encontrais com enfeites na testa
A esposa é o que se diz — mas êle é que não presta
Com maridos que o são... que o são pela metade
Muito difícil é guardar a honestidade;
E quem à filha dá patrão que não lhe apraz
Responde junto ao céu por tudo que ela faz.
Pensai bem, meu senhor, no perigo a correr.

ORGONTE

É contigo que eu devo aprender a viver?

DORINA

Não farieis melhor seguindo-me as lições.

ORGONTE (à filha)

Não deveis escutar vulgares preleções.
Eu sei bem conduzir-vos e sou vosso pai,
Tinha-vos prometido a Valério, mas, ai!,
Dizem-me que êsse moço, além de jogador,
Não gosta de ouvir missa: é livre-pensador.
De fato, já notei que êle não vai à igreja.

DORINA

Achais que deve ir só pra que alguém o veja,
Como outros que conheço e vão com êsse intento?

ORGONTE

Ainda não perguntei qual o teu pensamento.
Enfim, o outro com o céu está em boa paz
E nenhum outro bem como êste satisfaz.
Juntinhos vivereis, na melhor harmonia,
Arrulhando de amor, cantando de alegria.
Haveis de compreender vossos mútuos desejos,
E ambos vos cobrireis de doçuras e beijos.
Jamais discutireis; espero que te esmeres.
E dêle poderás fazer o que quizeres.

DORINA

Ela pode fazê-lo em tolo, isto é que sim!

ORGONTE

Como ousas dizer isto?

DORINA

Eu digo que por fim
O marido que tem ela compreenderá,
E nenhuma virtude o recompensará,

ORGONTE

Deixa de interromper-me e fica bem calada
Sem meter o nariz onde não és chamada.

DORINA (interrompendo-o cada vez que êle se volta para falar)

Se eu falo é em vosso próprio interêsse, senhor.

ORGONTE

São cuidados demais... Cala-te, por favor.

DORINA

Se eu não vos estimasse...

ORGONTE

Eu não quero que estimes.

DORINA

Estimo, sim senhor. É o menor dos meus crimes.

ORGONTE

Ora!

DORINA

Eu quero amparar a vossa dignidade
Sem vê-la discutida em tôda esta cidade.

ORGONTE

Tu não te vais calar?

DORINA

É caso de consciência
Vedar que se consume uma tal imprudência.

ORGONTE

Vais calar-te, serpente, ou acaso é preciso...

DORINA

Um homem tão devoto, e sem nenhum juízo...

ORGONTE

Minha biles se esquentá à medida que fales,
E decididamente exijo que te cales!

DORINA

Mas eu posso pensar, se o que penso não digo...

ORGONTE

Não deixes de pensar — mas cuidado comigo. (*voltando-se para a filha*)
Pois falemos nós dois. Eu sei o que sustento:
Pesei maduramente as coisas...

DORINA

Arrebento

De não poder falar!

ORGONTE

Eu afirmo sem dolo;

Tartufo é um rapagão!

DORINA

Um verdadeiro Apolo!

DORINA

Se não puderes ter simpatia, querida,
Pelos seus outros dons...

DORINA (*aparte*)

Estarás bem servida! (*Orgonte se volta de braços
cruzados, para o lado de Dorina, e escuta-a e a encara*)

Se estivesse no seu lugar, seguramente
Ninguém me esposaria à força impunemente;
Eu lhe faria ver, logo depois da festa,
Uma bela vingança a florir-lhe na testa.

ORGONTE (a Dorina)

Já não te proibi? Queres brincar conosco?

DORINA

De que vos lamentais? Eu não falo convosco.

ORGONTE

Com quem falas então?

DORINA

Falo com meus botões.

ORGONTE (aparte)

Bem: para castigá-la, um par de bofetões

A primeira palavra é de efeito imediato. (*Coloca-se em posição de dar um tapa em Dorina, e, a cada palavra que pronuncia, volta-se e olha-a. Dorina se mantém quieta, sem falar.*)

Aceita, minha filha, um conselho sensato...

O esposo que teu pai... acaba de escolher... (a Dorina)

Não falas a ti mesma?

DORINA

Eu não sinto prazer.

ORGONTE

Uma palavra só, vamos, fala!

DORINA

Pois sim...

ORGONTE

Já não queres falar?

DORINA

Não sou tão tola assim...

ORGONTE

Muito bem, minha filha: exijo obediência:

Deves ao meu desejo inteira deferência.

DORINA (*fugindo*)

Ah, se eu pegasse um dia o esposo que lhe destes!

ORGONTE (*depois de ter falhado o tapa em Dorina*)

Tu tens como empregada a mais pura das pestes!

Ninguém pode viver em paz ao lado dela.

Estou fora de mim; sinto fogo na guela!

Sua insolência é tal, me pôs em tal estado

Que preciso mais ar — ou morro sufocado!

CENA III

Marina, Dorina

DORINA

Perdeste a lingua ou já não sabes mais falar ?
Queres que neste assunto eu tome o teu lugar ?
Deixas que uma proposta insensata apresente
Sem nada retrucar ? Mas quem cala, consente !

MARIANA

Se é meu pai que me impõe, que queres tu que eu faça ?

DORINA

Tudo que fôr melhor pra impedir esta ameaça.

MARIANA

Mas que ?

DORINA

Responde que não dás procuração
Para que êle ofereça a alguém teu coração;
Se isto te diz respeito, o marido a tomar
É a ti, não a teu pai, que terá de agradar;
E que, se o seu Tartufo é assim tão sedutor
Nada impede que êle o despose por amor.

MARIANA

Os pais têm sôbre nós tão poderosos zêlos
Que jamais eu pensei em desobedecê-los.

DORINA

Vamos raciocinar. Valério faz-te a côrte.
Tu o amas ou não ? — se é coisa que te importe.

MARIANA

Duvidar dêste amor creio que ninguém ousa.
Dorina, tens direito a perguntar tal cousa ?
Mais de cem vêzes já te abri meu coração;
Sabes tanto quanto eu a minha inclinação.

DORINA

Então amas Valério ?

MARIANA

Apaixonadamente.

DORINA

E êle te vota, eu creio, amor correspondente.

MARIANA

Assim o penso.

DORINA

Então, por tudo isto suponho
Que desejais casar-vos?

MARIANA

Tal é o nosso sonho.

DORINA

E sobre êsse negócio ainda há pouco proposto?

MARIANA

Ah, eu me matarei, se me dão tal desgosto!

DORINA

Um recurso tão bom não me tinha ocorrido:
Para evitar morrer, basta já ter morrido.
Excelente remédio! Eu me sinto furiosa
Quando escuto dizer esta asneira espantosa!

MARIANA

Por que ficas assim? Raiva é coisa tão feia...
Tu não tens compaixão pela desgraça alheia...

DORINA

Não terei compaixão de quem só diz tolice
E treme ante a menor palavra que se disse.

MARIANA

Que queres? Sou tão só, tão tímida, indefesa...

DORINA

Mas teu amor exige o emprego de firmeza.

MARIANA

Se Valério me quer, verei como se sai:
Agora é que lhe toca obter-me de meu pai.

DORINA

Mas como?! Se teu pai é um teimoso doente,
Se a Tartufo te entrega, assim, inteiramente,
Se falta ao prometido e se está dominado,
Deve a culpa cair no teu apaixonado?

MARIANA

Mas se eu bater o pé, se fizer umas cenas,
Terei mostrado a todo o mundo as minhas penas.
Devo então por Valério, embora o ame tanto,
Esquecer meu pudor e provocar espanto?
Queres que o meu amor passe a ser comentado?

DORINA

Não. Eu não quero nada. E nem tinha pensado
 Que desejas casar com Tartufo. Lamento
 Ter tentado desviar-te de tão doce intento.
 Que razão a impedir que seja teu esposo?
 O partido é de tal maneira vantajoso...
 Oh, o senhor Tartufo! Haverá melhor sorte?
 Sereis como rainha e príncipe consorte!
 Belo senhor Tartufo! Ah, resistir quem há-de?
 Não é pouco, afinal, ser sua cara metade!
 Todos o enchem de glória e te invejam a sorte:
 Ele é belo, ele é nobre, é bem feito de porte!
 Hei de ser a tua dama! E de orgulho me estufo!
 Como serás feliz ao lado de Tartufo!

MARIANA

Meu Deus do céu!

DORINA

Que tal?

MARIANA

Ah, por favor, eu morro!

Imploro-te, Dorina, acode em meu socorro!
 Estou pronta a fazer tudo quanto mandares.

DORINA

Obedece a teu pai. Mas quando te casares
 Reflete que tens um macaco por marido,
 E então teu coração, maguado e arrependido,
 Terá de se calar. Tartufo irá levar-te
 À vila em que nasceu, verdadeira obra d'arte.
 Verás mamãe Tartufo, os primos Tartufinhos,
 As Tartufas irmãs, os Tartufos sobrinhos,
 O vovô Tartufão, as tias Tartufinas,
 Tartufos latagões, e Tartufas meninas...
 De manhã, procissão de tôda a Tartufada;
 Nas ruas hás de ver Tartufos em manada;
 À noite, ladainha: e toda a confraria
 Será diante de ti uma Tartufaria;
 E algum tempo depois, se isto não te encabula,
 Tu darás à família o Tartufo caçula.
 E a teu lado, Tartufo, o próprio!

MARIANA

Eu vou morrer,

Se não quiseses já e já me socorrer.

DORINA

Ora, adeus!

MARIANA

Mas Dorina, eu peço, por favor...

DORINA

Só com êste castigo entenderás o amor.

MARIANA

Minha querida...

DORINA

Não.

MARIANA

Se morro de paixão...

DORINA

Conhecerás Tartufo — em bíblica accepção.

MARIANA

Eu sei o quanto me tens sido dedicada;
Imploro...

DORINA

Eu juro que serás tartuficada.

MARIANA

Se a minha angústia não consegue comover-te,
Ficarei só, chorando, e as lágrimas que verte
Meu coração, Dorina, hão de me dar alento
Ao menos p'ra extinguir a vida e o meu tormento. (*quer retirar-se*)

DORINA

Já não me zangarei. Vem, vamos, fica aqui.
Afinal é um dever ter piedade de ti.

MARIANA

Tu vês, Dorina, se não tenho pra quem corra,
Não quero mais viver. É bem melhor que eu morra.

DORINA

Não te atormentes mais. Posso perfeitamente...
Mas olha quem vem lá! Valério, justamente.

CENA IV

Valério, Mariana, Dorina

VALÉRIO

Senhora, uma notícia acabam de me dar
Que eu não sabia, e que é realmente de espantar.

MARIANA

Qual é?

VALÉRIO

Que desposais Tartufo.

MARIANA

Realmente.

Meu pai agora tem êsse projeto em mente.

VALÉRIO

Senhora, vosso pai...

MARIANA

...mudou de pensamento;

E me propôs o enlace aqui, neste momento.

VALÉRIO

Mas então isto é sério?

MARIANA

É sério, sim senhor.

Mostrou-se, alto e bom som, totalmente a favor.

VALÉRIO

E pode-se saber se a idéia vos desgosta,

Senhora?

MARIANA

Eu... eu... não sei.

VALÉRIO

Muito honesta a resposta.

Vós não sabeis?

MARIANA

Não.

VALÉRIO

Não?

MARIANA

Qual o vosso conselho?

VALÉRIO

Se perguntais a mim casai-vos com êsse velho.

MARIANA

Assim me aconselhais?

VALÉRIO

Pois não.

30

MARIANA

Sinceramente ?

VALÉRIO

Outra escolha não sei que melhor vos assente.

MARIANA

Pois muito bem: aceito o conselho que dáis.

VALÉRIO

Difícil não será seguir conselhos tais.

MARIANA

E nem vos pareceu difícil de me dar.

VALÉRIO

Se o dei, foi na intenção de querer agradar.

MARIANA

Pois eu o seguirei para dar-vos prazer.

DORINA (*retirando-se para o fundo*)

Veremos o que vai daqui acontecer.

VALÉRIO

Nisto se resumiu, senhora, o vosso amor...

Tudo era engano, e vós...

MARIANA

Calai-vos, por favor,

Acabais de dizer que convém aceitar

O homem que para esposo o meu pai me quer dar;

Pois já vos declarei que pretendo fazê-lo,

Uma vez que me dáis um conselho tão belo.

VALÉRIO

Oh, não vos exculpeis pela minha intenção;

Tinheis tomado já vossa resolução,

E agora aproveitais um pretexto fingido

Para vos permitir faltar ao prometido.

MARIANA

Esta é a pura verdade.

VALÉRIO

O vosso coração

Jamais sentiu por mim a menor comoção.

MARIANA

Tendes todo direito a pensar dêste modo.

VALÉRIO

Sim, é claro que tenho. E pouco me incomodo
Com a vossa ofensa; eu sei como levar
O afeto àquela a quem um dia eu desposar.

MARIANA

Não duvido, senhor. Não receio que esgotes
Os dotes...

VALÉRIO

Deus do Céu! Deixemos lá meus dotes.
Poucos tenho, vós bem o sabeis, é verdade,
Porém espero de outra um pouco de bondade,
A fim de oferecer-lhe o que não tive aqui,
E que me saiba dar aquilo que perdi.

MARIANA

A perda não é grande, e dêsse contratempo
Estareis consolado em muito pouco tempo.

VALÉRIO

Farei o que puder: é uma questão de brio.
Quando alguém nos esquece, impõe um desafio:
Todo cuidado é pouco ao se retribuir
O esquecimento: e quem não possa conseguir,
Ao menos finja, pois que nunca se perdoa
Exibir um amor que falta à outra pessoa.

MARIANA

Esse sentimento é sem dúvida elevado.

VALÉRIO

Porisso deverá ser por vós aprovado.
Então imaginai que eu pudesse guardar
O amor que me proibís de... de vos confessar,
E vos visse apoiada em um braço qualquer
Sem dar meu coração que o vosso já não quer?

MARIANA

Ao contrário, senhor, é o que tenho querido:
Gostaria que já tivesse acontecido.

VALÉRIO

É o que desejais?

MARIANA

Sim.

VALÉRIO

Basta então de insultar,
Pois eu tudo farei para vos contentar. *(dá um passo para sair)*

MARIANA

Muito bem.

VALÉRIO (*voltando*)

Recordai ao menos que sois vós
Que assim me constrangeis a esforço tão atroz.

MARIANA

Pois não.

VALÉRIO (*voltando ainda*)

Lembraí que esta atitude que tomei
Segue o exemplo da vossa

MARIANA

O meu exemplo, eu sei.

VALÉRIO (*saindo*)

É bastante, senhora. E sêde bem servida.

MARIANA

Tanto melhor.

VALÉRIO (*voltando ainda*)

Adeus. E é para tôda a vida.

MARIANA

Ora graças!

VALÉRIO (*que vai sair, para junto à porta e volta-se*)

Dizeis?

MARIANA

Que foi?

VALÉRIO

Não me chamais?

MARIANA

Senhor, estais sonhando!

VALÉRIO

Então não volto atrás.

Adeus, minha senhora.

MARIANA

Adeus, senhor.

DORINA (*a Mariana*)

Eu penso

Que ambos me demonstrais não ter o menor senso.

Propositadamente eu vos deixei brigar

Para ver até onde iríeis vós chegar.

Senhor Valério! Olá! (*ela segura Valério pelo braço*)

VALÉRIO (*fingindo resistir*)
Que desejais, Dorina?

DORINA

Vinde aqui.

VALÉRIO

Não irei. A raiva me domina.
Seguirei meu caminho. Assim ela o escolheu.

DORINA

Ficai.

VALÉRIO

De modo algum. Quem o quis não fui eu.

MARIANA (*aparte*)

Já não suporta ver-me. Só me resta agora
Retirar-me daqui sem sombra de demora.

DORINA (*largando Valério e correndo atrás de Mariana*)
Mariana! Onde vais?

MARIANA

Deixa-me!

DORINA

Por favor!

MARIANA

Não me queiras deter, seja para o que fôr!

VALÉRIO (*aparte*)

Ela não me quer mais. E recebida a ofensa
É injusto que lhe venha impor minha presença.

DORINA (*deixando Mariana e correndo atrás de Valério*)

Mas que diabo! Afinal, cessai essa tolice!
Ficai ambos aqui junto de mim! Já disse!
(*toma Valério e Mariana pela mão e os conduz*)

VALÉRIO (*a Dorina*)

Que desejais fazer?

MARIANA (*a Dorina*)

Qual a tua intenção?

DORINA

Dar-vos juízo e tirar-vos da complicação. (*a Valério*)
Que bonito papel para um apaixonado!

VALÉRIO

Dorina, viste bem como é que fui tratado.

DORINA (*a Mariana*)

Tu perdeste a cabeça? Onde queres chegar?

MARIANA

Ouviste o que falou... São modos de falar?

DORINA (*a Valério*)

Que tolice dos dois! Eu vos juro, senhor,
Ela nada mais quer a não ser vosso amor. (*a Mariana*)
Ele só ama a ti; não tem outro desejo
Senão de te esposar — por esta luz que vejo!

MARIANA (*a Valério*)

Por que me vindes dar conselhos tão brutais?

VALÉRIO (*a Mariana*)

E por que imaginar que não vos amo mais?

DORINA

Que tolos! Dai-me as mãos! 'Stais no mundo da lua! (*a Valério*)
A vossa...

VALÉRIO

E para que?

DORINA (*a Mariana*)

Vamos, agora a tua.

MARIANA (*dando a mão*)

Que é que adianta?

DORINA

Vereis. Mas por Nosso Senhor,
Amai-vos muito além do que podeis supor!
(*Mariana e Valério ficam algum tempo de mãos dadas, sem se olhar.*)

VALÉRIO (*voltando-se para Mariana*)

Nada deves fazer que traga dissabor:
Vê se podes me olhar sem mostras de rancor.
(*Mariana volta-se para Valério, sorrindo*)

DORINA

Que gente sem miolo os namorados são!

VALÉRIO (*a Mariana*)

De me queixar de vós eu não terei razão?
Porque sois bem cruel ao verdes minha dor,
Se tanto vos apraz afligir meu amor.

MARIANA

Acaso não tereis ao menos coração?

DORINA

Proponho transferir-se a nova discussão,
E tratemos de obstar o tolo casamento.

MARIANA

Que recurso se pode usar em tal momento ?

DORINA

Nós devemos agir de tôdas as maneiras.
O que diz o teu pai são simples brincadeiras, *(a Mariana)*
Porém tu fingirás, sem proferir um ai,
Que já estás resignada às ordens de teu pai.
Vamos dar tempo ao tempo, adiar o mais possível
A data que escolher para êsse enlace incrível.
Podes adoecer de súbito. Ai está
Um pretexto bem bom que logo se usará;
Depois, inventarás que tens preságios máus :
Ao jogares baralho apanhaste o ás de páus,
Viste um morto, quebraste o espelho, um gato preto
Cruzou diante de ti. Coisas assim. Prometo
Que os outros tratarão de transferir. E assim
Ninguém te acusará de não dares teu sim.
Pra não se suspeitar de Valério e de ti,
Que ninguém vos encontre a conversar aqui. *(a Valério)*
Retirai-vos depressa. Usai de cada amigo
Para um cerco geral. Podeis contar comigo. *(a Mariana)*
Nós iremos pedir auxílio ao teu irmão,
À velha sogra, à mãe, a tôda a geração.

VALÉRIO *(a Mariana)*

Não receio a batalha em que o amor me lança :
É em vós que deposito a maior esperança.

MARIANA *(a Valério)*

De pai que seja mais tirânico eu não sei,
Porém juro: sòmente a vós pertencerei.

VALÉRIO

Ah, como sou feliz ! E como pude ousar...

DORINA

Quando é que cessareis afinal de arrulhar ?
Retirai-vos !

VALÉRIO *(dá um passo e volta)*

Dizei...

DORINA

Meu Deus, que namorado !

Sai por êste lado — e tu, pelo outro lado.

(Dorina empurra-os pelo ombro, obrigando-os a se separarem.)

A T O III

CENA I

Damis, Dorina

DAMIS

Que um trovão me arrebente e um raio me fulmine,
Que me chamem ladrão, e que alguém me assassine,
Se ninguém me respeita, eu perco a compostura,
Palavra, e acabarei fazendo uma loucura!

DORINA

Modera-te, rapaz, não percas a cabeça;
Que eu saiba, o teu papai fez apenas promessa.
Cumprir o que se diz nem sempre é o mais sensato;
O caminho é bem longo entre o projeto e o fato.

DAMIS

Eu preciso impedir a ação dêsse patife
Do Tartufo, ou então metê-lo num esquite!

DORINA

Devagar, por favor. Gritaria não basta.
Antes deves deixar agir tua madrastra,
Que tem sobre Tartufo alguma autoridade.
Damis, quando êle a vê, redobra em santidade.
É possível que sinta algum amor por ela.
Tomara! Isto talvez servisse de esparrela!
Dona Elmira mandou pedir-lhe uma entrevista,
À qual, recomendou, não quer ninguém que assista.
Ela lhe quer falar sobre êsse casamento.
Seu criado disse que êle está neste momento
Rezando, mas falou que o amo daqui a pouco
Descerá. Deves ir, que tens jeito de louco.

DAMIS

Eu quero estar presente.

DORINA

Ah, nem por um momento!

Eu sei bem qual seria o teu comportamento.

DAMIS

Fico escondido ali. Prometo que não falo.

DORINA

Que insistência! Êle vem. Não queiras assustá-lo.
(Damis esconde-se atrás da porta do fundo.)

CENA II

Tartufo, Dorina

TARTUFO (*falando alto ao criado, que está dentro de casa, assim que percebe Dorina.*)

Imita-me, Laurêncio, em minha disciplina;
Pede luzes ao céu, pois ele te ilumina.
Se acaso procurar-me algum dos meus amigos,
Dize que fui levar esmolas aos mendigos.

DORINA (*aparte*)

Oh, quanta presunção e quanto fingimento!

TARTUFO

Que desejais?

DORINA

Dizer-vos...

TARTUFO

Meu Deus! Um momento:

Tomai êste lençinho antes de me falar.

DORINA

Por que?

TARTUFO

Cobri o seio. Eu não c quero olhar,
Pois estas coisas vis nos tiram de cuidados
E fazem cultivar pensamentos culpados.

DORINA

Será que vós sois tão submisso à tentação
Pra que a carne vos faça uma tal impressão?
Não sinto êsse calor que logo vos atiga,
Porque não sou assim tão pronta na cobiça.
Podia ver-vos nu, tal-qual como nascestes
Sem sofrer impressões iguais às que tivestes.

TARTUFO

Usai em vossa língua um pouco de vergonha,
Se não quizerdes já que lá fora eu vos ponha.

DORINA

Não, eu vos deixarei sôzinho e sossegado,
Só vos devo, senhor, transmitir um recado:
Pede a senhora Elmira a graça de a esperar
Nesta sala, porque quer muito vos falar.

TARTUFO

Oh, com todo prazer!

DORINA (*aparte*)

Mas que derretimento!

Creio que não errei, e sei seu pensamento.

TARTUFO

Ela vem já?

DORINA

Parece. E tanto quanto vós,

Deseja que eu vos deixe inteiramente a sós.

CENA III

Elmira, Tartufo

TARTUFO

Louvado seja Deus, de infinita bondade,
Que vos guarda a saúde, a graça e a santidade,
E vos bendiga a vida, o que é tudo a que aspira
De todos o menor que em vosso amor se inspira.

ELMIRA

Muito grata, senhor, por tamanha piedade.
Sentemo-nos. Assim 'stareis mais à vontade.

TARTUFO (*senta-se*)

Permiti perguntar : vosso mal se curou?

ELMIRA (*senta-se*)

Já vou bem, felizmente. A febre já passou.

TARTUFO

As minhas orações grande mérito falta
Pra conseguir do céu uma graça tão alta,
E nunca supliquei com tão grande virtude
Outra coisa senão vossa inteira saúde.

ELMIRA

É bondade demais a vossa inquietação.

TARTUFO

Eu tanto a desejei, com tão grande aflição,
Que para vos salvar daria a própria vida.

ELMIRA

Tendes o amor cristão em tão larga medida?
Muito grata vos sou pelo que me fazeis.

TARTUFO

Isto ainda é muito aquém do quanto mereceis.

ELMIRA

Permiti que vos fale e um segredo confie,
Aqui, sem que ninguém nos ouça e nos espie.

TARTUFO

Também, minha senhora, eu me sinto encantado
De estar perto de vós, sòzinho, ao vosso lado.
Esta é uma ocasião que pedi tanto ao céu,
E que sômente agora o céu me concedeu.

ELMIRA

Ê fácil o que eu peço : é simplíssimo, em suma :
Abri o coração, sem faltar coisa alguma.

(Damis, sem se mostrar, entreabre a porta atrás da qual está escondido, para ouvir a conversa.)

TARTUFO

Pois eu também desejo a graça singular
De mostrar a minha alma inteira ao vosso olhar.
Quando me oponho, ao ver a maneira como agem
As visitas que aqui vos rendem homenagem,
Isto não significa um rancor impensado,
Mas sim para convosco um gesto de cuidado,
Um arroubo sincero...

ELMIRA

Entendo ser assim,
E quero agradecer tanto zêlo por mim.

TARTUFO *(tomando a mão de Elmira e apertando-lhe os dedos)*
Ê tal o meu fervor... Nem posso descrevê-lo...

ELMIRA

Com que força apertais !

TARTUFO

Por excesso de zêlo.
Eu não tenho intenção de fazer-vos mal, não,
Ao contrário, senhora... *(põe a mão sôbre os joelhos de Elmira.)*

ELMIRA

Onde vai essa mão ?

TARTUFO

Apalpo a vossa saia: o pano é tão macio...

ELMIRA

Por favor, vossa mão faz cócegas, e eu rio...

(Elmira afasta a sua poltrona e Tartufo aproxima a dêle.)

TARTUFO (*apalpando um enfeite do vestido de Elmira*)

Que precioso lavor! Que pontos delicados!
Mas como fazem bem hoje em dia os bordados!
Juro que nunca vi trabalho tão perfeito.

ELMIRA

Sim... Mas vamos falar do que nos diz respeito.
Dizem que Orgonte quer faltar ao prometido,
E que sois de Mariana o próximo partido?

TARTUFO

Ele assim me falou. Mas existe, senhora,
Ventura bem maior por que minh'alma implora:
É num outro lugar que as esperanças vejo
Dessa felicidade onde tenho o desejo.

ELMIRA

Não são paixões da terra as que vossa alma aspira.

TARTUFO

Meu coração não é de pedra, dona Elmira...

ELMIRA

Eu tenho para mim que é o céu que desejais,
E nada mais daqui da terra. Nada mais.

TARTUFO

O amor que nos conduz às coisas imortais
Não mata em nós o amor às coisas temporais.
As nossas sensações podem ser empolgadas
Por essas perfeições que são por Deus criadas.
Uma atração do céu em vosso encanto brilha,
Reproduzindo em vós sua própria maravilha;
Espalhou-vos no rosto uma tal sedução
Que os olhos embevece e eleva o coração;
E não vos pude ver, oh perfeita beleza,
Sem adorar em vós o Pai da Natureza,
E de um ardente amor sentir a chama ardente
Que diante do Criador e da criação se sente.
A princípio pensei que um afeto tão terno
Poderia provir do Príncipe do Inferno;
Porque pensei assim, tentei vos evitar,
Sem ver que apenas vós me podíeis salvar.
Afinal percebi, oh criatura preciosa!,
Que tão grande paixão não é pecaminosa;
Que eu podia ajustá-la ao recato, ao pudor,
E foi somente assim que libertei o amor.
Confesso-vos, senhora, é grande atrevimento
Fazer do meu amor um oferecimento,
Mas tudo, tudo espero ante a vossa bondade.
Que possa minorar a minha enfermidade.
Sois a minha esperança, o meu bem, a quietude,
Tudo está em vossas mãos: castigo ou beatitude.

Pela vossa sentença afinal me fareis
Feliz, se vos agrada: infeliz, se o quereis.

ELMIRA

Vossa declaração, na verdade, é galante,
Mas devo confessar que surpreende bastante.
Devieis escudar o vosso coração
E refletir melhor sôbre a vossa intenção.
Um devoto, afinal, gozando tanta fama...

TARTUFO

Devoto, sim... Porém devoto também ama.
E quando alcança ver vossa graça divina
O coração se exalta e não raciocina.
Tudo que confessei pode causar espanto;
Mas afinal, senhora, eu não sou nenhum santo;
E se assim condenais a minha confissão,
Condenareis também a vossa sedução.
Desde quando vos vi a graça sobrehumana
Do íntimo do meu ser vós fostes soberana.
Dêsse olhar estonteante a inefável doçura
Forçou a resistência à minha alma tão pura,
Suplantou os jejuns, as rezas, os soluços,
E a vossos pés lançou-me, assim, sem mais rebuscos.
Mil vezes em silêncio o disse o meu olhar:
Para explicar melhor ousou agora falar.
Dignai-vos compreender, com vossa alma benigna,
Tôdas tribulações desta pessoa indigna.
Se a vossa compaixão puder me consolar,
Se a êste nada que eu sou vós vos dignais baixar,
Eu vos dedicarei, oh beleza imortal,
Um amor que jamais haverá outro igual.
Vossa honra, podeis crer, não correrá perigo.
E nenhuma desgraça há de sofrer comigo.
Êsses guapos don-juans por quem tôdas são loucas
São ruidosos no gesto e levianos nas bocas:
Dos êxitos que obtêm dão p'ra se vangloriar;
Alcançando um favor, tratam de o divulgar,
E com língua indiscreta e incrível pretensão
Blasfemam contra o altar de sua adoração.
Mas como homens como eu, amantes quase a medo,
Pode-se alimentar certeza do segredo,
Pois neles a cautela, a abrigar-lhes a fama,
Vale por garantia à pessoa a quem se ama.
É neles que se encontra um afeto mais justo:
O amor que não difama e os prazeres sem susto.

ELMIRA

Escuto-vos, senhor, e tôda essa eloquência
Mostra bem como sois, e não vossa aparência.
Acaso não temeis que tal galanteria
Eu conte a meu marido? É êle, então, que diria?
Se tudo que falais a meu marido eu digo
Credes que êle seria o mesmo vosso amigo?

TARTUFO

Vós tendes, eu sei bem, tanta benignidade
Que me perdoareis minha temeridade;
Haveis de desculpar uma fraqueza humana,
A violência do amor, esta paixão insana,
E se a vossa beleza é que tanto me ataca,
É que não sou tão cego, e minha carne é fraca.

ELMIRA

Uma outra, em meu lugar, faria de outro modo,
Mas eu quero mostrar que pouco me incomodo :
A Orgonte não direi que estivemos a sós,
Mas em troca desejo uma coisa de vós :
Exijo que apresseis, sem trapaça ou chicana,
O casamento de Valério com Mariana,
Quero que renunciéis ao injusto poder
Com que de alheios bens pensais enriquecer.

CENA IV

Elmira, Damis, Tartufo

DAMIS (*saindo de atrás da porta onde se escondia*)

Não, não, senhora, não ! Isto deve ser dito !
Ouvi tudo dali — e por pouco não grito.
A bondade do céu guiou-me a êste lugar
E uma oportunidade espantosa vem dar :
É chegada a ocasião onde eu tinha a esperança,
De contra êsse traidor mostrar minha vingança !
Quero eu próprio a meu pai levar a acusação
Do celerado que vos fez tal confissão !

ELMIRA

Não, Damis, bastará que êste homem se arrependa,
Mereça o meu perdão, e nunca mais me ofenda.
Já que assim prometi, não falto ao prometido.
Não costume fazer um rumor desabrido
De tais coisas : prefiro ignorar e sorrir
Da tolice de quem me tenta perseguir.

DAMIS

Tendes vossas razões para assim proceder,
Porém eu também tenho as minhas de o fazer.
Poupá-lo em tal momento ? Eu não concordaria
Em opor seu orgulho a uma tal covardia.
Já desdenhou demais do meu justo rancor
Assumindo aqui dentro uns ares de senhor;
Prejudicou Valério; exibiu seus intentos
Mais do que vís, senhora; e dos meus sentimentos
Zombou. Mil vêzes não ! Seria uma tolice
Se tendo a faca e o queijo à mão, não me servisse.

ELMIRA

Damis, insisto...

DAMIS

Não, pela Virgem Maria!

Não podeis calcular a infinita alegria
Que sinto — e vós quereis que eu vá retroceder
E da minha vingança impedir o prazer?
Preciso já e já pôr-lhe os podres de fora.
E eis quem me escutará, minha boa senhora.

CENA V

Orgonte, Elmira, Damis, Tartufo

DAMIS

Sabeis as intenções desta criatura esperta?
É uma notícia a vos deixar de boca aberta!
Fostes muito bem pago após tanta bondade,
É assim que este senhor retribue a amizade:
Ele quer deshonorar-vos, meu pai. Escutei-o
Propondo à vossa esposa... um ato muito feio.
Por pura discreção, por vergonha e por medo,
Ela quis que essa história eu guardasse em segredo;
Mas não pude calar: sem lhe pedir licença
Senti-me no dever de vos contar a ofensa.

ELMIRA

Na minha opinião, as esposas direitas
Não devem perturbar o esposo com suspeitas;
Não é disto, a meu ver, que a nossa honra depende:
A honestidade até sôzinha se defende.
Seria bem melhor, Damis, neste momento,
Se fosse mais discreto o teu procedimento.

CENA VI

Orgonte, Damis, Tartufo

ORGONTE

O que acabo de ouvir é crível, Deus amado?!

TARTUFO

Sim, meu irmão, eu sou perverso, eu sou malvado,
Infeliz pecador, repleto de impiedade,

O maior dos vilões de tôda a humanidade
Minha vida é um negror de nódoas e impurezas;
Não passo de um montão de crimes e torpezas.
Vejo agora que o céu me impôs a punição
E quer proporcionar-me a mortificação.
Seja a culpa que fôr que me hajam de imputar,
Nenhum gesto farei para me desculpar.
Crede no que êle diz, senhor, eu vos trai,
E como a um criminoso enxotai-me daqui.
A vergonha que sofro é menor, eu confesso,
Do que a vergonha que sofrer ainda mereço.

ORGONTE (ao filho)

Traidor! Como ousas tu, com tamanha baixeza,
De tão grande virtude insultar a pureza?

DAMIS

Acreditais então no fervor simulado
Dêsse hipócrita...?

ORGONTE

Oh, cala-te, amaldiçoado!

TARTUFO

Ah! deixai-o falar; vós o acusais em vão.
Melhor seria crer em sua narração.
Por que, depois de ouvi-lo, a meu lado ficais?
Por acaso sabeis de quanto sou capaz?
Confiais tanto assim nesta minha aparência?
'Stais certo de que sou modelo de decência?
Não, vós vos enganais naquilo que pareço:
Para me conhecer, virai-me pelo avesso.
Tôda a gente me crê uma pessoa honrada,
Mas a pura verdade é que não valho nada. (*dirigindo-se a Damis*)
Sim, meu filho, falai. Tratai-me de fingido.
De infame, de ladrão, de assassino e perdido,
Desabai sobre mim os mais torpes labéus:
Eu não retrucarei — tudo ofereço aos céus.
E de joelhos espero, a ver se me redimes, (*ajoelha-se*)
Oh! Deus, dessa brutal vergonha dos meus crimes.

ORGONTE (a Tartufo)

Meu irmão, é demais!... (*a Damis*) Não doi teu coração,
Miserável?

DAMIS

Meu pai, acreditais então...

ORGONTE (*levantando Tartufo*)

Cala-te! Meu irmão, levantai-vos. suplico! (*ao filho*)
Infame!

DAMIS

Mas, meu pai...

ORGONTE

Cala a boca !

DAMIS

Eu explico...

ORGONTE

Uma palavra mais, e te parto o nariz !

TARTUFO

Meu bom irmão, por Deus, tal coisa não se diz !
Sofra eu, desde logo, a maior punição,
Antes que êle receba o menor arranhão.

ORGONTE (ao filho)

Monstro !

TARTUFO

Deixai-o em paz. Estou me ajoelhando
Para vos implorar...

ORGONTE (*atirando-se também de joelhos e beijando Tartufo*)

Irmão ! Estais brincando ? !... (ao filho)
Veja a bondade dêle !

DAMIS

Eu...

ORGONTE

Paz !

DAMIS

Eu...

ORGONTE

Paz, repito !

Quando atacas Tartufo, eu sei qual o teu fito.
Hoje é que vejo bem : todos de casa odiai-o,
Filho, filha, mulher, empregada, laçao,
E armais impunemente uma conspiração
Para expulsar daqui êste santo varão;
No entanto, quanto mais sinsistem em bani-lo,
Mais quero que êle fique, e mais quero servi-lo. (*a Tartufo*)
Casareis com Mariana. E vos dando a mão dela
Rebentarei de raiva a minha parentela.

DAMIS

Levareis para o altar vossa filha obrigada ?

ORGONTE

Sim, traidor! Hoje mesmo! E grita, se te agrada!
Hão de me conhecer! É um desafio meu!
Terão de obedecer. Quem manda aqui sou eu!
Vamos, retira já tua infâmia, tratante,
E pede-lhe perdão, de joelhos, neste instante!

DAMIS

Quem? Eu? Eu me ajoelhar diante dêsse velhaco?

ORGONTE

Tu resistes, patife? Eu te reduzo a caco! (a Tartufo)
Um porrete! Um porrete! E que ninguém me impeça! (ao filho)
Ordeno que o senhor daqui desapareça,
E que não tenha nunca a audácia de voltar!

DAMIS

Eu sairei, mas...

ORGONTE

Rua! E trate já de andar!
Saiba que o desherdei da minha sucessão,
Tratante! E mais: receba a minha maldição!

CENA VII

Orgonte, Tartufo

ORGONTE

Ofender dêste modo a uma santa pessoa!

TARTUFO

Perdoai-o, meus Deus, que minha alma o perdoa! (a Orgonte)
Se tôda a minha dôr conseguísseis sentir...
Ver que perante vós me querem denegrir!...
É bastante pensar em tal ingratidão
Para fazer sangrar cá dentro o coração.
Doi-me tanto encontrar uma alma sem socorro,
Que nem posso falar... parece até que morro...

ORGONTE (correndo, banhado em lágrimas, para a porta
por onde expulsou Damis)

Por minha compaixão tens a vida poupada!
Eu devia quebrar teus ossos de pancada! (a Tartufo)
Sossegai, meu irmão, e não fiqueis zangado.

TARTUFO

Não falemos mais neste assunto delicado.
Tanto aborrecimento eu vos trouxe de fora
Que creio ser melhor, irmão, que eu vá embora.

ORGONTE

Irmão, estais brincando ?

TARTUFO

Odeiam-me, e por fim
Tratam de levantar suspeitas contra mim.

ORGONTE

Acaso imaginais que lhes dou atenção ?

TARTUFO

Talvez nunca termine essa perseguição,
E se hoje repelis a quem vem me intrigar
Um dia já estareis mais disposto a escutar.

ORGONTE

Não, meu irmão, jamais !

TARTUFO

Irmão, uma mulher
Pode fazer do esposo aquilo que quiser.

ORGONTE

Não, não !

TARTUFO

Se eu for embora, haverá de faltar
O pretexto que têm para me caluniar.

ORGONTE

Insisto: ficareis. É assunto liquidado.

TARTUFO

Se o céu assim me ordena a ser mortificado !...
Mas se desejais...

ORGONTE

Não !

TARTUFO

Seja o que Deus quiser !...
Mas eu sei, meu irmão, como devo fazer :
O sentimento de honra e a amizade me obrigam .
A evitar, d'ora em diante, as infâmias que digam.
Assim, não mais verei vossa esposa, e estareis...

ORGONTE

Muito ao contrário, irmão, vós a visitareis !
Irritar tôda a gente é a maior alegria
Para mim; eu quero ver-vos juntos todo o dia.
E mais: quero indigná-los, se são contra nós :
Não terei outro herdeiro agora senão vós.
Vou daqui neste instante ao meu tabelião
Fazer-vos dos meus bens inteira doação.
Um amigo tão leal, tão bom, e que consente
Ser meu genro, é melhor do que qualquer parente.
A proposta que fiz vossa humildade aceita ?

TARTUFO

A vontade de Deus em tudo seja feita !

ORGONTE

Pobre homem ! Vamos logo lavar a escritura,
E teremos assim castigado a impostura !

A T O I V

CENA I

Cleanto, Tartufo

CLEANTO

Não se fala outra coisa senão essa história,
O que nada acrescenta, aliás, à vossa glória.
E vem mesmo a calhar encontrar-vos, senhor,
Pois assim vos direi, se fazeis o favor
De escutar-me, qual o meu pensamento. Afasto
Qualquer indagação de teor menos casto:
Julgo pelo pior — que Damis tenha usado
Um processo desleal, e vos tenha acusado
Injustamente. Indago : um cristão fervoroso
Não deve perdoar um gesto rancoroso ?
Como então suportais, com ar tão resignado,
Ver da casa do pai o filho escorraçado ?
Com inteira franqueza é preciso que eu frise :
Diante disto não há quem não se scandalize.
Se vos mereço fé, deveis pacificar
Os ânimos, fazendo êsse filho voltar.
Sacrificai a Deus a vossa indignação
E consegui que o pai lhe estenda o seu perdão.

TARTUFO

Assim quisera eu de coração, senhor,
Pois não guardo contra êle o mínimo rancor.
Tudo já perdoei, e de nada o censuro.
Bem quizerá ajudá-lo, aqui vo-lo asseguro;
Mas a causa de Deus me impede o consentir :
Se êle entrar nesta casa, eu tenho que sair,
Depois da sua intriga injusta e injuriosa,
Nossa aproximação seria escandalosa.
Deus bem sabe o que então haviam de dizer :
Que em minha transigência há o medo de perder;
Como um tipo sagaz eu seria apontado,
E espalhariam que eu, sentindo-me culpado,
Voto ao acusador um carinho suspeito
A fim de suborná-lo e comprar bem conceito.

CLEANTO

Essa vossa desculpa é bem arrevesada;
 Apresentais razão bastante complicada.
 Tendes procuração de Deus para tudo isso,
 E Êle, pra castigar, usa o vosso serviço?
 Deixai-o, que o castigo Êle sòzinho pensa,
 E pensai no perdão que ordena para a ofensa.
 Tampouco imagineis o que é que vão dizer
 Quando as ordens do céu vos cumpre obedecer.
 O mesquinho temor do que possam falar
 Evita a boa ação que deveis praticar?
 Oh, não! Façamos sempre o que é justo e direito,
 Sem pensar na calúnia e sem tirar proveito.

TARTUFO

Já vos disse uma vez que êle está perdoado,
 E, se o faço, obedeço ao que o céu tem mandado;
 Porém, depois da afronta e do escândalo, eu digo
 Que o céu não vai mandar que êle viva comigo.

CLEANTO

E acaso mandará que se dê atenção
 A um capricho de pai? E se aceite a doação
 De riquezas e bens, de todo um patrimônio
 Que vem às vossas mãos por artes do demônio?

TARTUFO

Quem me conhece bem não poderá pensar
 Que esteja nesta casa a me locupletar
 As riquezas do mundo a mim não me seduzem
 Com os falsos clarões que ante outros olhos luzem;
 Se prefiro aceitar êsses bens que me dão
 É só para evitar que caiam noutra mão,
 Porque certos mortais, se os tiverem herdado,
 Irão logo aplicá-los em crime e pecado,
 Em vez de usá-los com desapego e desdém
 Para a glória de Deus e a prática do bem.

CLEANTO

Não cogiteis de tão delicado receio...
 Devieis recusar aquilo que vos veio
 Às vossas santas mãos em prejuízo do herdeiro.
 Êle que empregue bem ou mal o seu dinheiro!
 Não é da vossa conta — e mal ou bem que use
 Isto é muito melhor que se alguém vos acuse.
 O que me causa pasmo é a devoção ardente
 Com que logo embolsais êsse régio presente.
 Afinal, meu senhor, é a fé que vos convence
 A retirar do alheio o bem que lhe pertence?
 E se o céu vos tornou assim tão infeliz
 A ponto de jamais conviver com Damis,
 Não seria melhor que, aproveitando a hora,

Com tôda a discreção daqui fosseis embora?
Ou preferís sofrer, contra tôda razão.
Que um filho perca o lar, e ganhe a maldição?
Acreditai, senhor, é coisa muito feia...

TARTUFO

Meu prezado senhor, são três horas e meia;
Lamento imensamente eu não poder ficar.
Um piedoso dever me chama. Vou rezar.

CLEANTO (sôzinho)

Esta é boa!

CENA II

Elmira, Mariana, Cleanto, Dorina

DORINA (a Cleanto)

Eu vos peço, intercedei por ela!

Está sofrendo tanto, a pobrezinha! Vê-la
Em tal estado... O pai acaba de assinar
O contrato nupcial, e não tarda chegar
De todos o pior, o terrível momento
Em que vão celebrar o estulto casamento.
Tratemos de impedi-lo por bem ou por mal
De desferir na filha êsse golpe mortal.
Aí vem êle, senhor... Procurai evitar...

CENA III

Orgonte, Elmira, Mariana, Cleanto, Dorina

ORGONTE

Bravos! Vejo reunida a assembléia do lar! (a Mariana)
Aqui trago comigo um contrato perfeito:
Selado, autenticado, assinado, insuspeito.

MARIANA (ajoelhando-se diante de Orgonte)

Ah, pelo amor de Deus, não me façais sofrer.
Meu bom pai, desistí de usar vosso poder.
Livrai-me do dever de vos ter obediência.
Tende por vossa filha um pouco de clemência!
Não me obrigueis, por esta angústia que me mata,
A desdizer ao céu o quanto vos sou grata...

E esta vida, meu pai, que por vós me foi dada,
 Não a façais de agora em diante desgraçada.
 Se êste meu coração que lágrimas derrama
 Me proibis de dar à pessoa a quem ama,
 Ao menos, sêde bom, mostrai o vosso amor,
 Não me entregueis a quem eu tenho tanto horror.
 Deixai que eu viva só, que eu morra na pobreza...

ORGONTE (*sentindo-se enternecer*)

Firme, meu coração! E nada de fraqueza!

MARIANA

Ah, não me faz sofrer o afeto que lhe tens!
 Dá-lhe, se assim te apraz, todos os nossos bens!
 Dá-lhe os meus, dá-lhe tudo, a tua alma é tão boa,
 Mas não chegues a dar, meu pai, minha pessoa.
 Se me queres punir, reduz o meu tormento.
 Deixa que eu vá findar meus dias num convento.

ORGONTE

Eis aí como são estas religiosas
 Quando um pai lhes combate as flamas amorosas!
 Já, de pé! Quanto mais recusas recebê-lo,
 Mais deves afinal conseguir merecê-lo!
 Trata de oferecer ao céu teu sofrimento,
 E não aumentes mais meu aborrecimento.

DORINA

Mas então...

ORGONTE

Cala a boca! A conversa ainda não
 Chegou à cozinha! Hás de te calar, senão...

CLEANTO

Orgonte, eu te dedico um respeito profundo...

ORGONTE

Os teus conselhos são os melhores do mundo,
 Tão bem sabes pensar — e muito os aprecio;
 Mas deixa-me dizer que neles não me fio.

ELMIRA

Depois do que estou vendo eu nem sei o que diga;
 E pasmo, meu marido, ao ver tamanha intriga
 Tomar conta de ti, de um modo que não sentes
 A ofensa sobre nós, quando tu nos desmentes.

ORGONTE

Eu gosto de julgar segundo as aparências:
 Conheço muito bem as tuas complacências
 Por Damis, e porisso, em vez de censurá-lo,
 Preferiste o silêncio a desautorizá-lo.
 Estavas por demais serena pra ser crida;
 Não soubeste fingir ter a honra ofendida.

ELMIRA

Será que por ouvir declarações de amor
Deva a gente explodir em cólera e rancor?
Só se pode calar ousadia tão louca
Pondo os olhos em fogo e uma injúria na boca?
Se tudo que êle disse o pudor me empeçonha,
O escândalo também me cobre de vergonha.
À minha honestidade alio a polidez
Para não me mostrar selvagem na honradez.
As que, pra defender-se, usam unhas e dentes,
Inspiram mais temor — mas não são mais decentes.
Se posso repelir com discreta frieza;
Esta é a minha virtude: a força na fraqueza.

ORGONTE

Sei o que estou fazendo e meus planos não mudo.

ELMIRA

Mais uma vez, Orgonte, eu me pasmo de tudo.
Suponhamos, porém, que essa credulidade
Fosse obrigada a ver a prova da verdade?

ORGONTE

Ver?

ELMIRA

Sim, ver.

ORGONTE

Que tolíce!

ELMIRA

Ora, mas que mania!

Vamos! Se visses tudo, em plena luz do dia?

ORGONTE

Miragens!

ELMIRA

Santo Deus, um tal homem existe?!

Responde! Eu mostrarei o que ainda não viste.
Se te escondes aqui, de modo que ninguém
Te veja, que dirás do teu homem de bem?

ORGONTE

Nesse caso, eu diria... Eu não diria nada.
Uma calúnia tal nem deve ser pensada.
Não pode ser.

ELMIRA

Orgonte, a tua teimosia
Excede tudo mais, e muito me injuria.
Tal coisa não me dá prazer, porém preciso
Que sejas testemunha e faças teu juízo.

ORGONTE

Pois seja. Quero ver, sem sombra de deslises,
Como serás capaz de cumprir o que dizes.

ELMIRA (a Dorina)

Vai chamá-lo.

DORINA

Senhora, um ~~ta~~ espertalhão
Não se deixa apanhar pelo mesmo alçapão.

ELMIRA

Não. Assim como o amor engana e causa dano,
O amor próprio também nos leva ao próprio-engano.
Vai chamá-lo. (a Cleanto e Mariana) Deixai-me só, com minha presa.

CENA IV

Elmira, Orgonte

ELMIRA

Esconde-te depressa em baixo desta mesa.

ORGONTE

Como ?

ELMIRA

Vamos, depressa! Isto é muito importante.

ORGONTE

Mas por que sob a mesa ?

ELMIRA

Oh, vamos ! O flagrante
Que vais oferecer-lhe só depende disto.
Esconde-te aí em baixo — é ponto em que eu insisto.
E que ninguém te veja e que ninguém de escute.

ORGONTE

E a minha dignidade ? Entendes que eu relute ?
Mas anseio por ver tudo que vais fazer.

ELMIRA

Vamos! Creio que não te vais arrepender. (Orgonte entra em baixo da mesa)
Tudo que vou falar, eu peço que o permitas.
Só assim ouvirás as coisas inauditas
Que é capaz de dizer este falso devoto.
E se na minha voz um arroubo denoto
Compreende que é somente a fim de conduzi-lo
A se desmascarar, e repetir aquilo

Que já me ousou falar sua temeridade.
Quando achares que basta, eu peço a caridade
De poupare a tua esposa, e protegê-la
Antes que qualquer gesto importe em ofendê-la.
Sabes como fazer — é inútil que eu te peça.
Ele aí vem. Agora! Esconde-te depressa.

CENA V

Tartufo, Elmira, Orgonte (*debaixo da mesa*)

TARTUFO

Disseram-me que vós querieis me falar...

ELMIRA

É verdade. Um segredo eu tenho a vos contar.
Porém fechai a porta antes que vo-lo conte,
Pois temo que outra vez alguém nos amedronte.

(*Tartufo vai fechar a porta e volta*)

Uma disputa igual à que demos ensejo
Não é precisamente aquilo que desejo;
Que não venha ninguém surpreender-nos a sós.
Damis faz redobrar meus receios por vós.
Vistes bem, meu senhor, os esforços que fiz
Para impedir o intento e a raiva de Damis;
Meu espanto foi tal que até nem me ocorreu
Desmentir a invenção pela qual se perdeu.
Felizmente, porém, foi bem melhor assim:
Mais seguro estareis, se confiais em mim.
Passou a tempestade, a bonança está feita,
Meu marido não tem a mínima suspeita.
Desejando arrostar os falsos julgamentos,
Bem juntos quer-nos ver a todos os momentos.
Eis aí como obtive esta oportunidade
De conversar convosco assim mais à vontade.
Isto até me autoriza a abrir meu coração
Ansioso de afinal sentir vossa afeição.

TARTUFO

Este vosso discurso é muito surpreendente.
Usáveis ainda há pouco estilo diferente.

ELMIRA

Se ante aquela recusa a raiva vos domina
É que não conheceis bem a alma feminina!
Quase nada sabeis do que ela quer dizer
Quando procede assim para se defender.
Sempre o nosso pudor combate em tais momentos.
Tudo, que nos promete ardentes sentimentos;

De razões para o amor quanto mais se disponha
 Há sempre ao confessá-lo um pouco de vergonha;
 Daí nossa defesa, e nela justamente
 Aquilo que se caía é aquilo que se sente;
 Tudo que por pudor o nosso lábio esconde
 É promessa de amor que em silêncio responde.
 Estou fazendo agora uma tal confissão...
 Nem sei o que pensais desta revelação...
 Entretanto, uma vez que tudo já se disse,
 Julgais que eu me empenhasse em tão grande tolice
 De conservar Damis nesta casa senão
 Por eu já conhecer o vosso coração?
 Poderia ser outro o meu procedimento,
 Se não retribuísse ao vosso sentimento?
 E, quando quis forçar a vossa desistência
 Do casamento, eu o fiz apenas por prudência:
 Devieis compreender que todo êsse cuidado
 É o meu próprio interêsse em ter-vos a meu lado:
 Eu quisera impedir que o vosso casamento
 Vos roubasse de mim, fôsse por um momento.

TARTUFO

Alegria maior meu coração ignora!
 Ouvir coisas assim do lábio que se adora...
 Eu quisera alcançar uma sabedoria:
 O dom de vos trazer a constante alegria;
 Mas permiti que eu tome aqui a liberdade,
 A audácia de descrever dessa felicidade:
 Vejo no que dizeis uma honesta chicana
 Só para me impedir de casar com Mariana.
 É preciso falar-vos com tôda franqueza:
 Do vosso amor não tenho a mínima certeza;
 E pra tê-la, fazei-me alguma concessão
 De afeto, que demonstre o vosso coração,
 Que me faça esquecer o que ouvi de Damis,
 E que, junto de vós, me torne mais feliz.

ELMIRA (*depois de tossir para advertir o marido*)

Desejais avançar com tal sofreguidão
 E a ternura esgotar d'êste meu coração?
 Há pouco eu procurei quase ser suplicante,
 Mas isto vos parece ainda não ser bastante.
 Só um modo haverá de vos satisfazer,
 O de tudo vos dar e tudo vos ceder?

TARTUFO

Quanto menos alguém merece, mais espera,
 Tudo quanto se diz a angústia não altera;
 E, alcançado o favor, de medo de o perder,
 Antes vale gozar que simplesmente crer.
 Eu, que creio tão pouco obter vosso favor,
 Suspeito que a ventura esquece o meu amor;
 Porisso não vos creio — exceto se o provaís
 Por manifestações concretas e reais.

ELMIRA

Meu Deus! O vosso amor é um perfeito tirano,
Que o espírito me embota e à mente causa dano!
Pois sobre o coração assume tal poder
Que impõe logo o que quer e nos força a querer.
Nessa perseguição que não posso evitar,
Nem ao menos me dais tempo de respirar?
Será que deveis ir ao pote com tal sede?
Exigís sem descanso aquilo que se pede?
Em tôda essa aflição não há certa esperteza
De abusar de quem tem por vós tanta fraqueza?

TARTUFO

Se tão bondosamente ouvís as minhas falas,
Por que me recusar a graça de prová-las?

ELMIRA

Mas como consentir nisto que desejais
Sem ofender o céu, de que tanto falais?

TARTUFO

Se é receio do céu o que vos atrapalha
Eu vo-lo afastarei qual se fosse uma palha.
Isto não deve nunca impedir vosso amor.

ELMIRA

Os castigos do céu nos causam tal pavor!

TARTUFO

Eu sei bem como tais temores são desleitos;
Conheço a arte de como evitar preconceitos.
O céu proíbe, é certo, o amor que não benzeu.
Mas é possível sempre acomodar o céu.
Cada necessidade inspira uma ciência
De acalmar as razões da nossa consciência
E de corrigir o malefício da ação.
Graças à santidade usada na intenção.
Esses recursos eu saberei ensinar-vos.
Deixai-vos conduzir, pois tudo quero dar-vos.
Contentai meu desejo e não tenhais receio;
Responderei por tudo e nada será feio. (*Elmira tosse mais forte*)
'Stais tossindo demais...

ELMIRA

Deixais-me em tal estado...

TARTUFO

Quem sabe fará bem provar um rebuçado?

ELMIRA

É uma tosse obstinada; eu posso assegurar
Que remédio nenhum fa-la-ia passar.

TARTUFO

Que aflição deve ser!

ELMIRA

Nem podeis calcular.

TARTUFO

Vosso escrúpulo, eu sei, é fácil de calar :
Juro que guardarei um segredo total.
No escândalo, senhora, é que reside o mal,
O insulto está no boato, e quem o aplaca vence-o :
Nunca existe pecado ao pecar-se em silêncio.

ELMIRA (*depois de tossir novamente e bater na mesa*)

Sinto que sou enfim obrigada a ceder,
E devo consentir em tudo conceder.
É bem constrangedor que a êste ponto eu chegue,
Mas já não tenho em mim força para que o negue.
Se vós vos obstinais na minha submissão,
Se sabeis evitar o rumor da opinião,
E se exigis a prova ao meu sincero apreço,
Tenho que decidir-me a pagar êsse preço.
Se o meu consentimento importa num pecado,
Tanto pior será pra quem o tem forçado :
A culpa não é minha, e porisso eu me arrisco...

TARTUFO

Deixai tudo correr por minha conta e risco.
Abri aquela porta e olhai se nos espia
Meu marido. Êle pode estar na galeria.

TARTUFO

Tanto cuidado assim? Tal susto não espero...
Muito aqui entre nós: faço dêle o que quero.
O seu prazer é tanto em nos aproximar
Que tudo pode ver sem nada acreditar.

ELMIRA

Não importa. Saí, permiti que vos peça,
E examinai se alguém se oculta nessa peça.

CENA VI

Orgonte, Elmira

ORGONTE (*saindo de sob a mesa*)

Ah, confesso! Que monstro! Um tipo abominável!
Eu não aguento mais! Espera, miserável...

ELMIRA

Já tão cedo tu sais? Ainda não viste nada.
Volta pro teu lugar, e com a boca fechada
Trata bem de julgar-lhe as palavras impuras
Em vez de acreditar em simples conjecturas.

ORGONTE

Nada existe mais vil, nada mais celerado!

ELMIRA

Evita um julgamento assim precipitado.
Esconde-te outra vez, e fica convencido
De tudo que escutaste e do que tens ouvido.
(*Elmira esconde Orgonte atrás de si*)

CENA VII

Tartufo, Elmira, Orgonte

TARTUFO (*sem ver Orgonte*)

Ah, tudo favorece ao meu contentamento:

Espiei, inteirinho, aquêlê apartamento:

Não há ninguém. Minha alma embriagada de gôzo...

(*No momento em que Tartufo avança, de braços abertos para abraçar Elmira, ela foge, e Tartufo percebe Orgonte*)

ORGONTE (*fazendo parar Tartufo*)

Alto lá! Que exagero êsse impulso amoroso!

Não vos apaixoneis com tamanha afoiteza!

Que belo homem de bem! Que santo! Que beleza!

Que horror à tentação tem vossa alma virtuosa!

Desposais minha filha e cobiçais-me a esposa!

Na dúvida a minha alma inteiramente imersa

Esperou ver mudado o tom dessa conversa;

Não temo confessar: minha alma estava cega,

Mas pelo que assisti, parece-me que chega.

ELMIRA

O que fiz meu senhor, desagrada-me, a mim

Porém fui constrangida a vos tratar assim.

TARTUFO (*a Orgonte*)

Mas vós acreditais...?

ORGONTE

Vamos! Sem mais demora!

Retirai-vos daqui! Quero ver-vos lá fora!

TARTUFO

Minha intenção...

ORGONTE

Não há razão que se apresente;
Sumi-vos desta casa imediatamente!

TARTUFO

Não, eu não sairei. A vós toca sair :
A casa me pertence; eu posso produzir
As provas, e vereis então que nada ganha
Quem humilha um cristão com tão suja artimanha.
Não deixo um pecador impunemente oculto;
Vereis que o céu me ensina a revidar o insulto.
Tenho Deus a meu lado; e o saberei vingar
De quem o ofende assim querendo-me expulsar!

CENA VIII

Elmira, Orgonte

ELMIRA

Que é que êle quer dizer? Por que havemos de sair?

ORGONTE

Palavra, estou perplexo — e não é para rir.

ELMIRA

Como?

ORGONTE

Agora compreendo o logro em que caí.
Aquele doação!... Em que é que eu me meti!

ELMIRA

A doação?

ORGONTE

É tarde. Agora está completa.
Mas existe outra coisa ainda que me inquieta.

ELMIRA

Qual é?

ORGONTE

Eu te direi. Mas, antes de mais nada...
A caixinha!... Será que foi também roubada?!

A T O VCENA I

Orgonte, Cleanto

CLEANTO

Onde vais tão depressa?

ORGONTE

Ah, deixa-me!

CLEANTO

Parece

Que nesta confusão o bom-senso se esquece.
Pensemos devagar o que se vai fazer.

ORGONTE

A tal caixinha é que me faz enlouquecer.
Mais que a própria doação me põe fora de mim.

CLEANTO

Posso perguntar : é tão importante assim?

ORGONTE

Meu pobre amigo Argás pediu que eu a guardasse
Sob o maior segredo, e em minhas mãos ficasse
Quando fugiu daqui; são cartas, documentos
Aos quais ligados tem a vida e seus tormentos.
Escolheu-me por ser amigo e dos primeiros...

CLEANTO

Neste caso, por que foste dá-la a terceiros?

ORGONTE

Isto veio trazer-me um caso de consciência :
Ao amigo traidor eu fiz a confidência,
E ele me convenceu que a devia guardar
Para que a posse dela eu pudesse negar
Se alguém até aqui viesse ao seu encalço;
Assim eu não faria um juramento falso.

CLEANTO

Pois tanto a doação quanto essa ingenuidade
Mostram que praticaste enorme leviandade,
Porque Tartufo, tendo em mãos coisas como estas,
Te poderá trazer conseqüências funestas.
Depois disto, não foi prudente escorraça-lo:
Devias procurar um meio de acalmá-lo.

ORGONTE

E aturar tôda a vida êsse tipo indecente,
 Êsse fingido, e tê-lo aqui como parente?!
 Era um simples mendigo, e lhe fiz tanta festa...
 Não quero nunca mais saber de gente honesta!
 Detesto homens de bem! Dêles hei de dar cabo!
 Contra êles hei de ser pior do que o diabo!

CLEANTO

Tu saís de um exagero e caís noutro exagero:
 Ou esperas demais, ou vais ao desespero.
 Viste bem o teu erro e foste convencido
 A não acreditar num devoto fingido;
 Mas, para corrigir-te, existe algo pior
 Do que um erro evitar cometendo um maior?
 Se a um amigo traidor votas ódio e desdem,
 Que têm a ver com isto as pessoas de bem?
 Então porque um patife uma amizade ilude
 Deves sair a dar ponta-pés na virtude?
 Começas a julgar, depois da falsidade,
 Que não haja nenhum devoto de verdade?
 Deixa a quem não reflete uma tal consequência,
 E aprende a separar os fatos da aparência.
 Evita o mau amigo, a hipocrisia, a incúria,
 Mas aos homens de bem não lhes faças injúria.
 E se tens de cair num ou noutro pecado,
 Prefere vir pecar, irmão, dêste outro lado.

CENA II

Orgonte, Cleanto, Damis

DAMIS

É verdade, meu pai, que o vilão vos ameaça?
 Ah, não há gratidão que o tipo não desfaça!
 O seu orgulho vil vos furta, e logo após
 Transforma o que furtou em armas contra vós?!

ORGONTE

Sim, meu filho, é verdade... E tu, que me aconselhas?

DAMIS

Deixai por minha conta: arranco-lhe as orelhas!

CLEANTO

É a isto que se chama agir como criança.
 Experimenta ver se a cólera se amansa,
 E não procedas mal. Por muito que te agrade,
 Não troques a razão pela brutalidade.
 As duas, meu rapaz, nunca são compatíveis.

CENA III

Sra. Pernela, Orgonte, Elmira, Cleanto, Mariana, Damis, Dorina

SRA. PERNELA

Acabo de saber de coisas impossíveis!

ORGONTE

São coisas, minha mãe, de que fui testemunha.
Eis a retribuição dum amigo em que eu punha
Tôda a minha afeição. Dei-lhe um lar, dei-lhe pão.
Fiz por êle o que só se faz por um irmão.
Passo a tratá-lo bem, e me esmero, e me iludo,
Dou-lhe a minha riqueza, a minha filha, tudo;
E enquanto faço assim, sabeis o que êle quer?
Quer muito simplesmente obter minha mulher.
Não contente em mostrar seu criminoso intento,
Tenta nos expulsar, deixar-nos ao relento!

DORINA

Pobre homem!

SRA. PERNELA

Oh, meu filho, e desejas que eu creia
Que êle seja capaz de uma coisa tão feia?

ORGONTE

Como?

SRA. PERNELA

Gente de bem é vítima de inveja...

ORGONTE

Vós não me acreditais? Ah, que Deus vos proteja,
Minha mãe...

SRA. PERNELA

É calúnia! A mim ninguém ilude...
Nesta casa ninguém aprecia a virtude.

ORGONTE

Que tem isto que ver com o caso? Não atino...

SRA. PERNELA

Fartei-me de dizer, quando eras pequenino:
A virtude no mundo é sempre perseguida;
Não se pode matar a inveja nesta vida.

ORGONTE

Mas que tem isto a ver com tudo que houve aqui?

SRA. PERNELA

Invenções de quem quer afastá-lo de ti.

ORGONTE

Já disse, minha mãe, que quem viu fui eu mesmo.

SRA. PERNELA

Vivem sempre a espalhar maledicência a esmo...

ORGONTE

Vós me irritais, mamãe! Repetir-vos eu vou:
Com meus olhos eu vi o crime que tentou.

SRA. PERNELA

As más línguas têm sempre um veneno a espalhar...
É uma coisa fatal: ninguém pode escapar.

ORGONTE

Arre! Não tendes senso, eu já me convenci:
Com meus olhos, que a terra há de comer, eu vi,
Vi, assim, vi, olhei... desejais que eu me aturda
E berre em vosso ouvido até que fiqueis surda?

SRA. PERNELA

Meu Deus, uma aparência engana! Aí está porque
Não se deve julgar por tudo que se vê.

ORGONTE

Vou explodir!

SRA. PERNELA

Meu filho, as falsas aparências
Unem o bem e o mal nas mesmas conseqüências.

ORGONTE

E devo interpretar como um bem, um cuidado
Cristão, alguém querer beijar minha mulher?

SRA. PERNELA

Só se deve acusar a pessoa que der
Justa causa. Porisso era bom esperar
E ver com segurança...

ORGONTE

E pra me assegurar
Eu devia cruzar os braços calmamente,
Até... — quase que eu disse uma coisa indecente!

SRA. PERNELA

O seu temperamento é tão religioso...
Foi um meigo fervor, um gesto carinhoso...
Não posso de maneira alguma acreditar
Uma palavra só do que me vens contar.

ORGONTE

Não fôsseis minha mãe, nem sei o que diria...

DORINA (a Orgonte)

Como se custa a crer num homem que não cria!

CLEANTO

Não vamos discutir coisas sem conseqüências;
Tratemos de tomar urgentes providências
E impedir que êle faça aquilo que eu previa.

DAMIS

Será êle capaz de tamanha ousadia ?

ELMIRA

Não creio que nos mova um processo possível
De ganhar. A má-fé que demonstra é visível.

CLEANTO (a Orgonte)

Não te fies, Orgonte. Êle não tem remorsos,
E a sua cupidez lhe redobra os esforços :
Tartufo tratará de dar todos os passos
Que te possam trazer terríveis embaraços.
Armado como está de tantos documentos,
Devias ser mais cauto e evitar julgamentos.

ORGONTE

É verdade. Mas que fazer nesta emergência ?
A minha indignação superou a prudência.

CLEANTO

Seria bem melhor que entre os dois, meu irmão,
Se pudesse arranjar uma acomodação.

ELMIRA

Se eu sei que suas mãos contavam com tais armas,
Saberia evitar tão ruidosos alarmas.

ORGONTE (a Dorina, vendo entrar o Sr. Leal)

Esse homem quem será ? Vai logo perguntar.
'Stou mesmo em condições de alguém me visitar...

CENA IV

Orgonte, Sra. Pernela, Elmira, Mariana, Cleanto,
Damis, Dorina, Sr. Leal

SR. LEAL (a Dorina, no fundo da cena)

Peço a tua bondade, a fim de que permitas
Falar ao teu patrão.

DORINA

Êle está com visitas;
Receio que não possa agora receber-vos.

Sr. LEAL

Dize-lhe que é o mais humilde dos seus servos
Que insiste em lhe falar, e o assunto que traz
Não desagradará : é tudo que lhe apraz.

DORINA

Vosso nome ?

Sr. LEAL

É bastante anunciar como alguém
Da parte do senhor Tartufo, por seu bem.

DORINA (a Orgonte)

É um senhor muito bem educado e cortês
Que vem da parte do senhor Tartufo, e fez
Questão de me dizer que o vosso bem almeja.

CLEANTO (a Orgonte)

Tu deves recebê-lo e ver o que deseja.

ORGONTE (a Cleanto)

Vem nos conciliar. Talvez a coisa mude.
Que me aconselhas tu ? Qual a minha atitude ?

CLEANTO

Tu não deves mostrar rancor por tudo aquilo;
Se ele vem te falar, deves somente ouvi-lo.

Sr. LEAL (a Orgonte)

Deus vos salve, senhor, com todo o seu amparo,
E vos proteja tudo quanto vos é caro !

ORGONTE (baixo, a Cleanto)

O modo de saudar parece indicativo
De não trazer nenhum intuito vingativo.

Sr. LEAL

Sempre vos estimei, como a todos aqui :
A vosso ilustre pai muito tempo servi.

ORGONTE

Eu vos peço perdão, e me envergonho, pois
Não me é dado o prazer de saber quem vós sois.

Sr. LEAL

Nasci na Normandia, e me chamo Leal;
Sou meirinho de ofício, ou seja oficial
De justiça — e Deus me deu a felicidade
De meu cargo exercer com honra e dignidade.
E porisso aqui estou, com vossa permissão,
Para vos entregar, senhor, a intimação...

ORGONTE

Então estais aqui...

SR. LEAL

Simples dever de ofício.
Contra vós um processo agora teve início,
Como sabeis; deixai que o mandado apresente
Para esvaziar a casa imediatamente,
Passar a certidão, lacrar tudo e dar fé...

ORGONTE

Sair de minha casa?

SR. LEAL

Ouvís bem. Assim é.

Esta casa pertence, aliás o sabeis,
Ao bom senhor Tartufo, e porisso deveis
Por força do papel que tenho aqui comigo
Passar todos os bens às mãos do vosso amigo,
O contrato é legal, perfeito, e assim sugiro...

DAMIS (ao Sr. Leal)

Por tal patifaria eu muito vos admiro!

SR. LEAL

Previno-vos, senhor, não sois parte no feito... (*mostrando Orgonte*)
E sim êste senhor, gentilhomen perfeito,
Que, como homem de bem, não zanga nem se eriça
Quando tem que cumprir as ordens da justiça.

ORGONTE

Mas...

SR. LEAL

Meu senhor, eu sei que nem por um milhão
Irieis vós fazer uma rebelião;
Sei que suportareis, como um homem honrado,
Que eu execute aqui os termos do mandado.

DAMIS

Se o mandado a cumprir é debaixo de vara,
Acho que acabareis recebendo-a na cara!

SR. LEAL (a Orgonte)

Fazei que êste rapaz se cale ou se retire,
Ou tenho de o prender, por mais que vos admire,
Por ter desrespeitado um agente legal!

DORINA

Êste senhor Leal não é nada leal!

SR. LEAL

Pelos homens de bem tenho grande fervor
Porisso fiz questão de vir, caro senhor,
Para vos amparar e vos dar um prazer;
Porque, se outro meirinho houvessem de escolher,
Que não vos dedicasse o afeto que vos tenho,
Crede que em ser gentil poria algum empenho?

ORGONTE

Outro ofício haverá digno de pouco caso
Como o de despejar famílias?

Sr. LEAL

Dou um prazo:

De hoje até amanhã suspendo a execução
De tudo que me ordena aqui a intimação;
Mas terei de ficar, apesar dos pesares,
Tôda esta noite aqui com meus auxiliares.
E para assegurar que os móveis aqui estão
Tereis de me entregar a chave do portão.
Nada quero fazer que vos vá perturbar.
Amanhã de manhã, logo que o sol raiar,
Deveis todos sair, levando cada qual
As roupas de vestir e de uso pessoal.
Como vos trato assim, com a máxima indulgência,
Respeitai meu dever, tratai-me com paciência.

ORGONTE (*aparte*)

Se alguma coisa mais eu tivesse, daria
Agora, já e já, com a maior alegria,
Sem querer regatear, e com todo o carinho,
Em troca do prazer de partir-lhe o focinho.

CLEANTO (*baixo, a Orgonte*)

Não faças uma asneira...

DAMIS

Um tal atrevimento

Só a tapa será respondido a contento.

DORINA

Com êsse corpanzil, belo senhor Leal,
Uma surra de pau não lhe faria mal.

Sr. LEAL

Eu te posso punir. Quem sabe se tu queres
Ir parar na prisão? Também prendo mulheres.

CLEANTO (*ao Sr. Leal*)

Entregai o papel — e, cumprida a incumbência,
Agora dai-nos o prazer de vossa ausência.

Sr. LEAL

Até breve. E que o céu vos cubra de alegria.

ORGONTE

Que te esborrache — e mais àquêle que te envia!

CENA V

Orgonte, Sra. Pernela, Elmira, Cleanto, Mariana, Damis, Dorina

ORGONTE

Vedes bem, minha mãe, eu tenho ou não razão?
Sobre as coisas que ouvís, qual a vossa opinião?
Eis aí a traição flagrante e descoberta...

SRA. PERNELA

Estou estupefacta, e pasma, e boquiaberta!

DORINA (a Orgonte)

Lastimai-vos em vão. Sem razão insultais.
A intenção de Tartufo é até clara demais:
A toda a humanidade oferece a virtude;
Ele sabe que o bem temporal nos ilude,
E então se sacrifica, e trata de roubar
Tudo que vos corrompe: ele quer vos salvar!

ORGONTE

Cala-te! Hei de mandar calar a todo instante?!

CLEANTO

Vejamos o que vais fazer daqui por diante.

ELMIRA

Proclama em toda parte a audácia desse ingrato
Isto destruirá o valor do contrato:
A atitude desleal irá, de tão nefanda,
Impedir o sucesso ao termo da demanda.

CENA VI

Valério, Orgonte, Sra. Pernela, Elmira, Cleanto,
Mariana, Damis, Dorina

VALÉRIO

Lamento, meu senhor, eu vos vir afligir;
Vós estais em perigo e tendes de fugir.
Certo amigo, por quem dedico grande estima.
Sabendo a pretensão que junto a vós me anima.
Quis contar-me em sigilo um fato delicado,
Algo muito importante, um segredo d'Estado:
O tratante a quem vós abristes vosso lar
Foi visitar o rei para vos acusar,

E depor-lhe nas mãos — o que não vos convinha —
De um certo foragido uma certa caixinha,
A qual, êle é quem diz, 'stava em vosso poder;
O príncipe ordenou que vos venham prender,
E a êste amigo meu confiou a missão
De acompanhar quem vem proceder a prisão.

CLEANTO

Já tudo conseguiu : aí está como o traidor
De todos os teus bens tornar-se-á senhor.

ORGONTE

O homenzinho, eu confesso, é um perverso animal !

VALÉRIO

Qualquer tempo a perder pode ser-vos fatal.
Meu carro vos espera. Aqui tendes dinheiro.
Partireis antes que vos façam prisioneiro.
Eu vos esconderei num lugar sem perigo.
E em tôda a vossa fuga haveis de estar comigo.

ORGONTE

Quanta coisa vos devo e quanto vos sou grato !
Só me resta aceitar o conselho sensato
Que dais, e peço ao céu que me permita um dia
Retribuir à altura a vossa galhardia.
Adeus. Adeus. Tomai cuidado.

CLEANTO

Tem juízo.

Havemos de fazer tudo que fôr preciso.

CENA VII

Tartufo, um Guarda, Sra. Pernela, Orgonte, Elmira,
Cleanto, Mariana, Valério, Damis, Dorina

TARTUFO (*fazendo Orgonte parar*)

Alto lá, meu senhor ! Quanto prazer em ver-vos !
Não irieis muito longe, inútil esconder-vos.
O príncipe ordenou que eu vos faça prender.

ORGONTE

Não bastava, traidor, fazer-me empobrecer ?
Êste golpe final das tuas ruindades
Suplanta tudo mais entre as tuas maldades !

TARTUFO

Não me atinge, senhor, o vosso torpe insulto;
Eu o ofereço a Deus, como manda o meu culto.

CLEANTO

Belo gesto cristão passar adiante a ofensa!

DAMIS

Pra insultares o céu quem foi que deu licença?

TARTUFO

A vossa indignação não me vai comover :
Apenas vim aqui cumprir o meu dever.

MARIANA

Isto vos deve encher de orgulho unicamente :
Ganhastes, afinal, um ofício decente.

TARTUFO

O orgulho dêste ofício, a glória que irradia,
É provir do poder que a esta casa me envia.

ORGONTE

Mas não vos recordais que meus bens, minha mesa
E meu teto é que vos livraram da pobreza?

TARTUFO

Migalhas... e chamais a tão pouco ajudar?
Mas o príncipe está em primeiro lugar...
A obediência que impõe êste régio poder
Extingue a gratidão que acaso eu possa ter.
A fim de merecer tão alta regalia
Muito mais que um amigo eu sacrificaria.

ELMIRA

Impostor!

DORINA

Como sabe usar perversamente
O que veneração para nós represente!

CLEANTO

Se é de fato leal, em vez de uma esperteza,
Vossa fidelidade ao trono e à realeza,
Por que guardastes vós tanto tempo o segredo
E o denunciastes só quando tivestes medo
De Orgonte, que vos viu a perseguir a esposa?
Por que nenhuma pressa em revelar a cousa
Antes da ocasião em que o viesse obrigar
A honra de homem de bem a vos escorraçar?
E se neste momento o julgais tão culpado
Porque haveis de aceitar êsse inteiro legado
De riquezas e bens em nome da amizade?
Tal riqueza não vos ofende a dignidade?

TARTUFO (ao Guarda)

Senhor guarda, fazei cessar êste berreiro,
Dignai-vos a levar à prisão o embusteiro.

O GUARDA

Já retardei demais o que devo fazer.
Grato porque lembrais que eu cumpra meu dever.
E para executar minha missão agora,
Dou-vos voz de prisão! Partamos, sem demora!

TARTUFO

Mas quem? Eu?

O GUARDA

Sim senhor.

TARTUFO

Mas por que esta prisão?

O GUARDA

Não vos tenho de dar qualquer explicação. (*a Orgonte*)
Podeis transqüilizar-vos após tantos sustos :
Este nosso governo é feito de homens justos.
Tudo quanto êle faz, com severa coragem,
É perseguir o furto, a fraude, a gatunagem.
Mantém para amparar o povo uma polícia
Especial, cuja ação não é nada fictícia.
Vigilante, no lar, na praça, na cidade,
Cabe-lhe garantir completa liberdade
A todo cidadão, e evitar que êle caia
Nas vergonhosas mãos de tipos dessa laia.
Aqui neste país ninguém será roubado :
A policia, senhor, está de vosso lado.
Pra que ela permaneça atenta no seu posto
O governo vos cobra um pequenino imposto.
Podeis estar seguro : o vosso dinheirinho
Não sumirá jamais dêste vosso bolsinho;
Vossa casa estará guardada e protegida,
A menos que se queira abrir uma avenida;
Quanto a vossa mulher, senhor, e vossa filha,
Só se vos descuidais algum maroto as pilha.
Com governo tão bom, tão bem organizado,
Podeis adormecer fagueiro e sossegado.
Um decreto real acaba de ordenar
Que volte para vós o que quisestes dar.
Assim podeis viver felizes e contentes,
Desde que sejais bons, calados, obedientes.

DORINA

Louvado seja Deus!

SRA. PERNELA

Já agora se respira!

ELMIRA

Oh, tudo acabou bem!

MARIANA

Parece até mentira !

ORGONTE (a *Tartufo*, que vai saindo conduzido pelo Guarda)

Agora tu vais ver, nas profundas do inferno,
Se algum lucro te deu brincar co'esse govêrno !

CENA VIII

Sra. Pernela, Orgonte, Elmira, Mariana, Cleanto,
Valério, Damis, Dorina

CLEANTO

Oh, não vos rebaixeis a tal indignidade !
Devemos dedicar-lhe um pouco de piedade,
E roguemos ao céu que o caráter lhe mude
E o faça retornar ao seio da virtude.
Que êle possa afinal corrigir o seu vício
Pra que o perdão real venha a ser-lhe propício.
E deveis sem demora ao rei agradecer
A bondade que teve em vos vir socorrer.

ORGONTE

Fazes bem de lembrar. Com a maior alegria
Douvemos-lhe a bondade, a glória, a fidalguia.
E após termos cumprido êste justo dever,
A outra pessoa mais eu quero agradecer,
Unindo a minha filha a êste bravo Valério
Que é moço de valor, prendado e muito sério.

(Rio, Abril. 1949).

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1952

MOLIÈRE

le Tartuffe

62
C



NOUVEAUX CLASSIQUES LAROUSSE

LISTE DES CLASSIQUES LAROUSSE

260 volumes parus

une collection dont le succès ne cesse de grandir, demander la liste détaillée et le catalogue spécial.

MOYEN ÂGE ET XVI^e SIÈCLE

La Chanson de Roland.
Chansons de geste.
CHRÉTIEN DE TROYES : Choix.
Chroniqueurs : Extraits, 2 vol.
La Poésie lyrique.
La Littérature morale.
Le Roman de Renart.
Les Romans courtois.
Théâtre au moyen âge, 2 vol.
VILLON : Poésies choisies.
MAROT : Poésies choisies.
Historiens du XVI^e siècle.
Humanistes du XVI^e siècle.
Conteurs français du XVI^e siècle.
Tragédie au XVI^e siècle.
Comédie au XVI^e siècle.
RABELAIS : Gargantua-Pantagruel, 2 vol.
RONSARD : Poésies, 2 vol.
DU BELLAY : Œuvres choisies.
La Satire Ménippée.
MONTAIGNE : Essais, 2 vol.
A. D'AUBIGNÉ : Les Tragiques.

XVII^e SIÈCLE

BOILEAU : Satires et Épîtres. Le Lutin et l'Art poétique, 2 vol.
BOSSUET : Oraisons funèbres et Sermons. Discours sur l'Histoire universelle, 3 vol.
CORNEILLE : Le Cid. Horace. Cinna. Polyeucte. Le Menteur. Nicomède. Rodogune. La Mort de Pompée. Sertorius. L'Illusion comique, 10 vol.
DESCARTES : Discours de la Méthode. Méditations métaphysiques. Œuvres scientifiques, 3 vol.
Epistoliers du XVII^e siècle.
FÉNÉLON : Lettre à l'Académie. Télémaque, 2 vol.
FURETIÈRE : Le Roman bourgeois.
GUEZ DE BALZAC, VOITURE : Œuvres.
LA BRUYÈRE : Caractères, 2 vol.
M^{me} DE LA FAYETTE : La Princesse de Clèves.
LA FONTAINE : Fables choisies, 2 vol.
LA ROCHEFOUCAULD : Maximes.
MALEBRANCHE : Pages choisies.
M^{me} DE SÉVIGNÉ : Lettres.
MALHERBE, RACAN, MAYNARD : Œuvres choisies.
MOLIÈRE : Amphitryon. L'Avare. Le Bourgeois gentilhomme. Les Femmes savantes. George Dandin. Le Malade imaginaire. Le Médecin malgré lui. Le

Misanthrope. Monsieur de Pourceaugnac; la Comtesse d'Escarbagnas. Les Précieuses ridicules. Le Tartuffe. Dom Juan. L'Ecole des Femmes. La Critique de l'Ecole des Femmes. L'Ecole des Maris. Les Fourberies de Scapin. Scènes choisies, 17 vol.
PASCAL : Provinciales, Pensées, 2 vol.
PERRAULT : Contes.
RACINE : Andromaque. Athalie. Bajazet. Bérénice. Britannicus. Esther. Iphigénie. Mithridate. Phèdre. Les Plaideurs, 10 vol.
RÉGNIER, Th. DE VIAU, SAINT-AMANT : Poésies choisies.
SAINT-SIMON : Mémoires.
SCARRON : Le Roman comique.
SPINOZA : L'Ethique.
URFÉ (Honoré d') : L'Astrée.

XVIII^e SIÈCLE

BEAUMARCHAIS : Le Barbier de Séville. Mariage de Figaro, 3 vol.
BERNARDIN DE SAINT-PIERRE : Paul et Virginie.
BUFFON : Pages choisies.
CHÉNIER (André) : Poésies.
CONDILLAC : Traité des sensations.
DIDEROT : Œuvres choisies, 2 vol.
L'Encyclopédie (Extraits).
Epistoliers du XVIII^e siècle.
FLORIAN : Fables choisies.
FONTENELLE : Œuvres choisies.
LESAGE : Turcaret. Gil Blas, 3 vol.
MARIVAUX : Arlequin poli par l'Amour; l'Epreuve. Le Jeu de l'Amour et du Hasard. Les Fausses Confidences. La Double inconstance, 4 vol.
MONTESQUIEU : Lettres persanes; Considérations. L'Esprit des Lois, 2 vol.
ORATEURS DE LA RÉVOLUTION.
Abbé PRÉVOST : Manon Lescaut.
REGNARD : Le Légataire universel. Le Joueur, 2 vol.
RIVAROL : Discours sur l'universalité...
ROUSSEAU (J.-J.) : Du contrat social. Emile, 2 v. La Nouvelle Héloïse, 2 v. Dialogues, Rêveries, Correspondance. Les Confessions. Discours; Lettre sur les spectacles, 8 vol.
SEDAINE : Le Philosophe sans le savoir.
VAUVENARGUES : Choix.
VOLTAIRE : Œuvres philosophiques. Œuvres critiques et poétiques. Siècle de Louis XIV. Charles XII. Lettres. Zaïre. Contes, 2 v. : 8 vol.

NOUVEAUX CLASSIQUES LAROUSSE

FONDÉS PAR DIRIGÉS PAR
FÉLIX GUIRAND LÉON LEJEALLE
Agréés des Lettres

LE TARTUFFE

comédie



Librairie Larousse (Canada) limitée, propriétaire pour le Canada des droits d'auteur et des marques de commerce Larousse. — Distributeur exclusif au Canada : les Editions Françaises Inc., licencié quant aux droits d'auteur et usager inscrit des marques pour le Canada.



Bibliothèque de l'Arsenal.



Fonds Rondel.

LES INTERPRÈTES PRIMITIFS DE LA COMÉDIE DE MOLIÈRE

Armande Béjart dans le rôle d'Elmire,
Du Croisy dans celui de Tartuffe.

64
E

MOLIÈRE

LE
TARTUFFE

comédie

avec une Notice biographique, une Notice historique
et littéraire, un Lexique, des Notes explicatives, des
Jugements, un Questionnaire et des Sujets de devoirs,

par

J.-P. CAPUT

Ancien élève de l'E. N. S. de Saint-Cloud
Agrégé de Lettres modernes

LIBRAIRIE LAROUSSE

17, rue du Montparnasse, et boulevard Raspail, 114

Succursale : 58, rue des Écoles (Sorbonne)

RÉSUMÉ CHRONOLOGIQUE DE LA VIE DE MOLIÈRE 1622-1673

- 1622** (15 janvier) — Baptême à Paris, à l'église Saint-Eustache, de Jean-Baptiste Poquelin, fils aîné du marchand tapissier Jean Poquelin et de Marie Cressé.
- 1632** (mai) — Mort de Marie Cressé.
- 1637** — Jean Poquelin assure à son fils Jean-Baptiste la survivance de sa charge de tapissier ordinaire du roi. (Cet office, transmissible par héritage ou par vente, assurait à son possesseur le privilège de fournir et d'entretenir une partie du mobilier royal; Jean Poquelin n'était évidemment pas le seul à posséder une telle charge.)
- 1639** (?) — Jean-Baptiste termine ses études secondaires au collège de Clermont (aujourd'hui lycée Louis-le-Grand), tenu par les Jésuites.
- 1642** — Il fait ses études de droit à Orléans et obtient sa licence. C'est peut-être à cette époque qu'il subit l'influence du philosophe épicurien Gassendi et lie connaissance avec les « libertins » Chapelles, Cyrano de Bergerac, d'Assoucy.
- 1643** (16 juin) — S'étant lié avec une comédienne, **Madeleine Béjart**, née en 1618, il constitue avec elle une troupe qui prend le nom d'**Illustre-Théâtre**; la troupe est dirigée par Madeleine Béjart.
- 1644** — Jean-Baptiste Poquelin prend le surnom de **Molière** et devient directeur de l'Illustre-Théâtre, qui, après des représentations en province, s'installe à Paris et joue dans des salles de jeu de paume désaffectées.
- 1645** — L'Illustre-Théâtre connaît des difficultés financières; Molière est emprisonné au Châtelet pour dettes pendant quelques jours.
- 1645** — Molière part pour la province avec sa troupe. Cette longue période
- 1658** de treize années est assez mal connue : on a pu repérer son passage à certaines dates dans telle ou telle région, mais on ne possède guère de renseignements sur le répertoire de son théâtre; il est vraisemblable qu'outre des tragédies d'auteurs contemporains (notamment Corneille) Molière donnait de courtes farces de sa composition, dont certaines n'étaient qu'un canevas sur lequel les acteurs improvisaient, à l'italienne.
- 1645-1653** — La troupe est protégée par le duc d'Épernon, gouverneur de Guyenne. Molière, qui a laissé d'abord la direction au comédien Dufresne, imposé par le duc, reprend lui-même (1650) la tête de la troupe : il joue dans les villes du Sud-Ouest (Albi, Carcassonne, Toulouse, Agen, Pézenas), mais aussi à Lyon (1650 et 1652).
- 1653-1657** — La troupe passe sous la protection du prince de Conti, gouverneur du Languedoc. Molière reste dans les mêmes régions : il joue le personnage de Mascarille dans deux comédies de lui (les premières dont nous ayons le texte) : *l'Étourdi*, donné à Lyon en 1655, *le Dépit amoureux*, à Béziers en 1656.
- 1657-1658** — Molière est maintenant protégé par le gouverneur de Normandie; il rencontre Corneille à Rouen; il joue aussi à Lyon et à Grenoble.
- 1658** — Retour à Paris de Molière et de sa troupe, qui devient « troupe de Monsieur »; le succès d'une représentation (*Nicomède* et une farce) donnée devant le roi (24 octobre) lui fait obtenir la **salle du Petit-Bourbon** (près du Louvre), où il joue en alternance avec les comédiens-italiens.
- 1659** (18 novembre) — Première représentation des *Précieuses ridicules* (après *Cinna*) : grand succès.
- 1660** — *Sganarelle* (mai). Molière crée, à la manière des Italiens, le personnage de *Sganarelle*, qui reparaitra, **toujours interprété par lui**, dans plusieurs comédies qui suivront. — Il reprend, son frère étant mort, la survivance de la charge paternelle (tapissier du roi) qu'il lui avait cédée en 1654.

- 1661 — Molière, qui a dû abandonner le théâtre du Petit-Bourbon (démoli pour permettre la construction de la colonnade du Louvre), s'installe au **Palais-Royal**. *Dom Garcie de Navarre*, comédie héroïque : échec. *L'École des maris* (24 juin) : succès. *Les Fâcheux* (novembre), première comédie-ballet, jouée devant le roi, chez Fouquet, au château de Vaux-le-Vicomte.
- 1662 — *Mariage* de Molière avec **Armande Béjart** (sœur ou fille de Madeleine), de vingt ans plus jeune que lui. *L'École des femmes* (26 décembre) : grand succès.
- 1663 — Querelle à propos de *L'École des femmes*. Molière répond par *la Critique de l'« École des femmes »* (1^{er} juin) et par *l'Impromptu de Versailles* (14 octobre).
- 1664 — Naissance et mort du premier enfant de Molière : Louis XIV en est le parrain. *Le Mariage forcé* (janvier), comédie-ballet. Du 8 au 13 mai, fêtes de l'« Ile enchantée » à Versailles : Molière, qui anime les divertissements, donne *la Princesse d'Élide* (8 mai) et les trois premiers actes du *Tartuffe* (12 mai) : interdiction de donner à Paris cette dernière pièce. Molière joue *la Thébaine*, de Racine.
- 1665 — *Dom Juan* (15 février) : malgré le succès, Molière, toujours critiqué par les dévots, retire sa pièce après quinze représentations. Louis XIV donne à la troupe de Molière le titre de « troupe du Roi » avec une pension de 6 000 livres (somme assez faible, puisqu'une bonne représentation au Palais-Royal rapporte, d'après le registre de La Grange, couramment 1 500 livres et que la première du *Tartuffe*, en 1669, rapportera 2 860 livres). *L'Amour médecin* (15 septembre). Brouille avec Racine, qui retire à Molière son *Alexandre* pour le donner à l'Hôtel de Bourgogne.
- 1666 — Molière, malade, cesse de jouer pendant plus de deux mois; il loue une maison à Auteuil. *Le Misanthrope* (4 juin). *Le Médecin malgré lui* (6 août), dernière pièce où apparaît Sganarelle. En décembre, fêtes du « Ballet des Muses » à Saint-Germain : *Mélicerte* (2 décembre).
- 1667 — Suite des fêtes de Saint-Germain : Molière y donne encore *la Pastorale comique* (5 janvier) et *le Sicilien ou l'Amour peintre* (14 février). *Nouvelle version du Tartuffe*, sous le titre de *l'Imposteur* (5 août) : la pièce est interdite le lendemain.
- 1668 — *Amphitryon* (13 janvier). *George Dandin* (18 juillet). *L'Avare* (9 septembre).
- 1669 — Troisième version du *Tartuffe* (5 février), enfin autorisé : immense succès. Mort du père de Molière (25 février). A Chambord, *Monsieur de Pourceaugnac* (6 octobre).
- 1670 — *Les Amants magnifiques*, comédie-ballet (30 janvier à Saint-Germain). *Le Bourgeois gentilhomme*, comédie-ballet (14 octobre à Chambord).
- 1671 — *Psyché*, tragédie-ballet avec Quinault, Corneille et Lully (17 janvier), aux Tuileries, puis au Palais-Royal, aménagé pour ce nouveau spectacle. *Les Fourberies de Scapin* (24 mai). *La Comtesse d'Escarbagnas* (2 décembre à Saint-Germain).
- 1672 — Mort de Madeleine Béjart (17 février). *Les Femmes savantes* (11 mars). Brouille avec Lully, qui a obtenu du roi le privilège de tous les spectacles avec musique et ballets.
- 1673 — *Le Malade imaginaire* (10 février). A la quatrième représentation (17 février), Molière, pris en scène d'un malaise, est transporté chez lui, rue de Richelieu, et meurt presque aussitôt. N'ayant pas renié sa vie de comédien devant un prêtre, il n'avait, selon la tradition, pas le droit d'être enseveli en terre chrétienne : après intervention du roi auprès de l'archevêque, on l'enterre sans grande cérémonie à 9 heures du soir au cimetière Saint-Joseph.

Molière avait seize ans de moins que Corneille, neuf ans de moins que La Rochefoucauld, un an de moins que La Fontaine.

Il avait un an de plus que Pascal, quatre ans de plus que M^{me} de Sévigné, cinq ans de plus que Bossuet, quatorze ans de plus que Boileau, dix-sept ans de plus que Racine.

M O L I È R E E T S O N T E M P S

	vie et œuvre de Molière	le mouvement intellectuel et artistique	les événements politiques
1622	Baptême à Paris de J.-B. Poquelin (15 janvier).	Succès dramatiques d'Alarcon, de Tirso de Molina en Espagne.	Paix de Montpellier, mettant fin à la guerre de religion en Béarn.
1639	Quitte le collège de Clermont où il a fait ses études.	Maynard : Odes. Tragi-comédies de Boisrobert et de Scudéry. Naissance de Racine.	La guerre contre l'Espagne et les Impériaux, commencée en 1635, se poursuit.
1642	Obtient sa licence en droit.	Corneille : <i>la Mort de Pompée</i> (décembre). Du Ryer : <i>Esther</i> .	Prise de Perpignan. Mort de Richelieu (4 décembre).
1643	Constitue la troupe de l'Illustre-Théâtre avec Madeleine Béjart.	Corneille : <i>le Menteur</i> . Ouverture des petites écoles de Port-Royal-des-Champs. Arrivée à Paris de Lully.	Mort de Louis XIII (14 mai). Victoire de Rocroi (19 mai). Défaite française en Aragon.
1645	Faillite de l'Illustre-Théâtre.	Rolrou : <i>Saint Genest</i> . Corneille : <i>Théodore, vierge et martyr</i> .	Victoire française de Nördlingen sur les Impériaux (3 août).
1646	Reprend place avec Madeleine Béjart dans une troupe protégée par le duc d'Épernon. Va en province.	Cyrano de Bergerac : <i>le Pédant joué</i> . Saint-Amant : <i>Poésies</i> .	Prise de Dunkerque.
1650	Prend la direction de la troupe, qui sera protégée à partir de 1653 par le prince de Conti.	Saint-Évremond : la comédie des Académistes. Mort de Descartes.	Troubles de la Fronde : victoire provisoire de Mazarin sur Condé et les princes.
1655	Représentation à Lyon de <i>l'Étourdi</i> .	Pascal se retire à Port-Royal-des-Champs (janvier). Racine entre à l'école des Granges de Port-Royal.	Négociations avec Cromwell pour obtenir l'alliance anglaise contre l'Espagne.
1658	Arrive à Paris avec sa troupe, qui devient la « troupe de Monsieur » et occupe la salle du Petit-Bourbon.	Dorimond : <i>le Festin de pierre</i> .	Victoire des Dunes sur les Espagnols. Mort d'Olivier Cromwell.
1659	Représentation triomphale des <i>Précieuses ridicules</i> .	Villiers : <i>le Festin de pierre</i> . Retour de Corneille au théâtre avec <i>Œdipe</i> .	Paix des Pyrénées : l'Espagne cède l'Artois et le Roussillon à la France.
1660	Sganarelle ou le Cocu imaginaire.	Quinault : <i>Stratonice</i> (tragédie). Bossuet prêche le carême aux Minimes.	Mariage de Louis XIV et de Marie-Thérèse. Restauration des Stuarts.
1661	S'installe au Palais-Royal. Dom Garcie de Navarre. L'École des maris. Les Fâcheux.	La Fontaine : <i>Élégie aux nymphes de Vaux</i> .	Mort de Mazarin (8 mars). Arrestation de Fouquet (5 septembre).

1662	Se marie avec Armande Béjart. L'Ecole des femmes.	Corneille : Sertorius. La Rochefoucauld : Mémoires. Mort de Pascal (19 août). Fondation de la manufacture des Gobelins.	Michel Le Tellier, Colbert et Hugues de Lionne deviennent ministres de Louis XIV.
1663	Querelle de l'Ecole des femmes. La Critique de « l'Ecole des femmes ».	Corneille : Sophonisbe. Racine : ode Sur la convalescence du Roi.	Invasion de l'Autriche par les Turcs.
1664	Le Mariage forcé. Interdiction du premier Tartuffe.	Racine : la Thébaïde ou les Frères ennemis.	Condamnation de Fouquet, après un procès de quatre ans.
1665	Dom Juan. L'Amour médecin.	La Fontaine : Contes et Nouvelles. Mort du peintre N. Poussin.	Peste de Londres.
1666	Le Misanthrope. Le Médecin malgré lui.	Boileau : Satires (I à VI). Furetière : le Roman bourgeois. Fondation de l'Académie des sciences.	Alliance franco-hollandaise contre l'Angleterre. Mort d'Anne d'Autriche. Incendie de Londres.
1667	Mélicerte. La Pastorale comique. Le Sicilien. Interdiction de la deuxième version du Tartuffe : l'Imposteur.	Corneille : Attila. Racine : Andromaque. Milton : le Paradis perdu. Naissance de Swift.	Conquête de la Flandre par les troupes françaises (guerre de Dévolution).
1668	Amphitryon. George Dandin. L'Avare.	La Fontaine : Fables (livres I à VI). Racine : les Plaideurs. Mort du peintre Nicolas Mignard.	Fin de la guerre de Dévolution : traités de Saint-Germain et d'Aix-la-Chapelle. Annexion de la Flandre.
1669	Représentation du Tartuffe. Monsieur de Pourceaugnac.	Racine : Britannicus. Th. Corneille : la Mort d'Annibal. Bossuet : Oraison funèbre d'Henriette de France.	
1670	Les Amants magnifiques. Le Bourgeois gentilhomme.	Racine : Bérénice. Corneille : Tite et Bérénice. Édition des Pensées de Pascal. Mariotte découvre la loi des gaz.	Mort de Madame. Les états de Hollande nomment Guillaume d'Orange capitaine général.
1671	Psyché. Les Fourberies de Scapin. La Comtesse d'Escarbagnas.	Débuts de la correspondance de M ^{me} de Sévigné avec M ^{me} de Grignan.	Louis XIV prépare la guerre contre la Hollande.
1672	Les Femmes savantes. Mort de Madeleine Béjart.	Racine : Bajazet. Th. Corneille : Ariane. P. Corneille : Pulchérie.	Déclaration de guerre à la Hollande. Passage du Rhin (juin).
1673	Le Malade imaginaire. Mort de Molière (17 février).	Racine : Mithridate. Séjour de Leibniz à Paris. Premier grand opéra de Lully : Cadmus et Hermione.	Conquête de la Hollande. Prise de Maestricht (29 juin).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 101

66
C 9

BIBLIOGRAPHIE SOMMAIRE

OUVRAGES GÉNÉRAUX SUR MOLIERE :

- Gustave Michaut *les Lutttes de Molière* (Paris, Hachette, 1925).
- Louis Jouvett *Molière et l'interprétation de Molière*. Deux articles dans *Conférenciâ* (1^{er} septembre 1937 et 1^{er} juin 1938).
- Daniel Mornet *Molière, l'homme et l'œuvre* (coll. « Connaissance des Lettres », Paris, Hatier, 1943).
- Antoine Adam *Histoire de la littérature française au XVII^e siècle*, tome III (Paris, Domat, 1952).
- René Bray *Molière, homme de théâtre* (Paris, Mercure de France, 1954).
- Alfred Simon *Molière par lui-même* (Paris, Éd. du Seuil, 1957).

SUR « LE TARTUFFE » :

- Constant Coquelin *Tartuffe* (Paris, Ollendorff, 1884).
- Jean Calvet *Essai sur la séparation de la religion et de la vie : I. Molière est-il chrétien ?* (Paris, Lanore, 1950).
- Louis Jouvett *Pourquoi j'ai monté « Tartuffe »*. Article dans *les Annales* (tome I, n^o 1, novembre 1950).
- Fernand Ledoux *Molière « le Tartuffe »* (collection « Mises en scène », Paris, Éd. du Seuil, 1953).
- Hermann Prins Salomon « *Tartuffe* » devant l'opinion française (Paris, P. U. F., 1963).
- Jacques Guicharnaud, *Molière, une aventure théâtrale: Tartuffe, Dom Juan, le Misanthrope* (Paris, Gallimard, 1963).

SUR LA LANGUE DE MOLIERE :

- Jean Dubois et René Lagane *Dictionnaire de la langue classique* (Paris, Belin, 1960).

LE TARTUFFE

1664-1669

NOTICE

CE QUI SE PASSAIT EN 1664

■ **EN POLITIQUE** : La politique française reste soumise à la direction de Colbert : fin du procès de Fouquet, exilé à Pignerol. Fondation de la Compagnie française des Indes orientales, pour l'exploitation de l'île Dauphine (Madagascar) et d'autres territoires d'outre-mer. Traité de Pise : Louis XIV rend le comtat Venaissin au pape, mais Alexandre VII promet de présenter ses excuses au roi, à la suite de l'incident entre la garde pontificale et le duc de Créqui; son neveu, le cardinal Chigi, se rend à Paris comme légat, pour s'acquitter de cette mission. Nouvelles persécutions contre les jansénistes.

■ **EN LITTÉRATURE** : Boileau écrit la Satire II (« A Molière ») et la Satire IV (« les Folies humaines »). Bossuet prêche à Paris. La Fontaine publie un premier recueil de Nouvelles en vers. — Au théâtre : représentation d'Othon, de Corneille. Racine, après la publication de sa Renommée aux Muses, fait ses débuts avec la Thébàïde, jouée chez Molière.

■ **DANS LES SCIENCES ET DANS LES ARTS** : Fondation de l'Académie de peinture. Le roi ordonne des agrandissements à Versailles et la colonnade qui doit achever le Louvre. Démolition de la tour de Nesle.

CE QUI SE PASSAIT EN 1669

■ **EN POLITIQUE** : « Paix de l'Église ». Les jansénistes signent le formulaire de la foi. Bourdaloue vient à Paris.

■ **EN LITTÉRATURE** : Boileau publie les Satires VIII et IX, le Discours sur la Satire et l'Épître I; Boursault, la Satire des Satires. La Fontaine fait paraître les Amours de Psyché et de Cupidon. Carême de Bossuet, qui fait également l'Oraison funèbre d'Henriette de France (16 novembre); publication des Lettres à la religieuse portugaise. — Au théâtre : Britannicus, de Racine (13 décembre), la Mort d'Annibal, de Thomas Corneille, Monsieur de Pourceaugnac, de Molière (7 octobre).

■ **DANS LES SCIENCES ET DANS LES ARTS**. En France : Perrin obtient un privilège pour la fondation de l'Académie royale de musique. L'astronome Cassini, appelé par Colbert, quitte Bologne pour venir diriger l'Observatoire de Paris. Pierre Puget, venu de Gênes sur la demande de Colbert, décore, pour le duc de Beaufort, le vaisseau commandant le Magnifique. A l'étranger : Newton est nommé professeur à Cambridge. Rembrandt meurt à Amsterdam, le 8 octobre.

62
e

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 103 b6 LEVBLE

LES TROIS « TARTUFFE » 1664-1667-1669

En avril 1664, à la nouvelle que Molière se préparait à « jouer les dévots », les membres de la Compagnie du Saint-Sacrement, réunis chez le marquis de Laval, parlèrent beaucoup d'« obtenir la suppression de la méchante comédie de *Tartuffe* ». (Cette indication fut donnée plus tard par l'un des assistants, Voyer d'Argenson.) Le 12 mai, avant-dernier jour de la fête consacrée à Versailles aux *Plaisirs de l'île enchantée*, Molière fit jouer devant Louis XIV son *Tartuffe*, inachevé. Après cette représentation, la pièce fut interdite; elle ne parut ni sur scène ni en librairie. C'est pourquoi nous n'en connaissons à peu près rien. Les chroniqueurs n'en disent rien de précis; seul le témoignage de La Grange, comédien de Molière, marque qu'il s'agissait des trois premiers actes de la comédie. Le 4 août, Molière la lut à Fontainebleau, devant le légat du pape, Chigi, qui l'approuva. Mais, en ce même mois d'août, le curé de Saint-Barthélemy, Pierre Roullé, publia à propos de la pièce un pamphlet d'une violence extrême : *le Roi glorieux au monde ou Louis XIV le plus glorieux des rois du monde*. Le souverain marqua son mécontentement devant l'outrance du libelle où il était dit de Molière : « Un homme ou plutôt un démon, vêtu de chair et habillé en homme, et le plus signalé impie et libertin qui fut jamais dans les siècles passés. [...] Il mérite par cet attentat sacrilège et impie un dernier supplice exemplaire et public et le feu même avant-coureur de celui de l'enfer, pour expier un crime si grief de lèse-majesté divine. »

Molière, dans son premier *Placet au roi*, s'éleva contre l'injuste virulence de ce factum : « Ma comédie, sans l'avoir vue, est diabolique », écrivait-il très justement (31 août 1664). Mais l'écrivain dut se contenter de donner des représentations privées : chez Monsieur, frère du roi, à Villers-Cotterêts (le 25 septembre); devant la princesse Palatine, sur l'ordre de Condé, au Raincy (le 29 novembre 1664, puis le 8 octobre 1665).

Le 5 août 1667, Molière se hasarda à jouer au Palais-Royal une nouvelle version de sa pièce : *Panulfe ou l'Imposteur*. Le roi, avant de partir pour la Flandre, aurait donné son autorisation (dont aucune trace écrite ne subsiste). De son côté, Molière aurait apporté des adoucissements à la pièce. Ce fut un grand triomphe, les recettes furent énormes; mais, le lendemain, le premier président du Parlement, Lamoignon, responsable de la police en l'absence du roi, interdit toute nouvelle représentation, en termes mesurés d'ailleurs : « Monsieur, je fais beaucoup de cas de votre mérite; je sais que vous êtes non seulement un acteur excellent, mais encore un très habile homme qui faites honneur à votre profession et à la France. Cependant, avec toute la bonne volonté que j'ai pour vous, je ne saurais vous permettre de jouer votre comédie. Je suis persuadé qu'elle est fort belle et fort instructive; mais il ne convient pas à des comédiens d'instruire

les hommes sur les matières de la morale chrétienne et de la religion : ce n'est pas au théâtre à se mêler de prêcher l'Evangile¹. » La Grange et La Thorillière présentèrent au roi, devant Lille, un deuxième *Placet*, pathétique : Louis XIV ne reçut pas les comédiens mais leur fit transmettre une promesse assez vague. Le 11 août, Hardouin de Péréfixe, ancien précepteur du roi, archevêque de Paris, publia une ordonnance faisant « très expresse inhibition et défense à toutes les personnes de [son] diocèse de représenter, lire ou entendre réciter la susdite comédie, soit publiquement, soit en particulier [...] et ce, sous peine d'excommunication ».

Le texte de cette deuxième version ne nous est pas non plus parvenu, mais nous pouvons nous l'imaginer dans ses grandes lignes par les allusions qu'y fit Molière dans le deuxième *Placet* et surtout par la *Lettre sur la comédie de « l'Imposteur »*, signée « C », peut-être inspirée par Molière et relatant en détail le spectacle présenté le 5 août 1667. L'écrivain, découragé un moment, laissa les portes de son théâtre fermées du 6 août au 26 septembre. Malgré l'interdiction de l'archevêque, à moins qu'elle n'ait été spécialement levée, deux représentations privées eurent lieu en 1668 : en mars, à l'hôtel de Condé, et le 20 septembre, à Chantilly, chez le prince de Condé. Le 5 février 1669, Molière reçut enfin du roi l'autorisation de jouer la pièce, qui reprit son titre initial. Auparavant, Louis XIV avait demandé à Colbert de consulter Etienne Balue, théologien en Sorbonne, sur la validité de l'ordonnance lancée par l'archevêque de Paris. La réponse fut apaisante. Le succès triomphal, dont le troisième *Placet* se fait l'écho, est attesté par le chiffre de 55 représentations dans l'année, dont 28 consécutives, rapportant plus de 5 000 livres. Une première édition, assortie d'une préface, parut en mars 1669, suivie en juin d'une seconde, à laquelle les trois *Placets* étaient ajoutés. Le *Tartuffe* est, de toutes les pièces du théâtre classique, celle qui a été le plus jouée : 2 762 représentations à la Comédie-Française de 1680 à 1967.

ANALYSE DE LA PIÈCE

(Les scènes principales sont indiquées entre parenthèses.)

■ ACTE PREMIER. Débats autour de *Tartuffe*.

Au lever du rideau, M^{me} Pernelle, la vieille mère d'Orgon, riche bourgeois, décoche à sa bru, Elmire, et à ses petits-enfants, Mariane et Damis, nés d'un premier mariage d'Orgon — soutenus par la servante Dorine et par Cléante, frère d'Elmire —, des reproches virulents et abrupts. Elle oppose à leurs « dérèglements » l'éloge de Tartuffe, étrange personnage d'une dévotion tapageuse et tracassière, qui se dit gentilhomme provincial ruiné; Orgon l'a rencontré

1. La querelle du théâtre vient de se rallumer : en 1666 paraissent la première *Visionnaire* de Nicole et le *Traité de la Comédie* de Conti; en 1667, Nicole fait rééditer un *Traité de la Comédie* publié en 1659.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 105

à l'église et, poussé par une admiration illimitée qu'il ne partage qu'avec M^{me} Pernelle, l'a recueilli en lui confiant le soin de « tout contrôler » (scène première). Nous apprenons aussi que Mariane est fiancée à Valère, qu'elle aime, mais on soupçonne Tartuffe de chercher à détourner son hôte de ce mariage. Le maître de maison, absent depuis deux jours, s'informe à son retour des événements survenus pendant son voyage; il s'impatiente de la relation que lui fait Dorine sur la maladie d'Elmire pour s'extasier sur la solide santé de Tartuffe (scène IV). Cléante, son beau-frère, s'efforce vainement de lui montrer que la vraie dévotion, plus discrète, n'est pas le fait de Tartuffe et intercède en faveur de Valère, sans succès : Orgon évasif, songe à un autre parti pour Mariane (scène V).

■ ACTE II. La révolte de Dorine.

Orgon propose brutalement à Mariane d'épouser Tartuffe. Devant la répugnance effrayée de sa fille, il se durcit, lorsque surgit Dorine; celle-ci, indignée du silence de la jeune fille, tente de combattre ce dessein absurde; devant l'obstination de son maître, elle lutte pied à pied; la scène se termine en farce, Dorine interrompant sans cesse Orgon, qui ne parvient pas à lui donner le soufflet dont il l'a menacée (scène II). Seule avec Mariane, elle l'incite sans succès à la résistance, puis lui fait un tableau comique de la vie qu'elle mènera, si elle épouse Tartuffe. La jeune fille s'abandonne aux directives de la servante (scène III). Survient Valère, dont la brusquerie suscite, avec Mariane, une scène de dépit amoureux que Dorine, témoin muet jusque-là, termine en proposant son plan : faire agir Elmire, que Tartuffe est susceptible d'écouter volontiers.

■ ACTE III. L'échec du complot.

Pendant l'entracte, Dorine a commencé la mise en œuvre de son complot. Elle tente en vain de tenir le fougueux Damis à l'écart et doit le cacher à la hâte quand Tartuffe fait son entrée : à ses hypocrites reproches sur la toilette qu'elle porte, Dorine répond de façon très directe et arrête la retraite qu'amorçait Tartuffe en lui annonçant qu'Elmire veut le voir (scène II). Seul avec celle-ci, Tartuffe lui avoue sa passion que la jeune femme s'apprête à utiliser pour sauver Mariane, quand apparaît Damis, qui a tout entendu et qui, en dépit d'Elmire, va maladroitement prévenir son père (scène III). L'imposteur se excuse aux yeux d'Orgon, qui chasse son fils, annonce que « dès ce soir » Tartuffe sera son gendre et va « de ce pas » lui faire une donation entière de ses biens (scène VI).

■ ACTE IV. Le piège d'Elmire.

Devant la gravité de la situation, Cléante, mandé sans doute par Elmire, discute avec Tartuffe, mais sans parvenir à autre chose qu'à démasquer son ambition sans scrupules et son hypocrisie.

Après le départ de l'imposteur, la scène réunit à nouveau toute la famille — à l'exception de M^{me} Pernelle — autour d'Orgon pour le supplier de revenir sur sa décision; mais, raidi contre tout sentiment d'humanité, Orgon annonce son décret de donner Mariane à Tartuffe (scène III). Elmire finit par convaincre son mari d'assister à un second entretien où elle laissera l'imposteur donner libre cours à sa passion : Orgon, caché sous une table, entend effectivement l'ardente déclaration de Tartuffe, qu'Elmire interrompt à temps (scène V). Orgon, enfin désabusé, veut chasser l'hypocrite qui, impuissant à berner une nouvelle fois sa dupe, redresse la tête : par la donation (faite pendant l'entracte), il est maître de la maison; il lance en outre des menaces qui amènent Orgon à s'inquiéter d'une cassette qu'il avait confiée au traître (scène VII).

■ ACTE V. Le traître enfin démasqué.

Orgon s'est précipité dans la chambre de Tartuffe pour vérifier la disparition de l'hypocrite et de la cassette. Il explique l'histoire de celle-ci : avant de partir en exil, Argas, un de ses amis qui avait participé à la Fronde, lui a confié des papiers compromettants. Mis au courant par son hôte, Tartuffe, en tant que directeur de conscience, s'est fait remettre les documents : ainsi Orgon pourrait jurer qu'il n'en est pas détenteur. Orgon ne peut convaincre sa mère de l'hypocrisie criminelle du faux dévot (scène III); cet intermède comique est interrompu par l'arrivée d'un huissier, venu signifier un ordre d'expulsion (scène IV). Valère suryient, proposant à Orgon de fuir : Tartuffe a livré au roi la cassette. Le traître en personne, flanqué d'un exempt, vient assister à l'arrestation de son bienfaiteur lorsqu'un coup de théâtre retourne la situation : en fait, c'est Tartuffe qu'on arrête; le roi a reconnu dans l'imposteur un dangereux escroc recherché par la police; Orgon, pardonné pour le recel de la cassette, rentre en possession de ses biens et court se jeter aux pieds du roi en signe de reconnaissance; Mariane épousera Valère (scène VII).

LE PARTI DES DÉVOTS ET « TARTUFFE »

Alors que la politique religieuse de Louis XIV se heurtait à la résistance janséniste, le roi devait tenir compte aussi de l'influence exercée par le « parti dévot » qui s'était formé sous Louis XIII. Peu favorables à l'indépendance que Louis XIV prétendait garder à l'égard du pape¹, les dévôts n'approuvaient guère non plus la vie privée du roi, à qui ils opposaient l'exemple donné par son père.

Une partie de ces dévôts était affiliée à la Compagnie du Saint-Sacrement, fondée en 1627 et groupant des laïcs et des religieux, dont certains de haut rang : Conti, ancien protecteur des débuts

1. Après l'affront fait par la garde pontificale à Créqui, ambassadeur de France (1662), Louis XIV avait envahi le comtat Venaissin. Le légat Chigi présenta les excuses du Saint-Siège (1664).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 107

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 108

de Molière, Péréfixe, Lamoignon, le comte d'Albon, le comte de Brancas, le marquis de Fénelon. Ce parti était appuyé par la reine mère. Les buts de la Compagnie étaient très généraux et pouvaient se prêter à des interprétations diverses : elle se proposait le soulagement des misères — dont saint Vincent de Paul avait donné l'exemple —, aussi bien que la surveillance des mœurs, qui donna lieu à de notoires excès. Des scandales, allant jusqu'à la séquestration illégale des personnes, eurent lieu en Normandie et à Bordeaux en 1658, à Paris en 1660. D'autres groupements, moins importants, étaient en relation avec la Compagnie, qui les dirigeait. Une « cabale des dévots », formée de membres de ces associations, se couvrait de celles-ci pour mener au succès une œuvre plus nettement policière encore. Richelieu, puis Mazarin, pour des raisons de politique extérieure, luttèrent contre la Compagnie; puis, après 1660, Louis XIV poursuivit dans le même sens, probablement encouragé par Colbert, qui, dans sa correspondance, notait amèrement que « les dévots de la cabale [...] n'ont pas accoutumé d'être favorables aux intentions du roi ».

Molière avait déjà eu des difficultés, bien qu'indirectement, avec la Compagnie : en 1643, un de ses membres les plus actifs, Olier, curé de Saint-Sulpice, avait lutté contre l'« Illustre-Théâtre », installé dans sa paroisse; Pavillon, évêque d'Alet, avait, en 1655, converti le protecteur de Molière, le prince de Conti. Dans la querelle de l'École des femmes (1662-1663), Molière avait été dénoncé comme un impie bon pour le bûcher — avant-goût du pamphlet de Roullé — : on l'avait accusé d'avoir parodié dans ses *Maximes du mariage* (acte III, scène II) les Dix Commandements. *Dom Juan*, représenté en 1665, en pleine crise du *Tartuffe*, donna aux dévots un nouveau prétexte à dénoncer l'irrégion de Molière¹; et la pièce fut retirée après quinze représentations. Le prince de Conti écrivait : « Après avoir fait dire toutes les impiétés les plus horribles à un athée qui a beaucoup d'esprit, l'auteur confie la cause de Dieu à un valet à qui il fait dire, pour Le soutenir, toutes les impertinences du monde. » Il est vrai que Molière lançait au cinquième acte un véritable défi à ceux qui s'étaient acharnés à interdire son premier *Tartuffe*. Le *Misanthrope* même (1666) contient un écho assourdi de la colère de Molière contre les dévots : dans la scène première de l'acte premier, Alceste lance toute une tirade contre l'hypocrisie et « le franc scélérat contre qui [il a] procès »; quant à la « prude Arsinoé », elle cache sous les dehors de la dévotion une âme assez noire.

Anne d'Autriche morte en 1666 et la Compagnie dissoute officiellement depuis la même date, Molière avait en 1669 triomphé, avec l'appui du roi, de l'interdiction des dévots. Il restait à affronter

1. Voir, en particulier, *Dom Juan*, acte I, scène II; acte III, scène I; acte V scène I; acte II et scène III.

leurs critiques. Le personnage même de Tartuffe présente plus d'un trait qui coïncide avec l'attitude dévote. Comme eux, il se livre à des activités charitables (v. 855-856). On peut rapprocher ses façons d'agir chez Orgon d'une lettre datée du 28 septembre 1660, où Guy Patin parle ainsi des gens de la Compagnie : « Ils mettaient le nez dans le gouvernement des grandes maisons, ils avertissaient les maris de quelques débauches¹ de leur femme. » Par ailleurs, le curé de Saint-Maclou, à Rouen, P. Dufour, leur reproche de « suggérer des testaments, de dispenser les aumônes des autres », ce qui est corroboré par une communication de la Compagnie de Paris à celle de Marseille : « Mais quand Dieu inspirera à quelqu'un le désir de se servir de la Compagnie pour exécuter ses pieuses intentions, et pour faire la distribution des legs, charités, dons et aumônes, il pourra choisir pour cet effet deux ou trois personnes de la Compagnie comme particuliers qui seront néanmoins approuvés d'elle. »

Or sur quoi porte l'essentiel des reproches faits alors à Molière ? On estimait, en général, « malséants » les procédés employés pour parodier l'austérité. Les attaques contre la direction de conscience, très répandue alors, choquaient. Dans la scène II de l'acte III, Molière abordait un des thèmes les plus familiers à l'Eglise du temps : l'immodestie des toilettes. En fait, ces critiques sont d'ordre général : on accusait Molière d'avoir joué la religion, mais non la Compagnie du Saint-Sacrement en particulier. On pourrait penser que l'écrivain ne visait pas celle-ci précisément ; mais il devient alors difficile d'expliquer la raison des attitudes de Tartuffe, qui sont le fondement même de la pièce : direction policière de la maison d'Orgon, captation d'héritage par le biais de la donation acceptée. Les autres traits généralement critiqués restent secondaires et forment les nuances qui donnent le « fini » au caractère du personnage. En fait, la Compagnie tenait à éviter toute publicité dans une affaire aussi délicate que celle du *Tartuffe* : secrète au départ, elle avait été démasquée, en 1660, à la suite d'excès commis publiquement en Normandie par certains de ses membres. Cela expliquerait que, dans son *Traité de la comédie*, paru en 1666, le prince de Conti, sur le conseil de la Compagnie, soit resté muet sur le *Tartuffe* alors qu'il avait attaqué *Don Juan* avec énergie. En revanche, on peut imaginer que la Compagnie du Saint-Sacrement eut intérêt à répandre le bruit que le *Tartuffe* visait la religion et l'Eglise.

LE SENS DU « TARTUFFE »

S'il est difficile de préciser les intentions de Molière, on peut néanmoins tenter de dégager le sens et la portée de la pièce. L'auteur, tout d'abord, rattache, dans le premier Placet, le *Tartuffe* à l'ensemble

1. *Débauches* : le mot n'avait pas alors la même force qu'aujourd'hui, et pouvait même, selon Furetière, « être pris en bonne part ».

de sa production, en même temps qu'à la tradition : le théâtre doit, par le rire, corriger les vices; de même qu'il y a des misanthropes, il y a des hypocrites; « si l'emploi de la comédie est de corriger les vices des hommes, je ne vois pas par quelle raison il y en aura de privilégiés », ajoute-t-il dans sa Préface (1669). Mais l'hypocrisie de Tartuffe se cache derrière le voile de la religion, ce qui pose la question, soulevée dès 1664 : Molière n'attaque-t-il pas la vraie dévotion sous couleur de dénoncer la fausse? Penser qu'il fut athée est à la fois extrême et gratuit : rien ne le prouve, et la mentalité du XVII^e siècle n'aurait pas permis à Molière d'afficher une telle attitude. Quelle importance attacher à Cléante? L'auteur, dans la Préface, précise que Tartuffe est un « méchant homme », Cléante le « véritable homme de bien que je lui oppose ». Le frère d'Elmire, en face d'Orgon ou de Tartuffe, propose des modèles, des arguments en faveur d'une religion tournée plutôt d'ailleurs vers la bienfaisance lucide que vers la tension ascétique. Plus que le détachement absolu du mystique ou du saint, il prône l'application quotidienne de vertus plus accessibles : charité, pardon, humilité. Sans doute pense-t-il que l'effort vers une perfection individuelle et absolue requiert une âme d'élite; Orgon, moins encore que le « spectateur moyen », n'est capable, sans déséquilibre dangereux, d'une telle attitude. Quant aux pratiques extérieures, si Cléante, comme Valère, va à l'église, c'est avec discrétion, pour prier et non pour être vu. « Il est certain, écrit l'auteur anonyme de la *Lettre sur la comédie de « l'Imposteur »*, que la religion n'est que la perfection de la raison, du moins pour la morale, qu'elle la purifie, qu'elle l'élève. » Comme dans la majorité de ses autres grandes pièces, Molière a mis ici un personnage qui symbolise l'équilibre entre les aspirations élevées et la vie sociale. Cependant, rien ne prouve que Cléante soit ici le porte-parole de l'auteur. De plus, la polémique occasionnée par la pièce et donc la nécessité impérieuse d'une certaine prudence peuvent avoir donné à ce rôle une importance qu'en réalité il n'a pas : l'écrivain avait besoin de montrer la pureté de ses intentions en proposant un modèle positif qui équilibre sa critique de Tartuffe et d'Orgon. Il est possible également d'imaginer chez Molière une dualité entre la tentation d'absolu, représentée par la fascination qu'exerce un certain ascétisme sur Orgon, et la nécessité d'une « religion aimable » et sociable que prêche son beau-frère; on peut en rapprocher un dédoublement équivalent, sur un autre thème, entre Alceste et Philinte dans le *Misanthrope*.

SOURCES DU « TARTUFFE »

Il est possible de proposer une longue suite d'ouvrages antérieurs qui présentent des traits communs avec la comédie de Molière. La tâche est ici d'autant plus facile que le thème choisi par Molière n'est pas original : il ne manque pas d'hypocrites dans la littérature

avant Molière. Pour le *Tartuffe*, on a cité, comme sources littéraires, un roman : *les Amours d'Aristandre et de Cléonice* (1624), d'Audi-guiér; une pièce de théâtre : *Arbiran*, d'Ouville; et une nouvelle : *les Hypocrites* (dans les *Nouvelles tragi-comiques*), de Scarron (1655), que l'on rapproche de la scène VI de l'acte III. Enfin la dévote hypo-crite dépeinte par Mathurin Régnier dans sa *Satire XIII*, Macette, a pu aussi inspirer certains traits de *Tartuffe*. Molière a-t-il eu connais-sance de certains de ces ouvrages? S'en est-il inspiré? C'est pos-sible; on peut, à ce propos, signaler que le héros de Scarron était un certain Montufar, dont le nom n'est pas sans analogie avec celui de *Tartuffe*. Mais aucune de ces sources possibles n'a suffi-samment d'importance pour justifier une comparaison suivie : Molière a ici presque tout inventé.

L'ACTION DANS « LE TARTUFFE »

Le *Tartuffe*, que l'on s'accorde généralement à compter parmi les chefs-d'œuvre de Molière, n'a pourtant pas manqué d'être criti-qué. L'action, dit-on, languit jusqu'au troisième acte, où appa-raît enfin le personnage principal. Le premier acte, en effet, ne fait qu'exposer la situation; il ne s'y passe encore rien; seule, l'inquié-tude naît, à la dernière scène, des réponses évasives d'Orgon à son beau-frère. Le deuxième acte est parfaitement vide : quatre scènes, dont une longue et inutile scène de dépit amoureux, tournent autour du projet insensé d'Orgon d'unir Mariane à *Tartuffe*. On a mis ces défauts au compte des remaniements successifs que Molière a fait subir à sa pièce : se fondant sur le fait que le premier *Tartuffe* ne comportait que trois actes, certains critiques en ont déduit que, pour atteindre aux cinq actes de la « grande comédie », Molière a dû ajouter le personnage de Cléante, étirer l'exposition et dis-penser parcimonieusement les incidents au deuxième acte pour ne pas affaiblir les actes suivants. Cette hypothèse n'a rien d'invrai-semblable, encore qu'elle soit gratuite, puisque nous ignorons totalement le premier état de la pièce. L'on a reproché aussi, dès le XVII^e siècle, l'invraisemblance du dénouement, qui fait inter-venir l'histoire de la cassette, mal rattachée à l'ensemble de l'in-trigue; de fait, cet épisode est contradictoire avec l'attitude d'Orgon pendant la Fronde : comment en effet accorder son loyalisme avec ce recel et cette complicité avec un ennemi du roi? De plus, le rôle de l'exempt sent le procédé : d'un coup le souverain aurait à la fois reconnu en *Tartuffe* un dangereux individu, retrouvé le souvenir de la conduite d'Orgon pendant la Fronde et conçu cette heureuse intervention *in extremis*. Cependant, il est possible d'apporter quelques réponses à ces objections.

Montrer un épisode décisif de la carrière de *Tartuffe* et les consé-quences de sa présence dans une famille bourgeoise, tel est le dessein général de l'œuvre. Orgon, ayant assuré sa fortune maté-rielle, s'est inquiété de son avenir spirituel. *Tartuffe*, par sa direc-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, 8. J12

tion méticuleuse, évite à son hôte toute inquiétude; celui-ci se remet entièrement à ses leçons pour son salut. D'autre part, l'autorité d'Orgon chez lui ne semble jamais avoir été bien grande : Tartuffe la garantit et la protège; en défendant celui-ci, Orgon prétend défendre la religion et par là met ses contradicteurs en posture fâcheuse. Quant à l'hypocrite lui-même, son amour pour Elmire n'a rien d'une nécessité dramatique. Mais, pour l'histoire du personnage, c'est l'incident qui causera, en une seule journée, la ruine d'une carrière déjà longue et jusqu'alors réussie. Le *Tartuffe* est l'histoire de la chute de l'imposteur. Dans cette perspective, les deux premiers actes prennent un plus grand intérêt. Le premier acte cherche à faire prendre au spectateur position contre Tartuffe : M^{me} Pernelle le porte au pinacle devant un groupe de personnages sympathiques qui lui sont hostiles; l'admiration hébétée d'Orgon, combattue en vain par Cléante, nous confirme dans notre position. Le deuxième acte révèle un danger immédiat; le révoltant projet d'Orgon de donner Mariane à Tartuffe, tout en amenant l'intrigue dans les voies traditionnelles (un mariage contrarié par la volonté des parents), suscite une résistance accrue : Orgon se heurte au ferme bon sens de Dorine; avec elle, nous nous irritons de la résignation de Mariane, capable d'amener les pires conséquences; mais ces chocs successifs sur la sensibilité de la jeune fille se traduisent dans son attitude vis-à-vis de Valère, lui aussi trop inquiet pour conserver un sang-froid absolu : la scène du dépit amoureux prend donc un autre sens.

L'entrée tardive de Tartuffe prend alors toute sa valeur dramatique : on a attendu pendant deux actes le personnage qui soulève tant de querelles; dès qu'il apparaît (acte III, scène II), on comprend au premier coup d'œil à qui on a affaire, mais on sait aussi qu'un piège est tendu contre lui; dès la scène suivante (acte III, scène IV), le mécanisme du complot ourdi contre l'hypocrite commence à se développer; dès lors, l'action se trouve liée par un enchaînement solide. On passe par des moments d'inquiétude ou d'espoir selon que Tartuffe ou ses adversaires semblent l'emporter. Si l'épisode de la cassette, au début de l'acte V, est peu vraisemblable en lui-même, du moins crée-t-il un nouveau rebondissement, qui mène Tartuffe tout près de la victoire, alors qu'il semblait perdu. Quant au dénouement, il est moins miraculeux que les dénouements par reconnaissance de *l'École des femmes* ou de *l'Avare*. Sans doute Molière profite de cette scène pour prodiguer à Louis XIV les marques de sa gratitude. Mais, pour le spectateur moderne, ce « roi » prend une valeur symbolique : Tartuffe, qui se croit toujours plus fort que tout le monde, veut jouer au plus fin avec la police elle-même en dénonçant Orgon; mais l'escroc, déjà recherché pour ses méfaits antérieurs, est reconnu et arrêté. Quant à Orgon, il peut bien être amnistié pour avoir eu, plus de dix ans auparavant, quelque sympathie pour un frondeur.

LES CARACTÈRES DANS « LE TARTUFFE »

Dorine esquisse rapidement un portrait physique de Tartuffe : « Gros et gras, le teint frais et la bouche vermeille » (v. 234). En juxtaposant cette indication et le premier vers que le personnage prononce en entrant en scène : « Laurent, serrez ma haine avec ma discipline » (v. 853), l'on met en évidence la contradiction essentielle de son caractère. Cette opposition fondamentale entre les instincts profonds de Tartuffe et son attitude apparente était sans doute nécessaire; il faut bien qu'il se trahisse de quelque façon pour que le spectateur sache qu'il a devant lui un hypocrite. Molière a su, avec une géniale habileté, se soumettre à la nécessité du grossissement dramatique, tout en maintenant à son personnage sa vérité humaine. En effet, la sensualité de Tartuffe se révèle aussi bien dans son attitude à l'égard d'Elmire, au début de la scène III de l'acte III, que dans sa gourmandise. Est-il conscient après coup des erreurs de tactique auxquelles l'entraîne ainsi son tempérament? Peut-être; mais cet ambitieux rusé et tenace n'abandonne pas la partie : il se sait intelligent, se croit plus fort que tout le monde, et la facilité avec laquelle il manœuvre Orgon n'a fait qu'accroître son assurance. Celui-ci est l'éternelle dupe de ses simagrées. Mais lorsque Tartuffe exprime à Elmire en termes mystiques un amour tout humain (acte III, scène III), lorsqu'il recourt à la casuistique (acte IV, scène V) pour venir à bout des derniers scrupules d'Elmire, on peut se demander s'il se contente de jouer, non sans dilettantisme, son rôle de séducteur tout en conservant son masque de dévot; on a l'impression que, poussé par un désir irrésistible vers Elmire, il reste réellement prisonnier du langage et de l'attitude auxquels il a soumis son personnage; son masque lui est-il devenu si familier qu'il finit lui-même par en être dupe? Une telle interprétation dépasse peut-être l'intention de Molière; du moins prouve-t-elle la richesse et la complexité d'un caractère auquel chaque époque trouve son actualité. Escroc de profession, habile à exploiter la piété de ses dupes pour se ménager une existence confortable, Tartuffe dépasse aussi par sa signification la réalité sociale que lui avait donnée Molière; on peut y voir un raté qui prend sa revanche sur une société où il n'a pas su se faire une place. Il est plus généralement le modèle de tous ceux qui dissimulent, sous des allures moralisatrices, la gloutonnerie cynique de leurs appétits.

Orgon a un passé que Molière esquisse : il fut un « homme sage »; « il montra du courage ». S'il conserva la cassette d'Argas, c'est qu'il estimait probablement les devoirs de l'amitié comme supérieurs à ceux de l'obéissance aux lois. Or le personnage est devenu tout autre depuis qu'il a rencontré Tartuffe. Il est absolument fanatisé : il ne peut se contrôler lorsque Tartuffe est en jeu. Il est capable des pires cruautés : envers Mariane, pour honorer Tartuffe, envers Damis, pour le venger. Cléante, Dorine, quiconque ose critiquer le « dévot personnage » le met dans des colères aveugles. Elmire

a bien de la peine à triompher de son incrédulité parce qu'ici encore Tartuffe est mis en cause. Cette sorte de folie à caractère obsessionnel donne l'impulsion à tous ses excès : entêtement borné, sottise naïve, assurance imperturbable pour nier les évidences les plus claires. Sans doute portait-il le germe de toutes ces outrances dans son caractère, mais son obsession de la dévotion, fixée par Tartuffe, a mis au jour ces mouvements d'un tempérament impulsif et leur a donné libre cours. A l'acte V, enfin désabusé, incapable d'agir, il se sent dépassé par ce qui arrive. Dérisoire et parfois odieux, Orgon prend place parmi les pères de comédie, dont la faiblesse de caractère est aussi dangereuse pour leur entourage que le pire des vices.

A ces deux personnages, Molière a opposé **Elmire** et **Cléante**. Frère et sœur, ils ont bien des points communs. Tout d'abord, un même équilibre général. Leur sagesse discrète les porte à condamner la pruderie sauvage (v. 1330-1336) et la dévotion tapageuse (v. 323-345). Leur premier soin est de vivre « innocemment », comme le dit Cléante. Leur bonté se marque dans la constance avec laquelle Elmire prend la défense de Damis et de Mariane et dans les sages décisions que propose Cléante à point nommé. L'un et l'autre sont probablement plus portés à faire le bien qu'à juger les actions d'autrui. Elmire, en outre, apprécie le calme d'un foyer dont Tartuffe menace l'harmonie. C'est, d'autre part, une femme du monde accomplie : pleine de tact et d'adresse, sûre d'elle-même et confiante dans son innocence, elle peut se permettre une épreuve aussi périlleuse que le second entretien avec Tartuffe. Elle sait aussi user d'une douce fermeté avec Orgon (acte IV, scène III) et Damis (acte III, scène IV).

Damis et **Mariane** sont bien les enfants d'Orgon. Damis, franc mais encore bien naïf, se laisse guider par la révolte généreuse que suscite en lui la présence de Tartuffe. Il est emporté comme son père, souvent maladroit et batailleur. A Mariane, le qualificatif de *doucette* (v. 22) ne convient qu'en apparence. Si elle est soumise, elle n'est pas exempte, elle non plus, d'entêtement. Elle se met en colère contre Valère (acte II, scène IV). Cependant, il y a en elle une sensibilité et un charme que le peu d'importance de son rôle ne doit pas faire négliger. Son désespoir est touchant, même si nous désirions lui voir plus de fermeté.

Valère est un jeune homme amoureux qui s'harmonise bien avec Mariane. Il se montre généreux et désintéressé, profondément attaché déjà à la famille d'Orgon (acte V, scène VI).

M^{me} Pernelle, « c'est une vieille dame, insupportable, fêtue, rageuse, de bonne bourgeoisie française. Elle a vu Henri IV, le grand Cardinal, les Frondes, François de Sales. On ne lui en conte point. Elle a savouré le supplice de Ravillac; « elle est dure à moudre » écrivait Robert Kemp. Elle a gardé l'austérité rigide d'un passé qu'elle vénère; mais elle en conserve aussi un langage

à la fois pittoresque et très vert. Enfin peut-être se sent-elle un peu dépassée, sinon rabaissée par l'aisance, le caractère mondain d'Elmire et de Cléante, dont le milieu social est nettement supérieur au sien et à celui de son fils.

Dorine est une servante pleine de bon sens et dévouée à ses maîtres; elle aide activement les jeunes amoureux en détresse. Ce rôle prend toutefois ici un relief particulier. Non seulement Molière a, comme ailleurs, « actualisé » ce personnage de la domestique au franc-parler, ce qui peut paraître naturel dans un milieu bourgeois où les serviteurs font un peu partie de la famille, mais il a confié à Dorine une tâche bien délicate : lutter contre un adversaire particulièrement subtil. Or la finesse de Dorine (v. 84, 836-837) a découvert le point faible de Tartuffe; c'est elle qui sera l'animatrice du complot contre l'escroc (voir l'importance de son rôle à l'acte II). D'autre part, son bon sens paysan trouve, en face d'Orgon (v. 552) aussi bien que de Tartuffe (v. 863-868), la réplique qui cloue son interlocuteur.

M. Loyal est un personnage inquiétant; fuyant, passant de la flatterie douceuse à la menace cynique, il paraît prendre à exercer ses fonctions d'huissier une délectation perverse. Sa présence révèle (comme le laissait déjà supposer l'existence de Laurent, « garçon » de Tartuffe) qu'il existe, dans tous les rangs de la société, un réseau de « Tartuffes », toujours prêts à se soutenir mutuellement contre les honnêtes gens.

LE COMIQUE

Rit-on au *Tartuffe*? Nul doute qu'en 1669 la réponse fut positive. Aucun commentaire ne fait acte d'une interprétation divergente. On rencontre dans le *Tartuffe* des éléments comiques allant du sourire à la farce. On peut rattacher à celle-ci quelques détails : soufflets donnés à Flipote et promis à Dorine, coups de bâton dont Orgon menace Damis. Le rôle de M^{me} Pernelle, joué à l'origine par un homme, appartient lui aussi à la farce. Les situations peuvent déclencher le rire : au niveau de la farce lorsque M^{me} Pernelle interrompt chacun pour lui dire son fait (acte I, scène I), ou quand Dorine coupe systématiquement la parole à son maître (acte II, scène II). Toute la scène VI de l'acte III, où Orgon se tourne alternativement vers Damis pour le couvrir d'injures et vers Tartuffe pour lui témoigner sa sollicitude, est animée d'un mouvement comique que Molière utilisera dans d'autres comédies.

Quant à la scène V de l'acte IV (Orgon caché sous la table), elle est aussi fondée sur le comique de situation, mais est-ce un comique sans mélange? Le spectateur complice d'Elmire est satisfait de voir le trompeur trompé, mais a-t-il tellement envie de rire? La réponse à cette question dépend de l'idée qu'on se fait de Tartuffe. Molière a certainement voulu faire de l'imposteur un personnage ridicule : le contraste entre son tempérament sensuel

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 115

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 116

22 — NOTICE

et la dévotion éthérée dont il fait étalage est en lui-même la source d'un effet comique; il y a là le même genre de contradiction que dans Harpagon, avare et amoureux, ou dans Alceste, dégoûté de l'humanité et passionnément attaché à Célimène. Mais Tartuffe est tellement odieux que sa conduite risque d'inspirer beaucoup plus l'inquiétude que le rire. De là à conclure que le *Tartuffe* n'est pas une pièce comique, il n'y a qu'un pas. Surtout à partir du XIX^e siècle, on a tendance à soutenir que les effets comiques ne sont que des moyens superficiels de masquer la tragédie, qu'un miracle (l'inter-vention royale) arrête au bord de la catastrophe. Certes, la fourberie de Tartuffe risque de coûter fort cher à Orgon; mais, précisément, la principale victime de Tartuffe ne mérite que la moquerie et parfois le mépris: à aucun moment, en aucune situation, Orgon ne se rachète aux yeux du spectateur. Mais, dira-t-on, on plaint la femme et les enfants d'Orgon. Si sympathiques que soient ces personnages, Molière n'a pas suffisamment marqué leurs caractères pour qu'on puisse s'attacher profondément à eux: sans doute on plaint Elmire, si fine, si discrète d'être obligée de jouer un jeu pénible pour démasquer Tartuffe, mais on n'a aucune crainte pour elle dans les deux grandes scènes où elle affronte Tartuffe (acte III, scène III et acte IV, scène V) puisque, dans les deux cas, c'est elle qui tend un piège à l'hypocrite.

Le *Tartuffe* reste donc bien une comédie. Les personnages qui, par le grossissement même de l'optique théâtrale, restent, après la représentation, les plus vivants dans le souvenir du spectateur, sont Tartuffe, Orgon et probablement Dorine, c'est-à-dire ceux qui l'ont fait rire. Que cette comédie mette en question de graves problèmes de conscience, relatifs aux rapports de la pratique religieuse avec la vie sociale, c'est non moins évident. Avec *L'Ecole des femmes* et *Don Juan*, le *Tartuffe* forme une sorte de trilogie, où Molière affronte certains préjugés avec une hardiesse qu'on ne retrouvera plus dans les pièces suivantes.

LEXIQUE

Le langage de la dévotion tient une grande place dans le Tartuffe; l'habileté avec laquelle l'imposteur en use est une des causes de sa réussite. Ce lexique est destiné à rapprocher le vocabulaire de la religion tel qu'il est employé dans la pièce et tel qu'on le trouve, avec son sens authentique, dans les écrits spirituels de l'époque classique. A la suite de chaque terme, nous avons indiqué les vers du Tartuffe où le mot se retrouve, marqué d'un astérisque (*). Le vocabulaire est groupé par thèmes.

I. Dieu.

L'auteur de la nature (942); au nom de Dieu (1112); ciel (81, 119, 147, 286, 299, 324, 423, 516, 529, 854, 879, 901, 931, 936, 1023, 1044, 1079, 1142, 1182, 1224, 1227, 1230, 1232, 1259, 1279, 1284, 1333, 1481, 1484, 1487, 1563, 1733, 1809, 1857, 1868, 1870); la gloire du ciel (1248); l'intérêt du ciel (78, 376, 402, 1207, 1219); offenser le ciel (1480); les chemins du ciel (53, 370); salut (149, 912, 948); se sauver (1820); conscience (1490, 1585, 1591).

◆ « Laissons aux dons de l'auteur de la nature tout leur prix et tout leur usage » (Massillon, *Oraison funèbre Conti*). ◆ « Dites [à Dieu] avec la même humilité que l'enfant prodigue : Mon père, j'ai péché contre le ciel et contre vous » (Fénelon, *Manuel de piété*). ◆ « C'est une erreur intolérable qui a préoccupé les esprits, qu'on ne peut être dévot dans le monde; ceux qui se plaignent sans cesse que l'on n'y peut pas faire son salut démentent Jésus-Christ et son Evangile » (Bossuet, *Panegyrique de saint François de Sales*). ◆ « En sauvant le prochain, vous vous sauverez vous-mêmes » (Bourdaloüe, *Sermon*, 4^e dimanche après Pâques). ◆ « On se fait aisément de fausses consciences; on étouffe tous les remords du péché » (Bourdaloüe *Pensées*).

2. Le ciel et la terre.

Choses éternelles (490, 933); choses sacrées (322, 364); saint (69, 364, 496, 1141); âme (253, 277, 861, 880); détachement (277); choses temporelles (489, 934); choses de la terre (929); ici-bas (932); créature (941); éclat trompeur (1240); le prochain (1248, 1817); le bien (1724).

◆ « Seules les vérités éternelles sont capables de remplir notre cœur » (saint Vincent de Paul, *Abelly*, III, 9). ◆ « Les pratiques extérieures de la piété dans les saintes observances de l'Eglise, et la fréquentation des saints sacrements... » (Bossuet, *Oraison funèbre Marie-Thérèse*). ◆ « Oh, si l'âme chrétienne et ses plus saints transports | N'étaient point asservis aux faiblesses du corps » (Corneille, *Imitation*, I, 25). ◆ « A l'égard du détachement de cœur de toutes les choses de la terre... » (Massillon, *Profess. relig.*, III). ◆ « Les afflictions temporelles couvrent les biens éternels où elles conduisent »

78
C

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 117

les joies temporelles couvrent les maux éternels qu'elles causent » (Pascal, Lettre à M^{lle} Roannez). ♦ « Marie est dans cette terre d'exil notre consolation » (Bourdaloüe, *Dévotion à la Vierge*). ♦ « Quoique tu sois le seul qu'ici-bas je redoute | C'est toi seul qu'ici-bas je souhaite d'ouïr » (Corneille, *Imitation*, III, 2). ♦ « Qu'est-ce que la vie [des mondains]? [...] un assujettissement servile à la créature, c'est-à-dire au caprice, à la vanité, à la légèreté, à l'infidélité même » (Bourdaloüe, *Carême. Sur la paix chrétienne*). ♦ « Le plaisir, de lui-même, est un trompeur, et, quand l'âme s'y abandonne sans raison, il ne manque jamais de l'égarer » (Bossuet, *Traité de la connaissance de soi*, III, 8). ♦ « Chacun juge de son prochain avec liberté » (Fléchier *Oraison funèbre duchesse de Montausier*).

3. Le sentiment religieux.

Ardeur (286, 369, 533, 945); ardent (123); élans (368); élancements (287); ferveur (358, 913, 1601); foi (322, 1451); instance (889); zèle (305, 358, 360, 373, 401, 406, 891, 910, 914, 1214, 1257, 1612, 1626, 1645, 1690, 1777, 1888, 1914); trans porté (941); dévotion (986).

♦ « Dieu le tient comme par la main droite, et [...] vous le verrez [...] toute sa vie en paix et tranquillité, en ardeur et tendance continuelle vers Dieu » (saint Vincent de Paul, *Aux missionnaires*, XI, 46-47). ♦ « Cette continuité [de l'oraison] consistait dans divers actes et dans de continuel élans de leur dévotion » (Bossuet, *États d'oraison*, VI, 40). ♦ « L'amour est circonspect, il est juste, humble et sage | Il ne sait ce que c'est qu'être mal ni volage; | Et des biens passagers les vains amusements | N'interrompent jamais ses doux élancements » (Corneille, *Imitation*, III, 5). ♦ « Pendant l'oraison ordinaire, du début jusqu'à la fin inclusivement, assistance de grâce très intérieure et suave et pleine de ferveur ardente et très douce » (saint Ignace de Loyola, *Journal spirituel*, 24 févr. 1544). ♦ « Une foi vive est le fondement de la stabilité que nous admirons (Bossuet, *Oraison funèbre Marie-Thérèse*). ♦ « On ne sait pas faire instance pour obtenir la délivrance des passions » (Massillon, *Carême. Prière*). ♦ « Si l'amour de Dieu est un feu, le zèle en est la flamme » (saint Vincent de Paul, XII, 307-308).

4. Piété et charité.

Aumônes (856); intentions (1492); pieux (68, 153, 1267, 1816); charitable (1214, 1683, 1877); charité (138, 894, 1819); grâce (888, 905); pardon, pardonner (1193, 1222, 1229); prières (887, 977); offrande (954); reprendre (301).

♦ « C'est en effet la vraie grâce de l'aumône, en soulageant des pauvres, de diminuer en nous d'autres besoins » (Bossuet, *Oraison funèbre Anne de Gonzague*). ♦ « L'intention, c'est le regard de l'âme » (Bossuet, *Méditations sur l'Évangile. Sermon sur la montagne*, 29^e jour). ♦ « La piété n'est pas l'ouvrage humain du goût et du caprice; c'est le fruit divin de l'ordre et de la règle » (Massillon, *Conférence. Zèle des ministres*). ♦ « La charité est la plus parfaite des vertus théologiques » (Saint-Cyran). ♦ « La grâce est particulièrement accordée à la prière » (Pascal, Lettre à M^{me} Périer). ♦ « Elle lui pardonna son crime, le livrant pour tout supplice à sa conscience » (Bossuet, *Oraison funèbre reine d'Angleterre*). ♦ « Le chrétien est un homme de prière : son origine, sa situation, sa nature, ses besoins, sa demeure, tout l'avertit qu'il faut prier » (Massillon, *Carême. Prière*). ♦ « [Les filles de la Charité] auront [...] pour profession la confiance continuelle dans la Providence, l'offrande de tout ce qu'elles sont » (saint Vincent de Paul, X, 661).

5. L'humilité chrétienne.

Doux, douceur (283, 1089, 1725, 1735, 1760, 1778); humble (882); humblement (288); faire pitié (296); ne mériter pas (1459); infirmité (956); humaine faiblesse (1009, 1293); esclave indigne (982); mon néant (984); repentir (1563).

◆ « Préférant les saintes **douceurs** de la solitude et les communications ineffables avec son Dieu à la conduite des tribus » (Massillon, *Carême. Responsabilité humaine*). « Madame fut **douce** envers la mort, comme elle l'était envers tout le monde » (Bossuet, *Oraison funèbre duchesse d'Orléans*). ◆ « Sans une solide **humilité**, il n'est pas possible de conserver une foi bien pure » (Bourdaloüe, *Instruction. Humilité de la foi*). ◆ « On doit avoir **pitié** les uns des autres; mais on doit avoir pour les uns une **pitié** qui naît de la tendresse, et, pour les autres, une **pitié** qui naît du mépris » (Pascal, *Pensées*, III, 211). ◆ « Il est permis de chercher un secours à l'**infirmité** de la chair » (Fénelon, t. XVII). ◆ « L'âme ne doit plus se regarder elle-même, ni s'arrêter à la disproportion qu'elle trouve entre sa **faiblesse** et les difficultés de la voie où Dieu l'appelle » (Massillon, *Profession relig.*). ◆ « Mon **indignité** peut et doit être en moi le fonds d'une plus grande **humilité** » (Bourdaloüe, *Assomption de la Sainte Vierge*). ◆ « L'**humilité** ne voit que son propre **néant** » (Massillon, *Prière*).

6. L'ascétisme.

Austère (1618); austérités (1299); haire, discipline (853); jeûnes, larmes (977); mériter (1304, 1463); mortifier (1080, 1166, 1305); prêcher la retraite (372); sacrifier à Dieu (1201).

◆ « Il redoubla lui-même ses **austérités** pour fléchir le courroux céleste » (Fléchier, *Panegyrique*). ◆ « [Dans les observances de l'Eglise] les **jeûnes** [...] sont mêlés dans les temps convenables, afin que l'âme, toujours sujette aux tentations et aux péchés, s'affermisse et se purifie par la pénitence » (Bossuet, *Oraison funèbre Marie-Thérèse*). ◆ « Pour nous à qui Dieu par sa grâce a révélé ses vérités, nous avons lu dans ses Ecritures qu'il y a un temps de **pleurer** et une mesure des **larmes** » (Fléchier, *Oraison funèbre Lamoignon*). ◆ « Ce ne sont ni les austérités du corps, ni les agitations de l'esprit, mais les bons mouvements du cœur qui **méritent** » (Pascal, *Lettre à M^{lle} Roannez*). ◆ « Un chrétien n'est jamais vivant sur la terre, parce qu'il y est toujours **mortifié**, et que la **mortification** est un essai, un apprentissage, un commencement de la mort » (Bossuet, *Oraison funèbre Marie-Thérèse*). ◆ « L'éducation chrétienne est une éducation de **refraite**, de pudeur, de modestie, de haine du monde » (Massillon, *Carême. Petit nombre des élus*). ◆ « Ceux dont elle a présenté les vœux ou les plaintes offrent pour elle de tous côtés les **sacrifices** de leurs larmes ou de leurs prières » (Fléchier, *Oraison funèbre M^{me} de Montausier*).

7. La félicité.

Bénignité (1007); bénin (981, 1477); bénir (881); face (939); inflexible (975); béatitude (958, 1442); félicité (928, 1444); quiétude (957); paix profonde (273); suavité (1440); suave (985).

◆ « O seigneur, vous qui donnez aux juges ces regards **bénins**, ces oreilles attentives et ce cœur toujours ouvert à la vérité » (Bossuet, *Oraison funèbre*

74
C

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 119

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 120

Le Tellier). ♦ « [Louis XIV] veut être, avec David, l'homme selon le cœur de Dieu; c'est pourquoi Dieu le **bénit** » (Bossuet, *Oraison funèbre Marie-Thérèse*). ♦ « Le sang de toutes parts ruisselle sur sa **face céleste** [à propos de Jésus-Christ] » (Massillon, *Carême. Passion*). ♦ « Accoutumé dès son origine à des mystères incompréhensibles et à des marques **ineffables** de l'amour divin » (Bossuet, *Histoire des variations*, II, 1). ♦ « Il n'est pas permis de croire que, pour être un don créé, la **béatitude** formelle, c'est-à-dire la jouissance de Dieu, puisse être désirée naturellement, parce que ce don créé est surnaturel... » (Bossuet, *Relation sur le quietisme*, VII, 9). ♦ « Mais si, dans l'enchaînement des pensées qu'elle déroule, l'âme aboutit à une chose mauvaise [...] qui la trouble, lui ôtant la paix, tranquillité et **quiétude** qu'elle avait auparavant, c'est un clair signal que le point de départ est l'esprit mauvais... » (saint Ignace de Loyola, *Exercices spirituels*, 5^e règle). ♦ « Les pécheurs éloignés du séjour de **paix** et de tranquillité immuables... » (Bossuet, *Sermon. Haine pour la vérité*). ♦ « Dieu veut prendre le cœur par **suavité** » (Bossuet, *Correspondance*).

8. L'esprit du mal et le péché.

Enfer (1535); malin esprit (152); noir esprit (946); les parures du diable (210); la chair (864); crimes et ordures (1078); coupables pensées (862); esprit fourvoyé (148); libertin (320, 524, 1621); libertinage (314); offense (1193, 1222, 1505, 1517); péché (77, 306, 400, 581); pécher (1506); pécheur (399, 1075); perdu (1102); sacrilège (362); scandale, scandaliser (307, 1000, 1198, 1210, 1231, 1505, 1784); souillures (1077); tentations (863, 1545); tribulations (982).

♦ « L'**enfer** est le centre des damnés comme les ténèbres sont le centre de ceux qui fuient le jour » (Nicole, *Essai moral*, 2^e traité, X). ♦ « Ceux qui sont possédés du **malin esprit** » (Bossuet, *Nouveaux Mystères*, XVII). ♦ « Vous nous demandez continuellement si user d'un tel artifice de **parure** est un crime... » (Massillon, *Carême. Pécheresse*). ♦ « Quand saint Paul dit que la **chair** convoite contre l'esprit, et l'esprit contre la **chair**, il entend que la partie intelligente combat la partie sensitive; que l'esprit, capable de s'unir à Dieu, est combattu par le plaisir sensible attaché aux dispositions corporelles » (Bossuet, *Traité de la connaissance de soi*, V, 13). ♦ « Que le cœur de l'homme est creux et plein d'**ordure** » (Pascal, *Pensées*, IV, 1). ♦ « Rien, pour l'ordinaire, de plus ignorant en matière de religion que ce qu'on appelle les **libertins** du siècle » (Bourdaloue, *Jugement dernier*, 1^{er} Aven). ♦ « Un des prétextes du **libertinage** est de prétendre que l'on ne croit point, que l'on n'a point de foi » (Bourdaloue, *Sermon*, 3^e dimanche après l'Épiphanie). ♦ « Tout péché contre la charité du prochain est une **offense** de Dieu, et toute **offense** de Dieu blesse la gloire de Dieu » (Bourdaloue, 2^e dimanche après Pâques). ♦ « La raison pour laquelle les **péchés** sont **péchés**, c'est seulement parce qu'ils sont contraires à la volonté de Dieu » (Pascal, *Lettre à M^{lle} Roannez*). ♦ « Ceux qui sont instruits des affaires étant obligés d'avouer que le roi n'avait point donné d'ouverture ni de prétexte aux excès **sacrilèges** dont nous abhorrons la mémoire » (Bossuet, *Oraison funèbre reine d'Angleterre*). ♦ « Malheur au monde à cause des **scandales**; car il est nécessaire qu'il arrive des **scandales**; mais malheur à l'homme par qui le **scandale** arrive » (Bible. Matth., XVIII, 7, trad. de Sacy). ♦ « Le sang de Jésus-Christ est plus puissant pour laver nos **souillures**, que notre corruption ne saurait l'être pour en contracter » (Massillon, *Carême. Lazare*). ♦ « Les **tentations** qui arrivent [aux personnes humbles] ne servent qu'à les affermir davantage dans l'humilité et à les faire recourir à Dieu et à les rendre ainsi victorieuses du diable » (saint Vincent de Paul, XI, 55-56).

75
E



Phot. Larousse.

« Homme de qualité à l'église. » (Estampe anonyme.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, 0000, 121



Phot. Larousse.

Le président Guillaume de Lamoignon.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 122

PRÉFACE

Voici une comédie dont on a fait beaucoup de bruit, qui a été longtemps persécutée; et les gens qu'elle joue ont bien fait voir qu'ils étaient plus puissants en France que tous ceux que j'ai joués jusqu'ici. Les marquis, les précieuses, les cocus et les médecins ont souffert doucement qu'on les ait représentés, et ils ont fait semblant de se divertir, avec tout le monde, des peintures que l'on a faites d'eux; mais les hypocrites n'ont point entendu raillerie; ils se sont effarouchés d'abord et ont trouvé étrange que j'eusse la hardiesse de jouer leurs grimaces, et de vouloir décrier un métier dont tant d'honnêtes gens¹ se mêlent. C'est un crime qu'ils ne sauraient me pardonner; et ils se sont tous armés contre ma comédie avec une fureur épouvantable. Ils n'ont eu garde de l'attaquer par le côté qui les a blessés : ils sont trop politiques pour cela et savent trop bien vivre pour découvrir le fond de leur âme. Suivant leur louable coutume, ils ont couvert leurs intérêts de la cause de Dieu; et *le Tartuffe*, dans leur bouche, est une pièce qui offense la piété. Elle est, d'un bout à l'autre, pleine d'abominations, et l'on n'y trouve rien qui ne mérite le feu. Toutes les syllabes en sont impies; les gestes même y sont criminels; et le moindre coup d'œil, le moindre branlement de tête, le moindre pas à droite ou à gauche, y cache des mystères qu'ils trouvent moyen d'expliquer à mon désavantage.

J'ai eu beau la soumettre aux lumières de mes amis, et à la censure de tout le monde : les corrections que j'y ai pu faire, le jugement du roi et de la reine², qui l'ont vue, l'approbation des grands princes et de messieurs les ministres, qui l'ont honorée publiquement de leur présence, le témoignage des gens de bien qui l'ont trouvée profitable, tout cela n'a de rien servi. Ils n'en veulent point démordre; et, tous les jours encore, ils font crier en public des zélés indiscrets³, qui me disent des injures pieusement et me damnent par charité.

Je me soucieraï fort peu de tout ce qu'ils peuvent dire, n'était l'artifice⁴ qu'ils ont de me faire des ennemis que je respecte, et de jeter dans leur parti de véritables gens de bien, dont ils préviennent⁵ la bonne foi, et qui, par la chaleur qu'ils ont pour les intérêts du ciel, sont faciles⁶ à recevoir les impressions qu'on veut leur donner.

1. *Honnêtes gens* : gens du monde. Le mot est peut-être ironique, mais il y avait, en effet, des personnes de haut rang dans la « cabale »; 2. Le 12 mai 1664, devant le roi, la reine et toute la Cour, Molière présenta, après les *Plaisirs de l'Île enchantée*, les trois premiers actes du *Tartuffe*. De 1664 à 1669, Molière donna de nombreuses représentations privées : le 25 septembre 1664, chez Monsieur, à Villers-Cotterêts; le 29 novembre 1664, chez Condé, au Raincy; chez Madame, chez la princesse Palatine; et vers le même moment chez Habert de Montmort, devant Ménage, Chapelain et Marolles; 3. *Indiscret* : qui n'a aucune retenue; 4. *Artifice* : habileté (ici en mauvaise part); 5. *Prévenir* : donner des idées; 6. *Être facile à recevoir* : recevoir facilement.

Voilà ce qui m'oblige à me défendre. C'est aux vrais dévots que je veux partout me justifier sur la conduite de ma comédie; et je les conjure, de tout mon cœur, de ne point condamner les choses avant que de les voir, de se défaire de toute prévention et de ne point servir la passion de ceux dont les grimaces les déshonorent.

Si l'on prend la peine d'examiner de bonne foi ma comédie, on verra, sans doute, que mes intentions y sont partout innocentes, et qu'elle ne tend nullement à jouer les choses que l'on doit révéler; que je l'ai traitée avec toutes les précautions que me demandait la délicatesse de la matière; et que j'ai mis tout l'art et tous les soins qu'il m'a été possible pour bien distinguer le personnage de l'hypocrite d'avec celui du vrai dévot. J'ai employé pour cela deux actes entiers à préparer la venue de mon scélérat. Il ne tient pas un seul moment l'auditeur en balance; on le connaît d'abord¹ aux marques que je lui donne; et, d'un bout à l'autre, il ne dit pas un mot, il ne fait pas une action, qui ne peigne aux spectateurs le caractère d'un méchant homme et ne fasse éclater celui du véritable homme de bien que je lui oppose.

Je sais bien que, pour réponse, ces messieurs tâchent d'insinuer que ce n'est point au théâtre à parler de ces matières; mais je leur demande, avec leur permission, sur quoi ils fondent cette belle maxime. C'est une proposition qu'ils ne font que supposer, et qu'ils ne prouvent en aucune façon; et, sans doute, il ne serait pas difficile de leur faire voir que la comédie², chez les Anciens, a pris son origine de la religion et faisait partie de leurs mystères; que les Espagnols, nos voisins, ne célèbrent guère de fête où la comédie ne soit mêlée; et que, même parmi nous, elle doit sa naissance aux soins d'une confrérie³ à qui appartient encore aujourd'hui l'Hôtel de Bourgogne; que c'est un lieu qui fut donné pour y représenter les plus importants mystères de notre foi; qu'on en voit encore des comédies imprimées en lettres gothiques, sous le nom d'un docteur de Sorbonne⁴; et, sans aller chercher si loin, que l'on a joué, de notre temps, des pièces saintes de M. de Corneille⁵, qui ont été l'admiration de toute la France.

Si l'emploi de la comédie est de corriger les vices des hommes, je ne vois pas pour quelle raison il y en aura de privilégiés. Celui-ci est, dans l'État, d'une conséquence bien plus dangereuse que tous les autres; et nous avons vu que le théâtre a une grande vertu pour la correction. Les plus beaux traits d'une sérieuse morale sont moins puissants, le plus souvent, que ceux de la satire; et rien ne reprend mieux la plupart des hommes que la peinture de leurs défauts. C'est une grande atteinte aux vices que de les exposer à

1. On le reconnaît aussitôt; 2. *Comédie* : le théâtre; 3. *Confrérie* : la Confrérie de la Passion, fondée en 1402; elle avait fait construire l'hôtel de Bourgogne (1548), qu'elle louait aux comédiens français; elle fut dissoute en 1676; 4. Probablement maître Jean Michel, médecin souvent confondu avec un homonyme théologien, et auteur d'un *Mystère de la Résurrection*; 5. *Polyeucte* (1640) et *Théodore* (1645).

la risée de tout le monde. On souffre aisément des répréhensions; mais on ne souffre point la raillerie. On veut bien être méchant; mais on ne veut point être ridicule.

On me reproche d'avoir mis des termes de piété dans la bouche de mon imposteur. Hé! pouvais-je m'en empêcher, pour bien représenter le caractère d'un hypocrite? Il suffit, ce me semble, que je fasse connaître les motifs criminels qui lui font dire les choses, et que j'en aie retranché les termes consacrés, dont on aurait eu peine à lui entendre faire un mauvais usage. — Mais il débite au quatrième acte une morale pernicieuse. — Mais cette morale est-elle quelque chose dont tout le monde n'eût les oreilles rebattues? Dit-elle rien de nouveau dans ma comédie? Et peut-on craindre que des choses si généralement détestées fassent quelque impression dans les esprits, que je les rende dangereuses en les faisant monter sur le théâtre, qu'elles reçoivent quelque autorité de la bouche d'un scélérat? Il n'y a nulle apparence à cela; et l'on doit approuver la comédie du *Tartuffe* ou condamner généralement toutes les comédies.

C'est à quoi l'on s'attache furieusement depuis un temps¹; et jamais on ne s'était si fort déchaîné contre le théâtre. Je ne puis pas nier qu'il n'y ait eu des Pères de l'Église qui ont condamné la comédie; mais on ne peut pas me nier aussi qu'il n'y en ait eu quelques-uns qui l'ont traitée un peu plus doucement. Ainsi l'autorité, dont on prétend appuyer la censure, est détruite par ce partage; et toute la conséquence qu'on peut tirer de cette diversité d'opinions en des esprits éclairés des mêmes lumières, c'est qu'ils ont pris la comédie différemment, et que les uns l'ont considérée dans sa pureté, lorsque les autres l'ont regardée dans sa corruption et confondue avec tous ces vilains spectacles qu'on a eu raison de nommer des spectacles de turpitude².

Et, en effet, puisqu'on doit discourir des choses et non pas des mots, et que la plupart des contrariétés viennent de ne se pas entendre et d'envelopper dans un même mot des choses opposées, il ne faut qu'ôter le voile de l'équivoque et regarder ce qu'est la comédie en soi, pour voir si elle est condamnable. On connaîtra, sans doute, que, n'étant autre chose qu'un poème ingénieux, qui, par des leçons agréables, reprend les défauts des hommes, on ne saurait la censurer sans injustice; et, si nous voulons ouïr là-dessus le témoignage de l'antiquité, elle nous dira que ses plus célèbres philosophes ont donné des louanges à la comédie, eux qui faisaient profession d'une sagesse si austère, et qui criaient sans cesse après

1. La vieille querelle de l'immoralité du théâtre s'était rallumée avec les *Visionnaires*, de Nicole, en 1666, et le *Traité de la comédie*, du prince de Conti (fin de 1666); elle rebondira en 1694 avec les *Maximes et réflexions sur la comédie*, de Bossuet. Ces critiques s'appuyaient sur la tradition de l'Église. Corneille, dans la préface d'*Attila* (1668) avait déjà protesté contre ces attaques; 2. *Spectacles de turpitude* : expression employée par Corneille, dans la dédicace de *Théodore* et empruntée à saint Augustin.

les vices de leur siècle. Elle nous fera voir qu'Aristote a consacré des veilles au théâtre et s'est donné le soin de réduire en préceptes l'art de faire des comédies. Elle nous apprendra que de ses plus grands hommes, et des premiers en dignité, ont fait gloire d'en composer eux-mêmes; qu'il y en a eu d'autres qui n'ont pas dédaigné de réciter en public celles qu'ils avaient composées; que la Grèce a fait pour cet art éclater son estime par les prix glorieux et par les superbes théâtres dont elle a voulu l'honorer; et que, dans Rome enfin, ce même art a reçu aussi des honneurs extraordinaires : je ne dis pas dans Rome débauchée, et sous la licence des empereurs, mais dans Rome disciplinée, sous la sagesse des consuls, et dans le temps de la vigueur de la vertu romaine.

J'avoue qu'il y a eu des temps où la comédie s'est corrompue. Et qu'est-ce que dans le monde on ne corrompt point tous les jours? Il n'y a chose si innocente, où les hommes ne puissent porter du crime; point d'art si salutaire dont ils ne soient capables de renverser les intentions; rien de si bon en soi qu'ils ne puissent tourner à de mauvais usages. La médecine¹ est un art profitable, et chacun la révère comme une des plus excellentes choses que nous ayons; et cependant il y a eu des temps où elle s'est rendue odieuse, et souvent on en a fait un art d'empoisonner les hommes. La philosophie est un présent du ciel; elle nous a été donnée pour porter nos esprits à la connaissance d'un Dieu, par la contemplation des merveilles de la nature; et pourtant on n'ignore pas que souvent on l'a détournée de son emploi, et qu'on l'a occupée publiquement à soutenir l'impiété. Les choses même les plus saintes ne sont point à couvert de la corruption des hommes; et nous voyons des scélérats qui, tous les jours, abusent de la piété et la font servir méchamment aux crimes les plus grands. Mais on ne laisse pas pour cela de faire les distinctions qu'il est besoin de faire. On n'enveloppe point dans une fausse conséquence la bonté des choses que l'on corrompt avec la malice des corrupteurs. On sépare toujours le mauvais usage d'avec l'intention de l'art; et, comme on ne s'avise point de défendre la médecine, pour avoir été bannie de Rome, ni la philosophie, pour avoir été condamnée publiquement dans Athènes², on ne doit point aussi vouloir interdire la comédie, pour avoir été censurée en de certains temps. Cette censure a eu ses raisons, qui ne subsistent point ici. Elle s'est renfermée dans ce qu'elle a pu voir; et nous ne devons point la tirer des bornes qu'elle s'est données, l'étendre plus loin qu'il ne faut et lui faire embrasser l'innocent avec le coupable. La comédie qu'elle a eu dessein d'attaquer n'est point du tout la comédie que nous voulons défendre³.

1. Tout ce passage reprend Quintilien (30-96) [*Institution oratoire*, II, xvi, 1 à 6], qui développe des arguments analogues pour la défense de l'éloquence;
2. Allusion probable au procès et à la condamnation de Socrate (399 av. J.-C.);
3. Rapprocher de la Dédicace de *Théodore* (1645) de Corneille : « Ce n'est pas contre des comédies pareilles aux nôtres que déclame saint Augustin. [...] C'est avec injustice qu'on veut étendre cette condamnation jusques à celles [de notre temps]. »

Il se faut bien garder de confondre celle-là avec celle-ci. Ce sont deux personnes de qui les mœurs sont tout à fait opposées. Elles n'ont aucun rapport l'une avec l'autre que la ressemblance du nom; et ce serait une injustice épouvantable que de vouloir condamner Olympe, qui est femme de bien, parce qu'il y a eu une Olympe qui a été une débauchée. De semblables arrêts, sans doute, feraient un grand désordre dans le monde. Il n'y aurait rien par là qui ne fût condamné; et, puisque l'on ne garde point cette rigueur à tant de choses dont on abuse tous les jours, on doit bien faire la même grâce à la comédie et approuver les pièces de théâtre où l'on verra régner l'instruction et l'honnêteté.

Je sais qu'il y a des esprits dont la délicatesse ne peut souffrir aucune comédie, qui disent que les plus honnêtes sont les plus dangereuses, que les passions que l'on y dépeint sont d'autant plus touchantes qu'elles sont pleines de vertu, et que les âmes sont attendries par ces sortes de représentations. Je ne vois pas quel grand crime c'est que de s'attendrir à la vue d'une passion honnête; et c'est un haut étage de vertu que cette pleine insensibilité où ils veulent faire monter notre âme. Je doute qu'une si grande perfection soit dans les forces de la nature humaine; et je ne sais s'il n'est pas mieux de travailler à rectifier et adoucir les passions des hommes que de vouloir les retrancher entièrement. J'avoue qu'il y a des lieux qu'il vaut mieux fréquenter que le théâtre; et, si l'on veut blâmer toutes les choses qui ne regardent pas directement Dieu et notre salut, il est certain que la comédie en doit être, et je ne trouve point mauvais qu'elle soit condamnée avec le reste; mais, supposé, comme il est vrai, que les exercices de la piété souffrent des intervalles, et que les hommes aient besoin de divertissement, je soutiens qu'on ne leur en peut trouver un qui soit plus innocent que la comédie. Je me suis étendu trop loin. Finissons par un mot d'un grand prince¹ sur la comédie du *Tartuffe*.

Huit jours après qu'elle eut été défendue², on représenta, devant la cour, une pièce intitulée *Scaramouche ermite*; et le roi, en sortant, dit au grand prince que je veux dire : « Je voudrais bien savoir pourquoi les gens qui se scandalisent si fort de la comédie de Molière ne disent mot de celle de *Scaramouche*. » A quoi le prince répondit : « La raison de cela, c'est que la comédie de *Scaramouche* joue le ciel et la religion, dont ces messieurs-là ne se soucient point, mais celle de Molière les joue eux-mêmes; c'est ce qu'ils ne peuvent souffrir. »

1. Grimarest attribue ce mot au Grand Condé, qui avait été, en effet, dès le premier jour, un partisan résolu du *Tartuffe*; 2. En 1664.

QUESTIONS

SUR LA PRÉFACE. — Situez, d'après cette préface : la place du *Tartuffe* dans l'œuvre de Molière; dans son temps; au moment où la querelle du théâtre vient de se rallumer et, plus généralement, dans le cadre des idées classiques; dans la continuité où Molière le place par rapport à l'Antiquité.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, p. 127

PERSONNAGES¹

MADAME PERNELLE,	mère d'Orgon.
ORGON,	mari d'Elmire.
ELMIRE,	femme d'Orgon.
DAMIS,	fils d'Orgon.
MARIANE,	filie d'Orgon et amante de Valère.
VALÈRE,	amant de Mariane.
CLÉANTE,	beau-frère d'Orgon.
TARTUFFE,	faux dévot.
DORINE,	suivante de Mariane.
MONSIEUR LOYAL,	sergent.
UN EXEMPT	
FLIPOTE,	servante de Madame Pernelle.

LA SCÈNE EST À PARIS²

1. A la création, les rôles étaient distribués de la façon suivante : Madame Pernelle : le boiteux Béjart, qui devait accentuer l'aspect caricatural du personnage. — Orgon : Molière. — Elmire : Armande. — Damis : Hubert, auquel Baron succéda l'année suivante. — Mariane : M^{lle} de Brie qui restait charmante à près de cinquante ans. — Valère et Cléante : La Grange et La Thorillière, les comédiens les plus élégants de la troupe, ceux qui avaient porté au roi le deuxième *Placet*. — Tartuffe : Du Croisy, un gros homme à figure poupine et gourmande (voir v. 234). — Dorine : Madeleine Béjart. — Monsieur Loyal : de Brie; 2. On est chez Orgon, riche bourgeois, dans la grande salle basse.

LE TARTUFFE

ACTE PREMIER

SCÈNE PREMIÈRE. — MADAME PERNELLE
ET FLIPOTE, SA SERVANTE, ELMIRE, MARIANE,
DORINE, DAMIS, CLÉANTE.

MADAME PERNELLE

Allons, Flipote, allons, que d'eux je me délivre.

ELMIRE

Vous marchez d'un tel pas qu'on a peine à vous suivre.

MADAME PERNELLE

Laissez, ma bru, laissez; ne venez pas plus loin;
Ce sont toutes façons dont je n'ai pas besoin.

ELMIRE

5 De ce que l'on vous doit envers vous on s'acquitte.
Mais ma mère, d'où vient que vous sortez si vite?

MADAME PERNELLE

C'est que je ne puis voir tout ce ménage-ci¹,
Et que de me complaire on ne prend nul souci.
Oui, je sors de chez vous fort mal édifiée;
10 Dans toutes mes leçons j'y suis contrariée;
On n'y respecte rien, chacun y parle haut,
Et c'est tout justement la cour du roi Pétaud².

1. *Ménage* : employé ici en mauvaise part, désordre, mauvaise gestion dans une maison; 2. *Pétaud* : chef, jadis, de la corporation des mendiants; il n'avait aucune autorité.

QUESTIONS

● VERS 1-12. La vivacité du mouvement; comment se marque la désapprobation de Madame Pernelle? Quel rôle veut-elle jouer dans la maison? Relevez les expressions et les tournures de phrase qui révèlent son caractère autoritaire.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. J30

DORINE

Si...

MADAME PERNELLE

Vous êtes, mamie¹, une fille suivante
Un peu trop forte en gueule² et fort impertinente;
15 Vous vous mêlez sur tout de dire votre avis.

DAMIS

Mais...

MADAME PERNELLE

Vous êtes un sot en trois lettres, mon fils :
C'est moi qui vous le dis, qui suis votre grand-mère,
Et j'ai prédit cent fois à mon fils, votre père,
Que vous preniez tout l'air d'un méchant garnement,
20 Et ne lui donneriez jamais que du tourment.

MARIANE

Je crois...

MADAME PERNELLE

Mon Dieu, sa sœur, vous faites la discrète,
Et vous n'y touchez pas, tant vous semblez doucette;
Mais il n'est, comme on dit, pire eau que l'eau qui dort,
Et vous menez sous chape³ un train que je hais fort.

ELMIRE

25 Mais, ma mère...

MADAME PERNELLE

Ma bru, qu'il ne vous en déplaie,
Votre conduite en tout est tout à fait mauvaise :
Vous devriez leur mettre un bon exemple aux yeux,
Et leur défunte mère en usait⁴ beaucoup mieux.
Vous êtes dépensière, et cet état⁵ me blesse
30 Que vous alliez vêtue ainsi qu'une princesse.
Quiconque à son mari veut plaire seulement,
Ma bru, n'a pas besoin de tant d'ajustement⁶.

1. *Mamie* : mon amie; forme familière employée pour parler aux servantes;
2. *Forte en gueule* : bavarder; le mot *gueule* était alors moins trivial qu'aujourd'hui, mais il restait familier et énergique; 3. *Sous chape* : sous cape, secrètement. La *chape* était un manteau à capuchon porté par les gens d'Eglise; 4. *En user* : agir, se conduire; 5. *Etat* : marques extérieures de la situation sociale, en particulier la manière dont on s'habille. Familier en ce dernier sens; 6. *Ajustement* : toilette, avec une idée de coquetterie.

CLÉANTE

Mais, madame, après tout...

MADAME PERNELLE

Pour vous, monsieur son frère,

Je vous estime fort, vous aime et vous révère;

35 Mais enfin, si j'étais de mon fils, son époux,

Je vous prierais bien fort de n'entrer point chez nous.

Sans cesse vous prêchez¹ des maximes de vivre

Qui par d'honnêtes gens ne se doivent point suivre.

Je vous parle un peu franc, mais c'est là mon humeur,

40 Et je ne mâche point ce que j'ai sur le cœur.

DAMIS

Votre monsieur Tartuffe est bien heureux sans doute...

MADAME PERNELLE

C'est un homme de bien qu'il faut que l'on écoute,

Et je ne puis souffrir sans me mettre en courroux

De le voir querellé² par un fou comme vous.

DAMIS

45 Quoi! je souffrirai, moi, qu'un cagot de critique³

Vienne usurper céans⁴ un pouvoir tyrannique,

Et que nous ne puissions à rien nous divertir

Si ce beau monsieur-là n'y daigne consentir?

DORINE

S'il le faut écouter et croire à ses maximes,

50 On ne peut faire rien qu'on ne fasse des crimes :

Car il contrôle tout, ce critique zélé.

1. *Prêcher* : proclamer, vanter; 2. *Quereller* : accuser quelqu'un en se plaignant de lui; 3. *Cagot de critique* : homme d'une dévotion suspecte, qui critique tout systématiquement; 4. *Céans* : dans la maison, ici.

QUESTIONS

- VERS 13-40. Résumez d'un trait caractéristique chaque « portrait » fait par Madame Pernelle. Dans quel but insiste-t-elle sur la hiérarchie familiale dans cette réprimande générale? Montrez que le ton et le vocabulaire de Madame Pernelle s'adaptent à chacun des personnages. — Qu'apprennent, sur la situation des personnages, les vers 25-28? Imaginez, d'après les vers 29-32, la différence de condition entre Orgon et Elmire. Montrez que ce décalage explique la réprobation de Madame Pernelle. — Le jugement sur Cléante contraste avec les précédents; Justifiez-en l'entrée en matière (vers 33-34) et la conclusion (vers 39-40). Que reproche-t-elle exactement à Cléante (vers 35-38)?

MADAME PERNELLE

Et tout ce qu'il contrôle est fort bien contrôlé.
C'est au chemin du ciel* qu'il prétend vous conduire
Et mon fils à l'aimer vous devrait tous induire¹.

DAMIS

- 55 Non, voyez-vous, ma mère, il n'est père ni rien
Qui me puisse obliger à lui vouloir du bien.
Je trahirais mon cœur de parler d'autre sorte;
Sur ses façons de faire à tous coups je m'emporte;
J'en prévois une suite, et qu'avec ce pied plat²
60 Il faudra que j'en vienne à quelque grand éclat.

DORINE

- Certes, c'est une chose aussi qui scandalise
De voir qu'un inconnu céans s'impatronise³;
Qu'un gueux, qui, quand il vint, n'avait pas de souliers,
Et dont l'habit entier valait bien six deniers,
65 En vienne jusque-là que de se méconnaître,
De contrarier tout et de faire le maître.

MADAME PERNELLE

Hé! merci de ma vie⁴, il en irait bien mieux
Si tout se gouvernait par ses ordres pieux*!

DORINE

- Il passe pour un saint* dans votre fantaisie :
70 Tout son fait⁵, croyez-moi, n'est rien qu'hypocrisie.

MADAME PERNELLE

Voyez la langue⁶!

DORINE

A lui, non plus qu'à son Laurent,
Je ne me fierais, moi, que sur un bon garant.

1. *Induire* : amener; 2. *Pied plat* : rustre; d'où : homme méprisable. Les gentilshommes portaient de hauts talons; 3. *S'impatroniser* : s'introduire dans une maison et y faire le maître; 4. *Merci de ma vie* : miséricorde pour moi. « Manière de jurer dont se servent les femmes de la lie du peuple » (Furetière); 5. *Tout son fait* : toutes ses manières d'être; 6. *La langue* : ici, la mauvaise langue.

QUESTIONS

● VERS 41-68. Montrez que l'opinion de Madame Pernelle sur Tartuffe se fonde sur des idées reçues plutôt que sur un jugement précis et motivé.

— Pourquoi Damis et Dorine sont-ils les premiers et les plus ardents à critiquer Tartuffe? En quoi sont-ils personnellement gênés par Tartuffe?

MADAME PERNELLE

J'ignore ce qu'au fond le serviteur peut être,
Mais pour homme de bien je garantis le maître.

- 75 Vous ne lui voulez mal et ne le rebutez
Qu'à cause qu'il vous dit à tous vos vérités.
C'est contre le péché* que son cœur se courrouce,
Et l'intérêt du ciel* est tout ce qui le pousse.

DORINE

- Oui; mais pourquoi, surtout depuis un certain temps,
80 Ne saurait-il souffrir qu'aucun hante céans?
En quoi blesse le ciel* une visite honnête,
Pour en faire un vacarme à nous rompre la tête?
Veut-on que là-dessus je m'explique entre nous?
Je crois que de madame il est, ma foi, jaloux.

MADAME PERNELLE

- 85 Taisez-vous, et songez aux choses que vous dites.
Ce n'est pas lui tout seul qui blâme ces visites :
Tout ce tracas qui suit les gens que vous hantez,
Ces carrosses sans cesse à la porte plantés,
Et de tant de laquais le bruyant assemblage,
90 Font un éclat fâcheux dans tout le voisinage.
Je veux croire qu'au fond il ne se passe rien,
Mais enfin on en parle, et cela n'est pas bien.

CLÉANTE

- Hé! voulez-vous, madame, empêcher qu'on ne cause?
Ce serait dans la vie une fâcheuse chose
95 Si, pour les sots discours où l'on peut être mis,
Il fallait renoncer à ses meilleurs amis;
Et, quand même on pourrait se résoudre à le faire,
Croiriez-vous obliger tout le monde à se taire?
Contre la médisance il n'est point de rempart.

1. *A cause que* : tour très employé au XVII^e siècle; il cesse d'être en usage au début du siècle suivant; 2. *Hanter céans* : fréquenter, ici familièrement.

QUESTIONS

- VERS 69-78. Quel est le deuxième reproche fait à Tartuffe (importance du vers 70)? Pourquoi Madame Pernelle réserve-t-elle son jugement sur Laurent? Les objections de Dorine ont-elles ébranlé ou confirmé l'opinion de Madame Pernelle sur Tartuffe?
- VERS 79-92. Dégagez le nouveau thème de la conversation. Montrez la méthode de Dorine et la portée de son accusation (vers 84); le motif du scandale pour Madame Pernelle; rapprochez ce passage des vers 28-32. Que trahit le vers 92 de l'attitude morale de la vieille dame?

- 100 A tous les sots caquets n'ayons donc nul égard,
Efforçons-nous de vivre avec toute innocence,
Et laissons aux causeurs une pleine licence.

DORINE

- Daphné, notre voisine, et son petit époux
Ne seraient-ils point ceux qui parlent mal de nous ?
105 Ceux de qui la conduite offre le plus à rire
Sont toujours sur autrui les premiers à médire;
Ils ne manquent jamais de saisir promptement
L'apparente lueur du moindre attachement,
D'en semer la nouvelle avec beaucoup de joie
110 Et d'y donner le tour qu'ils veulent qu'on y croie.
Des actions d'autrui teintées de leurs couleurs
Ils pensent dans le monde autoriser les leurs,
Et, sous le faux espoir de quelque ressemblance,
Aux intrigues qu'ils ont donné de l'innocence,
115 Ou faire ailleurs tomber quelques traits partagés
De ce blâme public dont ils sont trop chargés.

MADAME PERNELLE

- Tous ces raisonnements ne font rien à l'affaire :
On sait qu'Orante mène une vie exemplaire;
Tous ses soins vont au ciel* ; et j'ai su, par des gens,
120 Qu'elle condamne fort le train¹ qui vient céans.

DORINE

- L'exemple est admirable, et cette dame est bonne !
Il est vrai qu'elle vit en austère personne ;
Mais l'âge dans son âme a mis ce zèle ardent* ,
Et l'on sait qu'elle est prude² à son corps défendant³.
125 Tant qu'elle a pu des cœurs attirer les hommages,
Elle a fort bien joui de tous ses avantages ;

1. *Train* : au propre, longue file de gens ; il s'agit des visites que reçoit Elmire (voir vers 87 et suivants) ; 2. *Prude* : d'une vertu sévère ; à l'origine, le mot n'était pas péjoratif ; 3. *A son corps défendant* : malgré elle ; ses charmes physiques s'étant affaiblis.

QUESTIONS

- VERS 93-102. Pourquoi Cléante entre-t-il ici dans le jeu ? Son attitude envers la médisance : en quoi se rattache-t-elle à des conceptions de la vie sociale, souvent exprimées par Molière ?
- VERS 103-120. Que trahit, du caractère de Dorine, son portrait de Daphné et l'à-propos avec lequel elle le présente ? Montrez qu'il est une habile réponse aux vers 86-92. Le caractère borné de Madame Pernelle d'après sa réponse (vers 117). Cherchez les raisons de sa hâte à proposer un exemple meilleur, à son avis, que celui de Daphné.

82
C

- Mais, voyant de ses yeux tous les brillants baisser,
 Au monde, qui la quitte, elle veut renoncer,
 Et du voile pompeux d'une haute sagesse
 130 De ses attrait usés déguiser la faiblesse.
 Ce sont là les retours des coquettes du temps.
 Il leur est dur de voir désertier les galants.
 Dans un tel abandon, leur sombre inquiétude
 Ne voit d'autre recours que le métier de prude,
 135 Et la sévérité de ces femmes de bien
 Censure toute chose et ne pardonne à rien :
 Hautement d'un chacun¹ elles blâment la vie,
 Non point par charité*, mais par un trait d'envie
 Qui ne saurait souffrir qu'une autre ait les plaisirs
 140 Dont le penchant de l'âge a sevré leurs désirs.

MADAME PERNELLE

- Voilà les contes bleus² qu'il vous faut pour vous plaire.
 Ma bru, l'on est chez vous contrainte de se taire,
 Car madame à jaser tient le dé³ tout le jour;
 Mais enfin je prétends discourir à mon tour.
 145 Je vous dis que mon fils n'a rien fait de plus sage
 Qu'en recueillant chez soi ce dévot personnage;
 Que le ciel* au besoin⁴ l'a céans⁵ envoyé
 Pour redresser à tous votre esprit fourvoyé*;
 Que pour votre salut* vous le devez entendre⁶,
 150 Et qu'il ne reprend rien qui ne soit à reprendre.
 Ces visites, ces bals, ces conversations,
 Sont du malin esprit* toutes inventions.
 Là, jamais on n'entend de pieuses paroles*;
 Ce sont propos oisifs, chansons et fariboles :
 155 Bien souvent le prochain en a sa bonne part,
 Et l'on y sait médire et du tiers et du quart⁷.

1. *Un chacun* : n'importe qui; expression déjà vieillie à la fin du XVII^e siècle;
 2. *Contes bleus* : contes pour les enfants; *bleus* parce qu'ils avaient une couverture
 bleue; ici (sens figuré) : propos puérils; 3. *Tenir le dé à jaser* : se rendre maître de
 la conversation; toujours parler (sens figuré); 4. *Besoin* : dénueement (au propre
 et au figuré), situation critique. Le ciel l'a envoyé ici pour répondre à une
 nécessité; 5. *Céans* : voir vers 46 et la note; 6. *Entendre* : prêter attention à;
 7. C'est-à-dire d'une troisième personne, d'une quatrième, et ainsi de suite.

QUESTIONS

- VERS 121-140. Les éléments dominants de ce croquis. Ses points
 communs avec l'esquisse rapide de Daphné. De quel personnage du
Misanthrope peut-on rapprocher Orante? N'est-il pas étonnant que
 Dorine excelle presque autant que Célimène à ce jeu des portraits?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. J 35

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 136

Enfin les gens sensés ont leurs têtes troublées
De la confusion de telles assemblées;
Mille caquets divers s'y font en moins de rien,
160 Et comme l'autre jour un docteur¹ dit fort bien,
C'est véritablement la tour de Babylone²,
Car chacun y babille, et tout du long de l'aune;
Et, pour conter l'histoire où ce point l'engagea...

(Montrant Cléante.)

Voilà-t-il pas monsieur qui ricane déjà?
165 Allez chercher vos fous qui vous donnent à rire,
Et sans... Adieux, ma bru, je ne veux plus rien dire.
Sachez que pour céans j'en rabats de moitié³,
Et qu'il fera beau temps quand j'y mettrai le pied.

(Donnant un soufflet à Flipote.)

Allons, vous! vous rêvez et bayez aux corneilles.
170 Jour de Dieu! je saurai vous frotter les oreilles.
Marchons, gaupe⁴, marchons!

1. Un docteur : en théologie; un prédicateur; 2. La tour de Babylone : au lieu de Babel, nom hébreu, employé plus couramment aujourd'hui dans cette expression; aux XVII^e et XVIII^e siècles, on se servait indifféremment des deux noms l'un pour l'autre; ce qui est plaisant, c'est l'étymologie de Madame Pernelle, à partir de *babil* et de *aune* (au vers 162) — tout au long de l'aune : abondamment, à pleine mesure; 3. Sachez que mon estime pour votre maison diminue de moitié; 4. Gaupe : femme malpropre, désagréable; terme familier d'injure et de mépris.

QUESTIONS

● VERS 141-171. La composition de cette tirade. Rapprochez le vers 141 et le vers 117. Qu'en concluez-vous sur le caractère de Madame Pernelle? Soulignez le comique qu'entraînent les vers 142 et 144. — Madame Pernelle affirme-t-elle quelque chose qu'elle n'ait déjà dit? Sur quel ton le répète-t-elle maintenant? — Pourquoi lance-t-elle à son tour l'accusation de médisance (vers 155-159)? — La sortie de Madame Pernelle : son effet comique.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE PREMIÈRE. — La technique dramatique : est-ce habituel de faire paraître tant de personnages dans une scène d'exposition? Comparez sur ce point le *Tartuffe* à d'autres pièces de Molière. Avantages et inconvénients de ce procédé pour la mise en scène, pour la marche de l'action; la répartition du jeu entre les différents personnages : lequel d'entre eux donne son mouvement à la scène?

— L'exposition : les renseignements donnés sur l'identité des personnages, leurs liens de famille, leur caractère, le milieu social. Analysez la personnalité de Madame Pernelle (ses idées, son caractère, son langage).

— La vision, plus ou moins déformée que chacun a de Tartuffe, ne trahit-elle pas les passions qu'il déclenche? Le spectateur peut-il se faire une opinion définitive sur Tartuffe?

SCÈNE II. — CLÉANTE, DORINE.

CLÉANTE

Je n'y veux point aller,
De peur qu'elle ne vint¹ encor me quereller;
Que cette bonne femme²...

DORINE

Ah! certes, c'est dommage
Qu'elle ne vous ouït tenir un tel langage;
175 Elle vous dirait bien qu'elle vous trouve bon,
Et qu'elle n'est point d'âge à lui donner ce nom.

CLÉANTE

Comme elle s'est pour rien contre nous échauffée,
Et que de son Tartuffe elle paraît coiffée!

DORINE

Oh! vraiment, tout cela n'est rien au prix du fils³;
180 Et, si vous l'aviez vu, vous diriez : « C'est bien pis. »
Nos troubles⁴ l'avaient mis sur le pied d'homme sage,
Et pour servir son prince il montra du courage,
Mais il est devenu comme un homme hébété
Depuis que de Tartuffe on le voit entêté.
185 Il l'appelle son frère et l'aime dans son âme
Cent fois plus qu'il ne fait⁵ mère, fils, fille et femme.
C'est de tous ses secrets l'unique confident
Et de ses actions le directeur prudent.
Il le choie, il l'embrasse; et pour une maîtresse
190 On ne saurait, je pense, avoir plus de tendresse;
A table, au plus haut bout⁶ il veut qu'il soit assis;
Avec joie il l'y voit manger autant que six;
Les bons morceaux de tout, il fait qu'on les lui cède;
Et, s'il vient à roter⁷, il lui dit : « Dieu vous aide! »

1. *Vint* : cas particulier de concordance des temps; au lieu d'un présent du subjonctif, attendu normalement aujourd'hui, l'imparfait exprime l'éventualité;
2. *Bonne femme* : vieille femme, sans nuance péjorative (voir vers 176); 3. On prononçait « fi » et, au vers 192, « si »; 4. Allusion à la Fronde (1648-1653);
5. *Faire* : ce verbe s'emploie, dans la langue classique, à la place de n'importe quel verbe que l'on ne veut pas répéter; ici : aimer; 6. C'est-à-dire à la place d'honneur; 7. C'est une servante qui parle (note de Molière).

QUESTIONS

- VERS 172-178. En quoi réside l'accord des deux personnages, malgré la grande différence de niveau social?

42 — LE TARTUFFE

- 195 Enfin il en est fou; c'est son tout, son héros;
 Il l'admire à tous coups, le cite à tous propos,
 Ses moindres actions lui semblent des miracles,
 Et tous les mots qu'il dit sont pour lui des oracles.
 Lui, qui connaît sa dupe et qui veut en jouir,
 200 Par cent dehors fardés a l'art de l'éblouir;
 Son cagotisme¹ en tire à toute heure des sommes
 Et prend droit de gloser² sur tous tant que nous sommes.
 Il n'est pas jusqu'au fat³ qui lui sert de garçon
 Qui ne se mêle aussi de nous faire leçon;
 205 Il vient nous sermonner avec des yeux farouches,
 Et jeter nos rubans, notre rouge et nos mouches⁴.
 Le traître, l'autre jour, nous rompit de ses mains
 Un mouchoir⁵ qu'il trouva dans une *Fleur des saints*⁶,
 Disant que nous mêlions, par un crime effroyable,
 210 Avec la sainteté les parures du diable*.

SCÈNE III. — ELMIRE, MARIANE, DAMIS,
CLÉANTE, DORINE.

ELMIRE

Vous êtes bienheureux de n'être point venu
 Au discours qu'à la porte elle nous a tenu.
 Mais j'ai vu mon mari; comme il ne m'a point vue,
 Je veux aller là-haut attendre sa venue.

CLÉANTE

- 215 Moi, je l'attends ici pour moins d'amusement⁷,
 Et je vais lui donner le bonjour seulement.

1. *Cagotisme* : ses manières de cagot; le mot a été forgé par Molière; 2. *Gloser* : faire des commentaires; 3. *Fat* : sot, prétentieux; 4. *Mouche* : petite pastille de taffetas ou de velours noirs que les femmes collaient sur leur visage; 5. *Mouchoir* : de cou (pour le distinguer du *mouchoir de poche*); sorte de fichu; 6. *Fleur des saints* : titre d'un livre de piété, très répandu et volumineux, ce qui expliquerait l'usage indiqué ici, que l'on peut rapprocher de l'usage fait du Plutarque dans les *Femmes savantes* (II, vii, vers 562); 7. *Amusement* : perte de temps.

QUESTIONS

● VERS 179-210. Composition de cette tirade. Dégagez les traits caractéristiques de ce portrait : réalisme, pittoresque, observation, comique teinté d'indignation, l'art des comparaisons suggestives. Comment nous apparaît ici Orgon? Qu'apprenons-nous de Tartuffe et de sa situation dans la maison? Soulignez l'harmonie entre Laurent et son maître.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE II. — Soulignez le contraste avec la scène précédente, dans le ton, l'atmosphère. Comment l'exposition se complète-t-elle?

DAMIS

De l'hymen de ma sœur touchez-lui quelque chose.
J'ai soupçon que Tartuffe à son effet¹ s'oppose,
Qu'il oblige mon père à des détours si grands;
220 Et vous n'ignorez pas quel intérêt j'y prends.
Si même ardeur enflamme et ma sœur et Valère,
La sœur de cet ami, vous le savez, m'est chère;
Et s'il fallait...

DORINE

Il entre.

SCÈNE IV. — ORGON, CLÉANTE, DORINE.

ORGON

Ah! mon frère, bonjour.

CLÉANTE

Je sortais, et j'ai joie à vous voir de retour :
225 La campagne à présent n'est pas beaucoup fleurie.

ORGON

(A Cléante.)

Dorine... Mon beau-frère, attendez, je vous prie.
Vous voulez bien souffrir, pour m'ôter de souci,
Que je m'informe un peu des nouvelles d'ici?

(A Dorine.)

Tout s'est-il, ces deux jours, passé de bonne sorte?
230 Qu'est-ce qu'on fait céans²? comme³ est-ce qu'on s'y porte?

DORINE

Madame eut, avant-hier, la fièvre jusqu'au soir,
Avec un mal de tête étrange à concevoir.

ORGON

Et Tartuffe?

1. *Effet* : réalisation; 2. *Céans* : voir vers 46 et la note; 3. *Comme* : comment; cet emploi de *comme* dans l'interrogation, condamné par Vaugelas, restait cependant fort en usage.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE III. — On a critiqué la sortie d'Elmire en en faisant une nécessité dramatique : mais ne serait-ce pas aussi une coquetterie adroite ou, simplement, un trait de mœurs courant (la place d'Elmire n'est pas d'attendre Orgon sur le pas de la porte)? Qu'apprenons-nous d'intéressant sur les rapports de Tartuffe avec la famille d'Orgon?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0020, p. 139. C.B.S. TEV'BLE. 84

44 — LE TARTUFFE

DORINE

Tartuffe? il se porte à merveille,
Gros et gras, le teint frais et la bouche vermeille.

ORGON

235 Le pauvre homme!

DORINE

Le soir elle eut un grand dégoût
Et ne put au souper toucher à rien du tout,
Tant sa douleur de tête était encor cruelle.

ORGON

Et Tartuffe?

DORINE

Il soupa, lui tout seul, devant elle,
Et fort dévotement il mangea deux perdrix
240 Avec une moitié de gigot en hachis.

ORGON

Le pauvre homme!

DORINE

La nuit se passa tout entière
Sans qu'elle pût fermer un moment la paupière;
Des chaleurs l'empêchaient de pouvoir sommeiller,
Et jusqu'au jour près d'elle il nous fallut veiller.

ORGON

245 Et Tartuffe?

DORINE

Pressé d'un sommeil agréable,
Il passa dans sa chambre au sortir de la table,
Et dans son lit bien chaud il se mit tout soudain,
Où sans trouble il dormit jusques au lendemain.

ORGON

Le pauvre homme!

DORINE

A la fin, par nos raisons gagnée,
250 Elle se résolut à souffrir la saignée¹,
Et le soulagement suivit tout aussitôt.

1. La saignée était alors le grand remède en usage. Molière raille cette thérapeutique dans toutes ses comédies contre les médecins, de *l'Amour médecin* au *Malade imaginaire*.

ORGON

Et Tartuffe?

DORINE

Il reprit courage comme il faut,
Et, contre tous les maux fortifiant son âme*,
Pour réparer le sang qu'avait perdu madame,
255 But, à son déjeuner, quatre grands coups de vin.

ORGON

Le pauvre homme!

DORINE

Tous deux se portent bien enfin;
Et je vais à madame annoncer par avance
La part que vous prenez à sa convalescence.

SCÈNE V. — ORGON, CLÉANTE.

CLÉANTE

A votre nez, mon frère, elle se rit de vous,
260 Et, sans avoir dessein de vous mettre en courroux,
Je vous dirai tout franc que c'est avec justice.
A-t-on jamais parlé d'un semblable caprice?
Et se peut-il qu'un homme ait un charme¹ aujourd'hui
A vous faire oublier toutes choses pour lui?
265 Qu'après avoir² chez vous réparé sa misère,
Vous en veniez au point...

ORGON

Halte-là, mon beau-frère;
Vous ne connaissez pas celui dont vous parlez.

1. *Charme* : pouvoir magique; 2. *Après avoir* : après qu'il a.

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE IV. — L'importance des traits nouveaux qui s'ajoutent à l'image de Tartuffe. Molière donne-t-il souvent des indications aussi précises sur le physique de ses personnages? Les contradictions entre l'égoïsme de Tartuffe et ses préceptes tels qu'on les a rapportés à la scène première.

— Étudiez les changements de vocabulaire de Dorine, selon qu'elle parle de Tartuffe ou d'Elmire.

— Orgon est-il ridicule, odieux, méprisable? Sur quel ton prononce-t-il *le pauvre homme*? Y a-t-il progression? Montrez chez Dorine une évolution parallèle de l'indignation. Mécanisme comique : le jeu des symétries et des contrastes dans les répliques.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0020, p. 144

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00JO, p. 142

CLÉANTE

Je ne le connais pas, puisque vous le voulez,
Mais enfin, pour savoir quel homme ce peut être...

ORGON

- 270 Mon frère, vous seriez charmé¹ de le connaître,
Et vos ravissements² ne prendraient point de fin.
C'est un homme... qui... ah!... un homme... un homme
[enfin.

Qui suit bien ses leçons goûte une paix profonde*
Et comme du fumier regarde tout le monde.

- 275 Oui, je deviens tout autre avec son entretien;
Il m'enseigne à n'avoir affection pour rien,
De toutes amitiés il détache* mon âme*,
Et je verrais mourir frère, enfants, mère et femme,
Que je m'en soucieraient autant que de cela.

CLÉANTE

- 280 Les sentiments humains, mon frère, que voilà!

ORGON

Ah! si vous aviez vu comme j'en fis rencontre,
Vous auriez pris pour lui l'amitié que je montre.
Chaque jour à l'église il venait, d'un air doux*,
Tout vis-à-vis de moi se mettre à deux genoux.

- 285 Il attirait les yeux de l'assemblée entière
Par l'ardeur* dont au ciel* il poussait³ sa prière;
Il faisait des soupirs, de grands élancements*,
Et baisait humblement* la terre à tous moments;
Et, lorsque je sortais, il me devançait vite

- 290 Pour m'aller à la porte offrir de l'eau bénite.

1. *Charmé* : ensorcelé, en quelque sorte; 2. *Ravissements* (sens fort) : vif enthousiasme; 3. *Pousser* : ici, exprimer avec une vivacité passionnée.

QUESTIONS

● VERS 259-267. Quel sentiment anime Cléante dans ces vers? Cherchez les mots qui marquent la réprobation et qui soulignent l'arbitraire de l'attitude d'Orgon. Quel effet Molière obtient-il par la réponse sentencieuse d'Orgon (vers 266-267)?

● VERS 268-280. Soulignez le contraste entre les vers 270-271 et le vers suivant. Que présage le début de ce vers 272? Quel effet produisent les hésitations d'Orgon, puis la chute pitoyable du vers? — Que marque le changement d'orientation de la réplique (vers 273 et suivants) : le passage de l'homme à ses enseignements? Montrez qu'Orgon récite une leçon mal comprise. Rapprochez ce passage du vers 186. Expliquez ce que Cléante veut mettre en lumière au vers 280.

86
E

- Instruit par son garçon, qui dans tout l'imitait,
Et de son indigence et de ce qu'il était,
Je lui faisais des dons; mais, avec modestie¹,
Il me voulait toujours en rendre une partie.
295 « C'est trop, me disait-il, c'est trop de la moitié².
Je ne mérite pas de vous faire pitié*. »
Et, quand je refusais de le vouloir reprendre,
Aux pauvres, à mes yeux, il allait le répandre.
Enfin le ciel* chez moi me le fit retirer,
300 Et, depuis ce temps-là, tout semble y prospérer.
Je vois qu'il reprend* tout, et qu'à ma femme même
Il prend, pour mon honneur, un intérêt extrême;
Il m'avertit des gens qui lui font les yeux doux,
Et plus que moi six fois il s'en montre jaloux.
305 Mais vous ne croiriez point jusqu'où monte son zèle*;
Il s'impute à péché* la moindre bagatelle;
Un rien presque suffit pour le scandaliser*,
Jusque-là qu'il se vint l'autre jour accuser
D'avoir pris une puce, en faisant sa prière,
310 Et de l'avoir tuée avec trop de colère.

CLÉANTE

Parbleu! vous êtes fou, mon frère, que je croi³.
Avec de tels discours vous moquez-vous de moi?
Et que prétendez-vous que tout ce badinage⁴...

ORGON

- Mon frère, ce discours sent le libertinage⁵*.
315 Vous en êtes un peu dans votre âme entiché,
Et comme je vous l'ai plus de dix fois prêché*,
Vous vous attirerez quelque méchante affaire.

1. *Modestie* : modération; 2. Vous, me donnez deux fois trop; 3. *Que je croi* : à ce que je crois; *croi* : licence poétique, justifiable étymologiquement, et qui n'est possible alors qu'à la rime; 4. *Badinage* : comédie ridicule; le « badin » était, dans les vieilles farces, le type du niais; 5. *Libertinage* : libre pensée, irréligion (voir vers 320; *libertin* : même sens); 6. *Prêcher* : voir vers 37 et la note.

QUESTIONS

- VERS 281-310. Les deux étapes de la manœuvre de Tartuffe (importance du vers 299). Montrez que toutes les prétendues vertus de Tartuffe, énumérées par Orgon, le rendent de plus en plus suspect aux yeux de Cléante et du spectateur. Soulignez la valeur des vers 308-310 comme preuve de la bêtise d'Orgon et de l'imposture de Tartuffe.
- VERS 311-317. Les accusations que se lancent les deux beaux-frères. Soulignez la gravité de l'accusation de « libertinage ». L'ironie du vers 317, quand on sait la mésaventure d'Orgon, à la fin de la pièce.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0010, p. 143

CLÉANTE

- Voilà de vos pareils le discours ordinaire.
 Ils veulent que chacun soit aveugle comme eux;
 320 C'est être libertin* que d'avoir de bons yeux,
 Et qui n'adore pas de vaines simagrées¹
 N'a ni respect ni foi* pour les choses sacrées*.
 Allez, tous vos discours ne me font point de peur;
 Je sais comme je parle, et le ciel* voit mon cœur.
 325 De tous vos faconniers² on n'est point les esclaves :
 Il est de faux dévots ainsi que de faux braves;
 Et, comme on ne voit pas qu'où l'honneur les conduit³
 Les vrais braves soient ceux qui font beaucoup de bruit,
 Les bons et vrais dévots, qu'on doit suivre à la trace,
 330 Ne sont pas ceux aussi⁴ qui font tant de grimace.
 Hé quoi! vous ne ferez nulle distinction
 Entre l'hypocrisie et la dévotion?
 Vous les voulez traiter d'un semblable langage,
 Et rendre même honneur au masque qu'au visage;
 335 Égaler l'artifice⁵ à la sincérité,
 Confondre l'apparence avec la vérité,
 Estimer le fantôme autant que la personne,
 Et la fausse monnaie à l'égal de la bonne?
 Les hommes, la plupart, sont étrangement faits!
 340 Dans la juste nature on ne les voit jamais;
 La raison a pour eux des bornes trop petites;
 En chaque caractère ils passent ses limites,
 Et la plus noble chose, ils la gâtent souvent
 Pour la vouloir outrer et pousser trop avant.
 345 Que cela vous soit dit en passant, mon beau-frère.

ORGON

Oui, vous êtes, sans doute, un docteur qu'on révère;
 Tout le savoir du monde est chez vous retiré;

1. *Simagrées* : manières affectées pour faire illusion ou pour duper; 2. *Faconnier* : faiseur de manières, notamment qui affecte une vertu qu'il n'a pas; 3. C'est-à-dire au combat; 4. *Aussi* : non plus; 5. *Artifice* : voir Préface, note 4, p. 27.

QUESTIONS

● VERS 318-345. Composition de la tirade de Cléante : montrez qu'elle est centrée sur les vers 331-332. — La structure de l'argumentation : le raisonnement par analogie (vers 325-330); le jeu des antithèses (vers 334-338); la conclusion (vers 339-344) qui expose une conception morale chère à Molière (voir, par exemple, l'attitude de Philinte dans *le Misanthrope*, vers 151-152). — Soulignez le ton polémique de ce passage, qui s'explique par les avatars du *Tartuffe* avant 1669.

Vous êtes le seul sage et le seul éclairé,
Un oracle, un Caton¹, dans le siècle où nous sommes,
350 Et, près de vous, ce sont des sots que tous les hommes.

CLÉANTE

Je ne suis point, mon frère, un docteur révérend,
Et le savoir chez moi n'est pas tout retiré;
Mais, en un mot, je sais, pour toute ma science,
Du faux avec le vrai faire la différence;
355 Et, comme je ne vois nul genre de héros
Qui soient plus à priser que les parfaits dévots,
Aucune chose au monde et plus noble et plus belle
Que la sainte ferveur* d'un véritable zèle*,
Aussi ne vois-je rien qui soit plus odieux
360 Que le dehors plâtré d'un zèle* spécieux²,
Que ces francs charlatans, que ces dévots de place³
De qui la sacrilège* et trompeuse grimace
Abuse impunément et se joue, à leur gré,
De ce qu'ont les mortels de plus saint* et sacré*;
365 Ces gens qui, par une âme à l'intérêt soumise,
Font de dévotion métier et marchandise,
Et veulent acheter crédit et dignités
A prix de faux clins d'yeux et d'éclans* affectés;
Ces gens, dis-je, qu'on voit d'une ardeur* non commune
370 Par le chemin du ciel* courir à leur fortune;
Qui, brûlants⁴ et priants, demandent⁵ chaque jour
Et prêchent la retraite* au milieu⁶ de la cour;
Qui savent ajuster leur zèle* avec leurs vices,
Sont prompts, vindicatifs, sans foi, pleins d'artifices,
375 Et, pour perdre quelqu'un, couvrent insolemment
De l'intérêt du ciel* leur fier⁷ ressentiment;
D'autant plus dangereux dans leur âpre colère
Qu'ils prennent contre nous des armes qu'on révère,
Et que leur passion, dont on leur sait bon gré,

1. Caton l'Ancien (232-147 av. J.-C.) mena une lutte infatigable contre le luxe; son nom est devenu synonyme d'homme de mœurs austères et de sage;
2. *Spécieux*: de belle apparence; 3. *Dévots de place* (expression d'origine obscure): « dévots qui affichent leur dévotion » (R. Bray); 4. *Brûlants*: d'ardeur dévote; au XVII^e siècle, l'usage admettait l'accord du participe présent; 5. *Demander* (sans complément d'objet): mendier sans cesse; 6. En restant à la cour; 7. *Fier*: farouche, cruel.

QUESTIONS

● VERS 346-350. Montrez que l'ironie d'Orgon masque un sentiment d'infériorité — à la fois social et intellectuel — devant son beau-frère.

- 380 Veut nous assassiner avec un fer sacré.
De ce faux caractère on en voit trop paraître :
Mais les dévots de cœur sont aisés à connaître.
Notre siècle, mon frère, en expose à nos yeux
Qui peuvent nous servir d'exemples glorieux.
- 385 Regardez Ariston, regardez Périandre,
Oronte, Alcidas, Polydore, Clitandre :
Ce titre par aucun ne leur est débattu¹ :
Ce ne sont point du tout fanfarons de vertu,
On ne voit point en eux ce faste insupportable,
- 390 Et leur dévotion est humaine et traitable.
Ils ne censurent point toutes nos actions :
Ils trouvent trop d'orgueil dans ces corrections,
Et, laissant la fierté des paroles aux autres,
C'est par leurs actions qu'ils reprennent les nôtres.
- 395 L'apparence du mal a chez eux peu d'appui²,
Et leur âme est portée à juger bien d'autrui.
Point de cabale³ en eux, point d'intrigues à suivre;
On les voit, pour tous soins, se mêler de bien vivre.
Jamais contre un pécheur* ils n'ont d'acharnement :
- 400 Ils attachent leur haine au péché* seulement
Et ne veulent point prendre avec un zèle* extrême
Les intérêts du ciel* plus qu'il ne veut lui-même.
Voilà mes gens, voilà comme il en faut user,
Voilà l'exemple enfin qu'il se faut proposer.
- 405 Votre homme, à dire vrai, n'est pas de ce modèle.
C'est de fort bonne foi que vous vantez son zèle*,
Mais par un faux éclat je vous crois ébloui.

ORGON

Monsieur mon cher beau-frère, avez-vous tout dit?

CLÉANTE

Oui.

1. *Débattu* : contesté; 2. *Appui* : crédit; 3. *Cabale* : ici, mentalité qui porte à se liquer secrètement, le plus souvent contre quelqu'un ou quelque chose.

QUESTIONS

● VERS 351-409. La composition de cette nouvelle tirade de Cléante; son caractère rhétorique : l'exorde (vers 355-364), les deux parties équilibrées et symétriques (vers 365-381 et 382-404), la conclusion (vers 405-408). — Étudiez par quelles alliances de mots Cléante retourne contre les faux dévots leur propre vocabulaire (vers 365-380). — Les arguments en faveur de la vraie dévotion sont-ils aussi expressifs (vers 382-404)?

ORGON

Je suis votre valet¹.

(Il veut s'en aller.)

CLÉANTE

De grâce, un mot, mon frère.

410 Laissons là ce discours. Vous savez que Valère
Pour être votre gendre a parole de vous.

ORGON

Oui.

CLÉANTE

Vous aviez pris jour pour un lien si doux.

ORGON

Il est vrai.

CLÉANTE

Pourquoi donc en différer la fête?

ORGON

Je ne sais.

CLÉANTE

Auriez-vous autre pensée en tête?

ORGON

415 Peut-être.

CLÉANTE

Vous voulez manquer à votre foi²?

ORGON

Je ne dis pas cela.

CLÉANTE

Nul obstacle, je croi³,

Ne vous peut empêcher d'accomplir vos promesses.

ORGON

Selon⁴.

1. « On dit ironiquement à un homme *Je suis votre valet* quand on ne veut pas croire ce qu'il dit, ou faire ce qu'il désire » (Furetière, 1690); 2. *Foi* : parole donnée; 3. *Croi* : voir vers 311 et la note; 4. *Selon* : c'est selon mes dispositions à ce moment.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, p. 148

52 — LE TARTUFFE

CLÉANTE

Pour dire un mot faut-il tant de finesses?
Valère sur ce point me fait vous visiter.

ORGON

420 Le ciel en soit loué!

CLÉANTE

Mais que lui reporter?

ORGON

Tout ce qu'il vous plaira.

CLÉANTE

Mais il est nécessaire
De savoir vos desseins. Quels sont-ils donc?

ORGON

De faire

Ce que le ciel* voudra.

CLÉANTE

Mais parlons tout de bon.
Valère a votre foi. La tiendrez-vous, ou non?

ORGON

425 Adieu.

CLÉANTE, *seul*.

Pour son amour je crains une disgrâce,
Et je dois l'avertir de tout ce qui se passe.

QUESTIONS

● VERS 410-426. La demande de Cléante est-elle habile? L'attitude d'Orgon : est-ce le simple dépit d'avoir été sermonné par Cléante qui explique sa mauvaise volonté? Est-ce la marque d'un caractère sournois et rusé?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE V. — Comment les deux parties de la scène sont-elles liées sur le plan de l'action? Montrez qu'il y a un renversement de situation entre les deux personnages : qui l'emporte finalement?

— Le rôle de Cléante : comparez-le aux autres « raisonneurs » de Molière.

— Le spectateur prévoyait-il que le mariage de Mariane allait passer au premier plan?

■ SUR L'ENSEMBLE DE L'ACTE PREMIER. — La part de l'exposition et la part de l'action; jusqu'à quel moment faut-il attendre que celle-ci s'engage?

— Le personnage de Tartuffe. Les images successives que le spectateur a de lui : pourquoi le témoignage d'Orgon est-il, malgré sa sympathie pour Tartuffe, plus révélateur que les attaques lancées par les adversaires de l'imposteur?

— Orgon, chef de famille : comparez-le à Harpagon, Chrysale, etc.



« Je vous parle un peu franc, mais c'est là mon humeur... » (Vers 39.)

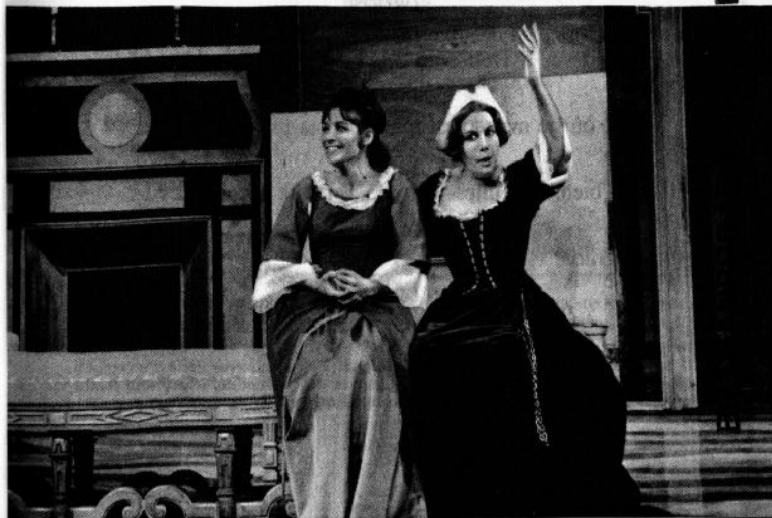
Colette Dompiétrini (Mariane), Marcelle Demyères (Madame Pernelle),
Françoise Seigner (Dorine) et Gérard Guillaumat (Cléante).

LE TARTUFFE AU THÉÂTRE DE FRANCE,
PAR LA COMPAGNIE ROGER PLANCHON

Phot. Bernard.

« Mais l'amour dans un cœur veut de la fermeté. » (Vers 624.)

Colette Dompiétrini (Mariane) et Françoise Seigner (Dorine).



PTE. 0000 8.1.77

ACTE II

SCÈNE PREMIÈRE. — ORGON, MARIANE.

ORGON

Mariane.

MARIANE

Mon père.

ORGON

Approchez. J'ai de quoi

Vous parler en secret.

MARIANE

Que cherchez-vous?

ORGON, *il regarde dans un petit cabinet.*Je voi¹

Si quelqu'un n'est point là qui pourrait nous entendre,
 430 Car ce petit endroit est propre pour surprendre.
 Or sus, nous voilà bien. J'ai, Mariane, en vous
 Reconnu de tout temps un esprit assez doux,
 Et de tout temps aussi vous m'avez été chère.

MARIANE

Je suis fort redevable à cet amour de père.

ORGON

435 C'est fort bien dit, ma fille; et, pour le mériter,
 Vous devez n'avoir soin que de me contenter.

MARIANE

C'est où² je mets aussi ma gloire la plus haute.

ORGON

Fort bien. Que dites-vous de Tartuffe notre hôte?

MARIANE

Qui, moi?

ORGON

Vous. Voyez bien comme vous répondrez.

1. *Voi* : voir vers 311 et la note; 2. *Où* : à quoi; où était au XVII^e siècle d'un emploi étendu : il remplaçait, par souci d'élégance et de commodité, le pronom relatif précédé d'une préposition, même si l'antécédent était un nom de personne.

MARIANE

440 Hélas! j'en dirai, moi, tout ce que vous voudrez.

ORGON

C'est parler sagement. Dites-moi, donc, ma fille,
Qu'en toute sa personne un haut mérite brille,
Qu'il touche votre cœur, et qu'il vous serait doux
De le voir par mon choix devenir votre époux.

445 Eh?

(Mariane se recule avec surprise.)

MARIANE

Eh?

ORGON

Qu'est-ce?

MARIANE

Plait-il?

ORGON

Quoi?

MARIANE

Me suis-je méprise?

ORGON

Comment?

MARIANE

Qui voulez-vous, mon père, que je dise
Qui me touche le cœur, et qu'il me serait doux
De voir par votre choix devenir mon époux?

ORGON

Tartuffe.

MARIANE

Il n'en est rien, mon père, je vous jure.

450 Pourquoi me faire dire une telle imposture?

QUESTIONS

● VERS 427-444. La solennité et les mystères d'Orgon sont-ils conformes à ce que l'on sait déjà de lui? L'attitude de Mariane confirme-t-elle le jugement de sa grand-mère (voir vers 21-24)? — La brutalité du vers 438. Pourquoi Orgon, sans se contenter d'imposer sa volonté à sa fille, veut-il aussi obtenir de celle-ci son acceptation? — Comment interpréter l'intention de Mariane au vers 440?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 152

ORGON

Mais je veux que cela soit une vérité;
Et c'est assez pour vous que je l'aie arrêté¹.

MARIANE

Quoi! vous voulez, mon père...

ORGON

Oui, je prétends², ma fille,
Unir par votre hymen Tartuffe à ma famille.
455 Il sera votre époux, j'ai résolu cela;
Et comme sur vos vœux je...

SCÈNE II. — DORINE, ORGON, MARIANE.

ORGON

Que faites-vous là?
La curiosité qui vous presse est bien forte.
Mamie³, à nous venir écouter de la sorte.

DORINE

Vraiment, je ne sais pas si c'est un bruit qui part
460 De quelque conjecture ou d'un coup de hasard,
Mais de ce mariage on m'a dit la nouvelle,
Et j'ai traité cela de pure bagatelle.

ORGON

Quoi donc! la chose est-elle incroyable?

DORINE

A tel point
Que vous-même, monsieur, je ne vous en crois point.

ORGON

465 Je sais bien le moyen de vous le faire croire.

1. Arrêter : décider; 2. Prétendre : avoir la ferme intention; 3. Mamie : voir vers 13 et la note.

QUESTIONS

● VERS 445-456. L'évolution de l'attitude de Mariane; le durcissement progressif d'Orgon : cherchez-en des manifestations; les marques d'autorité (mots, ton), l'égoïsme que traduit ce choix.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE PREMIÈRE. — Montrez qu'elle continue et complète la dernière scène de l'acte précédent. Qu'y a-t-il de traditionnel dans la situation entre père et fille? Citez d'autres comédies de Molière où l'on retrouve le même désaccord.

DORINE

Oui, oui, vous nous contez une plaisante histoire.

ORGON

Je conte justement ce qu'on verra dans peu.

DORINE

Chansons!

ORGON

Ce que je dis, ma fille, n'est point jeu.

DORINE

Allez, ne croyez point à¹ monsieur votre père!
470 Il raille.

ORGON

Je vous dis...

DORINE

Non, vous avez beau faire,
On ne vous croira point.

ORGON

A la fin, mon courroux...

DORINE

Hé bien! on vous croit donc, et c'est tant pis pour vous.
Quoi! se peut-il, monsieur, qu'avec l'air d'homme sage
Et cette large barbe au milieu du visage,
475 Vous soyez assez fou pour vouloir...

ORGON

Écoutez :

Vous avez pris céans² certaines privautés
Qui ne me plaisent point, je vous le dis, mamie³.

DORINE

Parlons sans nous fâcher, monsieur, je vous supplie.
Vous moquez-vous des gens d'avoir fait ce complot?

1. Croire à : ajouter foi à; ne s'emploie plus qu'avec un complément de chose;
2. Céans : voir vers 46 et la note; 3. Mamie : voir vers 13 et la note.

QUESTIONS

- VERS 457-477. Pourquoi Dorine intervient-elle? Analysez les causes du mécontentement d'Orgon (vers 456-458, à rapprocher des vers 428-430). Dorine joue d'abord l'incrédulité : que veut-elle souligner par là? Quel est le seul argument qu'Orgon trouve en réponse? — Est-ce la première fois qu'Orgon se fait traiter de « fou » (vers 475)? Montrez le comique de la situation.

- 480 Votre fille n'est point l'affaire d'un bigot,
Il a d'autres emplois auxquels il faut qu'il pense;
Et puis, que vous apporte une telle alliance?
A quel sujet¹ aller, avec tout votre bien,
Choisir un gendre gueux...

ORGON

Taisez-vous. S'il n'a rien,

- 485 Sachez que c'est par là qu'il faut qu'on le révère.
Sa misère est sans doute² une honnête misère.
Au-dessus des grandeurs elle doit l'élever,
Puisqu'enfin de son bien il s'est laissé priver
Par son trop peu de soin des choses temporelles*
490 Et sa puissante attache³ aux choses éternelles*.
Mais mon secours pourra lui donner les moyens
De sortir d'embarras et rentrer dans ses biens.
Ce sont fiefs qu'à bon titre au pays⁴ on renomme.
Et, tel que l'on le voit, il est bien gentilhomme.

DORINE

- 495 Oui, c'est lui qui le dit, et cette vanité,
Monsieur, ne sied pas bien avec la piété.
Qui d'une sainte* vie embrasse l'innocence
Ne doit point tant prôner son nom et sa naissance,
Et l'humble procédé⁵ de la dévotion
500 Souffre mal les éclats de cette ambition.
A quoi bon cet orgueil?... Mais ce discours vous blesse :
Parlons de sa personne, et laissons sa noblesse.
Ferez-vous possesseur, sans quelque peu d'ennui⁶,
D'une fille comme elle un homme comme lui?
505 Et ne devez-vous pas songer aux bienséances
Et de cette union prévoir les conséquences?
Sachez que d'une fille on risque la vertu
Lorsque dans son hymen son goût est combattu;
Que le dessein d'y vivre en honnête personne

1. *A quel sujet* : pour quel motif; 2. *Sans doute* : assurément; 3. *Attache* : attachement; 4. *Au pays* : dans son pays; 5. *Procédé* : manière d'agir; 6. *Ennui* (sens fort) : douleur; 7. Cette tirade, qui n'est pas dans le ton habituel à Dorine, était dite par Cléante, en 1667, et venait seulement à l'acte IV.

QUESTIONS

- VERS 478-494. Contraste du vers 478 avec les précédents : à quoi voyez-vous que Dorine prend la direction de la conversation? La valeur de ses arguments. Pourquoi Orgon coupe-t-il Dorine justement au vers 485? Comment se mêlent en lui l'admiration pour la vertu chrétienne de pauvreté, les préjugés bourgeois et sa propre vanité?

- 510 Dépend des qualités du mari qu'on lui donne,
Et que ceux dont partout on montre au doigt le front
Font leurs femmes souvent ce qu'on voit qu'elles sont.
Il est bien difficile enfin d'être fidèle
A de certains maris faits d'un certain modèle,
515 Et qui donne à sa fille un homme qu'elle hait
Est responsable au ciel* des fautes qu'elle fait.
Songez à quels périls¹ votre dessein vous livre.

ORGON

Je vous dis qu'il me faut apprendre d'elle à vivre!

DORINE

Vous n'en feriez que mieux de suivre mes leçons.

ORGON, à *Mariane*.

- 520 Ne nous amusons point, ma fille, à ces chansons,
Je sais ce qu'il vous faut, et je suis votre père.
J'avais donné pour vous ma parole à Valère;
Mais, outre qu'à jouer on dit qu'il est enclin,
Je le soupçonne encor d'être un peu libertin²;
525 Je ne remarque point qu'il hante les églises.

DORINE

Voulez-vous qu'il y coure à vos heures précises,
Comme ceux qui n'y vont que pour être aperçus?

ORGON

- Je ne demande pas votre avis là-dessus.
Enfin avec le ciel* l'autre est le mieux du monde,
530 Et c'est une richesse à nulle autre seconde.
Cet hymen de tous biens comblera vos désirs,
Il sera tout confit³ en douceurs et plaisirs.
Ensemble vous vivrez, dans vos ardeurs* fidèles,
Comme deux vrais enfants, comme deux tourterelles.
535 A nul fâcheux débat jamais vous n'en viendrez,

1. Les châtimens éternels; 2. *Libertin* : voir vers 314 et la note; 3. *Confit* : pénétré de.

QUESTIONS

- VERS 495-519. Quels sont les deux arguments de Dorine (vers 495-501 et 502-517)? — Le style de cette tirade; à quoi voit-on qu'elle est passée du rôle de Cléante à celui de Dorine? Démontrez que Dorine marque le premier point dans cette discussion (vers 519).

91
g
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 155

Et vous ferez de lui tout ce que vous voudrez.

DORINE

Elle? Elle n'en fera qu'un sot¹, je vous assure.

ORGON

Ouais! quels discours!

DORINE

Je dis qu'il en a l'encolure²,

Et que son ascendant³, monsieur, l'emportera

540 Sur toute la vertu que votre fille aura.

ORGON

Cessez de m'interrompre, et songez à vous taire,
Sans mettre votre nez où vous n'avez que faire.

DORINE

Je n'en parle, monsieur, que pour votre intérêt.

*(Elle l'interrompt toujours au moment qu'il se retourne
pour parler à sa fille.)*

ORGON

C'est prendre trop de soin; taisez-vous, s'il vous plaît.

DORINE

545 Si l'on ne vous aimait...

ORGON

Je ne veux pas qu'on m'aime.

DORINE

Et je veux vous aimer, monsieur, malgré vous-même.

ORGON

Ah!

1. *Sot* : mari trompé; 2. *Encolure* : allure, aspect; 3. *Ascendant* : ses aptitudes à être trompé, qu'il tient de l'astre sous lequel il est né. (*Ascendant* se disait, en astrologie, d'une planète ou d'un astre qui, en ascendance au moment de la naissance de quelqu'un, devait — croyait-on — influencer sur sa destinée.)

QUESTIONS

● VERS 520-536. En quoi ce retour d'Orgon vers Mariane constitue-t-il un aveu de défaite? L'accusation de libertinage, chez Orgon, n'est-elle pas le suprême argument (voir vers 314)? Rapprochez les vers 526-527 des vers 283-284 et 289-290. Soulignez le comique des vers 529-536 : analysez le mélange de sensualité et de dévotion qu'Orgon fait ici.

DORINE

Votre honneur m'est cher, et je ne puis souffrir
Qu'aux brocards d'un chacun vous alliez vous offrir.

ORGON

Vous ne vous taisez point ?

DORINE

C'est une conscience¹

550 Que de vous laisser faire une telle alliance.

ORGON

Te tairas-tu, serpent, dont les traits effrontés...

DORINE

Ah ! vous êtes dévot, et vous vous emportez !

ORGON

Oui, ma bile s'échauffe à toutes ces fadaïses,
Et tout résolument je veux que tu te taises.

DORINE

555 Soit. Mais, ne disant mot, je n'en pense pas moins.

ORGON

Pense, si tu le veux ; mais applique tes soins
A ne m'en point parler ou... Suffit.

(Se retournant vers sa fille.)

Comme sage,

J'ai pesé mûrement toutes choses.

DORINE

J'enrage

De ne pouvoir parler.

(Elle se tait lorsqu'il tourne la tête.)

ORGON

Sans être damoiseau²,

560 Tartuffe est fait de sorte...

1. Une conscience : un cas de conscience ; 2. Damoiseau : jeune seigneur élégant ; l'Académie dans son dictionnaire (1694) le signale comme vieilli.

QUESTIONS

● VERS 537-557. Le comique né du choc des vers 536 et 537. Quel nouveau mouvement comique se déclenche alors ? Comparez l'attachement de Dorine à Orgon (vers 547-548) à celui de maître Jacques pour Harpagon. Marquez les changements de ton chez Orgon : fureur, contrition, abdication sur l'essentiel et menace vague.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 158

DORINE

Oui, c'est un beau museau!

ORGON

Que, quand tu n'aurais même aucune sympathie
Pour tous les autres dons...

(*Il se tourne devant elle et la regarde, les bras croisés.*)

DORINE

La voilà bien lotie!

Si j'étais en sa place, un homme, assurément,
Ne m'épouserait pas de force impunément,

565 Et je lui ferais voir, bientôt après la fête,
Qu'une femme a toujours une vengeance prête.

ORGON

Donc, de ce que je dis on ne fera nul cas¹?

DORINE

De quoi vous plaignez-vous? Je ne vous parle pas.

ORGON

Qu'est-ce que tu fais donc?

DORINE

Je me parle à moi-même.

ORGON

570 Fort bien. Pour châtier son insolence extrême,
Il faut que je lui donne un revers de ma main.

(*Il se met en posture de lui donner un soufflet; et Dorine,
à chaque coup d'œil qu'il jette, se tient droite sans
parler.*)

Ma fille, vous devez approuver mon dessein...

Croire que le mari... que j'ai su vous élire²...

(*A Dorine.*)

Que ne te parles-tu?

1. Il s'agit de la défense qu'il lui a faite de parler; 2. *Elire* : choisir; ce mot se disait « principalement des personnes » (*Dictionnaire de l'Académie*, 1694), et, en 1676, le P. Bouhours le signalait comme « extrêmement vieux ».

QUESTIONS

● VERS 558-569. Le nouvel effet comique dans ce passage. Montrez-en la valeur scénique; les apartés d'un personnage destinés à un autre que lui-même ne sont-ils pas un procédé comique courant? Rapprochez ce passage, à ce point de vue, d'*Amphitryon* (I, n), de *l'Avare* (I, m).

93
E

DORINE

Je n'ai rien à me dire.

ORGON

575 Encore un petit mot.

DORINE

Il ne me plaît pas, moi.

ORGON

Certes, je t'y guettais.

DORINE

Quelque sottel, ma foi!

ORGON

Enfin, ma fille, il faut payer d'obéissance,
Et montrer pour mon choix entière déférence.

DORINE, *en s'enfuyant*.

Je me moquerais² fort de prendre un tel époux.

(*Il lui veut donner un soufflet et la manque.*)

ORGON

580 Vous avez là, ma fille, une peste avec vous,
Avec qui sans péché* je ne saurais plus vivre.
Je me sens hors d'état maintenant de poursuivre;
Ses discours insolents m'ont mis l'esprit en feu,
Et je vais prendre l'air pour me rasseoir³ un peu.

1. Il faudrait être *quelque sottel* pour le faire; 2. *Se moquer de* : refuser en ridiculisant; 3. *Se rasseoir* : retrouver son calme et son équilibre.

QUESTIONS

● VERS 570-576. Le passage au comique de farce. Montrez que le comique de geste est lié ici à la psychologie des personnages; l'embarras d'Orgon (vers 572-573) ne souligne-t-il pas l'échec qu'il vient de subir?

● VERS 577-584. Pourquoi Orgon bâcle-t-il son entretien avec sa fille? Expliquez le vers 581 (rapprochez-le du vers 552). En quoi son attitude consacre-t-elle le triomphe de Dorine?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE II. — Les différentes manifestations du ridicule chez Orgon. Le comique de cette scène : comment passe-t-on progressivement de la comédie à la farce? La nécessité d'un épisode consacré au rire après la première scène de l'acte.

— Comparez Dorine face à Orgon à Toinette face à Argan, dans *le Malade imaginaire*, et à Sganarelle face à Dom Juan.

— Orgon, chef de famille : a-t-il autant d'autorité sur Dorine que sur Mariane? Montrez que cette situation traditionnelle chez les pères de comédie se justifie ici sur le plan psychologique.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, P. 159

64 — LE TARTUFFE

SCÈNE III. — DORINE, MARIANE.

DORINE

585 Avez-vous donc perdu, dites-moi, la parole,
Et faut-il qu'en ceci je fasse votre rôle?
Souffrir qu'on vous propose un projet insensé
Sans que du moindre mot vous l'ayez repoussé!

MARIANE

Contre un père absolu que veux-tu que je fasse?

DORINE

590 Ce qu'il faut pour parer une telle menace.

MARIANE

Quoi?

DORINE

Lui dire qu'un cœur n'aime point par autrui;
Que vous vous mariez pour vous, non pas pour lui;
Qu'étant celle pour qui se fait toute l'affaire,
C'est à vous, non à lui, que le mari doit plaire,
595 Et que, si son Tartuffe est pour lui si charmant,
Il le peut épouser sans nul empêchement.

MARIANE

Un père, je l'avoue, a sur nous tant d'empire
Que je n'ai jamais eu la force de rien dire.

DORINE

Mais raisonnons. Valère a fait pour vous des pas¹ :
600 L'aimez-vous, je vous prie, ou ne l'aimez-vous pas?

MARIANE

Ah! qu'envers mon amour ton injustice est grande,
Dorine! Me dois-tu faire cette demande?
T'ai-je pas là-dessus ouvert cent fois mon cœur,
Et sais-tu pas pour lui jusqu'où va mon ardeur?

DORINE

605 Que sais-je si le cœur a parlé par la bouche,
Et si c'est tout de bon que cet amant vous touche?

1. Pas : démarches.

MARIANE

Tu me fais un grand tort, Dorine, d'en douter,
Et mes vrais sentiments ont su trop éclater.

DORINE

Enfin, vous l'aimez donc?

MARIANE

Oui, d'une ardeur extrême.

DORINE

610 Et, selon l'apparence, il vous aime de même?

MARIANE

Je le crois.

DORINE

Et tous deux brûlez également
De vous voir mariés ensemble?

MARIANE

Assurément.

DORINE

Sur cette autre union quelle est donc votre attente¹?

MARIANE

De me donner la mort, si l'on me violente².

DORINE

615 Fort bien. C'est un recours où³ je ne songeais pas :
Vous n'avez qu'à mourir pour sortir d'embarras.
Le remède, sans doute, est merveilleux. J'enrage
Lorsque j'entends tenir ces sortes de langage.

MARIANE

Mon Dieu, de quelle humeur, Dorine, tu te rends!

620 Tu ne compatis point aux déplaisirs⁴ des gens.

DORINE

Je ne compatis point à qui dit des sornettes,
Et dans l'occasion⁵ mollit comme vous faites.

1. Que comptez-vous faire? 2. *Violenter* : exercer une contrainte; 3. *Où* : auquel (voir vers 437 et la note); 4. *Déplaisir* : désespoir; 5. *Occasion* : moment décisif (terme militaire).

MARIANE

Mais que veux-tu ? Si j'ai de la timidité...

DORINE

Mais l'amour dans un cœur veut de la fermeté.

MARIANE

- 625 Mais n'en gardé-je pas pour les feux de Valère ?
Et n'est-ce pas à lui de m'obtenir d'un père ?

DORINE

- Mais quoi ! si votre père est un bourru fieffé¹,
Qui s'est de son Tartuffe entièrement coiffé
Et manque à l'union qu'il avait arrêtée²,
630 La faute à votre amant doit-elle être imputée ?

MARIANE

- Mais, par un haut refus et d'éclatants mépris,
Feraï-je dans mon choix voir un cœur trop épris ?
Sortirai-je pour lui, quelque éclat dont il brille,
De la pudeur du sexe et du devoir de fille ?
635 Et veux-tu que mes feux par le monde étalés...

DORINE

- Non, non, je ne veux rien. Je vois que vous voulez
Etre à monsieur Tartuffe, et j'aurais, quand j'y pense,
Tort de vous détourner d'une telle alliance.
Quelle raison aurais-je à combattre vos vœux ?
640 Le parti, de soi-même, est fort avantageux.
Monsieur Tartuffe ! Oh ! oh ! n'est-ce rien qu'on propose ?
Certes monsieur Tartuffe, à bien prendre la chose,
N'est pas un homme, non, qui se mouche du pié³,
Et ce n'est pas peu d'heur⁴ que d'être sa moitié.
645 Tout le monde déjà de gloire le couronne ;
Il est noble chez lui⁵, bien fait de sa personne.
Il a l'oreille rouge et le teint bien fleuri :
Vous vivrez trop contente avec un tel mari.

MARIANE

Mon Dieu...

1. *Bourru* : extravagant ; *fieffé* renforce l'appellation, comme si elle était un fief dont on pourvoit la personne ; 2. *Arrêter* : voir vers 452 et la note ; 3. *Pié* : orthographe tolérée en poésie, pour la rime ; 4. *Heur* : chance ; 5. *Chez lui* : dans sa province.

DORINE

Quelle allégresse aurez-vous dans votre âme
650 Quand d'un époux si beau vous verrez la femme!

MARIANE

Ah! cesse, je te prie, un semblable discours,
Et contre cet hymen ouvre-moi du secours.
C'en est fait, je me rends et suis prête à tout faire.

DORINE

Non, il faut qu'une fille obéisse à son père,
655 Voulût-il lui donner un singe pour époux.
Votre sort est fort beau, de quoi vous plaiguez-vous?
Vous irez par le coche en sa petite ville,
Qu'en oncles et cousins vous trouverez fertile,
Et vous vous plairez fort à les entretenir.
660 D'abord chez le beau monde on vous fera venir;
Vous irez visiter, pour votre bienvenue,
Madame la baillive et madame l'élue¹,
Qui d'un siège pliant² vous feront honorer.
Là, dans le carnaval, vous pourrez espérer
665 Le bal et la grand-bande³, à savoir deux musettes,
Et, parfois, Fagotin⁴ et les marionnettes.
Si pourtant votre époux...

MARIANE

Ah! tu me fais mourir!
De tes conseils plutôt songe à me secourir.

DORINE

Je suis votre servante⁵.

MARIANE

Eh! Dorine, de grâce...

DORINE

670 Il faut, pour vous punir, que cette affaire passe⁶.

1. *Baillive* : féminin, burlesque selon certains, de *baillif*, ou *bailli*, fonctionnaire de justice. *Elu* : fonctionnaire subalterne, primitivement élu par les états généraux, puis nommé par le roi; il répartissait les impôts dans sa circonscription; 2. La nature du siège offert à une personne dans un salon était déterminée par sa condition sociale; un *siège pliant* ne se donnait qu'à une personne du dernier rang; 3. La *grand-bande* : les vingt-quatre violons du roi; l'expression est ici ironique, il ne s'agit que de « deux musettes »; 4. *Fagotin* : singe savant, célèbre à l'époque; 5. Expression de refus ironique (voir vers 409 et la note); 6. *Passer* : se faire.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. J 64

MARIANE

Ma pauvre fille!

DORINE

Non.

MARIANE

Si mes vœux déclarés...

DORINE

Point. Tartuffe est votre homme, et vous en tâterez.

MARIANE

Tu sais qu'à toi toujours je me suis confiée.

Fais-moi...

DORINE

Non. Vous serez, ma foi, tartuffiée.

MARIANE

5 Hé bien! puisque mon sort ne saurait t'émouvoir,

Laisse-moi désormais toute à mon désespoir.

C'est de lui que mon cœur empruntera de l'aide,

Et je sais de mes maux l'infailible remède.

(Elle veut s'en aller.)

DORINE

Hé! là, là, revenez, je quitte mon courroux.

680 Il faut nonobstant tout avoir pitié de vous.

MARIANE

Vois-tu, si l'on m'expose à ce cruel martyr,
Je te le dis, Dorine, il faudra que j'expire.

DORINE

Ne vous tourmentez point, on peut adroitement
Empêcher... Mais voici Valère, votre amant.

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE III. — Composition de cette scène : ses différents mouvements, qui correspondent aux efforts progressifs de Dorine pour convaincre Mariane.

— Le caractère de Mariane : le respect des convenances, mais aussi le goût du romanesque. Comparez-la à d'autres jeunes filles de la bourgeoisie chez Molière (Élise, dans *l'Avare*, Henriette dans *les Femmes savantes*) : ressemblances et différences.

SCÈNE IV. — VALÈRE, MARIANE, DORINE.

VALÈRE

685 On vient de débiter¹, madame², une nouvelle
Que je ne savais pas, et qui sans doute est belle.

MARIANE

Quoi!

VALÈRE

Que vous épousez Tartuffe.

MARIANE

Il est certain
Que mon père s'est mis en tête ce dessein.

VALÈRE

Votre père, madame...

MARIANE

A changé de visée.

690 La chose vient par lui de m'être proposée.

VALÈRE

Quoi! sérieusement?

MARIANE

Oui, sérieusement;
Il s'est pour cet hymen déclaré hautement.

VALÈRE

Et quel est le dessein où votre âme s'arrête,
Madame?

MARIANE

Je ne sais.

VALÈRE

La réponse est honnête³

695 Vous ne savez?

MARIANE

Non.

1. *Débiter* : raconter, sans nuance défavorable; 2. *Madame* : titre que, par politesse, l'on donnait aux jeunes filles aussi bien qu'aux femmes de la bourgeoisie; 3. *Honnête* : aimable.

70 — LE TARTUFFE

VALÈRE

Non ?

MARIANE

Que me conseillez-vous ?

VALÈRE

Je vous conseille, moi, de prendre cet époux.

MARIANE

Vous me le conseillez ?

VALÈRE

Oui.

MARIANE

Tout de bon ?

VALÈRE

Sans doute.

Le choix est glorieux et vaut bien qu'on l'écoute.

MARIANE

Hé bien, c'est un conseil, monsieur, que je reçois.

VALÈRE

700 Vous n'aurez pas grand-peine à le suivre, je crois.

MARIANE

Pas plus qu'à le donner en a souffert votre âme.

VALÈRE

Moi, je vous l'ai donné pour vous plaire, madame.

MARIANE

Et moi, je le suivrai pour vous faire plaisir.

DORINE, *à part*.Voyons ce qui pourra de ceci réussir¹.

VALÈRE

705 C'est donc ainsi qu'on aime ? et c'était tromperie,
Quand vous...

MARIANE

Ne parlons point de cela, je vous prie.

1. Réussir : résulter.

Vous m'avez dit tout franc que je dois accepter
Celui que pour époux on veut me présenter,
Et je déclare, moi, que je prétends le faire,
710 Puisque vous m'en donnez le conseil salutaire.

VALÈRE

Ne vous excusez point sur mes intentions :
Vous aviez pris déjà vos résolutions,
Et vous vous saisissez d'un prétexte frivole
Pour vous autoriser à manquer de parole.

MARIANE

715 Il est vrai, c'est bien dit.

VALÈRE

Sans doute, et votre cœur
N'a jamais eu pour moi de véritable ardeur.

MARIANE

Hélas! permis à vous d'avoir cette pensée.

VALÈRE

Oui, oui, permis à moi; mais mon âme offensée
Vous préviendra¹ peut-être en un pareil dessein :
720 Et je sais où porter et mes vœux et ma main.

MARIANE

Ah! je n'en doute point; et les ardeurs qu'excite
Le mérite...

VALÈRE

Mon Dieu, laissons là le mérite :
J'en ai fort peu, sans doute, et vous en faites foi;
Mais j'espère aux bontés qu'une autre aura pour moi,
725 Et j'en sais de qui l'âme, à ma retraite ouverte²,
Consentira sans honte à réparer ma perte³.

MARIANE

La perte n'est pas grande, et de ce changement
Vous vous consolerez assez facilement...

VALÈRE

J'y ferai mon possible, et vous le pouvez croire.

1. *Prévenir* : devancer; 2. Qui m'accueillera quand je me serai séparé de vous;
3. *Ma perte* : la perte que je fais de vous.

72 — LE TARTUFFE

- 730 Un cœur qui nous oublie engage notre gloire¹ :
 Il faut à l'oublier mettre aussi tous nos soins.
 Si l'on n'en vient à bout, on le doit feindre au moins ;
 Et cette lâcheté jamais ne se pardonne
 De montrer de l'amour pour qui nous abandonne.

MARIANE

- 735 Ce sentiment sans doute est noble et relevé.

VALÈRE

- Fort bien, et d'un chacun² il doit être approuvé.
 Hé quoi ? vous voudriez qu'à jamais dans mon âme
 Je gardasse pour vous les ardeurs de ma flamme³,
 Et vous visse à mes yeux passer en d'autres bras,
 740 Sans mettre ailleurs un cœur dont vous ne voulez pas ?

MARIANE

Au contraire, pour moi, c'est ce que je souhaite,
 Et je voudrais déjà que la chose fût faite.

VALÈRE

Vous le voudriez ?

MARIANE

Oui.

VALÈRE

C'est assez m'insulter,
 Madame, et de ce pas je vais vous contenter.
(Il fait un pas pour s'en aller et revient toujours.)

MARIANE

- 745 Fort bien.

VALÈRE

Souvenez-vous au moins que c'est vous-même
 Qui contraignez mon cœur à cet effort⁴ extrême.

MARIANE

Oui.

VALÈRE

Et que le dessein que mon âme conçoit
 N'est rien qu'à votre exemple⁵.

1. Met en cause notre réputation ; 2. *Un chacun* : voir vers 137 et la note ;
 3. *Flamme* (terme précieux) : amour ; 4. *Effort* : action énergique ; 5. Et que ma
 décision n'est prise qu'à la suite de la vôtre.

MARIANE

A mon exemple, soit.

VALÈRE

Suffit; vous allez être à point nommé servie.

MARIANE

750 Tant mieux.

VALÈRE

Vous me voyez, c'est pour toute ma vie¹.

MARIANE

A la bonne heure!

VALÈRE *s'en va, et, lorsqu'il est vers la porte, il se retourne.*
Euh?

MARIANE

Quoi?

VALÈRE

Ne m'appellez-vous pas?

MARIANE

Moi! vous rêvez.

VALÈRE

Hé bien, je poursuis donc mes pas.

Adieu, madame.

MARIANE

Adieu, monsieur.

DORINE

Pour moi, je pense

Que vous perdez l'esprit par cette extravagance,

755 Et je vous ai laissé² tout du long quereller³,

Pour voir où tout cela pourrait enfin aller.

Holà! seigneur Valère.

(Elle va l'arrêter par le bras, et Valère fait mine de grande résistance.)

1. C'est la dernière fois que vous me voyez; 2. *Laissé* : sans accord; la règle d'accord des participes n'était pas encore rigoureuse; 3. *Quereller* : vous quereller.

98
E
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00 JO, P. 169 CBS TEA BLE

VALÈRE

Hé! que veux-tu, Dorine?

DORINE

Venez ici.

VALÈRE

Non, non, le dépit me domine.

Ne me détourne point de ce qu'elle a voulu.

DORINE

760 Arrêtez.

VALÈRE

Non, vois-tu, c'est un point résolu.

DORINE

Ah!

MARIANE

Il souffre à me voir, ma présence le chasse,
Et je ferai bien mieux de lui quitter¹ la place.

DORINE *quitte Valère et court à Mariane.*

A l'autre! où courez-vous?

MARIANE

Laisse.

DORINE

Il faut revenir.

MARIANE

Non, non, Dorine, en vain tu veux me retenir.

VALÈRE

765 Je vois bien que ma vue est pour elle un supplice,
Et sans doute il vaut mieux que je l'en affranchisse.

DORINE, *elle quitte Mariane et court à Valère.*Encor? Diantre soit fait de vous si je le veux²!

1. *Quitter* : céder; 2. Le sens assez obscur de ce vers est controversé; on a même proposé une modification de la ponctuation : « Encor ? Diantre soit fait de vous! Si... Je le veux! » *Diantre* est une altération de *diable*; l'expression signifierait : « Que le diable vous emporte si j'y consens » (y : que vous l'en affranchissiez).

Cessez ce badinage¹, et venez çà tous deux.

(Elle les tire l'un et l'autre.)

VALÈRE

Mais quel est ton dessein?

MARIANE

Qu'est-ce que tu veux faire?

DORINE

770 Vous bien remettre ensemble et vous tirer d'affaire.

(A Valère.)

Êtes-vous fou d'avoir un pareil démêlé?

VALÈRE

N'as-tu pas entendu comme elle m'a parlé?

DORINE, à Mariane.

Êtes-vous folle, vous, de vous être emportée?

MARIANE

N'as-tu pas vu la chose, et comme il m'a traitée?

DORINE, à Valère.

775 Sottise des deux parts. Elle n'a d'autre soin²

Que de se conserver à vous, j'en suis témoin.

(A Mariane.)

Il n'aime que vous seule, et n'a point d'autre envie

Que d'être votre époux, j'en répons sur ma vie.

MARIANE

Pourquoi donc me donner un semblable conseil?

VALÈRE

780 Pourquoi m'en demander sur un sujet pareil?

DORINE

Vous êtes fous tous deux. Çà, la main, l'un et l'autre.

(A Valère.)

Allons, vous.

VALÈRE, en donnant sa main à Dorine.

A quoi bon ma main?

1. Badinage : voir vers 313 et la note; 2. Soins : souci.

99
E

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, 1. 171

DORINE, à *Mariane*.

Ah! ça, la vôtre.

MARIANE, *en donnant aussi sa main*.

De quoi sert tout cela?

DORINE

Mon Dieu! vite, avancez.

Vous vous aimez tous deux plus que vous ne pensez.

VALÈRE, à *Mariane*.

785 Mais ne faites donc point les choses avec peine,
Et regardez un peu les gens sans nulle haine.
(*Mariane tourne l'œil sur Valère et fait un petit souris.*)

DORINE

A vous dire le vrai, les amants sont bien fous!

VALÈRE

Oh ça! n'ai-je pas lieu de me plaindre de vous?

Et, pour n'en point mentir, n'êtes-vous pas méchante

790 De vous plaire à me dire une chose affligeante?

MARIANE

Mais vous, n'êtes-vous pas l'homme le plus ingrat...

DORINE

Pour une autre saison¹ laissons tout ce débat,
Et songeons à parer ce fâcheux mariage.

MARIANE

Dis-nous donc quels ressorts il faut mettre en usage.

DORINE

795 Nous en ferons agir de toutes les façons.

Votre père se moque, et ce sont des chansons.

Mais, pour vous, il vaut mieux qu'à son extravagance

D'un doux consentement vous prêtiez l'apparence,

Afin qu'en cas d'alarme il vous soit plus aisé

800 De tirer en longueur cet hymen proposé.

En attrapant du temps à tout on remédie.

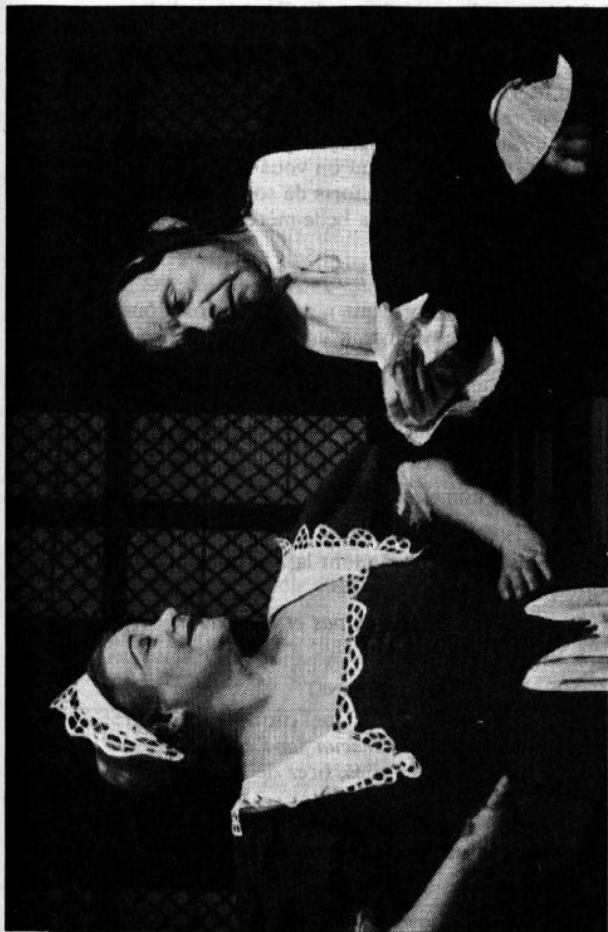
Tantôt vous payerez² de quelque maladie

Qui viendra tout à coup et voudra des délais,

1. Saison : moment; 2. Payer : donner comme prétexte.

Tantôt vous parlez de braves maris :
« Vous avez fait d'un mot la rencontre lâcheuse,
C'est d'un mot que l'on se sépare, on se sépare d'un mot »

100
9



Phot. Lipnitzki.

« Vous êtes donc bien tendre à la tentation,
Et la chair sur vos sens fait grande impression! » (Vers 863-864.)

BÉATRICE BRETTEY (Dorine) et FERNAND LEDOUX (Tartuffe), À LA COMÉDIE FRANÇAISE

78 — LE TARTUFFE

- Tantôt vous payerez de présages mauvais :
 805 Vous aurez fait d'un mort la rencontre fâcheuse,
 Cassé quelque miroir, ou songé d'eau bourbeuse.
 Enfin, le bon de tout, c'est qu'à d'autres qu'à lui
 On ne vous peut lier que¹ vous ne disiez oui.
 Mais, pour mieux réussir, il est bon, ce me semble,
 810 Qu'on ne vous trouve point tous deux parlant ensemble.
 (*A Valère.*)

- Sortez, et sans tarder, employez vos amis,
 Pour vous faire tenir² ce qu'on vous a promis.
 Nous allons réveiller les efforts de son frère,
 Et dans notre parti jeter la belle-mère.
 815 Adieu.

VALÈRE, à *Mariane*.

Quelques efforts que nous préparions tous,
 Ma plus grande espérance, à vrai dire, est en vous.

MARIANE, à *Valère*.

Je ne vous réponds pas des volontés d'un père;
 Mais je ne serai point à d'autre qu'à Valère.

VALÈRE

Que vous me comblez d'aise! et, quoi que puisse oser...

DORINE

- 820 Ah! jamais les amants ne sont las de jaser.
 Sortez, vous dis-je.

VALÈRE *fait un pas et revient*.

Enfin...

DORINE

Quel caquet est le vôtre!

(*Les poussant chacun par l'épaule.*)

Tirez de cette part³, et vous, tirez de l'autre.

1. Que : à moins que; 2. Pour qu'ils vous fassent obtenir; 3. Allez de ce côté.

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE IV. — Les différents moments de cette scène de dépit amoureux. Les éléments comiques et psychologiques traditionnels dans une scène de ce genre; son originalité (comparez avec le *Dépit amoureux*, IV, III et le *Bourgeois gentilhomme*, III, x). Cette scène est-elle un hors-d'œuvre? Rattachez-la à l'action; qu'apporte-t-elle sur les caractères?

■ Pour les questions relatives à l'ensemble de l'acte II, voir page suivante.

101 E

ACTE III

SCÈNE PREMIÈRE. — DAMIS, DORINE.

DAMIS

Que la foudre sur l'heure achève mes destins,
Qu'on me traite partout du plus grand des faquins¹,
825 S'il est aucun respect ni pouvoir qui m'arrête,
Et si je ne fais pas quelque coup de ma tête.

DORINE

De grâce, modérez un tel emportement;
Votre père n'a fait qu'en parler simplement;
On n'exécute pas tout ce qui se propose,
830 Et le chemin est long du projet à la chose.

DAMIS

Il faut que de ce fat² j'arrête les complots,
Et qu'à l'oreille un peu je lui dise deux mots.

DORINE

Ah! tout doux! envers lui, comme envers votre père,
Laissez agir les soins de votre belle-mère.
835 Sur l'esprit de Tartuffe elle a quelque crédit;
Il se rend complaisant à tout ce qu'elle dit,
Et pourrait bien avoir douceur de cœur³ pour elle.

1. *Faquin* (de l'italien *facchino*, qui signifie « portefaix ») : individu méprisable;
2. *Fat* : voir vers 203 et la note; 3. *Douceur de cœur* : un sentiment tendre.

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE L'ACTE II. — En quoi peut-on dire que c'est l'acte de Dorine? L'action a-t-elle progressé? Les éléments nouveaux. Dressez le bilan des inquiétudes et des éléments qui justifient l'optimisme.

— Comparez avec le premier acte. Montrez que la présence invisible de Tartuffe crée l'unité de toute cette première partie de la pièce. Le spectateur est-il prêt maintenant à accueillir l'hypocrite en pleine connaissance de cause?

— On a reproché à Molière d'avoir artificiellement allongé cet acte, en particulier avec la scène iv. Cette « comédie dans la comédie » rompt-elle le mouvement de l'ensemble?

● VERS 823-832. Le caractère de Damis (revoir les vers 55-60); devine-t-on les motifs de cette nouvelle colère? — Comparez l'attitude de Dorine à l'égard de Damis, ici, et à l'égard de Mariane (II, III).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, p. 176

80 — LE TARTUFFE

Plût à Dieu qu'il¹ fût vrai! la chose serait belle!
Enfin votre intérêt² l'oblige à le mander³;

- 840 Sur l'hymen qui vous trouble elle veut le sonder,
Savoir ses sentiments, et lui faire connaître
Quels fâcheux démêlés il pourra faire naître,
S'il faut qu'à ce dessein il prête quelque espoir⁴.
Son valet dit qu'il prie, et je n'ai pu le voir;
845 Mais ce valet m'a dit qu'il s'en allait descendre.
Sortez donc, je vous prie, et me laissez l'attendre.

DAMIS

Je puis être présent à tout cet entretien.

DORINE

Point : il faut qu'ils soient seuls.

DAMIS

Je ne lui dirai rien.

DORINE

- Vous vous moquez : on sait vos transports⁵ ordinaires,
850 Et c'est le vrai moyen de gâter les affaires.
Sortez.

DAMIS

Non, je veux voir sans me mettre en courroux.

DORINE

Que vous êtes fâcheux! Il vient, retirez-vous.

SCÈNE II. — TARTUFFE, LAURENT, DORINE.

TARTUFFE, *apercevant Dorine*.

Laurent, serrez⁶ ma haine* avec ma discipline*,

1. Il : cela; 2. Votre intérêt : l'intérêt qu'Elmire vous porte; 3. Mander : faire venir; 4. S'il veut encourager Orgon dans la poursuite de ce dessein; 5. Transports : manifestations violentes des passions de l'âme; 6. Serrer : ranger.

QUESTIONS

● VERS 833-846. Les éléments essentiels de cette tirade. L'importance du rôle d'Elmire dans le plan de Dorine. L'intérêt du vers 844 pour le déroulement de l'action.

● VERS 847-852. Relevez les formules impératives dans le rôle de Dorine. Quel rôle a-t-elle conscience de jouer? Croyez-vous Damis capable de tenir la parole du vers 851?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE PREMIÈRE. — Que s'est-il passé durant l'entracte? La continuité de l'action de l'acte II à l'acte III. Pourquoi Dorine n'a-t-elle, dans son plan (I, v), attribué aucun rôle à Damis?

Et priez que toujours le ciel* vous illumine.

855 Si l'on vient pour me voir, je vais aux prisonniers
Des aumônes* que j'ai partager les deniers.

DORINE

Que d'affectation et de forfanterie!

TARTUFFE

Que voulez-vous?

DORINE

Vous dire...

TARTUFFE, *il tire un mouchoir de sa poche.*

Ah! mon Dieu, je vous prie,
Avant que de parler, prenez-moi ce mouchoir.

DORINE

860 Comment?

TARTUFFE

Couvrez ce sein que je ne saurais voir.
Par de pareils objets¹ les âmes* sont blessées,
Et cela fait venir de coupables pensées*.

DORINE

Vous êtes donc bien tendre à la tentation*,
Et la chair* sur vos sens fait grande impression!
865 Certes, je ne sais pas quelle chaleur vous monte,
Mais à convoiter, moi, je ne suis point si prompte,
Et je vous verrais nu du haut jusques en bas
Que toute votre peau ne me tenterait pas.

TARTUFFE

Mettez dans vos discours un peu de modestie²,

1. *Objet* : ce qui se présente à la vue; 2. *Modestie* : voir vers 293 et la note.

QUESTIONS

● VERS 853-857. Valeur dramatique, psychologique et comique de l'entrée en scène de Tartuffe; rapprochez l'indication *apercevant Dorine* des vers qu'il prononce. Montrez que le vers 857 est significatif de l'attitude de Dorine à l'égard de Tartuffe.

● VERS 858-868. « Les gens du Saint-Sacrement sont grands visiteurs de prisons, et, de plus, [...] ils dénoncent l'immodestie des toilettes... » (R. Allier, *la Cabale des dévots*). Quelle était donc la réaction des spectateurs de l'époque devant l'entrée de Tartuffe? Qu'apporte cette précision pour nous maintenant? La mise au point de Dorine (vers 863-868). Montrez que son bon sens frappe toujours juste (comparez son attitude ici et envers Orgon, aux vers 551-552).

82 — LE TARTUFFE

870 Ou je vais sur-le-champ vous quitter¹ la partie.

DORINE

Non, non, c'est moi qui vais vous laisser en repos,
Et je n'ai seulement qu'à vous dire deux mots.
Madame va venir dans cette salle basse²
Et d'un mot d'entretien vous demande la grâce.

TARTUFFE

875 Hélas! très volontiers.

DORINE, *en soi-même.*

Comme il se radoucit!

Ma foi, je suis toujours pour ce que j'en ai dit³.

TARTUFFE

Viendra-t-elle bientôt?

DORINE

Je l'entends, ce me semble.

Oui, c'est elle en personne, et je vous laisse ensemble.

SCÈNE III. — ELMIRE, TARTUFFE.

TARTUFFE

Que le ciel* à jamais, par sa toute bonté,
880 Et de l'âme* et du corps vous donne la santé,
Et bénisse* vos jours autant que le désire
Le plus humble* de ceux que son amour inspire!

ELMIRE

Je suis fort obligée à ce souhait pieux;

1. Quitter : voir vers 762 et la note; 2. Salle basse : nom du salon situé d'ordinaire au rez-de-chaussée; 3. Voir vers 837.

QUESTIONS

● VERS 869-878. L'habileté des vers 869-870, caractéristiques du personnage. Le double sens du vers 871. Montrez que la réponse de Tartuffe (vers 875) marque son désarroi : quels sentiments se disputent son âme ici? Commentez le vers 876. L'importance de l'empressement manifesté par Tartuffe au vers 877.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE II. — L'entrée en scène de Tartuffe déçoit-elle notre longue attente? Sainte-Beuve écrivait (*Port-Royal*, III) : « Ce *Laurent, serrez ma haine...* est le plus admirable début dramatique et comique qui se puisse inventer. » Croyez-vous, avec La Bruyère, dans son portrait d'Onuphre (*Caractères*, XIII, 24), que ce premier vers soit forcé? Essayez d'imaginer l'importance de la mise en scène et du talent de l'acteur pour la réussite de cette entrée. Analysez le comique : le ridicule de Tartuffe, la vigueur saine de Dorine. L'art de Molière, qui a su nous préparer à ce genre de situation.

Mais prenons une chaise afin d'être un peu mieux.

TARTUFFE

885 Comment de votre mal vous sentez-vous remise?

ELMIRE

Fort bien, et cette fièvre a bientôt quitté prise.

TARTUFFE

Mes prières* n'ont pas le mérite qu'il faut
Pour avoir attiré cette grâce* d'en haut,
Mais je n'ai fait au ciel nulle dévote instance*

890 Qui n'ait eu pour objet votre convalescence.

ELMIRE

Votre zèle* pour moi s'est trop inquiété.

TARTUFFE

On ne peut trop chérir votre chère santé,
Et pour la rétablir j'aurais donné la mienne.

ELMIRE

C'est pousser bien avant la charité* chrétienne,
895 Et je vous dois beaucoup pour toutes ces bontés.

TARTUFFE

Je fais bien moins pour vous que vous ne méritez.

ELMIRE

J'ai voulu vous parler en secret d'une affaire,
Et suis bien aise ici qu'aucun ne nous éclaire¹.

TARTUFFE

J'en suis ravi de même, et sans doute il m'est doux,
900 Madame, de me voir seul à seul avec vous.

C'est une occasion qu'au ciel* j'ai demandée,
Sans que jusqu'à cette heure il me l'ait accordée.

ELMIRE

Pour moi, ce que je veux, c'est un mot d'entretien
Où tout votre cœur s'ouvre et ne me cache rien.

1. Eclairer : espionner.

QUESTIONS

● VERS 879-896. L'entrée en matière de Tartuffe : sa prudence (banalité du propos) et son habileté. Quel sentiment déjà transparait derrière sa politesse? Soulignez la réserve d'Elmire dans ses réponses. L'aisance de Tartuffe à manier le langage dévot; la préciosité des vers 892-893.

84 — LE TARTUFFE

TARTUFFE

- 905 Et je ne veux aussi, pour grâce* singulière,
 Que montrer à vos yeux mon âme tout entière,
 Et vous faire serment que les bruits¹ que j'ai faits
 Des visites qu'ici reçoivent vos attraits
 Ne sont pas envers vous l'effet d'aucune² haine,
 910 Mais plutôt d'un transport de zèle³* qui m'entraîne
 Et d'un pur mouvement...

ELMIRE

Je le prends bien aussi,
 Et crois que mon salut* vous donne ce souci.

TARTUFFE, *il lui serre le bout des doigts.*

Oui, madame, sans doute, et ma ferveur* est telle...

ELMIRE

Ouf! vous me serrez trop.

TARTUFFE

C'est par excès de zèle*.

- 915 De vous faire aucun⁴ mal je n'eus jamais dessein,
 Et j'aurais bien plutôt...

(Il lui met la main sur le genou.)

ELMIRE

Que fait là votre main?

TARTUFFE

Je tâte votre habit; l'étoffe en est moelleuse.

ELMIRE

Ah! de grâce, laissez; je suis fort chatouilleuse.
(Elle recule sa chaise, et Tartuffe rapproche la sienne.)

TARTUFFE

Mon Dieu! que de ce point⁵ l'ouvrage est merveilleux!

1. *Bruits* : critiques formulées publiquement; 2. *Aucune* : employé avec *ne... pas* sans que la proposition soit incorrecte; à l'origine, en effet, *aucun* est positif avec la valeur de *quelque*; 3. *Transport de zèle* : manifestation d'une ardente passion (expression mystique transposée dans un sens profane, comme tant d'autres ici); 4. *Aucun* : leçon de toutes les éditions à partir de juin 1669; l'édition originale portait *autre*, ce qui n'a aucun sens; 5. *Point* : dentelle de fil, faite à l'aiguille.

QUESTIONS

- VERS 897-912. En quoi les premiers mots d'Elmire peuvent-ils induire Tartuffe en erreur (vers 897-898; 903-904)? Le comique des vers 901-902. L'habileté des vers 907-911. Soulignez le contraste comique de cette explication avec l'interprétation qu'en donne Madame Pernelle (vers 145 et suivants). Pourquoi Elmire coupe-t-elle la réplique de Tartuffe (vers 911-912)?

920 On travaille aujourd'hui d'un air¹ miraculeux;
Jamais en toute chose on n'a vu si bien faire.

ELMIRE

Il est vrai. Mais parlons un peu de notre affaire.
On tient que mon mari veut dégager sa foi²
Et vous donner sa fille : est-il³ vrai, dites-moi?

TARTUFFE

925 Il m'en a dit deux mots; mais, madame, à vrai dire,
Ce n'est pas le bonheur après quoi je soupire,
Et je vois autre part les merveilleux attraits
De la félicité* qui fait tous mes souhaits.

ELMIRE

C'est que vous n'aimez rien des choses de la terre*.

TARTUFFE

930 Mon sein n'enferme pas un cœur qui soit de pierre.

ELMIRE

Pour moi, je crois qu'au ciel* tendent tous vos soupirs,
Et que rien ici-bas* n'arrête vos désirs.

TARTUFFE

L'amour qui nous attache aux beautés éternelles*
N'étouffe pas en nous l'amour des temporelles*,
935 Nos sens facilement peuvent être charmés⁴
Des ouvrages parfaits que le ciel* a formés.
Ses attraits réfléchis⁵ brillent dans vos pareilles,
Mais il étale en vous ses plus rares merveilles.
Il a sur votre face* épanché des beautés
940 Dont les yeux sont surpris et les cœurs transportés*;
Et je n'ai pu vous voir, parfaite créature*,
Sans admirer en vous l'auteur de la nature*,

1. Air : façon; 2. Foi : voir vers 415 et la note; 3. Il : ce (voir vers 838 et la note);
4. Charmé : voir vers 270 et la note; 5. Réfléchi : reflété.

QUESTIONS

- VERS 913-921. Le contraste entre les gestes et les paroles de Tartuffe : celui-ci agit-il consciemment? Le comique des justifications qu'il donne à ses attitudes. Quels sont les sentiments d'Elmire?
- VERS 922-932. En quoi les vers 922-924 justifient-ils les précautions d'Elmire (vers 897-898)? Les conditions sont-elles favorables à une négociation? Pourquoi Tartuffe est-il pris au piège (vers 925-928)? Comment Elmire prend-elle l'avantage au vers 929? Expliquez l'inconfort croissant de la position de Tartuffe. Est-il encore maître de la situation?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00 JO, p. 181

- Et d'une ardente amour¹ sentir mon cœur atteint
 Au² plus beau des portraits où lui-même il s'est peint.
 945 D'abord j'appréhendai que cette ardeur* secrète
 Ne fût du noir esprit* une surprise adroite³,
 Et même à fuir vos yeux mon cœur se résolut,
 Vous croyant un obstacle à faire mon salut*.
 Mais enfin je connus⁴, ô beauté toute aimable,
 950 Que cette passion peut n'être point coupable;
 Que je puis l'ajuster avecque la pudeur,
 Et c'est ce qui m'y fait abandonner mon cœur.
 Ce m'est, je le confesse, une audace bien grande
 Que d'oser de ce cœur vous adresser l'offrande*;
 955 Mais j'attends en mes vœux tout de votre bonté,
 Et rien des vains efforts de mon infirmité*.
 En vous est mon espoir, mon bien, ma quiétude* :
 De vous dépend ma peine ou ma béatitude* :
 Et je vais être enfin, par votre seul arrêt⁵,
 960 Heureux, si vous voulez, malheureux, s'il vous plaît.

ELMIRE

La déclaration est tout à fait galante;
 Mais elle est, à vrai dire, un peu bien surprenante.
 Vous deviez⁶, ce me semble, armer mieux votre sein⁷
 Et raisonner un peu sur un pareil dessein.

1. *Amour* : féminin et masculin, au singulier, sont encore concurrents au XVII^e siècle; 2. *Au* : devant le; 3. *Adroite* : au XVII^e siècle, se prononçait *adrète*; ainsi, la rime avec *secrète* est bonne; 4. *Connaitre* : reconnaître; 5. *Arrêt* : décision (voir vers 452 et la note); 6. *Vous deviez* : vous auriez dû; 7. *Sein* : cœur, siège des sentiments.

QUESTIONS

- VERS 933-960. La composition de cette tirade : montrez que cette déclaration d'amour est, pour le fond, menée selon les règles de la galanterie de l'époque; quels sentiments Tartuffe veut-il successivement faire naître chez Elmire? — Comment Tartuffe justifie-t-il sa passion amoureuse en l'accordant à sa dévotion? La définition de l'amour mystique (vers 933-944); la lutte intérieure (vers 945-952); la joie de l'âme (vers 953-960). Quelle forme de casuistique est utilisée par Tartuffe? — Étudiez le vocabulaire : comment le vocabulaire religieux et liturgique est-il constamment utilisé pour exprimer une passion charnelle? Ce langage révèle-t-il l'habileté d'un Tartuffe désireux de séduire la vertueuse Elmire par un feint idéalisme, ou la prudence du faux dévot, soucieux de ne pas se démasquer par des paroles profanes? — Si l'on détache cette tirade de son contexte et du personnage qui le prononce, ne comporte-t-elle pas une certaine beauté poétique?
- VERS 961-965. L'habileté d'Elmire : sa protestation modérée peut-elle encourager Tartuffe? Aurait-il été adroit de sa part soit de témoigner de l'indignation, soit d'avoir l'air d'entrer dans le jeu de Tartuffe?



Phot. Lipnitzki.

« Ah! mon Dieu je vous prie,
Avant que de parler, prenez-moi ce mouchoir. » (Vers 858-859.)

LOUIS JOUVET (Tartuffe) ET GABRIELLE DORZIAT (Dorine)

AU THÉÂTRE DE L'ATHÉNÉE (1950)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, 83



Phot. Larousse.

(en) Frontispice du XVII^e siècle pour une édition du Tartuffe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0000, p. 184

965 Un dévot comme vous, et que partout on nomme...

TARTUFFE

Ah! pour être dévot, je n'en suis pas moins homme;
Et lorsqu'on vient à voir vos célestes appas,
Un cœur se laisse prendre et ne raisonne pas.
Je sais qu'un tel discours de moi paraît étrange;
970 Mais, madame, après tout, je ne suis pas un ange,
Et, si vous condamnez l'aveu que je vous fais,
Vous devez vous en prendre à vos charnants¹ attraits.
Dès que j'en vis briller la splendeur plus qu'humaine,
De mon intérieur vous fûtes souveraine.
975 De vos regards divins l'ineffable* douceur
Força la résistance où s'obstinait mon cœur;
Elle surmonta tout, jeûnes*, prières*, larmes*,
Et tourna tous mes vœux du côté de vos charmes.
Mes yeux et mes soupirs vous l'ont dit mille fois,
980 Et pour mieux m'expliquer j'emploie ici la voix.
Que si² vous contemplez d'une âme un peu bénigne*
Les tribulations³* de votre esclave indigne*,
S'il faut que vos bontés veuillent me consoler
Et jusqu'à mon néant* daignent se ravalier,
985 J'aurai toujours pour vous, ô suave* merveille,
Une dévotion* à nulle autre pareille.
Votre honneur avec moi ne court point de hasard
Et n'a nulle disgrâce⁴ à craindre de ma part.
Tous ces galants de cour dont les femmes sont folles
990 Sont bruyants dans leurs faits et vains dans leurs paroles;
De leurs progrès sans cesse on les voit se targuer;
Ils n'ont point de faveurs qu'ils n'aillent divulguer,
Et leur langue indiscrete, en qui l'on se confie,
Déshonore l'autel où leur cœur sacrifie⁵.
995 Mais les gens comme nous brûlent d'un feu discret,
Avec qui pour toujours on est sûr du secret.
Le soin que nous prenons de notre renommée
Répond de toute chose à la personne aimée,
Et c'est en nous qu'on trouve, acceptant notre cœur,

1. *Charments* (sens fort) : ensorceleurs; 2. *Que si* : et si; tour de rhétorique; 3. *Tribulations* : malheurs, adversités. Le mot est aussi souvent utilisé dans la langue religieuse pour définir la malheureuse condition de l'homme sur la terre; 4. *Disgrâce* : déception; 5. Cette sortie contre les *galants de cour* et leur *langue indiscrete* se retrouve dans la bouche d'autres personnages de Molière : Arnolphe, dans *l'Ecole des femmes* (III, 1), Frosine, dans *l'Avare* (II, v); cette indiscretion est un des ressorts du *Misanthrope* (III, 1 et V, iv).

88 — LE TARTUFFE

1000 De l'amour sans scandale* et du plaisir sans peur.

ELMIRE

Je vous écoute dire, et votre rhétorique
 En termes assez forts à mon âme s'explique.
 N'appréhendez-vous point que je ne sois d'humeur
 A dire à mon mari cette galante ardeur,

1005 Et que le prompt avis d'un amour de la sorte
 Ne pût bien altérer l'amitié qu'il vous porte?

TARTUFFE

Je sais que vous avez trop de bénignité*,
 Et que vous ferez grâce à ma témérité;
 Que vous m'excuserez sur l'humaine faiblesse*
 1010 Des violents transports¹ d'un amour qui vous blesse,
 Et considérerez, en regardant votre air,
 Que l'on n'est pas aveugle, et qu'un homme est de chair.

ELMIRE

D'autres prendraient cela d'autre façon peut-être;
 Mais ma discrétion se veut faire paraître.
 1015 Je ne redirai point l'affaire à mon époux;
 Mais je veux en revanche une chose de vous :
 C'est de presser tout franc, et sans nulle chicane,
 L'union de Valère avecque Mariane;
 De renoncer vous-même à l'injuste pouvoir²

1. *Transports* : voir vers 849 et la note; 2. *L'injuste pouvoir* : le bénéfice de l'injustice d'Orgon, usant de la puissance paternelle.

QUESTIONS

● VERS 966-1000. Composition de la tirade. En quel sens progresse la déclaration de Tartuffe, surtout à partir des vers 987-988? La structure antithétique des vers 989-1000 : comment s'explique le mépris de Tartuffe pour les galants de cour? — Le cynisme de Tartuffe : en quoi le personnage devient-il odieux et même effrayant? En se démasquant ainsi, perd-il le contrôle de lui-même ou se croit-il assez sûr d'Elmire pour dévoiler le fond de ses pensées? — Le machiavélisme de Tartuffe : comment transparait la joie méchante d'humilier encore davantage Orgon, tout en affermissant sa position chez celui-ci? — Comparez, au point de vue du vocabulaire et du style, cette tirade à la précédente : que reste-t-il du langage mystique? de la préciosité galante?

● VERS 1001-1020. Le changement de ton marqué par Elmire (vers 1001) : comment Elmire pense-t-elle prendre l'avantage sur Tartuffe? Sa menace est-elle grave? — Tartuffe est-il décontenancé? Par quel chantage moral veut-il faire pièce à Elmire? Elmire avait-elle prévu que l'entretien avec Tartuffe aboutirait à ce résultat? — Pourquoi Molière interromp-il ici la scène? Qu'aurait répondu Tartuffe aux propositions d'Elmire?

1020 Qui veut du bien d'un autre¹ enrichir votre espoir ;
Et...

SCÈNE IV. — ELMIRE, DAMIS, TARTUFFE.

DAMIS, *sortant du petit cabinet où il s'était retiré.*

Non, madame, non, ceci doit se répandre.
J'étais en cet endroit, d'où j'ai pu tout entendre,
Et la bonté du ciel* m'y semble avoir conduit
Pour confondre l'orgueil d'un traître qui me nuit,
1025 Pour m'ouvrir une voie à prendre la vengeance
De son hypocrisie et de son insolence,
A détromper mon père et lui mettre en plein jour
L'âme d'un scélérat qui vous parle d'amour.

ELMIRE

Non, Damis, il suffit qu'il se rende plus sage,
1030 Et tâche à mériter la grâce où² je m'engage.
Puisque je l'ai promis, ne m'en dédites pas.
Ce n'est point mon humeur de faire des éclats ;
Une femme se rit de sottises pareilles
Et jamais d'un mari n'en trouble les oreilles.

1. Du bien d'un autre : de Mariane, fiancée à Valère ; 2. Le pardon auquel je m'engage.

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE III. — Quel devait être l'objet de cette entrevue Tartuffe-Elmire dans le plan ourdi par Dorine ? La déclaration de Tartuffe à Elmire était-elle prévue ou du moins considérée comme possible par les deux femmes ? Cherchez, dans les deux premiers actes, les allusions qui ont préparé le spectateur à cette scène.

— Comment Elmire fait-elle face à la situation ? Montrez qu'elle est habile, sans cependant jamais renoncer à la sincérité. Son caractère, d'après son attitude.

— Le caractère de Tartuffe : sa complexité. Est-ce seulement par sensualité qu'il veut séduire Elmire ? Montrez que sa fausse humilité, puis son cynisme révèlent en lui une certaine forme d'orgueil. Est-il intelligent ? Pourquoi est-il cependant pris au piège tendu par Elmire ?

— Le comique de cette scène : la part du comique de geste, le comique de situation (le trompeur trompé).

● VERS 1021-1034. Comment Molière avait-il préparé cette scène (voir III, 1). La violence de langage du jeune homme est-elle pour nous une surprise ? Justifiez l'étrange attitude d'Elmire : la part de bienséance et celle d'habileté. N'essaye-t-elle pas de faire comprendre à Damis que, par politique, il doit se taire ? Comment fait-elle sentir sa supériorité au jeune homme ?

DAMIS

- 1035 Vous avez vos raisons pour en user ainsi,
 Et pour faire autrement j'ai les miennes aussi.
 Le vouloir épargner est une raillerie;
 Et l'insolent orgueil de sa cagoterie
 N'a triomphé que trop de mon juste courroux,
 1040 Et que trop excité de désordres chez nous.
 Le fourbe trop longtemps a gouverné mon père
 Et desservi mes feux avec ceux de Valère.
 Il faut que du perfide il soit désabusé,
 Et le ciel*, pour cela, m'offre un moyen aisé.
 1045 De cette occasion je lui suis redevable,
 Et pour la négliger elle est trop favorable;
 Ce serait mériter qu'il me la vînt ravir
 Que de l'avoir en main et ne m'en pas servir.

ELMIRE

Damis...

DAMIS

Non, s'il vous plaît, il faut que je me croie¹.

- 1050 Mon âme est maintenant au comble de sa joie,
 Et vos discours en vain prétendent m'obliger
 A quitter² le plaisir de me pouvoir venger;
 Sans aller plus avant, je vais vider d'affaire³;
 Et voici justement de quoi me satisfaire.

SCÈNE V. — ORGON, DAMIS, TARTUFFE, ELMIRE.

DAMIS

- 1055 Nous allons régaler, mon père, votre abord⁴
 D'un incident tout frais qui vous surprendra fort.

1. *Se croire* : agir à son idée; 2. *Quitter* : voir vers 762 et la note; 3. *Vider d'affaire* : travailler à terminer une affaire; locution très courante au XVIII^e siècle, mais familière; 4. *Abord* : arrivée.

QUESTIONS

● VERS 1035-1054. L'impétuosité de Damis : montrez-en les causes (caractère, haine de Tartuffe); soulignez sa grossièreté à l'égard d'Elmire (vers 1035-1036; 1051-1052). Sa maladresse : pensez-vous qu'Orgon puisse croire un tel rapport (voir vers 301-304)?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE IV. — Pourquoi Molière a-t-il fait intervenir Damis? Quel effet produit le silence de Tartuffe? Imaginez ses réflexions pendant ce temps. Le sentiment du spectateur : est-il satisfait ou inquiet?

ps
E

Vous êtes bien payé de toutes vos caresses¹,
Et monsieur d'un beau prix reconnaît vos tendresses.
Son grand zèle pour vous vient de se déclarer.

- 1060 Il ne va pas à moins qu'à vous déshonorer,
Et je l'ai surpris là qui faisait à madame
L'injurieux aveu d'une coupable flamme².
Elle est d'une humeur douce, et son cœur trop discret
Voulait à toute force en garder le secret;
1065 Mais je ne puis flatter³ une telle impudence
Et crois que vous la taire est vous faire une offense.

ELMIRE

- Oui, je tiens⁴ que jamais de tous ces vains propos
On ne doit d'un mari traverser⁵ le repos;
Que ce n'est point de là que l'honneur peut dépendre,
1070 Et qu'il suffit pour nous de savoir nous défendre.
Ce sont mes sentiments⁶; et vous n'auriez rien dit,
Damis, si j'avais eu sur vous quelque crédit.

SCÈNE VI. — ORGON, DAMIS, TARTUFFE.

ORGON

Ce que je viens d'entendre, ô ciel! est-il croyable?

TARTUFFE

- Oui, mon frère, je suis un méchant, un coupable,
1075 Un malheureux pécheur* tout plein d'iniquité,
Le plus grand scélérat qui jamais ait été.
Chaque instant de ma vie est chargé de souillures*;
Elle n'est qu'un amas de crimes et d'ordures*,

1. *Caresses* : marques extérieures de *tendresse* (vers 1058), c'est-à-dire d'affection;
2. *Flamme* : voir vers 738 et la note; 3. *Flatter* : excuser par excès de complaisance; 4. *Tenir* : penser; le mot indique une opinion ferme, tenace; 5. *Traverser* : troubler; 6. *Sentiments* : opinion; ce terme, en ce sens, pouvait s'employer au singulier comme au pluriel.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE V. — Essayez d'interpréter le silence d'Orgon. Analysez le ton et les différents sentiments qui se font jour dans cette charge de Damis. La fausse position d'Elmire, soulignée, avec une maladresse inconsciente, par Damis. Que pensez-vous de sa justification, et quelle portée donnez-vous à son reproche envers le jeune homme? Pourquoi se retire-t-elle à la fin de la scène?

● VERS 1073. Quels sentiments contraires se partagent l'esprit d'Orgon à ce moment?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0040, P-189

92 — LE TARTUFFE

- Et je vois que le ciel*, pour ma punition,
 1080 Me veut mortifier* en cette occasion.
 De quelque grand forfait qu'on me puisse reprendre,
 Je n'ai garde d'avoir l'orgueil de m'en défendre.
 Croyez ce qu'on vous dit, armez votre courroux,
 Et comme un criminel chassez-moi de chez vous.
 1085 Je ne saurais avoir tant de honte en partage
 Que je n'en aie encor mérité davantage.

ORGON, à son fils.

Ah! traître, oses-tu bien, par cette fausseté,
 Vouloir de sa vertu ternir la pureté?

DAMIS

- Quoi! la feinte douceur* de cette âme hypocrite
 1090 Vous fera démentir...

ORGON

Tais-toi, peste maudite!

TARTUFFE

- Ah! laissez-le parler; vous l'accusez à tort,
 Et vous ferez bien mieux de croire à¹ son rapport.
 Pourquoi sur un tel fait m'être si favorable?
 Savez-vous, après tout, de quoi je suis capable?
 1095 Vous fiez-vous, mon frère, à mon extérieur?
 Et, pour tout ce qu'on voit², me croyez-vous meilleur?
 Non, non, vous vous laissez tromper à l'apparence,
 Et je ne suis rien moins, hélas! que ce qu'on pense.
 Tout le monde me prend pour un homme de bien;

1. Croire à : voir vers 469 et la note; 2. A cause de toutes les apparences de piété que je montre.

QUESTIONS

- VERS 1074-1086 : Tartuffe se défend-il? Quelle équivoque crée-t-il en utilisant des formules générales (comparez le vers 1078 à Pascal, *Pensées* : « Que le cœur de l'homme est creux et plein d'ordures. »)? Importance des vers 1079-1082.
- VERS 1087-1090. L'évolution d'Orgon. Comment ses préjugés en faveur de Tartuffe faussent-ils son jugement? Aurait-il été aussi vite convaincu si Tartuffe avait protesté de son innocence?
- VERS 1091-1100. Qu'est-ce qui encourage Tartuffe à pousser encore plus loin son jeu? Montrez l'habileté de cette défense par voie d'interrogation. En réalité, expliquez en quoi Tartuffe pose, à son sujet, le problème de la foi et de la preuve. Les sentiments profonds de Tartuffe : pourquoi prend-il le risque de révéler la « vérité pure »?

109

1100 Mais la vérité pure est que je ne vauz rien.

(*S'adressant à Damis.*)

Oui, mon cher fils, parlez, traitez-moi de perfide,

D'infâme, de perdu*, de voleur, d'homicide;

Accablez-moi de noms encor plus détestés;

Je n'y¹ contredis point, je les ai mérités,

1105 Et j'en veux à genoux souffrir l'ignominie,

Comme une honte due aux crimes de ma vie.

ORGON, à Tartuffe.

Mon frère, c'en est trop.

(*A son fils.*)

Ton cœur ne se rend point,

Traître?

DAMIS

Quoi! ses discours vous séduiront² au point...

ORGON

Tais-toi, pendard!

(*A Tartuffe.*)

Mon frère, eh! levez-vous, de grâce.

(*A son fils.*)

1110 Infâme!

DAMIS

Il peut...

ORGON

Tais-toi.

DAMIS

J'enrage! Quoi! je passe...

ORGON

Si tu dis un seul mot, je te romprai les bras.

TARTUFFE

Mon frère, au nom de Dieu*, ne vous emportez pas.

1. Y : représente l'idée implicitement contenue dans les propositions précédentes, c'est-à-dire « à cela »; 2. Séduire : tromper, ici par leur hypocrisie doucereuse.

QUESTIONS

● VERS 1101-1106. Quelle vertu de la morale évangélique Tartuffe feint-il de mettre en pratique? Son but réel.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, P. 191

J'aimerais mieux souffrir la peine la plus dure
Qu'il¹ eût reçu pour moi la moindre égratignure.

ORGON, à son fils.

1115 Ingrat!

TARTUFFE

Laissez-le² en paix. S'il faut à deux genoux
Vous demander sa grâce...

ORGON, à Tartuffe.

Hélas! vous moquez-vous?

(A son fils.)

Coquin, vois sa bonté.

DAMIS

Donc...

ORGON

Paix!

DAMIS

Quoi, je...

ORGON

Paix, dis-je!

Je sais bien quel motif à l'attaquer t'oblige³.

Vous le haïssez tous, et je vois aujourd'hui

1120 Femme, enfants et valets déchainés contre lui.

On met impudemment toute chose en usage

Pour ôter de chez moi ce dévot personnage;

Mais plus on fait d'efforts afin de l'en bannir,

Plus j'en veux employer à l'y mieux retenir,

1125 Et je vais me hâter de lui donner ma fille

Pour confondre l'orgueil de toute ma famille.

DAMIS

A recevoir sa main on pense l'obliger?

1. [Que j'aimerais] *qu'il eût reçu*; raccourci d'expression fréquent au XVII^e siècle;
2. *Le* s'élidait devant une voyelle dans la prosodie des vers; il n'y a donc pas d'hiatus; 3. *Obliger*: déterminer sans idée de contrainte extérieure.

QUESTIONS

- VERS 1107-1117. Le double rôle d'Orgon: son effet comique. La suprême habileté de Tartuffe (vers 1112-1116); comment, sous couleur d'apaiser Orgon, le pousse-t-il à sévir contre Damis?

ORGON

Oui, traître, et dès ce soir, pour vous faire enrager.
Ah! je vous brave tous et vous ferai connaître
1130 Qu'il faut qu'on m'obéisse et que je suis le maître.
Allons, qu'on se rétracte, et qu'à l'instant, fripon,
On se jette à ses pieds pour demander pardon.

DAMIS

Qui, moi? de ce coquin qui par ses impostures...

ORGON

Ah! tu résistes, gueux, et lui dis des injures?
1135 Un bâton, un bâton!

(A Tartuffe.)

Ne me retenez pas.

(A son fils.)

Sus, que de ma maison on sorte de ce pas,
Et que d'y revenir on n'ait jamais l'audace.

DAMIS

Oui, je sortirai, mais...

ORGON

Vite, quittons la place.

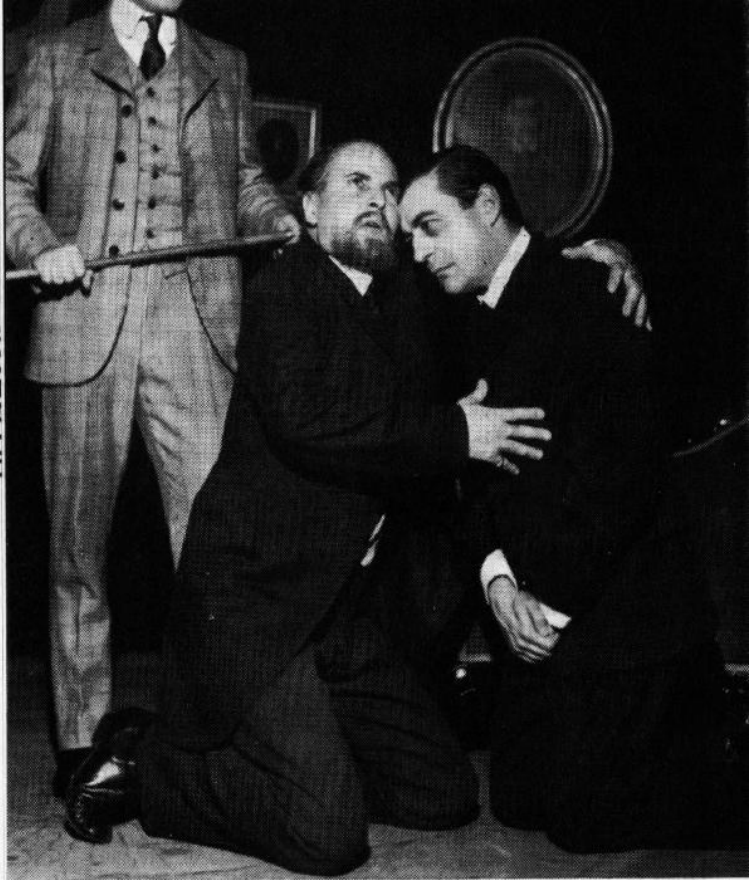
Je te prive, pendard, de ma succession
1140 Et te donne, de plus, ma malédiction.

QUESTIONS

● VERS 1118-1130. Orgon a-t-il tort de penser que toute sa famille se ligue contre Tartuffe? Comment cette constatation vraie aboutit-elle à une situation comique? — Le trait traditionnel des pères de comédie qui se retrouve ici chez Orgon : relevez les mots par lesquels il affirme son autorité; importance du vers 1126. Comment se présente la situation après l'intervention de Damis? Pourquoi Orgon veut-il marier sa fille « dès ce soir » (vers 1128)?

● VERS 1131-1140. Montrez que la malédiction donnée à Damis est dans la logique de la situation. Cherchez un effet comique dans le paralélisme des vers 1139-1140. Comparez ce passage à l'Avare (IV, III et V).

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE VI. — Le mouvement de cette scène, ponctué par les deux coups de théâtre. Le mécanisme comique : les deux attitudes d'Orgon, selon qu'il s'adresse à son fils ou à Tartuffe. Pourquoi la scène ne tourne-t-elle jamais à une querelle directe entre Damis et Tartuffe? — L'habileté diabolique de Tartuffe : son art de jouer avec l'équivoque; en use-t-il de même façon qu'avec Elmire à la scène III? — Le sentiment du spectateur devant l'aveuglement d'Orgon, qui fait triompher l'hypocrisie sur la franchise.

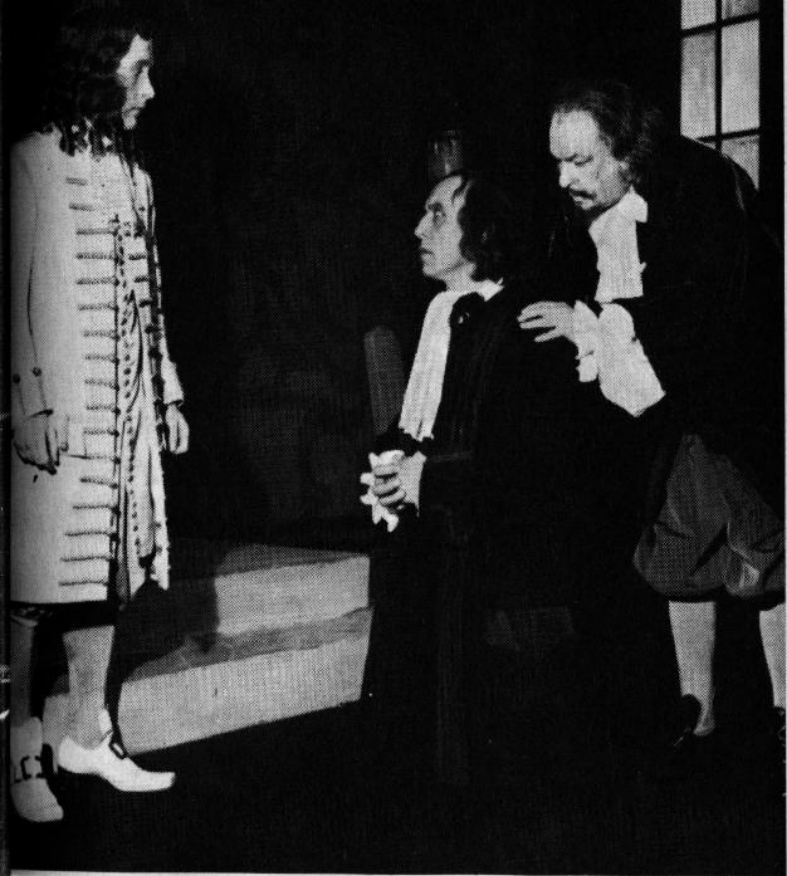


Phot. Lipnitzki.

« Mon frère, eh! levez-vous, de grâce. » (Vers 1109.)

FRANÇOIS PÉRIER DANS LE RÔLE DE TARTUFFE AU THÉÂTRE
DES CHAMPS-ÉLYSÉES (1960)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 194



Phot. Lipnitzki.

« Oui, mon cher fils, parlez, traitez-moi de perfide... » (Vers 1101.)

LOUIS JOUVET (Tartuffe) ET PIERRE RENOIR (Orgon)

AU THÉÂTRE DE L'ATHÉNÉE (1950)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0010, p.195



Phot. Lipnitzki.

« Tous les biens de ce monde ont pour moi peu d'appas. » (Vers 1239.)

LOUIS JOUVET DANS LE RÔLE DE TARTUFFE
AU THÉÂTRE DE L'ATHÉNÉE (1950)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p.196

SCÈNE VII. — ORGON, TARTUFFE.

ORGON

Offenser de la sorte une sainte* personne!

TARTUFFE

O ciel*! pardonne-lui la douleur qu'il me donne¹.

(A Orgon.)

Si vous pouviez savoir avec quel déplaisir

Je vois qu'envers mon frère on tâche à me noircir...

ORGON

1145 Hélas!

TARTUFFE

Le seul penser² de cette ingratitude

Fait souffrir à mon âme un supplice si rude...

L'horreur que j'en conçois... J'ai le cœur si serré

Que je ne puis parler et crois que j'en mourrai.

ORGON, *il court tout en larmes à la porte
par où il a chassé son fils.*

Coquin! je me repens que ma main t'ait fait grâce,

1150 Et ne t'ait pas d'abord³ assommé sur la place.

Remettez-vous, mon frère, et ne vous fâchez pas.

TARTUFFE

Rompons, rompons le cours de ces fâcheux débats.

Je regarde céans⁴ quels grands troubles j'apporte

Et crois qu'il est besoin, mon frère, que j'en sorte.

ORGON

1155 Comment? Vous moquez-vous?

TARTUFFE

On m'y hait, et je voir

1. Voltaire assure que Molière avait d'abord écrit : « O ciel! pardonne-moi comme je lui pardonne. » Mais l'allusion au *Pater* aurait pu paraître sacrilège; d'où la version définitive, un peu faible; 2. *Penser* : mot employé, en poésie, pour *pensée*; 3. *D'abord* : immédiatement; 4. *Céans* : voir vers 46 et la note; 5. *Voi* : voir vers 311 et la note.

QUESTIONS

- VERS 1141-1151. Étudiez la parodie du duo lyrique; la feinte douleur de Tartuffe : comique dans son excès (vers 1148), tragique dans son effet sur Orgon (vers 1149-1151). Pourquoi Tartuffe veut-il prolonger l'effet de la scène précédente?

98 — LE TARTUFFE

Qu'on cherche à vous donner des soupçons de ma foi¹.

ORGON

Qu'importe! Voyez-vous que mon cœur les² écoute?

TARTUFFE

On ne manquera pas de poursuivre, sans doute;
Et ces mêmes rapports, qu'ici vous rejetez,

1160 Peut-être une autre fois seront-ils écoutés.

ORGON

Non, mon frère, jamais.

TARTUFFE

Ah! mon frère, une femme
Aisément d'un mari peut bien surprendre³ l'âme.

ORGON

Non, non.

TARTUFFE

Laissez-moi vite, en m'éloignant d'ici,
Leur ôter tout sujet de m'attaquer ainsi.

ORGON

1165 Non, vous demeurerez, il y va de ma vie.

TARTUFFE

Hé bien, il faudra donc que je me mortifie*.
Pourtant, si vous vouliez...

ORGON

Ah!

TARTUFFE

Soit, n'en parlons plus.

1. De ma foi : sur ma sincérité; 2. Les : reprend « on » employé par Tartuffe aux vers précédents; par ce pronom, Orgon désigne avec mépris les membres de sa famille; 3. Surprendre : induire en erreur par surprise.

QUESTIONS

● VERS 1152-1167. Comment Tartuffe exploite-t-il l'état d'esprit dans lequel se trouve Orgon? Rapprochez le vers 1156 des vers 1129 et suivants. Comment cette insistance, qui serait suspecte à tout autre interlocuteur, ne fait-elle que convaincre davantage Orgon de la sainteté de Tartuffe? Les refus d'Orgon : montrez qu'à chacun d'eux il s'engage davantage. — Le comique du vers 1166.

Mais je sais comme il faut en user là-dessus¹.

L'honneur est délicat², et l'amitié m'engage³

1170 A prévenir⁴ les bruits et les sujets d'ombrage :

Je fuirai votre épouse et vous ne me verrez...

ORGON

Non, en dépit de tous, vous la fréquenterez.

Faire enrager le monde est ma plus grande joie,

Et je veux qu'à toute heure avec elle on vous voie.

1175 Ce n'est pas tout encor : pour les mieux braver tous,

Je ne veux pas avoir d'autre héritier que vous,

Et je vais de ce pas, en fort bonne manière,

Vous faire de mon bien donation entière.

Un bon et franc ami, que pour gendre je prends,

1180 M'est bien plus cher que fils, que femme et que parents.

N'accepterez-vous pas ce que je vous propose?

TARTUFFE

La volonté du ciel* soit faite en toute chose!

ORGON

Le pauvre homme! Allons vite en dresser un écrit,

Et que puisse l'envie⁵ en crever de dépit!

1. *Mais je sais* quelle doit être ma conduite à propos d'Elmire; 2. *Délicat* : facile à offenser; 3. *Engager* : ici, faire une obligation morale de...; 4. *Prévenir* : voir vers 719 et la note; 5. *L'envie* : les envieux.

QUESTIONS

● VERS 1168-1184. Le nouveau calcul de Tartuffe : est-il sûr de n'éveiller aucun soupçon chez Orgon? La réponse d'Orgon : faites la part de la sottise, de la malignité et de la naïveté. Appréciez la monstrueuse donation que propose Orgon : cause prétendue (vers 1179-1180) et raison profonde (vers 1175). L'ultime réplique d'Orgon ne résume-t-elle pas, d'une façon ineffaçable, son attitude?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE VII. — Les progrès de l'action par rapport à la scène précédente : faites le bilan des avantages obtenus par Tartuffe.

— Le caractère d'Orgon : quelle part tiennent l'égoïsme et l'autoritarisme à côté de la niaiserie et de la dévotion mal comprise?

■ SUR L'ENSEMBLE DE L'ACTE III. — La marche de l'action : montrez que cet acte est composé beaucoup plus solidement que les deux précédents. Comment évolue la manœuvre préparée par Dorine? Qui est responsable de son échec? Voit-on un moyen d'éviter la catastrophe, dont les adversaires de Tartuffe ont, par leur faute, précipité le cours?

— Le caractère de Tartuffe : l'image qu'on a maintenant de lui confirme-t-elle ce qu'on en avait entendu dire aux deux premiers actes?

— Le caractère d'Orgon : les traits communs avec d'autres pères du théâtre de Molière; les traits qui lui sont propres.

ACTE IV

SCÈNE PREMIÈRE. — CLÉANTE, TARTUFFE.

CLÉANTE

- 1185 Oui, tout le monde en parle et, vous m'en pouvez croire,
L'éclat que fait ce bruit¹ n'est point à votre gloire;
Et je vous ai trouvé, monsieur, fort à propos
Pour vous en dire net ma pensée en deux mots.
Je n'examine point à fond ce qu'on expose;
1190 Je passe là-dessus et prends au pis la chose.
Supposons que Damis n'en ait pas bien usé,
Et que ce soit à tort qu'on vous ait accusé :
N'est-il pas d'un chrétien de pardonner* l'offense*
Et d'éteindre en son cœur tout désir de vengeance?
1195 Et devez-vous souffrir, pour votre démêlé,
Que du logis d'un père un fils soit exilé?
Je vous le dis encore et parle avec franchise,
Il n'est petit ni grand qui ne s'en scandalise*;
Et, si vous m'en croyez, vous pacifierez tout
1200 Et ne pousserez point les affaires à bout.
Sacrifiez à Dieu* toute votre colère,
Et remettez le fils en grâce avec le père.

TARTUFFE

- Hélas! je le voudrais, quant à moi, de bon cœur :
Je ne garde pour lui, monsieur, aucune aigreur;
1205 Je lui pardonne tout, de rien je ne le blâme
Et voudrais le servir du meilleur de mon âme;
Mais l'intérêt du ciel* n'y saurait consentir,
Et, s'il rentre céans², c'est à moi d'en sortir.
Après son action, qui n'eut jamais d'égale,
1210 Le commerce³ entre nous porterait du scandale* :
Dieu sait ce que d'abord tout le monde en croirait;
A pure politique on me l'imputerait,
Et l'on dirait partout que, me sentant coupable,
Je feins, pour qui m'accuse, un zèle charitable*;
1215 Que mon cœur l'appréhende et veut le ménager

1. Le scandale causé par cette nouvelle; 2. *Céans* : voir vers 46 et la note; 3. *Le commerce* : les relations.

Pour le pouvoir sous main¹ au silence engager².

CLÉANTE

Vous nous payez ici d'excuses colorées³,
Et toutes vos raisons, monsieur, sont trop tirées⁴;
Des intérêts du ciel* pourquoi vous chargez-vous?

1220 Pour punir le coupable a-t-il besoin de nous?
Laissez-lui, laissez-lui le soin de ses vengeances,
Ne songez qu'au pardon* qu'il prescrit des offenses*
Et ne regardez point aux jugements humains
Quand vous suivez du ciel* les ordres souverains.

1225 Quoi! le faible intérêt de ce qu'on pourra croire⁵
D'une bonne action empêchera la gloire?
Non, non; faisons toujours ce que le ciel* prescrit;
Et d'aucun autre soin⁶ ne nous brouillons l'esprit.

TARTUFFE

Je vous ai déjà dit que mon cœur lui pardonne*,
1230 Et c'est faire, monsieur, ce que le ciel* ordonne;
Mais, après le scandale* et l'affront d'aujourd'hui,
Le ciel* n'ordonne pas que je vive avec lui.

CLÉANTE

Et vous ordonne-t-il, monsieur, d'ouvrir l'oreille
A ce qu'un pur caprice à son père conseille,
1235 Et d'accepter le don qui vous est fait d'un bien
Où⁷ le droit vous oblige à ne prétendre rien?

TARTUFFE

Ceux qui me connaîtront n'auront pas la pensée
Que ce soit un effet d'une âme intéressée.
Tous les biens de ce monde ont pour moi peu d'appas,
1240 De leur éclat trompeur* je ne m'éblouis pas;

1. *Sous main* : secrètement; 2. *Engager* : voir vers 1169 et la note; 3. *Colorer* : « Donner une belle apparence à quelque chose de mauvais » (Académie, 1694); 4. *Tiré* : forcé; 5. Le faible intérêt qu'on a à se concilier l'opinion; 6. *Soin* : voir vers 775 et la note; 7. *Où* : auquel (voir vers 437 et la note).

QUESTIONS

- VERS 1185-1216. La casuistique de Tartuffe : comment défend-il habilement sa définition du scandale? Importance des vers 1207-1208.
- VERS 1217-1232. Analysez les arguments successifs de Cléante; résumez sa position sur le plan religieux. Montrez qu'il remet à sa juste place l'importance de l'opinion publique pour un vrai dévot.

102 — LE TARTUFFE

- Et, si je me résous à recevoir du père
 Cette donation qu'il a voulu me faire,
 Ce n'est, à dire vrai, que parce que je crains
 Que tout ce bien ne tombe en de méchantes mains;
 1245 Qu'il ne trouve des gens qui, l'ayant en partage,
 En fassent dans le monde un criminel usage
 Et ne s'en servent pas, ainsi que j'ai dessein,
 Pour la gloire du ciel* et le bien du prochain*.

CLÉANTE

- Eh! monsieur, n'ayez point ces délicates craintes,
 1250 Qui d'un juste héritier peuvent causer les plaintes.
 Souffrez, sans vous vouloir embarrasser de rien,
 Qu'il soit, à ses périls, possesseur de son bien,
 Et songez qu'il vaut mieux encor qu'il en mésuse
 Que si¹ de l'en frustrer il faut qu'on vous accuse.
 1255 J'admire² seulement que sans confusion
 Vous en ayez souffert la proposition;
 Car, enfin, le vrai zèle* a-t-il quelque maxime
 Qui montre à dépouiller l'héritier légitime?
 Et, s'il faut que le ciel* dans votre cœur ait mis
 1260 Un invincible obstacle à vivre avec Damis,
 Ne vaudrait-il pas mieux qu'en personne discrète
 Vous fissiez de céans³ une honnête retraite
 Que de souffrir ainsi, contre toute raison,
 Qu'on en chasse pour vous le fils de la maison?
 1265 Croyez-moi, c'est donner, de votre prud'homie⁴,
 Monsieur...

TARTUFFE

Il est, monsieur, trois heures et demie;

1. *Que si* : rupture de construction, entraînée par la concision que recherche l'auteur; *si* donne une valeur éventuelle ici qui s'accorde avec la pensée de Cléante;
 2. *Admirer* : être frappé de stupeur; sens plus fort et plus large qu'aujourd'hui, de même que *confusion*, fait d'être bouleversé; 3. *Céans* : voir vers 46 et la note;
 4. *Prud'homie* : honnêteté, loyauté.

QUESTIONS

- VERS 1233-1248. Comment Cléante juge-t-il ici Orgon et son protégé? La justification de Tartuffe : analysez ses arguments qui sont ceux de la « cabale ». Cherchez les mots qui veulent traduire le détachement et l'acceptation réticente du personnage.
 ● VERS 1249-1265. Étudiez l'utilisation par Cléante du bon sens et de la religion pour combattre Tartuffe. L'ironie teintée de mépris, arme de l'indignation. Que marque la réponse de Cléante à son premier grief?

Certain devoir pieux* me demande là-haut,
Et vous m'excuserez de vous quitter sitôt¹.

CLÉANTE

Ah!

SCÈNE II. — ELMIRE, MARIANE, DORINE,
CLÉANTE.

DORINE

De grâce, avec nous employez-vous pour elle,
1270 Monsieur : son âme souffre une douleur mortelle,
Et l'accord que son père a conclu pour ce soir
La fait à tous moments entrer en désespoir.
Il va venir; joignons nos efforts, je vous prie,
Et tâchons d'ébranler, de force ou d'industrie²,
1275 Ce malheureux dessein qui nous a tous troublés³.

SCÈNE III. — ORGON, ELMIRE, MARIANE,
CLÉANTE, DORINE.

ORGON

Ah! je me réjouis de vous voir assemblés.

(A Mariane.)

Je porte en ce contrat de quoi vous faire rire,
Et vous savez déjà ce que cela veut dire.

1. *Sitôt* : s'employait au XVII^e siècle avec le sens actuel de « aussitôt »; 2. *Industrie* : ingéniosité subtile; 3. *Troubler* (sens fort) : bouleverser profondément.

QUESTIONS

● VERS 1266-1268. Sens de ce rappel subit; la brutalité presque grossière de ce départ.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE PREMIÈRE. — Que s'est-il passé pendant l'entracte? La personnalité de Cléante, le ton qu'il adopte sont-ils capables d'influencer Tartuffe? L'art de celui-ci à s'adapter à son interlocuteur : est-il cependant à l'aise en face des formules claires et raisonnables de Cléante?

MARIANE, à genoux.

- Mon père, au nom du ciel*, qui connaît ma douleur,
 1280 Et par tout ce qui peut émouvoir votre cœur,
 Relâchez-vous un peu des droits de la naissance¹,
 Et dispensez mes vœux² de cette obéissance.
 Ne me réduisez point, par cette dure loi,
 Jusqu'à me plaindre au ciel* de ce que je vous doi³;
 1285 Et cette vie, hélas! que vous m'avez donnée,
 Ne me la rendez pas, mon père, infortunée.
 Si, contre un doux espoir que j'avais pu former,
 Vous me défendez d'être à ce que j'ose aimer,
 Au moins, par vos bontés, qu'à vos genoux j'implore,
 1290 Sauvez-moi du tourment d'être à ce que j'abhorre,
 Et ne me portez point à quelque désespoir,
 En vous servant sur moi de tout votre pouvoir.

ORGON, se sentant attendrir.

Allons, ferme, mon cœur! point de faiblesse humaine*.

MARIANE

- Vos tendresses pour lui ne me font point de peine :
 1295 Faites-les éclater, donnez-lui votre bien,
 Et, si ce n'est assez, joignez-y tout le mien⁴;
 J'y consens de bon cœur, et je vous l'abandonne;
 Mais au moins n'allez pas jusques à ma personne,
 Et souffrez qu'un couvent, dans les austérités*,
 1300 Use les tristes jours que le ciel m'a comptés.

ORGON

- Ah! voilà justement de mes religieuses,
 Lorsqu'un père combat leurs flammes amoureuses!
 Debout! Plus votre cœur répugne à l'accepter,
 Plus ce sera pour vous matière à mériter*.
 1305 Mortifiez vos sens* avec ce mariage,
 Et ne me rompez pas la tête davantage.

DORINE

Mais quoi!...

1. *De la naissance* : que vous donne sur moi le fait que je sois née de vous; 2. *Mes vœux* : mon amour pour Valère; 3. *Doi* : voir vers 311 et la note; 4. *Le mien* : la part de la succession de ma mère.

ORGON

Taisez-vous, vous. Parlez à votre écot¹;
Je vous défends tout net d'oser dire un seul mot.

CLÉANTE

Si par quelque conseil vous souffrez qu'on réponde...

ORGON

1310 Mon frère, vos conseils sont les meilleurs du monde :
Ils sont bien raisonnés, et j'en fais un grand cas ;
Mais vous trouverez bon que je n'en use pas.

ELMIRE, à son mari.

A voir ce que je vois, je ne sais plus que dire,
Et votre aveuglement fait que je vous admire².
1315 C'est être bien coiffé, bien prévenu de lui,
Que de nous démentir sur le fait d'aujourd'hui.

ORGON

Je suis votre valet³ et crois les apparences ;
Pour mon fripon de fils je sais vos complaisances,
Et vous avez eu peur de le désavouer
1320 Du trait⁴ qu'à ce pauvre homme il a voulu jouer.
Vous étiez trop tranquille enfin pour être crue,
Et vous auriez paru d'autre manière émue.

ELMIRE

Est-ce qu'au simple aveu d'un amoureux transport
Il faut que notre honneur se gendarme si fort ?
1325 Et ne peut-on répondre à tout ce qui le touche
Que le feu dans les yeux et l'injure à la bouche ?
Pour moi, de tels propos je me ris simplement,
Et l'éclat là-dessus ne me plaît nullement.
J'aime qu'avec douceur nous nous montrions sages
1330 Et ne suis point du tout pour ces prudes sauvages
Dont l'honneur est armé de griffes et de dents
Et veut au moindre mot dévisager⁵ les gens.
Me préserve le ciel* d'une telle sagesse !
Je veux une vertu qui ne soit point diablerie,
1335 Et crois que d'un refus la discrète froideur

1. *Ecot* : compagnie de convives dont chacun paie sa quote-part. « On dit proverbiallement à ceux qui viennent interrompre l'entretien d'autres gens : *Parlez à votre écot*, pour dire : Allez entretenir votre compagnie » (Dictionnaire de Furetière, 1690) ; le mot a donc ici un sens méprisant ; 2. *Admirer* : voir vers 1255 et la note ; 3. Voir vers 409 et la note ; 4. *Trait* : mauvais tour ; 5. *Dévisager* : défigurer.

N'en est pas moins puissante à rebuter un cœur.

ORGON

Enfin, je sais l'affaire, et ne prends point le change¹.

ELMIRE

J'admire² encore un coup cette faiblesse étrange.

Mais que me répondrait votre incrédulité,

1340 Si je vous faisais voir qu'on vous dit vérité?

ORGON

Voir?

ELMIRE

Oui.

ORGON

Chansons!

ELMIRE

Mais quoi! si je trouvais manière

De vous le faire voir avec pleine lumière?...

ORGON

Contes en l'air!

ELMIRE

Quel homme! Au moins répondez-moi.

Je ne vous parle pas de nous ajouter foi;

1345 Mais supposons ici que, d'un lieu qu'on peut prendre³,

On vous fit clairement tout voir et tout entendre :

Que diriez-vous alors de votre homme de bien?

ORGON

En ce cas je dirais que... Je ne dirais rien,

Car cela ne se peut.

ELMIRE

L'erreur trop longtemps dure,

1350 Et c'est trop condamner⁴ ma bouche d'imposture.

Il faut que, par plaisir⁵, et sans aller plus loin,

De tout ce qu'on vous dit je vous fasse témoin.

1. Prendre le change : se laisser entraîner sur une fausse piste, terme de chasse, ici, employé au sens figuré; 2. Admirer : voir vers 1255 et la note; 3. Prendre : choisir; 4. Condamner : taxer de; 5. Par plaisir : pour l'unique plaisir de vous convaincre.

ORGON

Soit, je vous prends au mot. Nous verrons votre adresse,
Et comment vous pourrez remplir cette promesse.

ELMIRE

1355 Faites-le-moi venir¹.

DORINE

Son esprit est rusé,
Et peut-être à surprendre il sera malaisé.

ELMIRE

Non : on est aisément dupé par ce qu'on aime,
Et l'amour-propre engage à se tromper soi-même.
Faites-le-moi descendre.

(Parlant à Cléante et à Mariane.)

Et vous, retirez-vous.

SCÈNE IV. — ELMIRE, ORGON.

ELMIRE

1360 Approchons cette table, et vous mettez² dessous.

ORGON

Comment!

ELMIRE

Vous bien cacher est un point nécessaire.

ORGON

Pourquoi sous cette table?

ELMIRE

Ah! mon Dieu! laissez faire;

J'ai mon dessein en tête, et vous en jugerez.

Mettez-vous là, vous dis-je, et, quand vous y serez,

1365 Gardez qu'³on ne vous voie et qu'on ne vous entende.

1. Cet ordre s'adresse à Dorine; 2. Le pronom complément se plaçait devant l'impératif lorsque celui-ci n'était pas le premier terme d'une énumération; 3. *Gardez que* : éviter que (voir aussi vers 311 et la note).

QUESTIONS

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE III. — Cette deuxième tentative pour éviter la catastrophe réussit-elle mieux que l'entrevue Cléante-Tartuffe? Quel élément d'espoir apparaît cependant ici? Montrez que les caractères s'accusent; l'attitude d'Orgon est-elle la même à l'égard d'Elmire que des autres personnages?

117

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, 8. 207

ORGON

Je confesse qu'ici ma complaisance est grande;
Mais de votre entreprise il vous faut voir sortir.

ELMIRE

Vous n'aurez, que¹ je crois, rien à me repartir.

(*A son mari, qui est sous la table.*)

Au moins, je vais toucher une étrange matière²;

1370 Ne vous scandalisez en aucune manière.

Quoi que je puisse dire, il³ doit m'être permis,
Et c'est pour vous convaincre, ainsi que j'ai promis.

Je vais par des douceurs, puisque j'y suis réduite,
Faire poser le masque à cette âme hypocrite,

1375 Flatter de son amour les désirs effrontés

Et donner un champ libre⁴ à ses témérités.

Comme c'est pour vous seul, et pour mieux le confondre,

Que mon âme à ses vœux va feindre de répondre,

J'aurai lieu de cesser dès que vous vous rendrez⁴,

1380 Et les choses n'iront que jusqu'où vous voudrez.

C'est à vous d'arrêter son ardeur insensée

Quand vous croirez l'affaire assez avant⁵ poussée,

D'épargner votre femme et de ne m'exposer

Qu'à ce qu'il vous faudra pour vous désabuser.

1385 Ce sont vos intérêts, vous en serez le maître,

Et... L'on vient; tenez-vous⁶ et gardez de paraître.

SCÈNE V. — TARTUFFE, ELMIRE,
ORGON, *caché sous la table.*

TARTUFFE

On m'a dit qu'en ce lieu vous me vouliez parler.

1. A ce que je crois; 2. Je vais aborder un étrange sujet de conversation; 3. Voir vers 838 et la note; 4. *Se rendre* : s'avouer battu, c'est-à-dire, ici, convaincu; 5. *Assez avant* : assez loin; 6. *Se tenir* : rester tranquille à un endroit déterminé.

QUESTIONS

● VERS 1360-1368. Analysez le comique de gestes, de situation, de caractère chez Orgon. Rapprochez ses répliques de son incrédulité à la scène précédente. Montrez que sa protestation, aux vers 1366-1367, est destinée à sauvegarder sa dignité.

● VERS 1369-1386. Composition de ce passage. Pourquoi Elmire prend-elle ces précautions? Démontrez qu'elle engage la responsabilité d'Orgon, qu'elle en fait le juge souverain de ce qui va suivre. La curiosité du spectateur sera-t-elle aussi vive s'il connaît à l'avance le projet d'Elmire?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE IV. — L'habileté dramatique de ce temps mort. Comment se complète le caractère d'Elmire?

ELMIRE

Oui, l'on a des secrets à vous y révéler.

Mais tirez cette porte avant qu'on vous les dise,

1390 Et regardez partout de crainte de surprise :

Une affaire pareille à celle de tantôt

N'est pas assurément ici ce qu'il nous faut.

Jamais il ne s'est vu de surprise de même¹;

Damis m'a fait pour vous une frayeur extrême,

1395 Et vous avez bien vu que j'ai fait mes efforts

Pour rompre son dessein et calmer ses transports.

Mon trouble, il est bien vrai, m'a si fort possédée

Que de le démentir je n'ai point eu l'idée;

Mais, par là, grâce au ciel, tout a bien mieux été,

1400 Et les choses en sont dans plus de sûreté.

L'estime où l'on vous tient a dissipé l'orage,

Et mon mari de vous ne peut prendre d'ombrage.

Pour mieux braver l'éclat des mauvais jugements,

Il veut que nous soyons ensemble à tous moments;

1405 Et c'est par où² je puis, sans peur d'être blâmée,

Me trouver ici seule avec vous enfermée,

Et ce qui m'autorise à vous ouvrir un cœur

Un peu trop prompt peut-être à souffrir votre ardeur.

TARTUFFE

Ce langage à comprendre est assez difficile,

1410 Madame, et vous parliez tantôt d'un autre style.

ELMIRE

Ah! si d'un tel refus vous êtes en courroux,

Que le cœur d'une femme est mal connu de vous!

Et que vous savez peu ce qu'il veut faire entendre

Lorsque si faiblement on le voit se défendre!

1415 Toujours notre pudeur combat, dans ces moments,

Ce qu'on peut nous donner de tendres sentiments.

Quelque raison qu'on trouve à l'amour qui nous dompte,

On trouve à l'avouer toujours un peu de honte.

1. De même : semblable; 2. Par où : grâce à quoi.

QUESTIONS

- VERS 1387-1410. Imaginez les sentiments de Tartuffe en prononçant le vers 1387. Composition de la tirade d'Elmire. Montrez la complicité que celle-ci cherche à établir aux vers 1388-1394. Comment essaie-t-elle de tirer parti (vers 1395-1400) de son attitude à la scène III de l'acte III? D'où Elmire peut-elle tenir le renseignement qu'elle donne aux vers 1401-1404? L'habileté du vers 1408. La réticence de Tartuffe : ses causes.

- On s'en défend d'abord; mais, de l'air¹ qu'on s'y prend,
 1420 On fait connaître assez que notre cœur se rend²,
 Qu'à nos vœux, par honneur, notre bouche s'oppose,
 Et que de tels refus promettent toute chose.
 C'est vous faire, sans doute, un assez libre aveu
 Et sur notre pudeur me ménager³ bien peu;
 1425 Mais, puisque la parole enfin en est lâchée,
 A retenir Damis me serais-je attachée?
 Aurais-je, je vous prie, avec tant de douceur
 Écouté tout au long l'offre de votre cœur?
 Aurais-je pris la chose ainsi qu'on m'a vu faire,
 1430 Si l'offre de ce cœur n'eût eu de quoi me plaire?
 Et lorsque j'ai voulu moi-même vous forcer
 A refuser l'hymen qu'on venait d'annoncer,
 Qu'est-ce que cette instance a dû vous faire entendre
 Que⁴ l'intérêt qu'en vous on s'avise de prendre,
 1435 Et l'ennui qu'on aurait que ce nœud qu'on résoud⁵
 Vint partager au moins un cœur que l'on veut tout⁶?

TARTUFFE

- C'est sans doute, madame, une douceur extrême
 Que d'entendre ces mots d'une bouche qu'on aime;
 Leur miel dans tous mes sens fait couler à longs traits
 1440 Une suavité* qu'on ne goûta jamais.
 Le bonheur de vous plaire est ma suprême étude⁷
 Et mon cœur de vos vœux fait sa béatitude*;
 Mais ce cœur vous demande ici la liberté

1. *Air* : voir vers 920 et la note; 2. *Se rendre* : voir vers 1379 et la note; 3. *Se ménager* : se régler avec mesure; 4. *Que* : après une négation, un indéfini négatif, ou dans une interrogation signifie « si ce n'est »; 5. Ce mariage qu'on décide (langage précieux); 6. *Tout* : tout entier; 7. *Etude* : application.

QUESTIONS

● VERS 1411-1436. Composition de cette tirade : les deux sortes d'arguments invoqués par Elmire; comment sont-ils liés logiquement? La psychologie féminine de l'amour, telle qu'elle la décrit, est-elle conforme au goût du temps? Cherchez en quoi l'embarras des vers 1432-1436 dépeint le trouble feint par Elmire? Dans l'ensemble, montrez la lourdeur encombrée de cette tirade. Quel est le but cherché par Molière?

- D'oser douter un peu de sa félicité*.
 1445 Je puis croire ces mots un artifice¹ honnête
 Pour m'obliger à rompre un hymen qui s'apprête,
 Et, s'il faut librement m'expliquer avec vous,
 Je ne me fierai point à des propos si doux
 Qu'²un peu de vos faveurs, après quoi je soupire,
 1450 Ne vienne m'assurer tout ce qu'ils m'ont pu dire
 Et planter dans mon âme une constante foi*
 Des charmantes³ bontés que vous avez pour moi.

ELMIRE, *elle tousse pour avertir son mari.*

- Quoi! vous voulez aller avec cette vitesse
 Et d'un cœur tout d'abord⁴ épuiser la tendresse?
 1455 On se tue à vous faire un aveu des plus doux;
 Cependant ce n'est pas encore assez pour vous,
 Et l'on ne peut aller jusqu'à vous satisfaire
 Qu'⁵aux dernières faveurs on ne pousse l'affaire?

TARTUFFE

- Moins on mérite* un bien, moins on l'ose espérer.
 1460 Nos vœux sur des discours ont peine à s'assurer.
 On soupçonne⁶ aisément un sort tout plein de gloire,
 Et l'on veut en jouir avant que de le croire.
 Pour moi, qui crois si peu mériter* vos bontés,
 Je doute du bonheur de mes témérités⁷,
 1465 Et je ne croirai rien que vous n'ayez, madame,
 Par des réalités su convaincre ma flamme.

1. *Artifice* : voir Préface, note 4, p. 27; 2. *Que* : à moins que; 3. *Charmantes* : ensorcelantes, enivrantes; 4. *Tout d'abord* : tout de suite; 5. *Que* : sans que; 6. *Soupçonner* : ne pas oser croire à; 7. Ces six vers sont repris, avec quelques variantes, de *Dom Garcie de Navarre* (II, vi, vers 654-659).

QUESTIONS

- VERS 1437-1452. Où se marquent encore des traces de scepticisme chez Tartuffe? Montrez qu'elles s'effacent progressivement. La vraisemblance de ces ultimes hésitations (vers 1445-1446 à rapprocher du vers 1410). Marquez la logique de sa requête dans cet état d'esprit. Comparez la fin de cette tirade à la fin de la tirade des vers 966-1000; comment son cynisme perçoit-il brusquement une fois de plus?
- VERS 1453-1466. L'opposition entre la sensualité de Tartuffe et l'amour, d'inspiration précieuse, que feint Elmire. L'usage que fait ici Tartuffe de l'humilité n'est-il pas comique, assorti d'une ardeur obstinée? Son « amour des réalités » (vers 1466).

ELMIRE

Mon Dieu! que votre amour en vrai tyran agit,
 Et qu'en un trouble étrange il me jette l'esprit!
 Que sur les cœurs il prend un furieux empire,
 1470 Et qu'avec violence il veut ce qu'il désire!
 Quoi! de votre poursuite on ne peut se parer¹,
 Et vous ne donnez pas le temps de respirer?
 Sied-il bien de tenir² une rigueur si grande,
 De vouloir sans quartier³ les choses qu'on demande,
 1475 Et d'abuser ainsi, par vos efforts pressants,
 Du faible que pour vous vous voyez qu'ont les gens?

TARTUFFE

Mais, si d'un œil bénin* vous voyez mes hommages,
 Pourquoi m'en refuser d'assurés témoignages?

ELMIRE

Mais comment consentir à ce que vous voulez
 1480 Sans offenser le ciel*, dont toujours vous parlez?

TARTUFFE

Si ce n'est que le ciel* qu'à mes vœux on oppose,
 Lever un tel obstacle est à moi* peu de chose,
 Et cela ne doit pas retenir votre cœur.

ELMIRE

Mais des arrêts du ciel* on nous fait tant de peur!

TARTUFFE

1485 Je puis vous dissiper ces craintes ridicules,
 Madame, et je sais l'art de lever les scrupules⁵.
 Le ciel* défend, de vrai, certains contentements;
 (*C'est un scélérat qui parle.*)

1. *Se parer* : se garder; 2. *Tenir* : « A quelquefois la même signification que ses composés » (Furetière, 1690), ici : maintenir; 3. *Sans quartier* : sans faire de concession, sans faire grâce de rien (expression d'origine militaire); 4. *A* : ici, pour; 5. Ces vers (1486-1492) font allusion à la « direction d'intention », chère aux casuistes et dénoncée par Pascal dans la *VII^e Provinciale*.

QUESTIONS

- VERS 1467-1475. La parodie du style précieux (jeu sur des mots de sens voisins, emploi de termes figurés, d'adjectifs outrés, d'antithèses raffinées). Est-ce seulement pour Elmire un moyen de prolonger la résistance? Quel sentiment secret peut révéler la volubilité avec laquelle Elmire joue avec le langage précieux?

Mais on trouve avec lui des accommodements.

Selon divers besoins, il est une science

1490 D'étendre les liens de notre conscience*,

Et de rectifier le mal de l'action

Avec la pureté de notre intention*.

De ces secrets, madame, on saura vous instruire;

Vous n'avez seulement qu'à vous laisser conduire.

1495 Contentez mon désir, et n'ayez point d'effroi;

Je vous réponds de tout et prends le mal sur moi.

Vous toussiez fort, madame.

ELMIRE

Oui, je suis au supplice.

TARTUFFE

Vous plaît-il un morceau de ce jus de réglisse?

ELMIRE

C'est un rhume obstiné, sans doute, et je vois bien

1500 Que tous les jus du monde ici ne feront rien.

TARTUFFE

Cela, certe¹, est fâcheux.

ELMIRE

Oui, plus qu'on ne peut dire.

TARTUFFE

Enfin votre scrupule est facile à détruire;

Vous êtes assurée ici d'un plein secret,

Et le mal n'est jamais que dans l'éclat qu'on fait.

1. Certe : écrit ici sans s ; licence, qui se rencontre rarement, nécessaire ici à la versification.

QUESTIONS

● VERS 1476-1496. Pour quelles raisons Elmire oriente-t-elle la conversation vers ce problème, déjà évoqué à la scène III de l'acte III? Caractériser l'aisance de Tartuffe dans sa réponse. Comparez-la à son attitude de la scène III de l'acte III et à la scène première de l'acte IV. Cherchez, dans la *VII^e Provinciale* de Pascal, la source des assouplissements proposés ici. Le comique de la situation suggérée par Tartuffe (vers 1493-1494). Quel abîme moral le personnage dévoile-t-il ici sans la moindre gêne?

● VERS 1497-1506. Commentez l'intermède comique des vers 1497-1501. Appréciez les trois aphorismes prononcés par Tartuffe aux vers 1504-1506 : clarté d'expression, monstruosité, à rapprocher des vers 995-1000.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 213

114 — LE TARTUFFE

- 1505 Le scandale* du monde est ce qui fait l'offense*,
Et ce n'est pas pécher* que pécher* en silence.

ELMIRE, *après avoir encore toussé.*

- Enfin je vois qu'il faut se résoudre à céder,
Qu'il faut que je consente à vous tout accorder,
Et qu'à moins de cela je ne dois point prétendre
1510 Qu'on puisse être content et qu'on veuille se rendre¹.
Sans doute, il est fâcheux d'en venir jusque-là,
Et c'est bien malgré moi que je franchis cela;
Mais, puisque l'on s'obstine à m'y vouloir réduire,
Puisqu'on ne veut point croire à tout ce qu'on peut dire,
1515 Et qu'on veut des témoins qui soient plus convaincants,
Il faut bien s'y résoudre et contenter les gens.
Si ce consentement porte en soi quelque offense*,
Tant pis pour qui me force à cette violence :
La faute assurément n'en doit pas être à moi.

TARTUFFE

- 1520 Oui, madame, on s'en charge, et la chose de soi...

ELMIRE

Ouvrez un peu la porte, et voyez, je vous prie,
Si mon mari n'est point dans cette galerie.

TARTUFFE

- Qu'est-il besoin pour lui du soin que vous prenez?
C'est un homme, entre nous, à mener par le nez.
1525 De tous nos entretiens il est pour faire gloire²,
Et je l'ai mis au point de voir tout sans rien croire.

ELMIRE

Il n'importe. Sortez, je vous prie, un moment,

1. *Se rendre* : s'estimer satisfait; 2. *Faire gloire* : tirer vanité.

QUESTIONS

- VERS 1507-1520. Montrez que ces mots s'adressent plutôt à Orgon, d'où le ton qui les anime. Cherchez les marques de réticence, les mots qui expriment l'obligation acceptée à contrecoeur. Dévoilez le sens de la menace comprise dans les trois vers 1517-1519. Le comique du vers 1520.

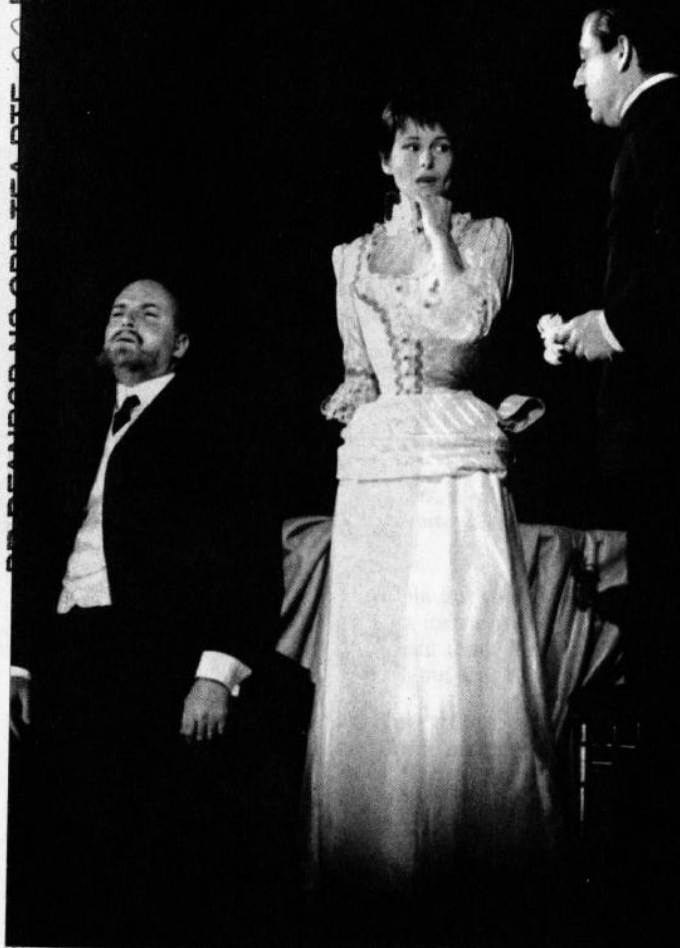


Phot. Lipnitzki.

« Soit. Je vous prends au mot. Nous verrons votre adresse. » (Vers 1353.)

MONIQUE MÉLINAND (Elmire) ET PIERRE RENOIR (Orgon)
AU THÉÂTRE DE L'ATHÉNÉE (1950)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p.215



Phot. Lipnitzki.

« C'est contre mon humeur que j'ai fait tout ceci. » (Vers 1551.)

LE TARTUFFE À LA COMÉDIE DES CHAMPS-ÉLYSÉES (1960)

AVEC FRANÇOIS PÉRIER

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010 p. 216

Et partout là dehors voyez¹ exactement.

SCÈNE VI. — ORGON, ELMIRE.

ORGON, *sortant de dessous la table.*

Voilà, je vous l'avoue, un abominable homme!

1530 Je n'en puis revenir, et tout ceci m'assomme².

ELMIRE

Quoi! vous sortez si tôt? Vous vous moquez des gens.

Rentrez sous le tapis, il n'est pas encor temps;

Attendez jusqu'au bout pour voir les choses sûres,

Et ne vous fiez point aux simples conjectures.

ORGON

1535 Non, rien de plus méchant n'est sorti de l'enfer*.

ELMIRE

Mon Dieu, l'on ne doit point croire trop de léger³;

Laissez-vous bien convaincre avant que de vous rendre⁴,

Et ne vous hâtez point de peur de vous méprendre.

(*Elle fait mettre son mari derrière elle.*)

SCÈNE VII. — TARTUFFE, ELMIRE, ORGON.

TARTUFFE

Tout conspire, madame, à mon contentement :

1540 J'ai visité de l'œil tout cet appartement;

1. Voir : regarder avec attention; 2. Assommer : frapper de stupeur, d'hébétement; 3. De léger : à la légère; 4. Se rendre : voir vers 1379 et la note.

QUESTIONS

● VERS 1521-1528. Qu'espère Elmire en demandant à Tartuffe de prendre cette précaution? Tartuffe tombe-t-il dans le piège?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE V. — Analysez le mouvement complexe de cette scène, toute de délicate diplomatie. Montrez le double triomphe d'Elmire : elle a tenu brillamment la gageure et n'a fait aucune concession; peut-on percevoir dans son langage les signes de sa satisfaction?

— Le comique de situation : la complicité du spectateur qui sait qu'Orgon est sous la table.

— Imaginez les sentiments d'Orgon tout au long de cette scène.

■ SUR LA SCÈNE VI. — Par quoi Orgon a-t-il été finalement convaincu? Montrez que cela explique sa sortie bien tardive. Quel est son sentiment dominant ici, et qu'a-t-il de comique? L'ironie méprisante d'Elmire : prouvez que, désormais, la situation, au point de vue moral, ne peut devenir plus désagréable pour elle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0009 p.217 CBX TEV BLE 122 E

116 — LE TARTUFFE

Personne ne s'y trouve, et mon âme ravie...

ORGON, *en l'arrêtant.*

Tout doux! vous suivez trop votre amoureuse envie,
Et vous ne devez pas vous tant passionner¹.

Ah! ah! l'homme de bien, vous m'en voulez donner²!

1545 Comme aux tentations* s'abandonne votre âme!

Vous épousiez ma fille et convoitiez ma femme!

J'ai douté fort longtemps que ce fût tout de bon,

Et je croyais toujours qu'on changerait de ton;

Mais c'est assez avant pousser le témoignage :

1550 Je m'y tiens et n'en veux, pour moi, pas davantage.

ELMIRE, *à Tartuffe.*

C'est contre mon humeur que j'ai fait tout ceci;

Mais on m'a mise au point de vous traiter ainsi.

TARTUFFE

Quoi! vous croyez...

ORGON

Allons, point de bruit, je vous prie,
Dénichons de céans³, et sans cérémonie.

TARTUFFE

1555 Mon dessein...

ORGON

Ces discours ne sont plus de saison⁴;
Il faut, tout sur-le-champ, sortir de la maison.

TARTUFFE

C'est à vous d'en sortir, vous qui parlez en maître.

La maison m'appartient, je le ferai connaître,

1. *Se passionner* : s'abandonner à sa passion; 2. *En donner* [à garder] : tromper;
3. *Céans* : voir vers 46 et la note; 4. *Saison* : voir vers 792 et la note

QUESTIONS

● VERS 1539-1552. Le comique de la situation de Tartuffe aux vers 1539-1541. Comment Orgon à son tour fait-il rire? Sa brutalité triomphante; la vanité outragée qu'il manifeste (vers 1544; rapprochez-le du vers 1526); montrez qu'Orgon se donne le beau rôle (vers 1547-1548). L'attitude d'Elmire n'est-elle pas empreinte de grandeur? Devant qui, en réalité, se croit-elle tenue de se justifier?

123
C

Et vous montrerai bien qu'en vain on a recours,
1560 Pour me chercher querelle, à ces lâches détours,
Qu'on n'est pas où l'on pense en me faisant injure,
Que j'ai de quoi confondre et punir l'imposture,
Venger le ciel* qu'on blesse, et faire repentir*
Ceux qui parlent ici de me faire sortir.

SCÈNE VIII. — ELMIRE, ORGON.

ELMIRE

1565 Quel est donc ce langage, et qu'est-ce qu'il veut dire?

ORGON

Ma foi, je suis confus, et n'ai pas lieu de rire.

ELMIRE

Comment?

ORGON

Je vois ma faute aux choses qu'il me dit,
Et la donation m'embarrasse l'esprit.

ELMIRE

La donation?...

ORGON

Oui, c'est une affaire faite.

1570 Mais j'ai quelque autre chose encor qui m'inquiète.

ELMIRE

Eh quoi?

ORGON

Vous saurez tout; mais voyons au plus tôt

QUESTIONS

● VERS 1553-1564. Quelle semble être d'abord l'intention de Tartuffe aux vers 1553 et 1555? Le vers 1557, qui sonne comme un coup de théâtre, en est-il un réellement? Pouvait-on attendre autre chose de Tartuffe? Cherchez, dans la pièce, jusqu'ici, des traits psychologiques qui le prouvent. L'ironie des vers 1562-1565.

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE VII. — Les réactions de chacun des personnages sont-elles conformes à ce que l'on savait déjà d'eux? Le rebondissement dramatique, au moment où l'on croyait tout réglé.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0010, p. 219

Si certaine cassette est encore là-haut.

ACTE V

SCÈNE PREMIÈRE. — ORGON, CLÉANTE.

CLÉANTE

Où voulez-vous courir ?

ORGON

Las ! que sais-je ?

CLÉANTE

Il me semble

Que l'on doit commencer par consulter¹ ensemble

1575 Les choses qu'on peut faire en cet événement.

ORGON

Cette cassette-là me trouble entièrement ;
Plus que le reste encore elle me désespère.

CLÉANTE

Cette cassette est donc un important mystère ?

ORGON

C'est un dépôt qu'Argas, cet ami que je plains²,

1. *Consulter* : examiner ; 2. *Plaindre* : regretter ; Argas est proscrit (allusion à sa fuite, deux vers plus bas).

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE VIII. — Soulignez le contraste entre l'attitude d'Orgon ici et dans les scènes précédentes. Quel événement nouveau vient remettre tout en question et laisse en suspens la curiosité du spectateur à la fin de l'acte ?

■ SUR L'ENSEMBLE DE L'ACTE IV. — La progression de l'action : comparez la situation à la fin de l'acte et au début ; par quelles péripéties est passé le complot contre Tartuffe qui avait débuté à l'acte III ?

— Comparez la scène v de cet acte avec la scène iii de l'acte III : comment Molière a-t-il évité un effet de répétition ? Montrez que la différence entre les deux scènes tient plus au personnage d'Elmire qu'à celui de Tartuffe.

— Le caractère d'Orgon : la part de l'odieux et du ridicule dans les différentes scènes de cet acte.

— Le comique dans cet acte : comment Molière réussit-il toujours à esquiver l'effet de situations pénibles pour faire dominer le rire ?

1580 Lui-même en grand secret m'a mis entre les mains.
Pour cela, dans sa fuite, il me voulut élire¹;
Et ce sont des papiers, à ce qu'il m'a pu dire,
Où sa vie et ses biens se trouvent attachés.

CLÉANTE

Pourquoi donc les avoir en d'autres mains lâchés?

ORGON

1585 Ce fut par un motif de cas de conscience*.
J'allai droit à mon traître en faire confidence,
Et son raisonnement me vint persuader
De lui donner plutôt la cassette à garder,
Afin que pour nier, en cas de quelque enquête,
1590 J'eusse d'un faux-fuyant la faveur toute prête,
Par où ma conscience* eût pleine sûreté
A faire des serments contre la vérité².

CLÉANTE

Vous voilà mal, au moins si j'en crois l'apparence;
Et la donation et cette confidence³
1595 Sont, à vous en parler selon mon sentiment⁴,
Des démarches par vous faites légèrement.
On peut vous mener loin avec de pareils gages;
Et cet homme sur vous ayant ces avantages,
Le pousser est encor grande imprudence à vous,
1600 Et vous deviez chercher quelque biais plus doux.

ORGON

Quoi! sous un beau semblant de ferveur* si touchante
Cacher un cœur si double⁵, une âme si méchante!
Et moi, qui l'ai reçu gueusant⁶ et n'ayant rien...

1. *Elire* : voir vers 573 et la note; 2. Allusion aux « restrictions mentales », doctrine des « casuistes » (voir vers 1486) dénoncée par Pascal dans la *IX^e Provinciale*; 3. *Confidence* : s'emploie dans la langue classique pour *confiance* dont il est le doublet; 4. *Sentiment* : voir vers 1071 et la note; 5. *Double* : fourbe, à rapprocher de « duplicité »; 6. *Gueusant* : mendiant

QUESTIONS

● VERS 1573-1600. S'est-il écoulé un long moment depuis l'acte précédent? Quel est le climat au début de cet acte? Opposez le bon sens de Cléante au naïf stratagème d'Orgon. Rapprochez les vers 1585-1592 de la *IX^e Provinciale* de Pascal et indiquez en quoi consiste la méthode des « restrictions mentales ». Cette idée n'était-elle pas plus utile pour Tartuffe que pour Orgon (vers 1597-1598)?

120 — LE TARTUFFE

C'en est fait, je renonce à tous les gens de biens.

- 1605 J'en aurai désormais une horreur effroyable
Et m'en vais devenir pour eux pire qu'un diable.

CLÉANTE

Eh bien! ne voilà pas de vos emportements!
Vous ne gardez en rien les doux tempéraments¹;
Dans la droite raison jamais n'entre la vôtre.

- 1610 Et toujours d'un excès vous vous jetez dans l'autre.
Vous voyez votre erreur, et vous avez connu²
Que par un zèle* feint vous étiez prévenu³;
Mais, pour vous corriger, quelle raison demande
Que vous alliez passer dans une erreur plus grande,
1615 Et qu'avecque⁴ le cœur d'un perfide vaurien
Vous confondiez les cœurs de tous les gens de bien?
Quoi! parce qu'un fripon vous dupe avec audace
Sous le pompeux éclat d'une austère* grimace,
Vous voulez que partout on soit fait comme lui,
1620 Et qu'aucun vrai dévot ne se trouve aujourd'hui?
Laissez aux libertins* ces sottes conséquences,
Démêlez la vertu d'avec ses apparences,
Ne hasardez jamais votre estime trop tôt,
Et soyez pour cela dans le milieu qu'il faut.
1625 Gardez-vous, s'il se peut, d'honorer l'imposture;
Mais au vrai zèle* aussi n'allez pas faire injure,
Et, s'il vous faut tomber dans une extrémité,
Péchez plutôt encor de cet autre côté.

SCÈNE II. — DAMIS, ORGON, CLÉANTE.

DAMIS

Quoi! mon père, est-il vrai qu'un coquin vous menace,

1. *Tempérament* : juste mesure; 2. *Connaitre* : voir vers 949 et la note; 3. *Prévenu* : pris d'idées préconçues; 4. *Avecque* : licence poétique qui survivra jusqu'à la fin du XVII^e siècle.

QUESTIONS

- VERS 1601-1606. Les différents sentiments qui se mêlent dans cette réaction excessive d'Orgon : montrez que cette réplique révèle que le fond de son caractère est la faiblesse beaucoup plus que la méchanceté.
- VERS 1607-1628. Le rôle du « sage » tenu par Cléante; comparez son intervention à celle de la scène v de l'acte premier et de la scène première de l'acte IV. Importance de l'allusion aux libertins (vers 1621).
- SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE PREMIÈRE. — La situation en ce début d'acte. Le contraste entre deux caractères : la morale de l'indulgence chez Cléante; l'indignation chez Orgon.

1630 Qu'il n'est point de bienfait qu'en son âme il n'efface,
Et que son lâche orgueil, trop digne de courroux,
Se fait de vos bontés des armes contre vous?

ORGON

Oui, mon fils, et j'en sens des douleurs non pareilles.

DAMIS

Laissez-moi, je lui veux couper les deux oreilles.
1635 Contre son insolence on ne doit point gauchir¹;
C'est à moi tout d'un coup de vous en affranchir;
Et, pour sortir d'affaire, il faut que je l'assomme.

CLÉANTE

Voilà tout justement parler en vrai jeune homme;
Modérez, s'il vous plaît, ces transports² éclatants;
1640 Nous vivons sous un règne et sommes dans un temps
Où par la violence on fait mal ses affaires.

SCÈNE III. — MADAME PERNELLE, MARIANE,
ELMIRE, DORINE, DAMIS, ORGON, CLÉANTE.

MADAME PERNELLE

Qu'est-ce? J'apprends ici de terribles mystères.

ORGON

Ce sont des nouveautés dont mes yeux sont témoins,
Et vous voyez le prix dont sont payés mes soins.
1645 Je recueille avec zèle* un homme en sa misère;
Je le loge et le tiens comme mon propre frère;
De bienfaits chaque jour il est par moi chargé;
Je lui donne ma fille et tout le bien que j'ai;
Et, dans le même temps, le perfide, l'infâme,
1650 Tente le noir dessein de suborner ma femme;
Et non content encor de ces lâches essais,
Il m'ose menacer de mes propres bienfaits
Et veut à ma ruine user des avantages
Dont le viennent d'armer mes bontés trop peu sages,

1. *Gauchir* : biaiser, fléchir; 2. *Transports* : voir vers 849 et la note.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE II. — Les sentiments qui poussent Damis à revenir, malgré la scène VI de l'acte III. La similitude de caractère entre le fils et le père. Quel est le but de Molière en faisant prononcer par Cléante les vers 1640-1641?

122 — LE TARTUFFE

1655 Me chasser de mes biens où je l'ai transféré¹
Et me réduire au point d'où je l'ai retiré.

DORINE

Le pauvre homme!

MADAME PERNELLE

Mon fils, je ne puis du tout croire
Qu'il ait voulu commettre une action si noire.

ORGON

Comment?

MADAME PERNELLE

Les gens de bien sont envieux toujours.

ORGON

1660 Que voulez-vous donc dire avec votre discours,
Ma mère?

MADAME PERNELLE

Que chez vous on vit d'étrange sorte,
Et qu'on ne sait que trop la haine qu'on lui porte.

ORGON

Qu'a cette haine à faire avec ce qu'on vous dit?

MADAME PERNELLE

Je vous l'ai dit cent fois quand vous étiez petit :
1665 La vertu, dans le monde, est toujours poursuivie;
Les envieux mourront, mais non jamais² l'envie.

ORGON

Mais que fait ce discours aux choses d'aujourd'hui?

MADAME PERNELLE

On vous aura forgé cent sots contes de lui.

ORGON

Je vous ai dit déjà que j'ai vu tout moi-même.

MADAME PERNELLE

1670 Des esprits médisants la malice est extrême.

ORGON

Vous me feriez damner, ma mère. Je vous di³

1. *Transférer* : terme juridique qui signifie « faire propriétaire »; 2. *Non jamais* : renforcement populaire de la négation; 3. *Di* : voir vers 311 et la note.

Que j'ai vu de mes yeux un crime si hardi.

MADAME PERNELLE

Les langues ont toujours du venin à répandre,
Et rien n'est ici-bas qui s'en puisse défendre.

ORGON

1675 C'est tenir un propos de sens bien dépourvu.
Je l'ai vu, dis-je, vu, de mes propres yeux vu,
Ce qu'on appelle vu. Faut-il vous le rebattre¹
Aux oreilles cent fois et crier comme quatre?

MADAME PERNELLE

Mon Dieu! le plus souvent l'apparence déçoit² :
1680 Il ne faut pas toujours juger sur ce qu'on voit.

ORGON

J'enrage.

MADAME PERNELLE

Aux faux soupçons la nature est sujette,
Et c'est souvent à mal que le bien s'interprète.

ORGON

Je dois interpréter à charitable* soin
Le désir d'embrasser ma femme?

MADAME PERNELLE

Il est besoin,
1685 Pour accuser les gens, d'avoir de justes causes,
Et vous deviez attendre à³ vous voir sûr des choses.

ORGON

Hé! diantre! le moyen de m'en assurer mieux?
Je devais donc, ma mère, attendre qu'à mes yeux
Il eût... Vous me feriez dire quelque sottise.

MADAME PERNELLE

1690 Enfin d'un trop pur zèle* on voit son âme éprise,
Et je ne puis du tout me mettre dans l'esprit
Qu'il ait voulu tenter les choses que l'on dit.

ORGON

Allez, je ne sais pas, si vous n'étiez ma mère,

1. Rebattre : répéter; 2. Décevoir : tromper; 3. A : de.

124 — LE TARTUFFE

Ce que je vous dirais, tant je suis en colère.

DORINE

- 1695 Juste retour, monsieur, des choses d'ici-bas;
Vous ne vouliez point croire, et l'on ne vous croît pas.

CLÉANTE

Nous perdons des moments en bagatelles pures
Qu'il faudrait employer à prendre des mesures.
Aux¹ menaces du fourbe on doit ne dormir point.

DAMIS

- 1700 Quoi! son effronterie irait jusqu'à ce point?

ELMIRE

Pour moi, je ne crois pas cette instance² possible,
Et son ingratitude est ici trop visible.

CLÉANTE

- Ne vous y fiez pas; il aura des ressorts³
Pour donner contre vous raison à ses efforts,
1705 Et sur moins que cela le poids d'une cabale
Embarrasse les gens dans un fâcheux dédale.
Je vous le dis encore : armé de ce qu'il a,
Vous ne deviez jamais le pousser jusque-là.

ORGON

- Il est vrai; mais qu'y faire? A l'orgueil de ce traître,
1710 De mes ressentiments je n'ai pas été maître.

CLÉANTE

Je voudrais de bon cœur qu'on pût entre vous deux
De quelque ombre de paix raccommoder les nœuds⁴.

ELMIRE

- Si j'avais su qu'en main il a de telles armes,
Je n'aurais pas donné matière à tant d'alarmes,
1715 Et mes...

ORGON, à *Dorine*.

Que veut cet homme? Allez tôt le savoir,
Je suis bien en état que l'on me vienne voir!

1. *Aux* : en face de; 2. *Instance* : ici, poursuite en justice; 3. *Ressorts* : moyens secrets (ici, avec nuance péjorative, en accord avec *cabale*, au vers 1705); 4. Renouer de bonnes relations par une apparence de *paix*.

SCÈNE IV. — MONSIEUR LOYAL,
MADAME PERNELLE, ORGON, DAMIS,
MARIANE, DORINE, ELMIRE, CLÉANTE.

MONSIEUR LOYAL

Bonjour, ma chère sœur. Faites, je vous supplie,
Que je parle à monsieur.

DORINE

Il est en compagnie.
Et je doute qu'il puisse à présent voir quelqu'un.

MONSIEUR LOYAL

1720 Je ne suis pas pour¹ être en ces lieux importun.
Mon abord² n'aura rien, je crois, qui lui déplaîse,
Et je viens pour un fait dont il sera bien aise.

DORINE

Votre nom?

MONSIEUR LOYAL

Dites-lui seulement que je vien³
De la part de monsieur Tartuffe, pour son bien*.

DORINE, à Orgon.

1725 C'est un homme qui vient, avec douce* manière,
De la part de monsieur Tartuffe, pour affaire
Dont vous serez, dit-il, bien aise.

CLÉANTE

Il vous faut voir
Ce que c'est que cet homme et ce qu'il peut vouloir.

ORGON

Pour nous raccommo-der il vient ici peut-être.
1730 Quels sentiments aurai-je à lui faire paraître?

1. *Etre pour* : avoir l'intention de; 2. *Abord* : voir vers 1055 et la note; 3. *Vien* : voir vers 311 et la note.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE III. — Pourquoi réunir ici tous les personnages? Comparez cette scène à la scène première de l'acte premier : l'effet de symétrie. Le rôle joué par Madame Pernelle dans ces deux scènes. Comparez les sentiments de chacun des personnages à ce qu'ils étaient au début de cette journée.

CLÉANTE

Votre ressentiment ne doit point éclater;
Et, s'il parle d'accord, il le faut écouter.

MONSIEUR LOYAL

Salut, monsieur. Le ciel* perde qui vous veut nuire
Et vous soit favorable autant que je désire!

ORGON

1735 Ce doux* début s'accorde avec mon jugement
Et présage déjà quelque accommodement.

MONSIEUR LOYAL

Toute votre maison¹ m'a toujours été chère,
Et j'étais serviteur de monsieur votre père.

ORGON

Monsieur, j'ai grande honte et demande pardon
1740 D'être sans vous connaître ou savoir votre nom.

MONSIEUR LOYAL

Je m'appelle Loyal, natif de Normandie,
Et suis huissier à verge², en dépit de l'envie.
J'ai depuis quarante ans, grâce au ciel, le bonheur
D'en exercer la charge avec beaucoup d'honneur,
1745 Et je vous viens, monsieur, avec votre licence³,
Signifier l'exploit de certaine ordonnance⁴.

ORGON

Quoi! vous êtes ici...

MONSIEUR LOYAL

Monsieur, sans passion :
Ce n'est rien seulement qu'une sommation,
Un ordre de vider⁵ d'ici, vous et les vôtres,
1750 Mettre vos meubles hors, et faire place à d'autres,
Sans délai ni remise, ainsi que besoin est.

ORGON

— Moi! sortir de céans⁶?

1. *Maison* : famille; 2. *Huissier à verge* : ainsi nommé parce qu'une baguette était l'insigne de cette fonction; 3. *Licence* : permission; 4. *Ordonnance* : décision du juge en vertu de laquelle a été établi l'*exploit*, acte judiciaire concernant ici une saisie; 5. *Vider* : partir; 6. *Céans* : voir vers 46 et la note.

MONSIEUR LOYAL

Oui, monsieur, s'il vous plaît,
La maison à présent, comme savez de reste,
Au bon monsieur Tartuffe appartient sans conteste.
1755 De vos biens désormais il est maître et seigneur,
En vertu d'un contrat duquel je suis porteur.
Il est en bonne forme, et l'on n'y peut rien dire.

DAMIS

Certes cette impudence est grande, et je l'admire.

MONSIEUR LOYAL

Monsieur, je ne dois point avoir affaire à vous;
1760 C'est à monsieur : il est et raisonnable et doux*,
Et d'un homme de bien il sait trop bien l'office¹
Pour se vouloir du tout² opposer à justice.

ORGON

Mais...

MONSIEUR LOYAL

Oui, monsieur, je sais que pour un million
Vous ne voudriez pas faire rébellion,
1765 Et que vous souffrirez en honnête personne.
Que j'exécute ici les ordres qu'on me donne.

DAMIS

Vous pourriez bien ici sur votre noir jupon³,
Monsieur l'huissier à verge, attirer le bâton.

MONSIEUR LOYAL

Faites que votre fils se taise ou se retire,
1770 Monsieur; j'aurais regret d'être obligé d'écrire
Et de vous voir couché dans mon procès-verbal.

DORINE, *à part*.

Ce monsieur Loyal porte un air bien déloyal⁴.

MONSIEUR LOYAL

Pour tous les gens de bien j'ai de grandes tendresses⁵,
Et ne me suis voulu, monsieur, charger des pièces
1775 Que pour vous obliger et vous faire plaisir,

1. Office : devoir; 2. Du tout : en aucune façon; 3. Jupon : pourpoint, long et ample, à grandes basques; 4. Ce vers était, sans doute par erreur, prêté à Elmire dans l'édition originale; 5. Les vers 1773 à 1785 étaient, suivant l'édition de 1682, supprimés à la représentation.

128 — LE TARTUFFE

Que pour ôter par là le moyen d'en choisir
 Qui, n'ayant pas pour vous le zèle* qui me pousse,
 Auraient pu procéder d'une façon moins douce*.

ORGON

Et que peut-on de pis que d'ordonner aux gens
 1780 De sortir de chez eux?

MONSIEUR LOYAL

On vous donne du temps,
 Et jusques à demain je ferai surséance¹
 A l'exécution, monsieur, de l'ordonnance.
 Je viendrai seulement passer ici la nuit
 Avec dix de mes gens, sans scandale* et sans bruit.
 1785 Pour la forme, il faudra, s'il vous plaît, qu'on m'apporte,
 Avant que² se coucher, les clefs de votre porte.
 J'aurai soin de ne pas troubler votre repos
 Et de ne rien souffrir qui ne soit à propos.
 Mais demain, du matin³, il vous faut être habile
 1790 A vider de céans⁴ jusqu'au moindre ustensile.
 Mes gens vous aideront, et je les ai pris forts
 Pour vous faire service à tout mettre dehors.
 On n'en peut pas user mieux que je fais, je pense;
 Et, comme je vous traite avec grande indulgence,
 1795 Je vous conjure aussi, monsieur, d'en user bien,
 Et qu'au dû⁵ de ma charge on ne me trouble en rien.

ORGON, *bas*.

Du meilleur de mon cœur je donnerais sur l'heure
 Les cent plus beaux louis de ce qui me demeure,
 Et pouvoir⁶ à plaisir sur ce mufle assener
 1800 Le plus grand coup de poing qui se puisse donner.

CLÉANTE, *bas à Orgon*.

Laissez, ne gâtons rien.

DAMIS

A cette audace étrange
 J'ai peine à me tenir, et la main me démange.

1. *Surséance* : délai légal; 2. *Avant que* : suivi de l'infinitif; peu correct selon Vaugelas, qui recommandait « avant que de »; 3. *Du matin* : de bon matin; 4. *Céans* : voir vers 46 et la note; 5. *Au dû* : dans l'accomplissement de mon devoir; 6. *Et pouvoir* : pour pouvoir; coordination libre de cet infinitif de souhait à un conditionnel.

DORINE

Avec un si bon dos, ma foi, monsieur Loyal,
Quelques coups de bâton ne vous siéraient pas mal.

MONSIEUR LOYAL

1805 On pourrait bien punir ces paroles infâmes,
Mamie, et l'on décrète aussi contre les femmes.

CLÉANTE

Finissons tout cela, monsieur; c'en est assez.
Donnez tôt ce papier, de grâce, et nous laissez.

MONSIEUR LOYAL

Jusqu'au revoir. Le ciel* vous tienne tous en joie!

ORGON

1810 Puisse-t-il te confondre, et celui qui t'envoie!

SCÈNE V. — ORGON, CLÉANTE, MARIANE,
ELMIRE, MADAME PERNELLE, DORINE, DAMIS.

ORGON

Eh bien! vous le voyez, ma mère, si j'ai droit¹,
Et vous pouvez juger du reste par l'exploit².
Ses trahisons enfin vous sont-elles connues?

MADAME PERNELLE

Je suis toute ébaudie³, et je tombe des nues.

DORINE

1815 Vous vous plaignez à tort, à tort vous le blâmez,

1. *Avoir droit* : avoir raison; 2. *Exploit* : acte signifié par un huissier; 3. *Ebaudie* : proprement, rendue bégue par la surprise; *toute* : Vaugelas (*Remarques sur la langue française*, 1647) exige l'accord, que l'on ne fait plus aujourd'hui dans ce cas.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE IV. — La composition de cette scène, centrée sur un seul personnage, en fonction duquel les autres réagissent. Analysez le comique ici. Dans quelle mesure équilibre-t-il le tragique vers lequel on se sent glisser? La stupeur dont les personnages ne sortent que pour lancer une brève réplique ou pour un aparté. En quoi les réactions d'hostilité des assistants témoignent-elles de leur impuissance devant Monsieur Loyal, symbole de la Loi?

— Monsieur Loyal : le jeu de mot sur son nom. Comment s'harmonisent en lui l'exercice de sa fonction et la pratique de l'hypocrisie? Sa parenté psychologique avec Tartuffe. La délectation qu'il éprouve à faire souffrir les gens.

— Comment prend corps, avec Monsieur Loyal, l'image de la « cabale », véritable réseau d'hypocrites? Le problème social ainsi posé.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0010, p. 231

Et ses pieux* desseins par là sont confirmés.
 Dans l'amour du prochain* sa vertu se consomme¹;
 Il sait que très souvent les biens corrompent l'homme,
 Et, par charité* pure, il veut vous enlever

1820 Tout ce qui vous peut faire obstacle à vous sauver*.

ORGON

Taisez-vous : c'est le mot qu'il vous faut toujours dire.

CLÉANTE

Allons voir quel conseil on doit vous faire élire².

ELMIRE

Allez faire éclater³ l'audace de l'ingrat.
 Ce procédé détruit la vertu du contrat;

1825 Et sa déloyauté va paraître trop noire
 Pour souffrir⁴ qu'il en ait le succès qu'on veut croire.

SCÈNE VI. — VALÈRE, ORGON, CLÉANTE,
 ELMIRE, MARIANE.

VALÈRE

Avec regret, monsieur, je viens vous affliger;
 Mais je m'y vois contraint par le pressant danger.

Un ami qui m'est joint d'une amitié fort tendre,
 1830 Et qui sait l'intérêt qu'en vous j'ai lieu de prendre,
 A violé pour moi, par un pas⁵ délicat,
 Le secret que l'on doit aux affaires d'État,
 Et me vient d'envoyer un avis dont la suite⁶
 Vous réduit au parti d'une soudaine fuite.

1835 Le fourbe qui longtemps a pu vous imposer⁷
 Depuis une heure au prince a su vous accuser
 Et remettre en ses mains, dans les traits qu'il vous jette⁸,

1. *Se consommer* : arriver à sa perfection; 2. *Élire* : voir vers 573 et la note; *conseil* : décision; 3. *Faire éclater* : révéler d'une façon retentissante; 4. *Pour souffrir* : pour que l'on supporte; 5. *Pas* : démarche; 6. *Suite* : conséquence; 7. *Imposer* : faire illusion; 8. Parmi les accusations qu'il lance contre vous.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE V. — L'attitude d'Orgon : cherchez les causes psychologiques de son besoin de triompher sur quelqu'un ou sur quelque chose dans les circonstances actuelles (vers 1811-1813). Soulignez l'anéantissement de Madame Pernelle. L'ironie de Dorine n'est-elle pas déplacée, malgré sa légitimité? Imaginez le ton du vers 1821 : lassitude ou sur-saut d'autorité? En quoi le raisonnement d'Elmire est-il plus affectif que réaliste? Cependant, ne va-t-il pas dans le sens de notre espoir, qu'il encourage discrètement? L'intérêt dramatique de cette scène.

130
6

D'un criminel d'État l'importante cassette,
Dont, au mépris, dit-il, du devoir d'un sujet,
1840 Vous avez conservé le coupable secret.
J'ignore le détail du crime¹ qu'on vous donne,
Mais un ordre est donné contre votre personne,
Et lui-même est chargé, pour mieux l'exécuter,
D'accompagner celui qui vous dois arrêter.

CLÉANTE

1845 Voilà ses droits armés, et c'est par où le traître
De vos biens, qu'il prétend², cherche à se rendre maître.

ORGON

L'homme est, je vous l'avoue, un méchant animal.

VALÈRE

Le moindre amusement³ vous peut être fatal.
J'ai, pour vous emmener, mon carrosse à la porte,
1850 Avec mille louis qu'ici je vous apporte.
Ne perdons point de temps, le trait est foudroyant,
Et ce sont de ces coups que l'on pare en fuyant.
A vous mettre en lieu sûr je m'offre pour conduite
Et veux accompagner jusqu'au bout votre fuite.

ORGON

1855 Las! que ne dois-je point à vos soins obligeants!
Pour vous en rendre grâce il faut un autre temps,
Et je demande au ciel* de m'être assez propice
Pour reconnaître un jour ce généreux service.
Adieu, prenez le soin, vous autres...

CLÉANTE

Allez tôt;
1860 Nous songerons, mon frère, à faire ce qu'il faut.

1. *Crime* : grief; 2. *Prétendre* : revendiquer; 3. *Amusement* : voir vers 215 et la note.

QUESTIONS

■ SUR LA SCÈNE VI. — La progression dramatique. Pourquoi et comment Molière utilise-t-il Valère, perdu de vue depuis l'acte II?

— Les qualités du récit de Valère : clarté, dynamisme. Faites l'historique rapide de la cassette (vers 1838). Situez Valère sur le plan social d'après les indications qu'il donne. Rapprochez-le de Cléante : lucidité, énergie, efficacité.

— Cette scène pourrait-elle constituer le dénouement au point de vue dramatique? comique? moral?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00J0.p. 233 K LEVBLE

132 — LE TARTUFFE

SCÈNE VII. — L'EXEMPT¹, TARTUFFE, VALÈRE,
ORGON, ELMIRE, MARIANE, ETC.

TARTUFFE

Tout beau, monsieur, tout beau, ne courez point si vite;
Vous n'irez pas fort loin pour trouver votre gîte,
Et de la part du prince on vous fait prisonnier.

ORGON

Traître, tu me gardais ce trait pour le dernier!
1865 C'est le coup, scélérat, par où tu m'expédies²,
Et voilà couronner toutes tes perfidies.

TARTUFFE

Vos injures n'ont rien à³ me pouvoir aigrir,
Et je suis pour le ciel* appris⁴ à tout souffrir.

CLÉANTE

La modération est grande, je l'avoue!

DAMIS

1870 Comme du ciel* l'infâme impudemment se joue!

TARTUFFE

Tous vos emportements ne sauraient m'émouvoir,
Et je ne songe à rien qu'à faire mon devoir.

MARIANE

Vous avez de ceci grande gloire à prétendre,
Et cet emploi pour vous est fort honnête à prendre.

TARTUFFE

1875 Un emploi ne saurait être que glorieux
Quand il part du pouvoir qui m'envoie en ces lieux.

ORGON

Mais t'es-tu souvenu que ma main charitable*,
Ingrat, t'a retiré d'un état misérable?

TARTUFFE

Oui, je sais quels secours j'en ai pu recevoir;
1880 Mais l'intérêt du prince est mon premier devoir;

1. *L'exempt* : l'officier royal chargé des arrestations; 2. *Expédier* : achever, porter le dernier coup; 3. *A* : pour; 4. *Etre appris* : être instruit; emploi vieilli qui ne subsiste que dans les expressions : « bien, mal appris ».

De ce devoir sacré la juste violence
Étouffe dans mon cœur toute reconnaissance,
Et je sacrifierais à de si puissants nœuds
Amis, femme, parents, et moi-même avec eux.

ELMIRE

1885 L'imposteur!

DORINE

Comme il sait de traîtresse manière
Se faire un beau manteau de tout ce qu'on révère!

CLÉANTE

Mais, s'il est si parfait que vous le déclarez,
Ce zèle* qui vous pousse et dont vous vous parez,
D'où vient que pour paraître il s'avise d'attendre
1890 Qu'à poursuivre sa femme il ait su vous surprendre,
Et que vous ne songez à l'aller dénoncer
Que lorsque son honneur l'oblige à vous chasser?
Je ne vous parle point, pour devoir en distraire¹,
Du don de tout son bien qu'il venait de vous faire;
1895 Mais, le voulant traiter en coupable aujourd'hui,
Pourquoi consentiez-vous à rien² prendre de lui?

TARTUFFE, à l'exempt.

Délivrez-moi, monsieur, de la criaillerie,
Et daignez accomplir votre ordre, je vous prie.

L'EXEMPT

Oui, c'est trop demeurer, sans doute, à l'accomplir.

1. *Pour devoir en distraire* : alors que ce don aurait dû vous détourner de dénoncer Orgon; 2. *Rien* : quelque chose; valeur positive conforme à l'étymologie.

QUESTIONS

● VERS 1861-1884. L'arrivée de Tartuffe a beau avoir été annoncée (vers 1843-1844), ne produit-elle pas grand effet? — L'attitude de Tartuffe : s'il triomphe insolemment d'Orgon, comment adapte-t-il son hypocrisie à la situation? A l'usage de qui? Commentez sa reprise des expressions mêmes d'Orgon aux vers 1883-1884. Expliquez pourquoi sa supériorité réside dans le fait qu'il ajoute *moi-même*. Appréciez le renversement psychologique apparent de Mariane attaquant Tartuffe de front, tandis que son père cherche à apitoyer.

● VERS 1885-1898. Soulignez l'adaptation rigoureuse des exclamations d'Elmire et de Dorine à l'attitude de Tartuffe, ici; montrez qu'elles expriment la position de Molière à l'égard de son personnage. Quel effet imaginez-vous que fassent ces réflexions sur l'hypocrite? Dans la réplique de Cléante, analysez l'art de toucher le point sensible de l'adversaire, l'habileté à informer indirectement l'exempt, représentant du roi. Quel sentiment témoigne l'ordre donné par Tartuffe à l'exempt?

134 — LE TARTUFFE

- 1900 Votre bouche à propos m'invite à le remplir;
Et, pour l'exécuter, suivez-moi tout à l'heure¹
Dans la prison qu'on doit vous donner pour demeure.

TARTUFFE

Qui? moi, monsieur?

L'EXEMPT

Oui, vous.

TARTUFFE

Pourquoi donc la prison?

L'EXEMPT

Ce n'est pas vous à qui j'en veux rendre raison.

(A Orgon.)

- 1905 Remettez-vous, monsieur, d'une alarme si chaude.
Nous vivons sous un prince ennemi de la fraude,
Un prince dont les yeux se font jour dans les cœurs,
Et que ne peut tromper tout l'art des imposteurs.
D'un fin discernement sa grande âme pourvue²
- 1910 Sur les choses toujours jette une droite vue;
Chez elle jamais rien ne surprend trop d'accès³,
Et sa ferme raison ne tombe en nul excès.
Il donne aux gens de bien une gloire immortelle,
Mais sans aveuglement il fait briller ce zèle*,
- 1915 Et l'amour pour les vrais ne ferme point son cœur
A tout ce que les faux doivent donner d'horreur.
Celui-ci n'était pas pour⁴ le pouvoir surprendre,
Et de pièges plus fins on le voit se défendre.
D'abord⁵ il a percé par ses vives clartés
- 1920 Des replis de son cœur toutes les lâchetés.
Venant vous accuser, il⁶ s'est trahi lui-même
Et, par un juste trait de l'équité suprême,
S'est découvert au prince un fourbe renommé
Dont sous un autre nom il était informé;
- 1925 Et c'est un long détail d'actions toutes noires
Dont on pourrait former des volumes d'histoires.

1. *Tout à l'heure* : sur-le-champ; 2. Les vers 1909 à 1916 étaient, suivant l'édition de 1682, supprimés à la représentation; de même pour les vers 1919 à 1925 et 1929 à 1932; 3. *Surprendre trop d'accès* : se faire écouter trop facilement par surprise; 4. *Etre pour* : être capable; 5. *D'abord* : aussitôt, immédiatement; 6. *Il* : Tartuffe.

QUESTIONS

● VERS 1899-1904. Appréciez la force de ce coup de théâtre. Soulignez le contraste qui l'appuie.

132
C

- Ce monarque, en un mot, a vers¹ vous détesté
Sa lâche ingratitude et sa déloyauté;
A ces autres horreurs il a joint cette suite²
1930 Et ne m'a jusqu'ici soumis à sa conduite
Que pour voir l'impudence aller jusques au bout
Et vous faire par lui faire raison³ de tout.
Oui, de tous vos papiers, dont il⁴ se dit le maître,
Il veut qu'entre vos mains je dépouille le traître.
1935 D'un souverain pouvoir, il brise les liens
Du contrat qui lui fait un don de tous vos biens,
Et vous pardonne enfin cette offense secrète
Où vous a d'un ami fait tomber la retraite⁵ ;
Et c'est le prix qu'il donne au zèle qu'autrefois
1940 On vous vit témoigner en appuyant ses droits⁶,
Pour montrer que son cœur sait, quand moins on y pense,
D'une bonne action verser la récompense,
Que jamais le mérite avec lui ne perd rien,
Et que mieux que du mal il se souvient du bien.

DORINE

1945 Que le ciel soit loué!

MADAME PERNELLE

Maintenant je respire.

ELMIRE

Favorable succès⁷!

MARIANE

Qui l'aurait osé dire?

ORGON, à Tartuffe.

Hé bien, te voilà, traître...

1. Vers.: envers; vers vous se rattache à ingratitude et à déloyauté; 2. Le roi a ajouté au compte des autres crimes de Tartuffe celui-ci, qui en est la suite; 3. Faire raison : expliquer un fait obscur, étonnant; 4. Il : Tartuffe; au début du vers suivant, le même pronom désigne le roi; 5. Que l'exil d'un ami vous a fait faire; 6. Allusion à la fidélité d'Orgon au roi pendant la Fronde (voir vers 181 et suivants); 7. Succès : issue.

QUESTIONS

● VERS 1905-1944. Composition de cette tirade. La majesté qui l'empreint, même dans le vers 1905. Quel est le sens et quelle était l'opportunité de l'éloge du prince par quoi elle débute? — La carrière de Tartuffe : en faisant de lui un escroc professionnel, Molière pouvait-il calmer les objections de ceux qui avaient critiqué les deux premiers Tartuffe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 237

CLÉANTE

Ah! mon frère, arrêtez,
 Et ne descendez point à des indignités,
 A son mauvais destin laissez un misérable,
 1950 Et ne vous joignez point au remords qui l'accable.
 Souhaitez bien plutôt que son cœur, en ce jour,
 Au sein de la vertu fasse un heureux retour,
 Qu'il corrige sa vie en détestant son vice
 Et puisse du grand prince adoucir la justice,
 1955 Tandis qu'à sa bonté vous irez à genoux
 Rendre ce que demande un traitement si doux.

ORGON

Oui, c'est bien dit. Allons à ses pieds avec joie
 Nous louer des bontés que son cœur nous déploie;
 Puis, acquittés un peu de ce premier devoir,
 1960 Aux justes soins d'un autre il nous faudra pourvoir,
 Et par un doux hymen couronner en Valère
 La flamme¹ d'un amant généreux et sincère.

1. *Flamme* : voir vers 738 et la note.

QUESTIONS

● VERS 1945-1948. Montrez que chaque personnage, mécaniquement, réagit comme on l'attendait. En quoi Cléante est-il un vrai chrétien?

■ SUR L'ENSEMBLE DE LA SCÈNE VII. — La valeur scénique de ce dénouement : ampleur et majesté. Aspect de la parade parfois un peu schématique : les personnages s'y montrent des types ou des ombres plus que des individus. La valeur historique de cette scène où Molière acquitte sa dette envers Louis XIV qui l'a soutenu dans sa lutte. Importance de cette association de la pièce et du prince dans le triomphe.

■ SUR L'ENSEMBLE DE L'ACTE V. — Dégagez l'atmosphère générale de cet acte. Peut-on hésiter entre comédie et drame heureusement dénoué? Analysez le comique.

— L'in vraisemblance du dénouement (la donation d'Orgon était nulle; mais le roi ne pouvait annuler un tel contrat sans l'accord des magistrats). L'attitude de l'exempt n'est-elle pas un peu incroyable?

— La moralité de la comédie : la simplification comique n'aboutit-elle pas à une certaine idéalisation des personnages et des sentiments? comment Cléante annonce-t-il la conversion de Tartuffe?

JUGEMENTS SUR « LE TARTUFFE »

XVII^e SIÈCLE

Les autorités catholiques jugèrent très sévèrement la pièce, au point qu'ils la firent interdire :

Une comédie très dangereuse et qui est d'autant plus capable de nuire à la religion que, sous prétexte de condamner l'hypocrisie ou la fausse dévotion, elle donne lieu d'en accuser indifféremment tous ceux qui font profession de la plus solide piété et les expose par ce moyen aux railleries et aux calomnies continuelles des libertins.

Ordonnance de Péréfixe, archevêque de Paris
(11 août 1667).

Dans la Promenade de Saint-Cloud de Gabriel Guéret, dialogue écrit sans doute en mai 1669, trois amis adressent quelques reproches d'ordre purement littéraire au Tartuffe, qu'ils admirent d'ailleurs en général. L'un dit :

Je n'aime point que l'imposteur, pour exprimer son amour, se serve de mots consacrés à la religion. La nouveauté de ces termes est capable d'effaroucher une belle, ou, tout au moins, d'attirer sa raillerie.

Un autre critique le dénouement : Encore s'il avait préparé ce dénouement; mais il n'y a rien qui le dispose ni qui le rende vraisemblable; car l'affaire n'a pas éclaté... — Que ne dénouait-il sa pièce par quelque nullité de la donation? Cela aurait été plus naturel; et du moins les gens de robe l'auraient trouvé bon.

Gabriel Guéret,

La Promenade de Saint-Cloud (1669).

Dans un Sermon sur l'hypocrisie, dont on fixe volontiers la date vers 1691, Bourdaloue vise directement le Tartuffe. Le climat d'austérité qui règne à la cour depuis 1685 fait nettement sentir ses effets :

Comme la fausse dévotion tient en beaucoup de choses de la vraie, comme la fausse et la vraie ont je ne sais combien d'actions qui leur sont communes; comme les dehors de l'une et de l'autre sont presque tout semblables, il est non seulement aisé, mais d'une suite presque nécessaire, que la même raillerie qui attaque l'une intéresse l'autre, et que les traits dont on peint celle-ci défigurent celle-là, à moins qu'on n'y apporte toutes les précautions d'une charité prudente, exacte et bien intentionnée; ce que le libertinage n'est pas en disposition de faire. Et voilà, chrétiens, ce qui est arrivé, lorsque des esprits profanes, et bien éloignés de vouloir entrer dans les intérêts de Dieu, ont entrepris de censurer l'hypocrisie, non point pour en réformer l'abus, ce qui n'est pas de leur ressort,

mais pour faire une espèce de diversion dont le libertinage pût profiter, en concevant et faisant concevoir d'injustes soupçons de la vraie piété, par de malignes représentations de la fausse. Voilà ce qu'ils ont prétendu, exposant sur le théâtre et à la risée publique un hypocrite imaginaire, ou même, si vous voulez, un hypocrite réel, et tournant dans sa personne les choses les plus saintes en ridicule, la crainte des jugements de Dieu, l'horreur du péché, les pratiques les plus louables en elles-mêmes et les plus chrétiennes. Voilà ce qu'ils ont affecté, mettant dans la bouche de cet hypocrite des maximes de religion faiblement soutenues, en même temps qu'ils les supposaient fortement attaquées; lui faisant blâmer les scandales du siècle d'une manière extravagante; le représentant consciencieux jusqu'à la délicatesse et au scrupule sur les points moins importants, où toutefois il le faut être, pendant qu'il se portait d'ailleurs aux crimes les plus énormes; le montrant sous un visage de pénitent qui ne servait qu'à couvrir ses infamies; lui donnant, selon leur caprice, un caractère de piété la plus austère, ce semble, et la plus exemplaire, mais, dans le fond, la plus mercenaire et la plus lâche.

Bourdaloue,
Sermon sur l'hypocrisie (1691).

XVIII^e SIÈCLE

Les « philosophes » étaient prêts à souligner malicieusement l'évolution des jugements sur la pièce; et les idées de Cléante s'harmonisaient assez bien avec le déisme pour qu'on en fit mention particulière :

Aujourd'hui, bien des gens regardent comme une leçon de morale cette même pièce qu'on trouvait autrefois si scandaleuse. On peut hardiment avancer que les discours de Cléante, dans lesquels la vertu vraie et éclairée est opposée à la dévotion imbécile d'Orgon, sont, à quelques expressions près, le plus fort et le plus élégant sermon que nous ayons en notre langue.

Voltaire (1739).

Massillon, prédicateur chrétien (1663-1742), témoigne dans ce jugement que la religion, au temps de Voltaire, était devenue beaucoup plus souple, sinon même plus indulgente :

Je conviens que l'hypocrite est digne de l'exécration de Dieu et des hommes; que l'abus qu'il fait de la religion est le plus grand de tous les crimes; que les dérisions et les satires sont trop douces pour décrier un vice qui mérite l'horreur du genre humain; et qu'un théâtre profane a eu tort de ne donner que du ridicule à un caractère abominable.

Massillon (1705),
Sermon sur l'injustice du monde envers les gens de bien.

XIX^e SIÈCLE

Stendhal (notes recueillies dans les éditions posthumes de Racine et Shakespeare) insiste sur cette idée que le théâtre de Molière est admirable, mais non comique :

Il n'y a rien de comique à voir Orgon maudire et chasser son fils qui vient d'accuser Tartuffe d'un crime évident; et cela parce que Tartuffe répond avec des phrases volées au catéchisme et qui ne prouvent rien. L'œil aperçoit tout à coup une des profondeurs du cœur humain, mais une profondeur plus curieuse que riante [...] Nous sommes trop attentifs, et j'oserais dire trop passionnés pour rire.

Napoléon I^{er} réagissait en homme d'Etat en face de la pièce :

Certainement, a-t-il dit, l'ensemble du *Tartuffe* est de main de maître; c'est un des chefs-d'œuvre d'un homme inimitable; toutefois cette pièce porte un tel caractère, que je ne suis nullement étonné que son apparition ait été l'objet de fortes négociations à Versailles, et de beaucoup d'hésitation dans Louis XIV. Si j'ai le droit de m'étonner de quelque chose, c'est qu'il l'ait laissé jouer; elle présente, à mon avis, la dévotion sous des couleurs si odieuses, une certaine scène offre une situation si décisive, si complètement indécente, que, pour mon propre compte, je n'hésite pas à dire que, si la pièce eût été faite de mon temps, je n'en aurais pas permis la représentation.

Las Cases,

Mémorial de Sainte-Hélène (noté en 1816).

F. Sarcey juge d'un point du vue d'homme de théâtre :

De toutes les pièces de Molière, et j'oserais presque dire de toutes les pièces de tous les genres et de tous les pays, *Tartuffe* est la seule qui amuse également tout le monde, de quelque façon et en quelque théâtre qu'elle soit jouée.

Francisque Sarcey,

Quarante Ans de théâtre (1900).

Brunetière se prononce à son tour sur ce problème du comique dans le Tartuffe :

Je ne nie point, vous l'entendez bien, qu'il y ait à rire et beaucoup à rire dans *Tartuffe*. Non seulement les rôles d'Orgon et de Dorine — quoiqu'ils le soient diversement — sont comiques d'un bout à l'autre; mais évidemment Molière, comme s'il se sentait entraîné par la force de la situation, n'a rien négligé de ce qu'il pouvait faire pour maintenir le drame au diapason de la comédie :

M^{me} Pernelle elle-même, Valère et Mariane, M. Loyal surtout, ne sont pas là pour autre chose. Mais quoi! ce n'est pas ainsi, — par doit et avoir, par addition et par soustraction, — que l'on juge de la signification d'une pièce ou d'un livre, c'est par l'impression totale qu'on en reçoit; et pour ma part, plus j'y ai songé, plus il m'a semblé que l'impression de *Tartuffe* était décidément d'un drame.

Ferdinand Brunetière,
Les Époques du théâtre français (1891).

XX^e SIÈCLE

Tartuffe dans sa vengeance paraît aussi maladroit et aveugle que Julien (Sorel). Des propositions d'accommodement lui sont faites. S'il s'appelait Onuphre, s'il ne cherchait que son avantage et son établissement, si c'était aussi un être logique selon La Bruyère et Faguet, il les examinerait, dirait ses exigences et, avec les armes terribles qu'il a en main, ferait chanter à Orgon toutes les notes de la gamme. Au lieu de cela, lui qui porte tant de noires histoires sur la conscience, qui est recherché par la justice, et à qui la police doit inspirer toutes les méfiances, se précipite chez La Reynie, les papiers d'Orgon à la main. [...] *Tartuffe* n'a pas subi un échec ordinaire, mais une humiliation atroce. Il ne se voit pas du point de vue du parterre, ni du critique littéraire, ni du moraliste. Il se voit de son point de vue intérieur à lui, du fond de sa chair, livré par la femme qu'il aime à l'imbécile qu'il méprise.

Albert Thibaudet,
Stendhal (p. 116 sqq.) [1931].

Sous prétexte que Molière est un auteur comique et non point un réformateur, on prétend aujourd'hui qu'il ne voulait faire la satire ni de la religion ni de l'hypocrisie, et qu'il n'avait d'autre ambition que d'écrire une comédie. Au dire de ces critiques à la fois graves et frivoles, *Tartuffe* ne serait rien d'autre qu'une histoire de cocu. Molière aurait voulu nous faire rire d'Orgon comme nous avions ri de Sganarelle et d'Arnolphe.

Il y a dans ce parti pris de réduire la portée des œuvres de Molière et de nier les plus fortes évidences, dans cette façon de brouiller les données d'un problème pour le rendre insoluble, quelque chose d'admirable. Molière ne se donnait certes pas pour un réformateur social. Pas plus, au reste, qu'Aristophane. Mais comme le terrible satirique des *Guêpes* ou des *Nuées*, il aimait la lutte, il se plaisait à flageller les travers, à dénoncer le scandale, à railler les ridicules.

Antoine Adam,
Histoire de la littérature française au XVII^e siècle, t. III (1952).

SUJETS DE DEVOIRS ET D'EXPOSÉS

NARRATIONS

● Lamoignon vient d'interdire *le Tartuffe* (6 août 1667). A cette date Boileau commence à fréquenter le salon du dévot magistrat (voir l'« Avis au lecteur » du *Lutrin*); on sait qu'il est l'ami, presque le disciple de Molière; il a bataillé pour lui dans la querelle de l'Ecole des femmes; l'année précédente a paru le recueil des *Satires*; la deuxième est adressée à Molière; les ennemis du *Tartuffe* sont raillés dans le *Discours au roi*. Imaginez une discussion au cours de laquelle Boileau prendra, dans ce salon peu sympathique à Molière, la défense de son ami.

● La Grange écrit dans son *Registre*: « Le 8 (août 1667) le sieur de La Thorillière et moi, de La Grange, sommes partis de Paris en poste, pour aller trouver le Roi au sujet de ladite défense. (Ils vont lui porter le deuxième *Placet* de Molière.) Sa Majesté était au siège de Lille en Flandre, où nous fûmes très bien reçus. Monsieur [le frère du roi] nous protégea à son ordinaire, et Sa Majesté nous fit dire qu'à son retour à Paris il ferait examiner la pièce de *Tartuffe*, et que nous la jouerions. Après quoi, nous sommes revenus. » A leur retour les deux comédiens rendent compte de leur voyage à leur directeur.

● Faites un portrait détaillé de Monsieur Loyal; imaginez qu'il raconte à un ami l'« affaire *Tartuffe*-Orgon ».

● Imaginez un dialogue entre Laurent et Dorine.

DISSERTATIONS ET EXPOSÉS

● La peinture d'une famille bourgeoise parisienne au XVII^e siècle d'après *le Tartuffe*.

● Comment l'intérêt dramatique est-il ménagé tout au long du *Tartuffe*? Etudiez en particulier l'art des « préparations ».

● Montrez que le dénouement du *Tartuffe* est à la fois conforme aux exigences de la situation et aux intentions profondes de Molière.

● Expliquez ce jugement de Goethe sur l'exposition du *Tartuffe*: c'est « en ce genre ce qu'il y a de plus grand ».

● Que pensez-vous, appliqué au *Tartuffe*, de ce jugement de Jacques Copeau: « Molière porte dans la haute comédie cette allure brusquée, cette respiration large, cette franchise qui lui venaient de la basse comédie »?

● Appréciez cette indication de Fr. Mauriac : « Un Tartuffe à demi sincère eût été sublime de vérité, et partant d'un atroce comique. [...] D'un Tartuffe à demi sincère nous devrions toujours avoir l'image présente pour nous tenir sur nos gardes. »

● Comparez Tartuffe et Dom Juan hypocrite (acte V, scène I).

● Discutez ce jugement de J. Lemaitre : « (Tartuffe) a, par endroits, des finesses, des ironies presque imperceptibles, des airs détachés qui ne sont plus d'un vulgaire sacristain, mais qui sentent leur homme du monde et leur homme d'esprit. »

● Appliquez ce jugement de Rigal sur l'attitude de Tartuffe dans la scène III de l'acte III à l'ensemble de la pièce : « Il est comique incontestablement. Il l'est d'abord parce que son masque d'honnête dévot le gêne singulièrement pour s'expliquer et qu'Elmire feint longtemps de ne pas le comprendre. Il l'est ensuite parce que, toute sa casuistique étant percée à jour par Elmire, plus il s'efforce de la gagner, plus il l'éloigne et se compromet lui-même. Il l'est enfin parce que, lui, le dupeur de profession, va être trompé par une âme sincère, droite, à qui la fourberie répugne et qui n'y a recours qu'en désespoir de cause » (Molière, I, p. 264).

● Tartuffe est-il, comme il est dit dans la *Lettre sur la comédie* de « l'Imposteur », « cause directement ou indirectement de tout ce qui se passe » dans la pièce ?

● Elmire est définie dans la *Lettre sur la comédie* de « l'Imposteur » « une vraie femme de bien qui connaît parfaitement ses véritables devoirs et qui y satisfait jusqu'au scrupule ». Que pensez-vous de ce jugement ?

● Expliquez et discutez ce jugement d'É. Faguet : « C'est d'Orgon que Molière s'est moqué, d'Orgon l'honnête homme. Soit. Mais ne remarque-t-on pas que Molière s'est toujours moqué des honnêtes gens. Il dévoile, à travers leurs excellentes parties, le défaut dont ils souffrent, le défaut par où ils prêtent le flanc aux coquins, et il le leur montre... C'est en cela que consiste la vraie comédie » (*Propos de théâtre*, I, p. 184 et suivantes).

● Tartuffe et Onuphre (La Bruyère, *Caractères*, XIII, 24).

● Discutez ce jugement de Ramon Fernandez : « Orgon et Argan sont une seule et même personne soumise à des hypnoses différentes. L'un est fasciné par le salut de son âme, l'autre par le salut de son corps. Cet hypnotisme littéral, dans l'un et l'autre cas, est dû à l'influence de certains professionnels qui se sont rendus maîtres des paroles et des actes de leur sujet, ou de leur victime » (*la Vie de Molière*) [1929].

136
e

● Commentez et appréciez cette affirmation du comédien Fernand Ledoux :

« Il faut détruire toute cette légende d'athéisme qui s'est créée autour d'une œuvre d'inspiration tout aussi chrétienne que le *Polyeucte* de Corneille. Si la représentation de *Tartuffe* laisse planer le moindre doute sur la pureté des intentions de l'auteur, soyez convaincu qu'il y a trahison. »

● Expliquez et jugez cette opinion de Pierre Aimé Touchard :
« Molière a le premier et le seul réussi à créer une comédie vraiment drôle, frôlant la farce, et qui ait pourtant la dignité de ton, l'ampleur de clavier et l'intensité dramatique de la tragédie.

« Mais il n'a pu le réussir qu'en maintenant à la scène les contradictions qui l'habitaient grâce à ces étonnantes créations couplées de personnages comme Alceste et Philinte, Dom Juan et Sganarelle, Tartuffe et Orgon, Chrysale et Ariste » (journal *le Monde*, 1^{er} février 1963).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00109.P.245

TABLE DES MATIÈRES

	Pages
Résumé chronologique de la vie de Molière.....	4
Molière et son temps	6
Bibliographie sommaire	8
Notice sur « le Tartuffe ».....	9
Lexique	23
Préface du « Tartuffe ».....	27
Premier acte	33
Deuxième acte	54
Troisième acte	79
Quatrième acte.....	100
Cinquième acte.....	118
Jugements sur « le Tartuffe »	137
Sujets de devoirs et d'exposés.....	141

137
- 4

en un volume

Nouvelle édition entièrement refondue et mise à jour : près de 5 000 articles nouveaux; 50 % de l'illustration renouvelée; nouveau format, nouvelle présentation. Le plus illustré, le plus complet des dictionnaires encyclopédiques en un volume.

1 896 pages (15 x 21 cm), 5 535 illustrations et 215 cartes en noir, 56 pages en couleurs dont 26 hors-texte cartographiques, atlas.

Existe également en édition grand format (18 x 24 cm), mise en pages spéciale, illustré en couleurs à chaque page : **NOUVEAU PETIT LAROUSSE EN COULEURS.**

Le dictionnaire du baccalauréat, de la 6^e à l'examen : sens moderne et classique des mots, tableaux de révision, cartes historiques, etc. 1 290 pages (14 x 20 cm), 53 tableaux historiques, 153 planches en noir, 48 h.-t. et 64 cartes en noir et en couleurs.

par G. Matoré, directeur des Cours de Civilisation française à la Sorbonne. Les 5 000 mots fondamentaux de la langue française, définis à l'aide de ce même vocabulaire, avec de nombreux exemples d'application. 360 pages (13 x 18 cm), 230 illustrations.

en trois volumes (23 x 30 cm)

retenu parmi les « 50 meilleurs livres de l'année ».

Le premier grand dictionnaire encyclopédique illustré en 4 couleurs à chaque page, qui fera date par la nouveauté de sa conception. Reliure verte ou rouge au choix, 3 300 pages, 400 tableaux, 400 cartes.

en dix volumes (21 x 27 cm)

Dans l'ordre alphabétique, toute la langue française, toutes les connaissances humaines. 10 240 pages, 450 000 acceptions, 32 516 illustrations et cartes en noir, 314 hors-texte en couleurs.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00JAN.247

un dictionnaire révolutionnaire pour l'étude de la langue française

DICTIONNAIRE DU FRANÇAIS CONTEMPORAIN LAROUSSE

par Jean Dubois, René Lagane, Georges Niobey, Didier Casalis,
Jacqueline Casalis, Henri Meschonnic.

Réalisé par des universitaires et utilisant les méthodes les plus récentes de la linguistique, ce dictionnaire de langue diffère totalement des ouvrages traditionnels.

Aux élèves de l'Enseignement secondaire, à tous ceux qui, Français et étrangers, enseignent ou étudient le français, comme à tous ceux qui veulent trouver une expression exacte, le « Dictionnaire du français contemporain » donnera les moyens d'exprimer leur pensée d'une manière précise et sûre au niveau de langue et de style qu'ils recherchent.

en un seul volume :

- un dictionnaire de la langue écrite et parlée usuelle;
- un dictionnaire qui facilite l'acquisition des moyens d'expression par les regroupements et les dégroupements de mots;
- un dictionnaire qui classe les significations d'un mot d'après les constructions grammaticales;
- un dictionnaire de phrases où tous les emplois des termes de la langue sont donnés avec les nuances qui les distinguent;
- un dictionnaire des synonymes et des contraires, avec leurs différences de sens et d'emploi;
- un dictionnaire des niveaux de langue (familier, populaire, argotique, langue soignée, littéraire,...);
- un dictionnaire de prononciation utilisant l'alphabet phonétique international;
- un dictionnaire de grammaire par les nombreux tableaux qu'il contient.

1 volume relié pleine toile (18 X 24 cm), sous jaquette en couleurs,
1 252 pages, plus de 25 000 articles, 90 tableaux linguistiques.

LISTE DES CLASSIQUES LAROUSSE

XIX^e SIÈCLE

BALZAC : Le Cousin Pons, 2 v. La Cousine Bette, 2 v. Eugénie Grandet, 2 v. Le Lys dans la Vallée. Le Médecin de campagne. Les Paysans. Le Père Goriot, 2 v. La Recherche de l'Absolu. Illusions perdues, 2 v. : 14 vol.

BAUDELAIRE : Les Fleurs du mal.

BERNARD (Cl.) : Introduction à l'étude de la médecine expérimentale (1^{re} partie).

BOURGET : Le Disciple.

CHATEAUBRIAND : Génie du Christianisme. Atala, René, Les Natchez. Les Martyrs. Mémoires d'Outre-Tombe. 4 vol.

A. COMTE : Cours de philosophie positive.

B. CONSTANT : Adolphe.

P.-L. COURIER : Pages choisies.

FLAUBERT : Madame Bovary. Salammbô. Trois Contes. 3 vol.

E. FROMENTIN : Dominique.

Th. GAUTIER : Pages choisies.

HUGO : Les Châtiments. Choix de poésies lyriques. Les Contemplations. Feuilles d'automne; les Chants du crépuscule. Hernani. Légende des siècles, 2 v. Les Misérables, 2 v. N.-D. de Paris. Odes et Ballades; les Orientales. Préface de Cromwell et autres préfaces dramatiques. Ruy Blas. Les Travailleurs de la mer. Les Voix intérieures, les Rayons et les Ombres. Derniers recueils lyriques. 16 vol.

LABICHE : Le Voyage de M. Perrichon.

LAMARTINE : Jocelyn, 2 v. Méditations. Harmonies. Recueils.

MAUPASSANT : Contes choisis. Bel-Ami.

MÉRIMÉE : Colomba; Mateo Falcone. Carmen. Théâtre de Clara Gazul. 3 vol.

MICHELET : Pages choisies, 2 v. Jeanne d'Arc.

MUSSET : Les Caprices de Marianne. Œuvres choisies (poésie et prose). Fantasio. On ne badine pas avec l'Amour. Il ne faut jurer de rien. Lorenzaccio. 7 vol.

NEVAL : Pages choisies.

NODIER : Contes choisis.

RENAN : L'Avenir de la Science. Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse.

RIMBAUD : Pages choisies.

SAINT-EUVE : Causeries du Lundi, 3 v. Port-Royal. Chateaubriand et son groupe littéraire. Volupté. 6 vol.

SAND (George) : La Petite Fadette, 2 v. La Mare au Diable. Lettres d'un voyageur.

M^{me} DE STAËL : De la Littérature. De l'Allemagne.

STENDHAL : Racine et Shakespeare. Le Rouge et le Noir, 2 v. La Chartreuse de Parme.

Aug. THIERRY : Récits des temps mérovingiens. Conquête de l'Angleterre. 2 vol.

Verlaine et les poètes symbolistes.

VIGNY : Cinq-Mars. Poésies choisies. Chatterton. Le Journal d'un poète. Servitude et grandeur militaires. Stello. 6 vol.

ZOLA : L'Assommoir. Germinal. 2 vol.

XX^e SIÈCLE

ANOUILH : La Répétition ou l'Amour puni.

BARRÈS : La Colline inspirée.

BERNANOS : Sous le Soleil de Satan.

CLAUDEL : Le Soulier de satin.

COCTEAU : La Machine infernale.

DUHAMEL : Chronique des Pasquier, 2 v.

FRANCE : Le Crime de Sylvestre Bonnard; les dieux ont soif.

GIDE : Les Faux-Monnayeurs.

GIRAUDOUX : La guerre de Troie n'aura pas lieu.

LOTI : Pêcheur d'Islande; le Mariage de Loti.

MALRAUX : La Condition humaine.

R. MARTIN DU GARD : Les Thibault, 2 vol.

MAURIAC : Le Mystère Frontenac.

MAUROIS : La Vie de Disraëli.

MONTHÉRIANT (de) : Les Bestiaires.

PÉGUY : Le Mystère de la charité de Jeanne d'Arc.

PROUST : Du côté de chez Swann.

R. ROLLAND : Jean-Christophe, 2 vol.

J. ROMAINS : Les Hommes de bonne volonté, 2 vol.

SAINT-EXUPÉRY : Terre des Hommes.

VALÉRY : Charmes.

en vente chez tous les Libraires

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 001019.249



NOUVEAUX CLASSIQUES LAROUSSE

MOYEN AGE ET XVI^e SIÈCLE

La Chanson de Roland, 2 v.

DU BELLAY : Les Regrets .

MONTAIGNE : Essais, 3 v.

la Poésie lyrique au moyen âge, 2 v.

RABELAIS : Gargantua, Pantagruel, Tiers Livre
Quart Livre et Cinquième Livre , 3 v.

Tristan et Iseut (les poèmes de) .

XVII^e SIÈCLE

BOSSUET : (raisons funèbres.

La Comédie au XVII^e siècle avant Molière, 2 v.

CORNEILLE : Attila, le Cid, Cinna,
Horace, la Mort de Pompée, Nicomède,
Polyeucte, Rodogune.

CYRANO DE BERGERAC :

États et Empires de la Lune et du Soleil.

DESCARTES : Discours de la Méthode .

FÉNELON : Ecrits spirituels.

LA BRUYÈRE : Les Caractères, 2 v.

Mme DE LA FAYETTE : la Princesse de Clèves.

LA FONTAINE : Fables choisies, 2 v.

MALHERBE, RACAN, MAINARD : Poésies choisies.

MOLIÈRE : l'Amour médecin, l'Avare, le Bourgeois
gentilhomme, la Critique de l'École des Femmes -
l'Impromptu de Versailles, Dom Juan, l'École
des Femmes, les Femmes savantes,
les Fourberies de Scapin, le Malade imaginaire,
le Médecin malgré lui - le Médecin volant,
le Misanthrope, les Précieuses ridicules, le Tartuffe.

PASCAL : Pensées.

La Poésie baroque , 2 v.

RACINE : Andromaque, Athalie, Bajazet ,
Bérénice, Britannicus, Esther, Iphigénie,
Mithridate, l'Inde, les Plaideurs.

Mme de SÉVIGNÉ : Lettres choisies.

VAUGELAS : Remarques sur la langue française .

XVIII^e SIÈCLE

BEAUMARCHAIS : le Barbier de Séville,
le Mariage de Figaro, 2 v.

DIDEROT : le Neveu de Rameau.

MARIVAUX : l'Île des Esclaves - la Colonie ,
le Jeu de l'Amour et du Hasard.

MONTESQUIEU : l'Esprit des lois , 2 v.
Lettres persanes.

La Philosophie des Lumières dans sa
dimension européenne , 2 v.

ROUSSEAU (J.-J.) : Confessions, 2 v.
Discours sur l'origine de l'inégalité.

VOLTAIRE : Candide.

XIX^e SIÈCLE

BALZAC : Eugénie Grandet, 2 v.

BAUDELAIRE : Petits poèmes en prose -
œuvres critiques.

CHATEAUBRIAND : René.

FLAUBERT : l'Éducation sentimentale , 2 v.
Madame Bovary.

HUGO : Hernani, Légende des Siècles, 2 v.
Poésies, Ruy Blas.

LAFORGUE : Poésies choisies - Hamlet.

LAMARTINE : Méditations poétiques.

LECONTE DE LISLE : Poèmes.

MALLARMÉ et le Symbolisme : auteurs et œuvres.

MÉRIMÉE : Colomba, 2 v. Mateo Falcone
et autres nouvelles, la Vénus d'Ille - Carmen .

MUSSET : Lorenzaccio, On ne badine pas
avec l'Amour.

SAND (George) : la Mare au Diable.

STENDHAL : Vie de Henry Brulard.

VIGNY : les Destinées .

ZOLA : la Curée.

XX^e SIÈCLE

APOLLINAIRE : Alcools.

CAMUS : la Peste.

GIONO : Que ma Joie demeure.

GIRAUDOUX : la Guerre de Troie n'aura pas lieu .

IONESCO : le Roi se meurt.

JAMMES : Poésies.

ROSTAND (J.) : Pensée scientifique
et œuvre littéraire.

VALÉRY : Charmes.

VERHAEREN : Toute la Flandre.

nombreux autres titres en préparation

54
E

239-69/TCTC

16-out.-1969

Chefe do SCDP

Delegado Regional do DPF/MG
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solcito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "TARTUFO";
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar script e certificado anexos ao interessado - Teatro Universitário da UFMG - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,

Recebi
MD
16-10-69

ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 252

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1842/69

PEÇA /-/-/-/-/-/-/-/ O TARTUFO /-/-/-/-/-/-/-/

ORIGINAL DE MOLIÈRE

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 15 de OUTUBRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

ECF

Brasília, 15 de OUTUBRO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. - **ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 1 fôlha nº 58, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O TARTUFO "

Original de NOLIERE

Tradução de JACI MONTEIRO

Adaptação de

Produção de TEATRO UNIVERSITARIO DA UFMA

Tendo sido censurada em 14 de OUTUBRO de 1969 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS .-.-.-.

CONDICIONADA AO EXAME DE ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME O
§ 2º do Art. 1º da Lei 5536/68.

ESTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA
PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 15 de OUTUBRO de 1969



JOSÉ SAMPAIO TRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0010, p. 253

SS
E

AMBASSADE DE FRANCE AU BRESIL

SERVICE CULTUREL
ET DE
COOPERATION SCIENTIFIQUE ET TECHNIQUE

PF/ob N° 175

Brasilia, 5 de julho de 1973

Senhor Diretor,

Pela presente temos a honra de solicitar a V.S. autorização para as representações abaixo indicadas da peça de MOLIERE, "O TARTUFO", pelo elenco do Théâtre National Populaire, da França,

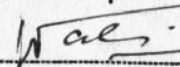
- São Paulo, Teatro Municipal - dias 11 à 14 do corrente;
- Rio, Teatro Municipal - dias 17 a 20 do corrente.

Informamos ainda que a referida peça será encenada em seu original, isto é, em francês.

Agradecendo de antemão a acolhida reservada ao presente pedido, aproveitamos o ensejo para renovar nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Senhor Diretor
Rogerio NUNES
Serviço de Censura
Divisão de Diversões Públicas
Edifício BNDE
Brasília, DF

Le Conseiller Culturel
et de
Coopération Scientifique et Technique


Pierre FALQUET

O TARTUFO

- - - - -

de Molière

Direção de Roger Planchon

Cenários de Hubert Monloup

Figurinos de Jacques Schmidt

A Senhora PERNELLE, mãe de Orgon

ORGON, marido de Elmire

ELMIRE, esposa de Orgon

DAMIS, filho de Orgon

MARIANE, filha de Orgon e amante de Valère

VALERE, amante de Mariane

CLEANTE, cunhado de Orgon

TARTUFO, falso devoto

DORINE, empregada de Mariane

LOYAL, o sargento

O Chefe de Polícia

FLIPOTE, empregada da Senhora Pernelle

*Lucienne Le Marchand**Guy Tréjan**Nelly Borgeaud**Patrick Messe**Colette Dompiètrini**Luc Ponette**Gérard Guillaumat**Roger Planchon**Arlette Gilbert**Jean Bouise**Claude Lochy**Isabelle Sadoyan*

TARTUFO

OU

O IMPOSTOR

COMÉDIA

???

Em Paris, nos meados do século XVIII, na residência de Orgon, um rico burguês.

1º ATO

Orgon está ausente. Sua mãe, a senhora Pernelle deixa a casa, presa da mais viva indignação: sua nora, Elmiro, segunda esposa de Orgon, e seus netos, Mariane e Damis, filhos do primeiro matrimônio, amam demasiado o luxo e a vida mundana. Contra eles, contra Cléante, o irmão de Elmiro que procura chamá-la à razão, contra Dorine, a governanta, de língua comprida, ela toma apaixonadamente a defesa de Tartufo, gentil-homem provincial arruinado, que Orgon recolhera em sua casa.

Esse personagem, de uma devoção exagerada, e costumes aparentemente austeros, exerce sobre seu protetor uma influência estranha e desmesurada.

Orgon regressa de sua viagem. Conversando com Cléante, conta-lhe como veio a conhecer Tartufo. Refere-se ao amigo com devoção, e manifesta sua alegria por tê-lo novamente junto a si. Cléante, após ter deixado entender que, na sua opinião, Tartufo não passava de um falso devoto, de um vigarista, pede ao cunhado que apresse o casamento de Mariane com Valère. Orgon esquivava-se.

IIº ATO

Orgon anuncia a Mariane sua decisão de fazê-la desposar Tartufo. Mariane, que ama Valère, não sabe como lutar contra a vontade do pai. Dorine procura ajudá-la, mas não consegue demover Orgon de sua decisão. Estando a sós, Dorine censura Mariane por não ter sabido enfrentar o pai, e incita-a a resistir.

Entra Valère. Avisado do projeto de Orgon, acusa Mariane de haver consentido. Surge a desavença entre os dois namorados. Nova intervenção de Dorine, que os reconcilia. Para se opor às intenções de Orgon, ela os instiga a agir, com o apoio dos demais membros da família.

IIIº ATO

Elmiro, por intermédio de Dorine, pede a Tartufo que venho vê-la. Tenciona falar-lhe do projeto de casamento e dissuadi-lo

.. /

a que renuncie. Tartufo, porém, menos interessado em Mariane do que em Elmire por quem se apaixonara, faz-lhe uma declaração de amor à queima roupa. Damis, escondido na sala contígua, presenciou o encontro. Pretende revelar tudo ao pai, apesar da oposição de Elmire que se retira, sem nada dizer a Orgon.

Tartufo, acusado por Damis, não se defende. Confundido, cai de joelhos, se acusa, e finalmente anuncia que vai partir. Orgon, transtornado e iludido, expulsa o filho, deserdando-o, e nomeia Tartufo herdeiro de todos os seus bens.

IVº ATO

Cléante procura obter que Tartufo reconcilie Damis com o pai. A situação se agrava, pois Orgon quer redigir, naquele mesmo dia, o contrato de casamento de Tartufo com Mariane. Elmire propõe, então, que ele veja com os próprios olhos a outra face de Tartufo. Elmire seduz Tartufo. Orgon está escondido debaixo da mesa. Tartufo, a princípio desconfiado, entra no jogo, e torna-se até insistente. Orgon permanece imóvel até que, afastando Tartufo por alguns instantes, Elmire o faz sair do seu esconderijo.

É um homem arrasado que ordena a Tartufo que se retire de sua casa. Tartufo, porém, revolta-se. Pois agora o dono de tudo é ele, visto que Orgon lhe doara todos os seus bens.

IVº ATO

A desordem reina no lar. Que fará Tartufo? Não somente é o herdeiro, como ainda retém em suas mãos as provas que Orgon, por ocasião da Fronda, combatiera ao lado do Rei, e depois mantivera ligações com o lado oposto. Tartufo conseguira se apoderar de uma caixinha contendo papéis comprometedores e informações relativas aos bens dos membros da Fronda.

Tartufo inicia sua ofensiva. Loyal, o oficial de justiça, anuncia que vai proceder à penhora dos bens.

Entrementes, surge Valère que, sabedor da denúncia de Tartufo e que uma ordem de prisão fora decretada contra Orgon, providenciara tudo para sua fuga. Tarde demais! Chega a polícia real. O chefe de polícia apodera-se de todos os documentos, mas prende Tartufo, simples vigarista, em envergadura. O Rei, apesar de profundamente magoado, renuncia a ação contra Orgon em atenção aos serviços prestados.

Orgon está salvo. Mas de agora em diante, terá de viver sem Tartufo.

o o o

"Tournée" do "THEATRE NATIONAL POPULAIRE"

" LE TARTUFFE " de Molière

A realização do espetáculo
ROGER PLANCHON, *Dirctor*

ROGER PLANCHON nasceu em Saint-Chamond.

Iniciou sua carreira teatral em 1948 em Lyon, e, dois anos depois, criava uma Jovem Companhia Teatral, onde já se encontram Isabelle Sadoyan, Claude Lochy e Jean Bouise.

De 1953 a 1957, esse elenco anima o "Théâtre de la Comédie" com um repertório que inclui Adamov, Ionesco, von Kleist, Marlowe, Brecht.

"Les coréens" de Vinaver e "Paolo-Paoli" de Adamov, obtêm para essa equipe uma fama nacional, e, em 1957, Villeurbanne, comuna do subúrbio de Lyon, coloca ROGER PLANCHON à testa de seu teatro municipal, que se torna então o "Théâtre de la Cité" : trinta espetáculos no espaço de quinze anos.

PLANCHON retira a "auréola poeirenta" dos grandes clássicos e os faz retornar à realidade concreta : primeiro, Molière com "George Dandin" e "Le Tartuffe", depois Marivaux com "La seconde surprise de l'amour", e finalmente, Racine com "Bérénice". Inspira-se nas fontes dos grandes dramáticos ingleses : Marlowe, Shakespeare, e apresenta-nos, deste último, "Henry IV", em versão integral, com o qual inaugura o "Théâtre de la Cité". Em seguida, faz apelo a Brecht com "La bonne âme de Sé-Tchouan" e "Schweyk dans la seconde guerre mondiale".

Desde o início, PLANCHON e seus companheiros procuram criar seus próprios textos : a adaptação dos "Três mosqueteiros" constitui um exemplo mundialmente conhecido.

Ator, encenador, ROGER PLANCHON escreveu sua primeira peça em 1962. Desde então, não mais dissociou seu trabalho de autor dramático da sua prática de encenação. Seis peças figuram no repertório do "Théâtre de la Cité" : "La remise", 1962, "Patte blanche", 1965, "Bleus, blancs, rouges", 1967, "Dans le vent", 1968, "L'infâme", 1969, "La langue au Chat", 1972. Sua última obra, "Le cochon noir" será apresentada na primeira temporada do novo "Théâtre National Populaire", do qual ele é diretor, juntamente com Robert Gilbert e Patrice Chéreau.

" O TARTUFO "

de Molière

"O TARTUFO" é a obra mais frequentemente representada e comentada de todo o repertório teatral francês. A encenação, que propomos, segue-se às de Coquelin, Jouvet, Ledoux, etc., sendo, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre essas últimas e sua contestação. Trata-se de uma leitura nova da obra de Molière.

O que talvez seja essencial em nossas relações com os clássicos, é o nosso desejo em interrogá-los. Eles nos respondem e, ao mesmo tempo, nós nos respondemos a través deles. Cada geração procura se descobrir e descobrir os clássicos, que só nos serão indiferentes se assim agirmos em relação a eles.

Nossa encenação, que procura se aproximar do texto de Molière mais ainda que as anteriores, apresentará os personagens dessa comédia sob uma nova forma. Ela descobre outros vínculos e nos reporta, diretamente, à história do grande século, do qual Molière nos revela algumas contradições importantes, apresentando-nos seu conflito cô mico.

Esse esforço de realismo crítico, que foi nosso objetivo através de todos os nossos espetáculos, tentamos, aqui, aprofundá-lo e prolongá-lo. Isso não nos conduz a apresentar soluções acabadas, nem, tampouco, a concluir da impossibilidade de o fazer. Começando por produzir em nós uma surpresa diante daquilo que nos é apresentado, ele termina em uma série de interrogações : por que, por exemplo, em uma determinada sociedade, um "vigarista", que se apresenta como um homem piedoso, consegue o seu intento ? Por que, nesta mesma sociedade, um "importante funcionário público", refugia-se na aspiração do misticismo para dar um sentido à vida ? etc., etc.

Uma peça teatral que só apresenta um conflito social entre abstrações é tão falsa quanto aquela que reduz qualquer conflito a uma luta entre indivíduos. Molière, o maior visionário realista francês, escapa a esses dois dilemas. Nossa encenação se esforça em evidenciar esse aspecto. "O TARTUFO", que provocou escândalo e foi censurado em sua época, nada perdeu da sua força e denuncia, como escandalosos, seus censores de espírito tacanho, bem como aqueles de idêntica visão que se escandalizaram com a peça.

UM ESPETÁCULO DO "THÉÂTRE DE LA CITÉ"

ATRAVÉS DO MUNDO

No outono de 1962, quando "*O Tartufo*" começou a figurar no repertório do "Théâtre de la Cité", Roger Planchon já havia demonstrado como pretendia fazer a montagem dos clássicos. Há cinco anos que "*Georges Dandin*" de Molière e "*A segunda surpresa do amor*" se mantinham em cartaz. O crítico Jean-Jacques Lerrant apresentava, assim, sua apreciação do "*Tartufo*" : "Cada clássico anunciado pelo "Théâtre de la Cité" nos promete prazeres singulares. Esperamos ser obrigados a modificar nossos hábitos, escandalizados enfim, de forma a redescobrir Molière e Marivaux. Porém, o escândalo toma outra feição, à medida que Roger Planchon afirma seu estilo. Estaríamos enganados se, de agora em diante, temêssemos ou esperássemos dele provocações espetaculares, agressividades de fachada. A renovação alcança o próprio conteúdo da obra, o trabalho do diretor se efetua em profundidade, no interior do texto a ser representado."

Naquela época, os espectadores de Villeurbanne puderam ver Roger Planchon interpretar Tartufo, porém, como substituto, visto que Michel Auclair, indicado para desempenhar esse papel, só estaria disponível um ano mais tarde, no outono de 1963, para a "tourné" a Moscou e Leningrado. "Moscou, 10 de setembro de 1963. Michel Auclair apresentou, segunda-feira à noite, em Moscou, uma deslumbrante com posição de Tartufo. Um Tartufo insólito, tal como o desejara Roger Planchon..."

"*O Tartufo*" iniciou assim sua carreira internacional.

"Todo o texto, nada mais que o texto... Tratando-se de uma obra, ao mesmo tempo, clara e confusa pelo uso como é "*O Tartufo*", a análise literária atinge, ao contrário, sua plena justificação e nos proporciona, com o "*Dom Juan*" de Vilar, a mais perfeita restauração clássica desses últimos vinte anos... Graças à fidelidade incontestável de todos, eis Molière vingado e salvo por muito tempo da tartuferia."

.../...

"Finalmente, esta é a realidade clara, evidente. A realidade e a vida. De uma espantosa inteligência, porém, que nos importa a inteligência se ela não alcança a vida; ora, aqui justamente, ela no-la restitui em seu movimento, seu conteúdo, sua agitação, seu segredo : um conteúdo quase romanesco e histórico também."

Esses dois extratos da imprensa parisiense, quando da apresentação da peça no Odeon, em 1964, um de Bertrand-Poirot Delpech no "Le Monde", o outro de Gilles Sandier em "Arts", deixam prever a acolhida que teve "*O Tartufo*", do "Théâtre de la Cité", de 1962 a 1971.

- 1962 - Criação no Teatro de Villeurbanne.
- 1963 - Uma "tournêe" pela U.R.S.S.
- 1964 - Paris, no "Théâtre de l'Odeon".
- 1966 - Uma "tournêe", na primavera, pela Suécia, Dinamarca, Holanda, Austria e Suíça.
Uma "tournêe", no outono, em Veneza.
- 1967 - O Festival de Avignon e uma "tournêe" pela França e Itália.
- 1968 - Uma "tournêe" em Nova York.
- 1971 - Uma "tournêe" pelos países socialistas, Bulgária, Iugoslávia, Romênia.

No total, 8 versões sucessivas de um mesmo espetáculo, acolhido, por toda parte, com o mesmo interesse por espectadores entusiastas.

Esse espetáculo foi marcado pela estabilidade de sua distribuição, estabilidade essa admirável em um país onde a "companhia teatral" é uma noção desaparecida e onde se recrutam os comediantes a cada nova encenação da peça, de "tournêe" em "tournêe".

Jacques Debary no papel de *Orgon*, Michel Auclair como *Tartufo* e Françoise Seigner encarnando *Dorine* fizeram parte do elenco de 1962/63 a 1971. Apenas duas comediantes se revezaram no papel da *Sra. Pernelle*, Marcelle Demeyères e depois

../..

Lucienne Le Marchand; no papel de *Elmire*, Anouk Ferjac seguida de Nelly Borgeaud; encarnando *Marianne*, Mireille Calvo e em seguida Colette Dompiétrini. Quanto aos ou tros personagens, foram interpretados por comediantes lionenses, colaboradores perma nentes de Roger Planchon, ou por comediantes contratados para uma ou várias tempora- das pelo "Théâtre de la Cité".

A intenção dos diretores do "Théâtre de la Cité", de Villeurbanne, que se tornou, recentemente, Teatro Nacional Popular, não era de prolongar a carreira desse espetáculo, já com dez anos de representações, inscrevendo-o ainda no repertório. Quando surgiu a proposta para realizar uma "tournêe" pela América do Sul, por ocasião do ano Molière, Roger Planchon se recusou a explorar o sucesso passado e propôs rever a concepção do conjunto do espetáculo, dando-lhe uma nova encenação.

Assim sendo, os comediantes evoluirão em um cenário de Hubert Monloup e não mais de René Allio. O próprio Roger Planchon interpretará *Tartufo*, com um novo *Orgon* interpretado por Guy Tréjan e uma nova *Dorine*, Arlette Gilbert. Eles serão coadjuva dos por Colette Dompiétrini, Isabelle Sadoyan, Jean Bouise, Gérard Guillaumat e Claude Lochy, companheiros lionenses de Planchon desde os anos cinquenta no Teatro da Comédia; por Nelly Borgeaud e Lucienne Le Marchand, duas "familiares" de *Tartufo*, e por dois jovens comediantes, Patrick Messe e Luc Ponette. Assim, os espectadores sul-americanos terão a primazia de assistir a um novo "*Tartufo*", que, em seguida, será in tegrado no repertório do Teatro Nacional Popular.

ooo



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº

4483/73

Título: "O TARTUFO" - MOLIERE

Classificação Etária: 14 anos

Espécie: peça teatral Com cortes: não

Boa Qualidade: - Livre P/Exportação: -

Dublado: - Legendado: -

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: Subordinadas ao ensaio geral

Época: séc. XVII Gênero: drama

Linguagem: poética-filosófica

Tema: Versando sobre um homem oportunista - (Tartufo)

Personagem: frívolas e crédulas.

Mensagem: negativa

Enredo: Tartufo aproveitando-se da boa fé de um chefe de família, casa-se com a filha do mesmo, sendo depois descoberta sua verdadeira personalidade.

1 - Cortes: -

2 - Conclusão: Sugiro liberação para público maior de 14 (catorze) anos.

Brasília, 05 de julho de 1973.

Sônia A. L. Malago
Sônia A. L. Malago

Ex. blusão
Opino pela li-
tração para meio-
res de quinquenta anos
Em 5-7-73

Burton

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 05/07/73

Rogério Nunes

Arquive e
Em 5-7-73
Burton

O TARTUFO
MOLIÈRE

THÉÂTRE NATIONAL POPULAIRE, DA FRANÇA

05

JULHO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS.

REQUERENTE: PIERRE FALQUET.

05

JULHO

73

DEUSDETH BURLAMAQUI

Recibo certificado -

Antonio Lameir

ESPECIAL

O "TARTUFO"

MOLIERE



30

JULHO

73

05

JULHO

73

ROGÉRIO NUNES

138

PICHADO
S. A. DCDP

PJ - DPF - SRA/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
- 5 SET 1977 - 027427
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

RECEBIDO POR:

SRA. PICHADO



OFÍCIO Nº 1664/77-SCDP/SR/PE.

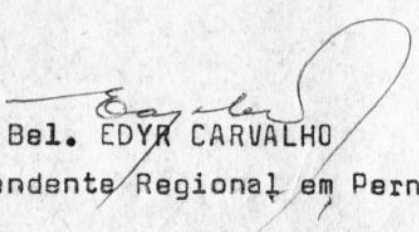
RECIFE, 02 DE SETEMBRO DE 1977.

Senhor Diretor,

Através deste, encaminhamos a V.Sª, 03
(três) vias do script da Peça Teatral " TARTUFO " de autoria de
MOLIÉRE, para que sejam devidamente censurados por essa DCDP.

Anexo, segue cópia do requerimento da /
Peça Teatral acima mencionada.

Na oportunidade, renovamos a V.Sª, os
nossos protestos de alta estima e real apreço.


Bel. EDYR CARVALHO

Superintendente Regional em Pernambuco

Ilmº. Sr.

Dr. Rogério Nunes

DD. Diretor da DCDP/BSB

BRASÍLIA = DF

EXMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA DA POLÍCIA FEDERAL

O GRUPO TEATRAL PENSAMENTOS, PALAVRAS E OBRAS, -
com sede provisória nesta cidade, à rua Gervásio Pires, nº 826,
Boa Vista, vem, respeitosamente a sua presença, submeter à apre-
ciação de V. S., a peça "TARTUFO", de Molière, editada pela Ci-
vilização Brasileira, edição de 1975, com tradução de Guilherme
de Figueiredo.

O referido texto, datilografado em 3 (três) -
vias, contará com a direção de Sr. Carlos Bartolomeu.

Limitados ao acima exposto, somos,

Atenciosamente,

FRANCISCO FERNANDES CALDAS

Presidente

Francisco Fernandes Caldas

Anexo: 3 vias de texto

Recife, 26 de agosto de 1977

TEATRO

E

TÍTULO

FARTUFO

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior

14 anos

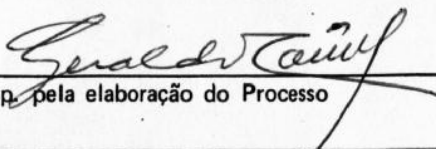
Praça

RECIFE - PE

Obs.:

DF.

13, 09, 77


 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de

/ / a / /

DF.

/ /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

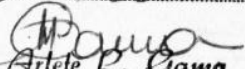
de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento da CEMS., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 19 de set. de 1977


 Maria Arlete R. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

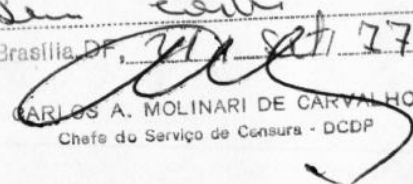
Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

 LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
 COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze anos
sem cortes
 Brasília-DF, 21 de set. 77


 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 3977 177TÍTULO: "O TARTUFO" - de MolièreCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Após o devido confronto, verificamos supressão de diversos trechos que não chegam, porém, a alterar o conteúdo da obra. Opinamos pela liberação de acordo com o critério anterior, ou seja, impróprio para menores de 14 anos, condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 16 de setembro de 1977.

Edite Nakashoji Pereira

142
E

1418/77-SCTC/SC/DCDP

19/09

7

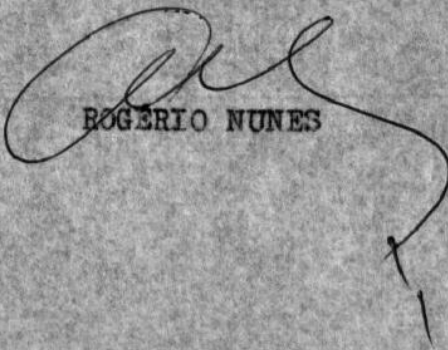
Superintendente Regional do DFF em Pernambuco

"O TARTUFO"

Moliere

Superintendente:

RECIFE-PE


ROGERIO NUNES

TARTUPO

MOLIERE

GRUPO TEATRAL PENSAMENTOS, PALAVRAS E OBRAS - PE
FRANCISCO FERNANDES CALDAS

19

SETEMBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20

SETEMBRO

77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

142
9

COTULAGE

RECEBIM

401/77

TARTUFO

MOLIERE



20

SETEMBRO

82

20

SETEMBRO

77

ROGERIO NUNES



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "TARTUFO" - Molière

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (catorze) anos.

*De acordo c/ Parecer
de SCOP/SP/SP*

Assistimos ao ensaio geral da peça acima mencionada, tratando-se de uma comédia de costumes. Na casa de um nobre, instala-se Tartufo, conseguindo os favores dele e de sua sogra, através de um falso misticismo. Na verdade, Tartufo não passa de um espertalhão que tenta, inclusive seduzir a esposa de seu benfeitor e consegue a mão de sua filha. Felizmente sua falsidade é descoberta e a filha do nobre fica livre do compromisso. Mas, ainda - Tartufo tem um trunfo: os bens que o nobre havia lhe doado. A justiça, no entanto é feita e Tartufo preso.

PARECER: A peça em questão é cômica, conservando-se a poeticidade do autor. A apresentação nada contém que mereça uma rigorosidade em termos de fiscalização. Os figurinos, cenário e fundo musical estão de acordo com a faixa etária acima mencionada.

São Paulo, 17 de agosto de 1977.

Delva Radicce Marinho
Delva Radicce Marinho

Téc. Censura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

145
E

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "Tartufo" de Molière

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

*De acordo com o Jul
cas. 500/10*

Clássico da dramaturgia, escrito sob a forma de versos rimados.

Apresenta como trama central a insinuante figura de Tartufo, que consegue, através de sua personalidade mascarada, dirigir as ações de um chefe de família.

Personagem astuto e ardiloso, passa-se por um devoto fiel e cristão primoroso. Os outros membros da casa, em vão, procuram desmascará-lo, pois de tal forma cegou os que nele confiam, que nem mesmo aceitam a evidência das provas contra ele apresentadas.

Tartufo revela sua índole ao tentar seduzir a esposa de seu benfeitor; sendo assistido por ele, que finalmente se certifica da verdadeira identidade do impostor.

Contudo, Tartufo já está de posse de todos os bens do amigo e o intriga com o príncipe.

O desfecho resolve todos os problemas, com o tão conhecido final feliz: devolvendo os pertences da família e encarcerando a figura do mal, Tartufo.

O texto descreve a personalidade fingida, que usando de artimanhas galga os mais altos degraus; mas que é vencida pela força da justiça e do bem.

A fala atribuída ao guarda, no trecho final da peça, deve ser observada detalhadamente no ensaio, por poder transpor-se à atualidade, torna-se uma crítica perigosa ao governo.

Opino pela classificação etária de 14 anos.

São Paulo, 2 de agosto de 1977.

Evonete da Silva Precioso

Evonete da Silva Precioso



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

148
E

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "TARTUFO" de Molière - Tradução e Adaptação de
Guilherme de Figueiredo

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Peça Cênica em três (3) atos.

Tartufo é um espertalhão que sob o pretexto de ser um devoto cristão instala-se na casa do Sr. Orgonte. E usando de ardís e artimanhas influencia a tal ponto o Sr. Orgonte que este, apesar das advertências de seus familiares, além de oferecer-lhe a mão da própria filha, doa-lhe os bens.

Convencido pela esposa o Sr. Orgonte esconde-se e consegue desmascarar o finório. Expulso,* então, de casa o malandro, mas este continua instalado lembrando-lhe que a casa e tudo que nela existia * lhe havia sido doado.

Orgonte desespera-se, mas o príncipe ao inteirar-se das patifarias do intruso, com justiça, * faz com que os bens usurpados sejam restituídos ao verdadeiro dono, levando preso o gatuno.

São Paulo, 09 de agosto de 1.977

Maria Helena Soares.

FICHADO
S. A. DCDP

SRA/FICHADO

MJ-DEP-SRA/BSB

10 OUT 1149 030613

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 7.103/77-SCDP/SR/SP

Em, 06 de outubro de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "QUARTO DE EMPREGADA" original de Roberto Freire; "PAIOL VELHO" original de Abílio Pereira de Almeida; "O METROPOLITANO" original de Roberto Gill; "O ESCRITOR" original de José Vanderley e Mário Lago; "OS BALÕES DA ALEGRIA" original de A.C. Assumpção; "MISTÉRIO DAS FIGURAS DE BARRO" original de Osman Lins; "PROJETO ARKOS" original de Antonio de Santa Terezinha Maciel; "OS INVASCORES" original de Eudinyr Fraga; "AQUELE QUE DIZ SIM, AQUELE QUE DIZ NÃO" original de Bertold Brecht; "A ONCINHA MARGARIDA" original de Rubens Rocha Filho; "TARTUFO" de Moliere; "MUTIRÃO" original de Daniel Pedro da Silva.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

TEATRO

148
E

TÍTULO

Fartuço

1) S.C.T.C.

Arquivo

Clas. Anterior

14

Praça

Campinas - S.P.

Obs.:

DF.

14 / 10 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de

/ / a / /

DF.

/ /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de quatorze anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
plus, condicionada ao exame
de ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 17 de out. de 1977

Maria Arlete R. Gamê
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação:

14 anos

Brasília-DF.

19 / 10 / 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação:

Brasília-DF.

19 / 10 / 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

148
E

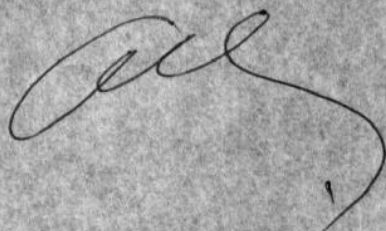
1615/77

BSB, 17/10/77

em São Paulo

7103/77-SCDP/SR/SP

"O TARTUFO" de Moliere.

A handwritten signature in dark ink, appearing to be a stylized name, possibly "All" or "Al", with a long horizontal stroke extending to the right.

180
E

401/77

TARTUPO

MOLIERE

IMPRÓPRIO PARA
MENOR **14** DE
QUATORZE ANOS

18 SETEMBRO

82

18

OUTUBRO

77

ROGERIO NUNES

- T A R T U F O -

M O L I È R E

GUILHERME DE FIGUEIREDO

I D E M

S/P

17

OUTUBROZ

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 QUATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

OUTUBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALO

FMEK/

154
E

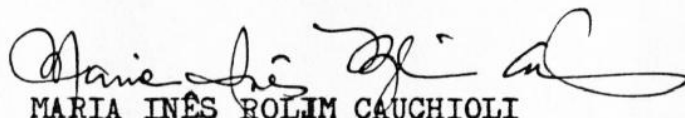
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
OF. 9179/85-SCDP/SR/SP
Nº / - SCDP/SR/SP Em 29 de março de 19 85

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

1. FELIZ PÁSCOA - Jean Poiret
2. O TARTUFO - Moliere
3. OS VELHOS MARINHEIROS - Jorge Amado
4. GRAND FINALE - Flávio de Souza
5. TOMÁS, O LOUCO - Criação Artibus - texto de Joana Lopes
6. O PALHACINHO SABIDO E A BRUXA BUM-BUM - Adilson Wladimir
7. DIREITA VOLVER - Lauro Cesar Muniz
8. TANZI - Claire Luckman

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.


MARIA INÊS ROLIM CAUCHIOLI
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. CORIOLANO L C FAGUNDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF



APETESP

associação dos produtores
de espetáculos teatrais do
estado de são paulo

Cal. 2979
12/02/85

152
E

ILMO SR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERÇÕES PUBLICAS DEF/SR/SP

REE:- CENSURA DE TEXTO TEATRAL

" O TARTUFO "

Romano Domingues da Silva, rg 2 305 921, brasileiro, residente a rua Maria Jose 107 - ap.10-BELA VISTA, S.Paulo, representando do grupo PARDIEIRO PRODUÇÕES ARTISTICAS S/C LTDA, com sede a Av. 9 de Julho, 556 - ap.14-A, pretendendo encenar a peça teatral " O TARTUFO " cujo texto se encontra anexo em 3 vias, vem mui - respeitosamente requer a V.S. se digna mandar proceder a leitura e exame censório do Ensaio Geral, em data e hora a serem designadas por esta Chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

NOME DA PEÇA: " O TARTUFO "

AUTOR: Moliere

TRADUÇÃO: Guilherme Figueiredo

PRODUTOR: PARDIEIRO PRODUÇÕES ARTISTICAS S/C LTDA

GRUPO: PROFISSIONAL

TELEFONE P/CONTATO: Gilberto Razuk - F. 283.3644

Romano Domingues:- F. 258.4591

NESTES TERMOS

P DEFERIMENTO

S. PAULO, 11 de Fevereiro de 1985

pp.PARDIEIRO PROD ART S/C LTDA

a. ROMANO DOMINGUES DA SILVA



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filial da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil

153
E

São Paulo 11 de fevereiro de 19 85

Ilmo. Sr.
 Diretor do Departamento de Censura Federal
 (Departamento de Polícia Federal)
 Brasília DF

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
 para fins de CENSURA, três cópias da peça

" O TARTUFO "

Original de MOLIERE

Tradução de GUILHERME FIGUEIREDO

Próxima apresentação de GRUPO PARDIEIRO PRODS. ARTS. S/C LTDA.

Teatro MARIA DELLA COSTA Cidade SÃO PAULO

Estado São Paulo

A estréia está prevista para 23 de março de 1985.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.



Revisado
11/02/85

1531
E

TARTUFO 81

de

Molière

Personagens: Sra. Pernela (mãe de Orgonte)
Orgonte (marido de Elmira)
Elmira (mulher de Orgonte)
Damis (filho de Orgonte)
Mariana (filha de Orgonte, namorada de Valério)
Dorina (criada de Mariana)
Valério (namorado de Mariana)
Cleanto (cunhado de Orgonte)
Tartufo (falso devoto)
Sr. Leal (meirinho)
Um guarda
Flipote (criada da Sra. Pernela)

Cena em Paris, em 1664 ou 1667, data das estréias de La Tartuffe.
Em casa de Orgonte.

Tradução: Guilherme Figueiredo.

158
E

PRIMEIRO ATO

CENA I

SRA. PERNELA, ELMIRA, MARIANA, CLEANTO, DAMIS, DORIANA, FLIPOTE

Sra. PERNELA - Vamos, vamos, Flipote, é hora de deixa-los...

ELMIRA - Correis com passos tais... nem posso acompanhá-los...

SRA PERNELA - Alto lá, minha nora! Usemos de franqueza: Já não mereço mais tanta delicadeza.

ELMIRA - Da família sabeis a gratidão confessa; Mas por que, minha mãe, partir com tanta pressa?

SRA PERNELA - Não posso suportar o que se passa aqui. E ver que do que digo a gente toda ri. Desta casa, palavra, eu saio edificada: Eu falo, falo e sou contrariada! Respeito?! Cada qual gritar mais alto logra. É, sem tirar nem pôr, uma casa da sogra.

DORINA - Mas, senhora...

SRA PERNELA - Ouve aqui: tu és uma empregada. Muito forte na língua e mal acostumada. Só te deves meter no que te diz respeito.

DAMIS - Mas...

SRA PERNELA - Ouve lá, meu neto: és um tolo perfeito, Isto eu digo e repito: esse mesmo estribilho. Está farto de ouvir o pobre do meu filho, Teu pai: breve estarás no rol dos pecadores. A que trazer somente amargos dis-sabotes ...

MARIANA - Eu acho...

SRA PERNELA - Ora, aqui está: tua cara irmãzinha, Toda cheia de não me toques, tão sonsinha. Dizem que a água parada envenena o sedento: Disfarças muito bem teu mau procedimento.

ELMIRA - Mas, minha boa mãe...

SRA PERNELA - Que mãe coisa nenhuma! Teu mau procedimento é que me espanta, em suma! Pois em lugar de dar exemplos aos enteados passas o tempo todo a fazer penteados. Gastas uma fortuna, andas como princesa a se preocupar - com coisas de beleza! Quem deseja agradar somente ao marido não precisa trocar dia e noite o vestido.

CLEANTO - Minha cara senhora...

SRA PERNELA - Agora, a vez do irmão! Eu vos tenho respeito, amizade, afeição, mas se eu não fosse a sogra e ela não fosse a nora e se eu mandasse / aqui - punha-vos lá fora! Vosso procedimento e vossas pregações para gente de bem são péssimas lições. Sou sincera demais. É o meu modo de ser: É que nunca engoli o que tenho a dizer.

156
E

DAMIS .- O vosso bom Tartufo é um homem feliz...

SRA PERNELA - É um homem de bem: deve ouvir-se o que diz e não posso admitir que um rapazelho tonto fale mal de Tartufo e me indigne a esse ponto.

DAMIS - Então devo aguentar que um crítico... impoluto exerça em nossa casa um poder absoluto? E aceitar que ninguém possa se divertir sem o belo senhor dignar-se consentir?

DORINA - A prestar-lhe atenção, a ser ele escutado. Tudo que se fizer é vergonha e pecado, pois tudo ele controla, esse crítico ousado.

SRA PERNELA - E tudo que controla está bem controlado. Ele pensa no céu. A cada um quer dá-lo e meu filho devia ensinar-vos a amá-lo.

DAMIS - Mas vejamos, vovó: de modo algum me obrigo a aceitar o senhor - Tartufo como amigo! Não seria leal se de outro modo agisse, se recitasse amem a tudo que ele disse. Estou prevendo o dia em que esse pé-rapado receberá meu pé no lugar acertado.

DORINA - Outra coisa haverá mais contrária à razão? Ter um estranho em casa a fazer de patrão? Um mero espertalhão, sem linha e sem escol, cuja casaca não valia um caracol, que chega de repente e adquire tanta asa que passa a mandar mais do que o dono da casa?

SRA PERNELA - Pois seria melhor se todos que aqui estão fossem obedecer-lhe a santa direção.

DORINA - Ele passa por santo em vossa fantasia; tudo que se faz, porém, é pura hipocrisia.

SRA PERNELA - Olha a língua!

DORINA - O impostor, tanto quanto o criado, não é digno de fé, nem trazendo atestado!

SRA PERNELA - No íntimo não sei quem seja o servidor mas por homem de bem garanto seu senhor. Somente o detestais, com tamanha ruindade, porque ele a cada um diz a sua verdade, contra todo pecado arremete com ira; o interesse do céu é tudo que o inspira.

DORINA - Muito bem: mas por que razão ultimamente não deixa que ninguém esta casa frequente? Como pode tal coisa ofender tanto o céu que o leve a prorromper em tamanho escarcéu? Desejais escutar a explicação agora? - (APONTANDO ELMIRA) Desconfio: ele tem ciúme da senhora.

SRA PERNELA - Cala-te! Infâmia tal proíbo que repitas! Não é só ele quem censura essas visitas. O frívolo rumor de cada recepção, carruagens sem cessar parando no portão, lacaios de libré, mexericos e dança causam irritação a toda a vizinhança. Espero que daí não se vá muito além; Mas falam - e afinal isto não fica bem.

154

CLEANTO - E quereis impedir que falem? Esta vida haveria de ser bastante aborrecida se a cada mexerico e a cada falsidade se houvesse de perder - uma bela amizade. E mesmo que dispõe de força para usar é capaz de obrigar todo mundo a calar? Contra língua ferina, inúteis as mezinhas: Melhor é nem ligar às tolas ladainhas. Tratemos de viver na mais pura inocência, deixe-se ao falastrão sua maledicência.

DORINA - Dafne, nossa vizinha, e o rico maridinho, não serão dos que têm por nós tanto carinho? Esses cuja conduta o menos satisfaz sempre os primeiros são a falar dos demais. O seu faro não falha e adivinham no ar de namoro banal o mais pequeno olhar. Saem com alegria a espalhar a notícia, não para festejá-la: apenas por malícia. Com alheias ações pintadas a - seu jeito querem que todo mundo os julgue sem defeito e, na falsa ilusão de alguma semelhança, de esconder o que são guardam sempre a esperança: Ou tratam - o que é pior - de distribuir por todos o que merecem mais: os risos e os apodos.

SRA PERNELA - E que tem isto a ver vom o que estou a falar? Oranta, bem sabeis, leva vida exemplar: Só se dedica a Deus. Pois de alguém mais ouvi: Ela censura muito o que se passa aqui.

DORINA - Admirável exemplo! E que senhora boa! Na verdade hoje impõe respeito essa pessoa: A idade lhe pôs n'alma um poder atrasado: A virtude é também saudade do pecado. Enquanto conseguiu arrebatrar paixões bem que - se aproveitou das boas ocasiões! Porém ao ver murchar a luz do próprio olhar ao mundo que a abandona ela quer renunciar; E com pomposo véu de - alta sabedoria cobre os restos mortais do que outrora exhibia. Assim passa o poder das coquetes famosas... É duro recordar que não são mais famosas. Soltas à solidão, a sombria iniquidade. Dá-lhes a profissão de guardiãs da virtude. Tão perigosas são tais mulheres de bem que para tudo uma censura têm. Reclamam dia e noite, em voz que não se peja; nunca por castidade: apenas por inveja. Sem poder resistir à injustiça sem nome do jejum da velhice a aumentar-lhes a fome.

SRA PERNELA - São estas, com certeza, as tretas de que gostas, minha nora! Ah, nem digo o quanto me desgostas! Esta madama aqui (MOSTRA DORINA) é a dona do fúxico! Mas agora sou eu a meter o meu bico! Meu filho já - mais fez outra coisa tão boa quanto abrigar aqui essa santa pessoa. Foi o céu que o mandou, pelas vias sagradas, a vos reconduzir, ovelhas desgarradas. Pra vossa salvação ouvi-o com respeito pois tudo o que ele faz está muito bem feito. Visitas, bailes são procedimento errôneo, são pecados mortais, invenções do demônio; Nessas ocasiões nada se ouve de casto: São ditinhos, canções - coisas que me afastam. Não é raro sofrer o próximo também sua difamação: não escapa ninguém. Enfim: o mais sensato

é quem leva a pior só pela confusão dos outros ao redor. Fazem murmurações pela menor tolice... É justamente como um doutor já me disse: "Falam, procedem de maneira muito errônea: É o que já se chamou Torre de ... Babilônia". (MOSTRANDO CLEANTO) Já vem este senhor a fazer zombaria! Vai gozar de tua... ah!, cessai a grosseria! (A ELMIRA) Contaram-me...Ora, adeus! Já não digo mais nada! Estou velha demais para ser desrespeitada! Tanto melhor! Pecai! Prossegui no folguedo! Eu juro: por aqui não ponho o pé tão cedo! Anda! Chega de estar aí apalermada! (DÁ UM TAPA EM FLIPO = TE) Um dia te desperto à força de pancada!

CENA II

CLEANTO, DORINA

CLEANTO - Eu fico por aqui. Não vou sair agora senão ela me mata, esta -
boa senhora.

DORINA - Não podeis calcular o quanto me dá pena isto de vir aqui fazer
tamanha cena. Se a coisa prosseguisse eu teria receio de ouvirmos dessa
dama um belo nome feio!

CLEANTO - Como por pouca coisa ela fica exaltada! Estará por Tartufo a -
caso apaixonada?!

DORINA - Mas isto não é nada, a comparar-se ao filhos se o tivésseis de
ouvir nesse mesmo estribilho. Quando serviu ao rei, mostrou-se bravo, é
exato; Julgamo-lo por isso um sujeito sensato. Mas não passa de um parvo,
um filósofo bufo, depois que se embeijou pelo tal de Tartufo. Trata-o de
meu irmão, faz tudo que ele quer, Tartufo é seu pai, mãe, filho, filha e
mulher! Dos segredos que tem, Tartufo é o confidente, e de suas ações o
diretor prudente. Ele o afaga, ele o beija e nem por uma amante teria um
bobalhão ternura mais constante. Na mesa, à cabeceira o meu patrão o sen-
ta e deleita-se ao vê-lo comer por sessenta! Das melhores porções bondo-
samente o serve; E se Tartufo arrota, ele: "Deus te conserve!" Enfim: es-
tá maluco: é seu herói, seu tudo, e cita a cada passo o seu talento agu-
do. O seu gesto é milagre, a sua voz poesia e tudo quanto diz vale por -
profecia. O outro, bem o conhece - e aproveita-s, é claro, pois sabe mui-
to bem fazer-se de homem raro. Sua patifaria arranca-lhe dinheiro; Reco-
menda moral, da sala ao cozinheiro; até o seu criado a deitar presunção
vem meter-se também a nos pregar sermão! Vive a recriminar, de olhar b-
baixo e voz rouca, as fitas, o perfume, a pintura da boca abrindo o seu
missal, viu um lençinho à-toa e foi como se visse o diabo em pessoa! E .

saiu a bradar ser um crime horroroso misturar obra sacra às obras do Tinhoso!

CENA III

ELMIRA, MARIANA, DAMIS, CLEANTO, DORINA

ELMIRA - Tiveste muita sorte em não a acompanhar à porta: o seu berreiro é de fazer corar! Aí vem meu marido; e como não me viu subo ao quarto a esperá-lo. Será que me ouviu?

CLEANTO - Eu fico por aqui. Não é tão divertido... Só para dar bom-dia a teu fiel marido.

CENA IV

CLEANTO, DAMIS, DORINA

DAMIS - Sondai o que ele pensa afinal do casório da mana. Temo que Tartufo, esse finório, obrigue nosso pai a mudar de opinião. E vós não ignorais a minha pretensão: o mesmo amor que atrai minha irmã e Valério sinto por sua irmã e o digo sem mistério. E se fosse preciso...

DORINA - Ele aí vem!

CENA V

ORGONTE, CLEANTO, DORINA

ORGONTE - Bom-dia!

CLEANTO - Eu já ia sair mas ver-te é uma alegria. Além do mais, o campo anda agora sem flor.

ORGONTE - Dorina... (A CLEANTO) Meu cunhado, espera, por favor! Para me sossegar, um pouco de paciência pois quero me informar do que houve em minha ausência. (A DORINA) Nos dias em que estive ausente da cidade que se fez por aqui? Alguma novidade?

DORINA - Madame sentiu febre anteontem, pobrezinha, e que dor de cabeça a afligiu à noitinha!

ORGONTE - E Tartufo?

DORINA - Ah! Melhor não teria passado! Forte, gordo, loução, satisfeito e corado.

ORGONTE - Coitadinho!

DORINA - Ao jantar ela teve um desgosto... Não conseguiu comer. Nada lhe dava gosto. Uma enxaqueca atroz! É a sua mazela!

ORGONTE - E Tartufo?

DORINA = Jantou, sozinho, diante dela. Com toda a devoção, comeu um cor-deirinho, perdizes, frango assado, um garrafão de vinho.

ORGONTE - Coitadinho!

DORINA - De noite ela esteve acordada, sem poder pregar olho um minuto, coitada; uns calores febris tão fortes a agitaram, que todos da família, inquietos, a velaram.

ORGONTE - E Tartufo?

DORINA - Emabalado em cândida moleza, seguiu direto ao quarto, ao levantar da mesa, e, metendo-se ao leito amigo e agasalhado, soprou, roncou tal qual um bem-aventurado.

ORGONTE - Coitadinho!

DORINA - E não tendo havido melhora, Madame resolveu-se a sofrer a sangria. Com isto aliviou-se imediatamente.

ORGONTE - E Tartufo?

DORINA - Portou-se corajosamente. Para enfrentar o mal, procurou sem demora recuperar o sangue extraído à senhora: Bebeu durante o almoço um jarro de sangria.

ORGONTE - Coitadinho!

DORINA - É espantosa a vossa cortesia! A madame direi, se concedeis licença, como vos alegrou sua convalescença.

CENA VI

ORGONTE, CLEANTO

CLEANTO - Ela se ri no teu nariz, meu caro irmão. E, sem te provocar, - dou-lhe inteira razão. Onde é que já se viu semelhante capricho? Como é que um marmanjão te inspira tal rabicho? Homem existirá encantador a ponto de a outro homem deixar embasbacado e tonto? Não bastava lhe dar cama, casa e cuidado, ainda mais...

ORGONTE - Alto lá! Por favor, meu cunhado! Não conheces o santo a quem tu te referes!

CLEANTO - Não conheço, está bem, se é assim que tu queres. Mas só para indagar que homem possa ser...

ORGONTE - Ficareis feliz, irmão, de o conhecer! Um varão exemplar, nobre, austero, leal, é um homem que...ah... um homem, afinal! Sua lição nos traz um sossego profundo e permite julgar a estrumeira do mundo. Como me tem mudado o seu forte convívio que me faz desistir de tudo, num alívio de amizades, de bens, de riquezas quaisquer! Eu podia perder filho, filha e mulher e nada me traria a sombra de um tormento.

CLEANTO - É isto que se chama um belo sentimento!

ORGONTE - Soubesses como foi que um dia o conheci, terias a afeição que por ele senti! Toda manhã, na igreja, obediente ao rito, vinha perto de mim ajoelhar-se, contrito. De todos os fiéis atraía atenção pelo santo - fervor de dizer a oração. Pondo em cada palavra um suspiro arquejante, - beijava humildemente a terra a cada instante. Corria antes de mim; e sua mão atenta, pressurosa, me dava a concha de água benta. Um dia descre - veu-me o seu santo criado quem era, que fazia e seu mísero estado; pas - sei a da-lhe esmola; ele me agradecia e para devolver-me uma parte insis - tia: "É muito, balbuciava, apenas a metade; não mereço, senhor, inspirar - vos piedade." E se eu recusava a reembolsar a esmola aos mendigos lan - çava as pratas da sacola! E finalmente o céu a esta casa o fez vir e tu - do desde então parece-me sorrir. Ele trata de tudo, até de minha esposa! Que honra pra mim! A tal ponto que ele ousa alertar-me se alguém lhe põe olho comprido! Seu ciúme é maior que o de um simples marido! Não sabes - quanto zelo a sua alma revela: Considera pecado a menor bagatela; um nada bastará para o escandalizar. A ponto de outro dia estar a se acusar de se deixar possuir de cólera insensata ao esmagar com o pé uma pobre barata.

CLEANTO - Estás louco, que diabo!? Ou falando-me assim não tens outra in - tenção senão zombar de mim? Que pretendes, irmão? Que mosca te mordeu?

ORGONTE - Tu falas, meu irmão, como um perfeito ateu. E não negues que o és em tua alma teimosa; Mil vezes já te disse: a vida escandalosa te le - vará a uma bela tolice!

CLEANTO - Teimas sempre em torcer as palavras que eu disse! Tu desejas, Orgonte, a cegueira geral e eu acho que ver bem não me faz nenhum mal. - Julgas que duvidar de crenças simuladas é grave desrespeito às coisas - mais sagradas. Meu modo de pensar não me põe em perigo; Eu sei bem o que digo e Deus sabe o que digo. Como é que a escravizar-te assim tu te con - sentes? Há falsas devoções como há falsos valentes; E assim como o valen - te é quem defende os bons e não quem faz reclamante em torno de seus - dons, assim o bom devoto, o que serve de exemplo, não é quem macaqueia o ritual do templo. Não saberás fazer nenhuma distinção entre a hipocrisia e a pura devoção? A amá-los como iguais estás sempre disposto sem dife - renciar a máscara do rosto? Igualar o artifício e a sinceridade, confun - dir a aparência e a realidade, aceitar que o fantasma é a própria pessoa, receber moeda falsa e dá-la como boa? Aos homens podes crer, em grande - proporção, nem sempre é dado vê-los tais como eles são. Para eles a ra - zão é um círculo fechado: Cada temperamento é um rio transbordando que - na sua caudal a leva em torvelinho por querer suplantá-la e seguir seu caminho. Perdoa, meu irmão, essas modestas lérias.

ORGONTE - Tu és um sabichão de todas as matérias! És um gênio, um dou -

162
E

tor em todos os assuntos, e resumem-se em ti os sábios todos juntos! És profeta, és Catão. Pelo modo como ris todos os homens são perfeitos imbecis.

CLEANTO - Não sou, meu caro irmão, um doutor sabe-tudo mas tenho cá por dentro alguns restos de estudo; numa palavra: sei, sem qualquer pretensão, mostrar entre o errado e o certo a distinção. Como não sei de herói mais digno de respeito, mais digno de louvor, que o devoto perfeito, nada sei de mais puro, e mais nobre e mais belo que o sincero fervor e o verdadeiro zelo, nada vejo também mais vil, mais odioso que a máscara infiel de um zelo especioso: Perfeitos charlatães, carolas de banquete que da crença no céu só têm o cacoete; zombam impunemente, abusam sem cuidado daquilo que há em nós de mais limpo e sagrado; almas que ao interesse aceitam submissão, fazem da própria fé negócio de balcão e procuram comprar dignidade e conceito com olhares no chão e pancadas no peito, pessoas de um fervor a causar estranheza, que ao correr para Deus vão atrás da riqueza, que, fervendo de fé, suplicam cada dia a solidão do claustro em carnaval de orgia, hábeis ao ajustar a devoção ao vício, vingativas, sem fé, repletas de artifício; e para condenar encobrem toda a vida com o desejo do céu a vaidade ferida; de tal modo brutais no seu ódio boçal usam armas do bem na prática do mal. E neles a paixão raivosa que os domina com o ferro mais sagrado é que os assassina. Personagens assim nos podem confundir mas ao crente sincero é fácil distinguir: Nosso século, irmão, exhibe ao nosso olhar exemplos imortais dignos de venerar: Olhai bem Ariston, olhai bem Perian^{dro}, Oronte, Alcidadás, Polí^{odoro}, Clitandro: Têm fama de honradez e não há quem os mude; E no entanto não pode fanfarrões da virtude; neles não se descobre a empáfia insuportável pois sua devoção é humana e tratável; não censuram ações acusadas de impuras pois sabem quanto orgulhos anda nessas censuras; E por isso deixando o orgulho aos falatrões, com atos, sem falar, dão as suas lições. A aparência do mal bem pouco lhes importa porque julgar-nos bons muito mais os conforta; não fomentam questões, a intriga os enfastia, seu programa é fazer viver com alegria; jamais ao pecador votam ódio inclemente, seu ódio se dirige ao pecado somente, Não querem proteger, vendo no alheio um réu, o interesse do céu mais do que o próprio céu. São estes os que eu amo e de quem sou amigo, os exemplos que dou, os exemplos que sigo. Tartufo, meu irmão, não é desse modelo. De muito boa fé tu louvas o zelo mas teu deslumbramento é uma pura sandice.

ORGONTE - Cleanto, meu irmão, disseste tudo?

CLEANTO - Disse.

ORGONTE (DESPEDINDO=SE)-Passa bem.

CLEANTO - Meu irmão: há outro assunto sério: Tu prometeste a mão de Mariana a Valério. De tornar-se teu genro ele ouviu a promessa.

ORGONTE - Sim.

CLEANTO - Marcaste o casório! Então, que estória é essa?

ORGONTE - Estória?

CLEANTO - Por que adiar o casamento?

ORGONTE - Eu não sei.

CLEANTO - Será outro agora o teu intento?

ORGONTE - Talvez.

CLEANTO - E vais faltar a uma palavra dada?

ORGONTE - Não digo tanto.

CLEANTO - Nada, inteiramente nada deverá te impedir de cumprir o teu tratro.

ORGONTE - Depende.

CLEANTO - Um sim, um não requer tamanho tato? Valério me pediu que eu te venha falar.

ORGONTE - Louvado seja Deus!

CLEANTO - O que quiseses.

CLEANTO - Mas eu preciso saber qual a tua intenção. E qual é?

ORGONTE - Proceder como agradar ao céu.

CLEANTO - Vamos falar a sério: Sim ou não? Que resposta hei de dar a Valério?

ORGONTE - Adeus.

CLEANTO (SOZINHO) Por seu amor receio uma desgraça! É preciso contar-lhe tudo que se passa.

SEGUNDO ATO

CENA I

ORGONTE, MARIANA

ORGONTE - Mariana!

MARIANA - Meu pai?

ORGONTE - Vem até cá. Desejo confiar-te um segredo.

MARIANA - (A ORGONTE, QUE OLHA PELA PORTA DO FUNDO) E que buscais?

ORGONTE - Eu vejo se pra nos escutar alguém se esconderia é propícia aos espiões da casa a galeria. Não há ninguém. Mariana, eu sempre te quis - tanto, sempre soube apreciar esse teu meigo encanto, sempre te dediquei meu afeto mais terno...

MARIANA - E eu sei o quanto devo ao carinho paterno.

ORGONTE - Disseste muito bem, minha filha. Queria que fazer-me feliz - fosse a tua alegria.

MARIANA - Jamais houve entre nós, papai, qualquer arrufo.

ORGONTE - Muito bem. E que tal nosso hóspede Tartufo?

MARIANA - Que tal?

ORGONTE - Sim. Que achas dele? E vê como respondes...

MARIANA - Acho... o que vos apraz, se nisto empenho pondes.

CENA II

ORGONTE MARIANA DORINA (ENTRANDO DE MANSINHO E COLOCANDO-SE ATRÁS DE ORGONTE, SEM SER VISTA)

ORGONTE - Muito bem, outra vez. Dize então, minha filha, que na pessoa - dele alto mérito brilha, que te comove, que é devoto, que é piedoso, que anseias que teu pai o faça teu esposo. Que tal?

MARIANA (RECUA SURPREENDIDA) Que tal?

ORGONTE - Que foi?

MARIANA - Ora essa!

ORGONTE - O quê?

MARIANA - Que horror!

ORGONTE - Como?

MARIANA - Quem desejais que eu diga, por favor, que comove, que é devoto, e que é piedoso, que anseio que meu pai o faça meu esposo?

ORGONTE - Tartufo.

MARIANA - Não, meu pai, vossa filha vos jura! Oh!, por que me pedir que eu diga uma impostura?

ORGONTE - Mas quero que seja uma verdade e pronto. Deves obedecer-me aqui ponto por ponto.

MARIANA - Mas vós quereis, meu pai...?

ORGONTE - É meu desejo ardente que Tartufo se torne assim nosso parente. Ele se casará contigo, eu decidi, e como sou teu pai...(PERCEBENDO DORINA) Que fazes aqui? Trata de me explicar essa bisbilhotice que te leva a escutar tudo isto que eu disse!

DORINA - Na verdade não sei se ouvi perfeitamente ou se essa falação é boato somente. Não recordo quem foi que falou essa asneira; o fato é que eu julguei ser simples brincadeira.

ORGONTE - Isto parece assim incrível?

DORINA - Que até podeis jurar - e eu pouco me incomodo.

ORGONTE - Eu sei como há de crer numa coisa tão séria!

DORINA - Ah, meu caro senhor, é uma bela pilhéria!

ORGONTE - Eu digo exatamente o que vais ver agora.

DORINA - Conversa!

ORGONTE - Não estou brincando, não senhora!

DORINA - Não creias, Mariana, em nada do que diz. Está brincando, eu sei.

ORGONTE - Não estou.

DORINA - Insistis em vão. Ninguém vos crê, senhor.

ORGONTE - Com mil trovões!

DORINA - Pois cremos, aí está. Tanto pior. Questões de tal monta, um senhor de tão grave sobrolho devia cogitar pondo as barbas de molho. Só um louco é capaz...

ORGONTE - Escuta bem: invades esta sala, a tomar certas intimidades que não são de meu gosto e por isso previno ...

DORINA - Falemos sem zangar, com todo o nosso tino: De quem quereis zombar nesta conspiração? Unir a vossa filha a tal espertalhão? Pois ele - que procure outro emprego a contento. Que vantagem vos traz tão doido - casamento? Pra que haveis de escolher, com toda essa riqueza, um genro bretão?

ORGONTE - Oh! cala-te! A pobreza é nesse casamento uma razão bem séria: a miséria, em Tartufo, é uma honesta miséria. Mais alto que a riqueza e le soube galgar pois a todos os bens decidiu renunciar apenas por desdém às coisas temporais e por ardente amor às coisas imortais; porém - minha ajuda há de dispor de meios de voltar a ter tudo e viver sem receios. Há de recuperar de seus bens o que sobre: mesmo sem parecer ele é

de berço nobre.

DORINA - Ao menos ele o diz - e tamanha vaidade, Senhor, não fica bem - com a sua piedade; quem numa vida santa empenha tanta crença não se deve orgulhar de nome ou de nascença; o humilde proceder da santa devoção não se deve enfeitar com o brilho da ambição. Para que tanto orgulho?! Ah, com tanta franqueza, falemos dele mesmo, em vez de tal nobreza. Tornareis possuidor, sem que o sangue vos gele, de filha como a vossa, um tipo tal qual ele? Acaso não deveis refletir com prudência e de tal união prever a consequência? Cuidado! De uma filha arrisca-se a virtude quando no casamento o seu gosto se ilude; o propósito de viver honestamente depende do marido a fazê-la contente. Esposo portador de galhadas na testa a culpa é da mulher...mas ele é que não presta. Marido que não é marido de verdade tem tudo da mulher, menos a fidelidade. E quem à filha dá patrão que não lhe apraz responde junto ao céu por tudo que ela faz. Pensai bem, meu senhor, no perigo a correr.

ORGONTE (A DORINA) - É contigo que devo aprender a viver?

DORINA - Seria bem melhor seguir o meu conselho.

ORGONTE (A DORINA) - Nas coisas do patrão não metas o bedelho! (A MARIANA) - Sei o que tem convém, confia no teu pai; prometi tua mão a Valério, mas ai!, dizem-me que esse moço, além de jogador, não gosta de ouvir missa; é livre-pensador. De fato, já notei: ele não vai a igreja...

DORINA - Acaso deve ir só pra que alguém o veja, como outros que conheço e vão com esse intento?

ORGONTE - Ainda não perguntei teu sábio pensamento. Enfim ele como o céu está em boa paz e nenhum outro bem como este satisfaz. Juntinhos viveis, na melhor harmonia, arrulhando de amor, cantando de alegria. Haveis de compreender vossos mútuos desejos e ambos vos cobrireis de doçura e beijos. Jamais discutireis. Espero que te esmeres. E dele poderás fazer o que quiseres.

DORINA - Ela pode fazê-lo um corno, estou segura!

ORGONTE - Como te atreves a...?

DORINA (INTERROMPENDO) - Já tem catadura! E com o tempo esse mal se fará tão agudo que vossa honrada filha o ajudará em tudo.

ORGONTE - Não me interrompas mais! E de boca fechada não metas o nariz onde não és chamada!

DORINA (INTERROMPENDO CADA VEZ QUE ELE SE VOLTA PARA FALAR) - Se eu falo, é em vosso próprio interesse, senhor!

ORGONTE - São cuidados demais... Cala-te, por favor.

DORINA - Se eu não vos estimasse...

ORGONTE - Eu não quero que estimes.

DORINA - Estimo, sim, senhor. É o menor dos meus crimes.

ORGONTE - Ora!

DORINA - Eu quero amparar a vossa dignidade sem vê-la discutida em toda esta cidade.

ORGONTE - Tu não te vais calar?

DORINA - Seria inconsciência deixar que se consuma uma tal imprudência.

ORGONTE - Vais calar-te, serpente, ou serei obrigado...

DORINA - Olá, Senhor devoto, a coléra é pecado!

ORGONTE - Minha bile se esquenta ouvindo esse fuxico e decididamente exijo: cala o bico!

DORINA - Posso ao menos pensar, se o que penso não digo...

ORGONTE - Não deixeis de pensar - mas cuidado comigo! (VOLTANDO-SE PARA SUA FILHA) - Pois falemos nós dois, Sei bem o que sustento! Pesei maduramente as coisas...

DORINA - Arreberto de não poder falar!

ORGONTE - Eu te afirmo sem dolo: Tartufo é uma rapagão!

DORINA - Um verdadeiro Apolo!

ORGONTE - Se não puderes ter simpatia, querida, pelos seus outros dons...

DORINA - (À PARTE) - Estarás bem servida!

(ORGONTE SE VOLTA DE BRAÇOS CRUZADOS, PARA O LADO DE DORINA, ESCUTA-A E A ENCARA) - Se estivesse no seu lugar, seguramente, ninguém me esporearia à força impunemente: Eu lhe faria ver, logo depois da festa, uma bela vingança a florir na testa!

ORGONTE (A DORINA) - Já não te proibi? Queres brincar conosco?

DORINA - Por que vos irritais? Eu não falo convosco.

ORGONTE - Com quem falas então?

DORINA - Falo com meus botões.

ORGONTE (À PARTE) - Bem: para castigá-la, um par de bofetões à primeira palavra é de efeito imediato.

(COLOCA-SE EM POSIÇÃO DE DAR UM TAPA EM DORINA E, A CADA PALAVRA QUE PRONUNCIA, VOLTA-SE E OLHA-A. DORINA SE MANTÉM QUIETA, SEM FALAR) - Aceita, minha filha, um conselho sensato... O esposo que teu pai...acaba de escolher... (A DORINA) - Não falas a ti mesma?

DORINA - Eu não sinto prazer.

ORGONTE - Uma palavra só! Vamos falar!

DORINA - Pois sim!

ORGONTE - Já não queres falar?

DORINA - Não sou tão tola assim...

ORGONTE - Muito bem, minha filha; exijo obediência: Deves ao meu desejo inteira deferência.

DORINA (FUGINDO) - Ah, se eu pegasse um dia o esposo que lhe destes!
ORGONTE (DEPOIS DE TER FALHADO O TAPA EM DORINA) - Tu tens como empregada a mais pura das pestes! Ninguém pode viver em paz ao lado dela. Estou fora de mim: sinto fogo na goela! Sua insolência é tal, me pôs em tal estado que preciso mais ar - ou morro sufocado!

CENA III

MARIANA, DORINA

DORINA - Perdeste a língua ou já não sabes mais falar? Queres que neste assunto eu tome o teu lugar? Deixas que uma proposta insensata apresente sem nada retrucar? Mas quem cala, consente!

MARIANA - Se meu pai a impõe, não há nada que eu faça...

DORINA - Qualquer coisa capaz de impedir a desgraça!

MARIANA - Mas quê?

DORINA - Responde: tu não dás procuração para ele oferecer a alguém teu coração; Se isto te diz respeito, o marido a tomar é a ti, não a teu pai, que terá de agradar; e se o belo Tartufo é tão perturbador... nada impede a teu pai declarar seu amor.

MARIANA - Os pais têm sobre nós tão poderosso zelos...Jamais eu pensaria em desobedecê-los.

DORINA - Vamos raciocinar: Valério te namora, Tu gostas dele ou não? É sim ou não - agora!

MARIANA - Duvidar deste amor, eu creio, ninguém ousa. Tens direito, Dorina, a perguntar tal cousa? Mas de cem vezes já te abri meu coração; - Conhece muito bem a minha inclinação.

DORINA - Sei lá se o coração falou? Se está calado? E se nada te importa o teu apaixonado?

MARIANA - Que injustiça, Dorina, e quanto mal me faz! Acho que o meu amor já se exibiu demais.

DORINA - Então amas Valério?

MARIANA - Apaixonadamente.

DORINA - E ele te vota, é claro, amor correspondente.

MARIANA - Assim penso.

DORINA - Então, por tudo isto suponho que desejais casar-vos?

MARIANA - Tal é o nosso sonho.

DORINA - E sobre esse negócio ainda há pouco proposto?

MARIANA - Ah, eu me matarei, se me dão tal desgosto!

DORINA - Recurso tão feliz não me tinha ocorrido: Para evitar morrer, - basta já ter morrido. Excelente remédio! Eu não me ponho furiosa quan -

do escuto dizer coisa tão espantosa!

MARIANA - Por que ficas assim? Raiva é coisa tão feia... Tu não tens com paixão pela desgraça alheia...

DORINA - Não terei compaixão por quem só faz tolice e treme ante a me - nor palavra que se disse.

MARIANA - Que queres? Sou tão só, tão tímida e indefesa...

DORINA - Mas teu amor exige emprego de firmeza.

MARIANA - Se Valério me quer, verei como se sai: agora é que lhe toca obter-me de meu pai.

DORINA - Mas como? Se teu pai é um teimoso doente, se a Tartufo te entrega assim como um presente, se falta ao prometido e se está dominado deve a culpa cair no teu apaixonado?

MARIANA - Mas se eu bater o pé, se fizer umas cenas, terei mostrado a todo mundo as minhas penas. Devo então por Valério, embora o ame tanto, esquecer meu pudor e provocar espanto? Queres que o meu amor passe a ser comentado?

DORINA - Não. Eu não quero nada. E nem tinha pensado que desejas casar - com Tartufo. Lamento ter tentado desviar-te de tão doce intento. Que razão a impedir que seja teu esposo? O partido é de tal maneira vantajoso... Oh, o senhor Tartufo! Haverá melhor sorte? Sereis com rainha e príncipe consorte! Lindo senhor Tartufo! Ah, resistir quem há-de? Não é pouco, a - final, ser sua cara metade! Todos o encham de glória e te invejam a sor-te: ele é guapo, ele é nobre, é bem-feito de porte! Coradão, bonitão, e - legantão, loução, um marido a te dar total satisfação!

MARIANA - Meu Deus!

DORINA - Quanta alegria a alma terá sentido quando esse latagão se tor - nar teu marido!

MARIANA - Ah, chega, por favor! Ah, por favor, eu morro! Imploro-te Dorina, acode em meu socorro! Estou pronta a fazer tudo: podes mandar!

DORINA - A filha deve sempre a seu pai acatar mesmo quando lhe dá por marido um macaco! Que bela sorte, enfim! Por que dar o cavaco? Ireis em diligência até a sua aldeia de toda a parantela inteiramente cheia, certa - mente terás prazer em conhecê-la. Logo a gente mais fina hás de então - recebê-la. Terás de visitar quem boas-vindas traz: a mulher do bailio e do juiz de paz. Elas sentarão num banquinho de armar. E pelo carnaval, - poderás esperar baile com grande banada, isto é: dois trompetes, mais um mico de feira e algumas marionetes. E ao teu lado, Tartufo, o próprio...

MARIANA - Eu vou morrer se não quiseses já e já me socorrer.

DORINA - Ora, adeus!

1490
E

MARIANA - Mas Dorina, eu peço, por favor...

DORINA - Só com este castigo entenderás o amor.

MARIANA - Minha querida...

DORINA - Não.

MARIANA - Se morro de paixão...

DORINA - Conhecerás Tartufo - em bíblica exceção.

MARIANA - Sempre foste para mim tão boa e dedicada! Imploro...

DORINA - Eu juro: tu serás tartuficada.

MARIANA - Se meu triste destino em nada te angustia, seja meu desespero a minha companhia; nele meu coração irá buscar ajuda, o remédio fatal que a meus males acuda. (QUER RETIRAR-SE)

DORINA - Já não me zangarei. Vem, vamos, fica aqui. Afinal, é um dever - ter piedade de ti.

MARIANA - Dorina, se não tenho alguém que me socorra, não quero mais viver. É bem melhor que eu morra.

DORINA - Não te atormentes mais. Posso perfeitamente... mas olha quem vem lá! Valério, justamente.

CENA IV

VALÉRIO, MARIANA, DORINA

VALÉRIO - Senhora, uma notícia acabam de espalhar tão espantosa que eu nem posso acreditar!

MARIANA - Qual é?

VALÉRIO - Vós desposais Tartufo.

MARIANA - Realmente, meu pai agora tem esse projeto em mente.

VALÉRIO - Senhora, vosso pai...

MARIANA - ...mudou de pensamento e me propôs o enlace, aqui, neste momento.

VALÉRIO - Mas então isto é sério?

MARIANA - É sério, meu Senhor. Mostrou-se, alto e bom som, totalmente a favor.

VALÉRIO - E pode-se indagar se a idéia vos desgosta, Senhora?

MARIANA - Eu ... eu não sei.

VALÉRIO - Muito honesta a resposta. Vós não sabeis?

MARIANA - Não.

VALÉRIO - Não?

MARIANA - Alguma sugestão?

VALÉRIO - Casai-vos! - se pedis a minha opinião.

170
E

MARIANA - Assim me aconselhais?

VALÉRIO - Pois não.

MARIANA - Sinceramente?

VALÉRIO - Outra escolha não sei que melhor vos assente.

MARIANA - Pois muito bem; aceito o conselho que dais.

VALÉRIO - Difícil não será seguir conselhos tais.

MARIANA - E nem vos pareceu difícil de me dar.

VALÉRIO - Se dei, foi na intenção de querer agradar.

MARIANA - Pois eu o seguirei para dar-vos prazer.

DORINA (RETIRANDO-SE PARA O FUNDO) - Veremos o que vai daqui acontecer.

VALÉRIO - Nisto se resumiu, Senhora, o vosso amor... Tudo era engano...

MARIANA - Oh, não falemos, por favor. Eu acabo de ouvir que convém aceitar o homem que para esposo o meu pai me quer dar; pois já vos declarei: tenciono fazê-lo se assim me aconselhais com tão sincero zelo.

VALÉRIO - Oh, não vos exculpeis pela minha intenção: estava já tomada a vossa decisão e agora aproveitais um pretexto fingido para vos permitir faltar ao prometido.

MARIANA - Esta é a pura verdade.

VALÉRIO - O vosso coração jamis sentiu por mim a menor comoção.

MARIANA - Bravo! Esta afirmação nada tem de fingida!

VALÉRIO - Obrigado, Senhora. A minha ofendida há de dar bom exemplo a vossa decisão: eu sei a quem levar meus ais e minha mão.

MARIANA - Não duvido, Senhor, Deus do Céu, não esgoteis os dotes...

VALÉRIO - Deus do Céu! Deixemos lá meus dotes. Poucos tenho, vós bem o sabeis, é verdade, porém espero de outra um pouco de bondade a fim de oferecer-lhe o que não tive aqui e que me saiba dar aquilo que perdi.

MARIANA - A perda não é grande e desse contratempo estareis consolado em pouco tempo.

VALÉRIO - Farei o meu melhor: é uma questão de brio. Quando alguém nos esquece, impõe um desafio: todo o cuidado é pouco ao se retribuir o esquecimento: e quem não possa conseguir finja, pois nada há mais digno de irrisão que exhibir um amor sem retribuição.

MARIANA - O vosso sentimento é bastante elevado.

VALÉRIO - Por isso deverá ser por vós aprovado. Então imaginais que eu pudesse guardar o amor que me proibis de...vos confessar, e vos visse apoiada em um braço qualquer sem dar meu coração que o vosso já não quer?

MARIANA - Ao contrário, Senhor: assim tendo querido; gostaria que já tivesse acontecido.

VALÉRIO - Assim o desejais?

MARIANA - Sim.

VALÉRIO - Não vamos brigar pois eu tudo farei para vos contentar. (DÁ UM PASSO PARA SAIR)

17/8

MARIANA - Muito bem.

VALÉRIO - (VOLTANDO) - Recordai, Senhora: sois bem vós que assim me constrangeis a esforço tão atroz.

MARIANA - Pois não.

VALÉRIO (VOLTANDO AINDA) - Esta atitude altiva, eu a tomei como exemplo da vossa.

MARIANA - O meu exemplo, eu sei.

VALÉRIO (SAINDO) - É bastante, Senhora. E sede bem servida.

MARIANA - Tanto melhor.

VALÉRIO (VOLTANDO AINDA) - Adeus! E é para toda a vida.

MARIANA - Ora graças!

VALÉRIO (VAI SAIR, PÁRA JUNTO À PORTA, VOLTA) - Dizeis?

MARIANA - Que foi?

VALÉRIO - Não me chamais?

MARIANA - Senhor, estais sonhando!

VALÉRIO - Então não volto atrás! Adeus, minha Senhora.

MARIANA - Adeus, Senhor.

DORINA (A MARIANA) - Eu penso que ambos me demonstrais não ter o menor senso. Propositadamente eu vos deixei brigar para ver até onde a coisa - ia chegar. Senhor Valério! Olá (ELA SEGURA VALÉRIO PELO BRAÇO)

VALÉRIO (FINGINDO RESISTIR) - Que desejas, Dorina?

DORINA - Vinde aqui.

VALÉRIO - Não vou, não. A raiva me domina. Seguirei meu caminho. Assim - ela escolheu.

DORINA - Ficai.

VALÉRIO - De modo algum. Quem o quis não fui eu.

MARIANA (À PARTE) - Já não suporta ver-me. Só me resta agora retirar- me daqui sem sombra de demora.

DORINA (LARGANDO VALÉRIO E CORRENDO ATRÁS DE MARIANA) - Mariana! onde - vais?

MARIANA - Deixa-me!

DORINA - Por favor!

MARIANA - Não me queiras deter, seja para o que for!

VALÉRIO (À PARTE) - Ela não me quer mais. E, recebida a ofensa, injusto é vir ainda impor minha presença.

DORINA (DEIXANDO MARIANA E CORRENDO ATRÁS DE VALÉRIO) - Mas que diabo! A final, cessai esta tolice! Ficai ambos aqui junto de mim! Já disse!(TOMA VALÉRIO E MARIANA PELA MÃO E OS CONDUZ)

VALÉRIO (A DORINA) - Que desejas fazer?

MARIANA (A DORINA)-Qual a tua intenção?

DORINA - Dar-te juízo e tirar-te da complicação. (A VALÉRIO) - Que bonito papel para um apaixonado!

VALÉRIO - Dorina, viste bem como eu fui mal tratado!

DORINA (A MARIANA) - Tu perdeste a cabeça? Onde queres chegar?

MARIANA - Ouviste o que falou... São modos de falar?

DORINA (A VALÉRIO) - Que tolíce dos dois! Eu vos juro, Senhor, ela nada mais quer senão o vosso amor. (A MARIANA) - Ele só ama a ti; péla-se de desejo de levar-te ao altar - por esta cruz que vejo!

MARIANA (A VALÉRIO) - Po que me vindes dar conselhos tão brutais?

VALÉRIO (A MARIANA) - E por que suspeitar que não vos amo mais?

DORINA - Que tolos! Dai-me as mãos! São do mundo da lua! (A VALÉRIO)- A vossa...

VALÉRIO - Para quê?

DORINA (A MARIANA) - Vamos, agora a tua.

MARIANA DANDO AS MÃOS) - Que adianta?

DORINA - Verás. Mas, por Nosso Senhor, amai-vos muito além do que podeis supor! (MARIANA E VALÉRIO FICAM ALGUM TEMPO DE MÃOS DADAS, SEM SE OLHAR)

VALÉRIO (VOLTANDO-SE PARA MARIANA) - Nada deveis fazer que traga dissa - bor; vede bem se me olhais sem mostras de rancor. (MARIANA VOLTA-SE PARA VALÉRIO, SORRINDO)

DORINA - Que gente sem miolo os namorados são!

VALÉRIO (A MARIANA) - De me queixar de vós eu não teri razão? Porque - sois bem cruel ao verdes minha dor, se tanto vos apraz afligir meu amor.

MARIANA - Acaso não terei ao menos coração?

DORINA - Proponho transferir-se a nova discussão e tratemos de obstar o tolo casamento.

MARIANA - Que recurso se pode usar em tal momento?

DORINA - Nós devemos agir de todas as maneiras. As ordens de teu pai - são simples brincadeiras. (A MARIANA) - Porém tu fingirás, sem proferir um ai, inteira obediência às ordens de teu pai. Vamos dar tempo ao tempo, adiar o mais possível a data que escolher para esse enlace incrível. Po des adoecer de súbito. Aí está um pretexto bem bom que logo se usará; de pois inventarás que tem presságios maus: ao jogares baralho apanhaste o ás de paus, viste um morto, quebraste um espelho, um gato preto cruzou - diante de ti. Coisas assim. Prometo: os outros tratarão de trombetear. E assim ninguém te amarrará se não deres teu sim. Pra não se suspeitar de Valério e de ti, que ninguém vos encontre a conversar aqui. (A VALÉRIO) - Retirai-vos depressa. Usai de cada amigo para um cerco geral. Podeis con - tar comigo. (A MARIANA) - Tratemos de pedir auxílio a teu irmão, à vovó, à madrastra, a toda a geração.

VALÉRIO (A MARIANA) - Não receio a batalha em que o amor me lança: em - vós eu deposito a maior esperança.

MARIANA (A VALÉRIO) - De pai que seja mais tirânico eu não sei, porém - juro: somente a vós pertencerei.

VALÉRIO - Ah, como sou feliz! E como pude ousar...

DORINA - Quando é que cessareis afinal de arrulhar? Fora daqui!

VALÉRIO (DÁ UM PASSO E VOLTA) - Meu bem...

DORINA - Frangote enamorado! Sai tu por este lado - e vós pelo outro lado. (DORINA EMPURRA-OS PELOS OMBROS, OBRIGANDO-OS A SE SEPARAREM)

TERCEIRO ATO

CENA I

DAMIS, DORINA

DAMIS - Que um trovão me arrebente e um raio me fulmine, que me chamem - ladrão e que alguém me assassine! Se ninguém me impedir, se ninguém me segura, palavra, acabarei fazendo uma loucura!

DORINA - Modera-te, rapaz, não percas a cabeça; por enquanto teu pai fez apenas promessa. Cumprir o que se diz nem sempre é mais sensato. o caminho é bem longo entre o projeto e o fato.

DAMIS - Que Tartufo não ouse o fazer-me das suas. Vou ter de lhe soprar uma verdade ou duas!

DORINA - Devagar com o andor! Gritaria não basta. Antes debes deixar agir tua madrastra, que tem sobre Tartufo alguma autoridade. Damis, quando ele a vê, redobra em santidade! É possível que sinta algum amor por ela. Tomara! Isto talvez servisse de esparrela! Enfim, nosso interesse a obriga a convidá-lo e sobre o casamento ela pensa sondá-lo, saber seu sentimento e explicar-lhe a razão das mil complicações que nos resultarão se esperanças tiver de tão infausto evento. Disse o laçao que ele está - neste momento de mãos postas rezando. E que, a qualquer hora descera, como anjo, e me ouvirá. Dá o fora!

DAMIS - Vou ficar por aqui. E quero escutar tudo!

DORINA - Jamais! Deixa-os a sós!

DAMIS - Juro que fico mudo! (DAMIS ESCONDE-SE ATRÁS DA PORTA DO FUNDO)

DORINA - Conheço-te, rapaz. Isto não pode ser. É a maneira melhor de pôr tudo a perder. Sai!

DAMIS - Eu me escondo aqui. Prometo que não falo.

DORINA - Que impertinente. Aí vem. Não queiras assustá-lo. (DAMIS ESCONDE-SE ATRÁS DA PORTA DO FUNDO)

175
E

CENA II

TARTUFO, DORINA

TARTUFO (FALANDO ALTO ASSIM QUE PERCEBE DORINA) - . Flagela-me, Laurêncio; aplica-me o silício: Quanto mais perto o céu, maior o sacrifício. Se acaso procurar-me algum dos meus amigos, dize que fui levar esmolas aos mendigos.

DORINA (À PARTE) - Oh, quanta pressunção e quanto fingimento!

TARTUFO - Que desejais?

DORINA - Dizer-vos...

TARTUFO - Meu Deus! Um momento: Tomai este lençinho antes de me falar.

DORIANA - Por quê?

TARTUFO - Cobri o seio. Eu não o quero olhar, pois estas coisas vis nos tiram de cuidados e fazem cultivar pensamentos culpados.

DORINA - Sereis acaso tão submisso à tentação que a carne vos desperte - uma tal aflição? Não sinto assim tão pronta na cobiça. Podia ver-vos nu, da tonsura ao dedão, sem que me arrepiasse a menor emoção.

TARTUFO - Usai em vossa língua um pouco de vergonha se não quiserdes já que lá fora eu vos ponha.

DORINA - Não, eu vos deixarei sozinho e sossegado. Só vos devo, Senhor, transmitir um recado: Pede a Senhora Elmira a graça de a esperar nesta - sala porque quer muito vos falar.

TARTUFO - Oh, com todo o prazer!

DORINA (À PARTE) - Mas que derretimento! Creio que não errei e sei seu - pensamento...

TARTUFO - Ela vem já?

DORINA - Parece. Escuto a sua voz. Ela aí vem, senhor. Podeis ficar a sós.

CENA III

ELMIRA, TARTUFO

TARTUFO - Louvado seja Deus, de infinita bondade, que vos guarda a saúde, a paz e a castidade, e vos bendiga a vida, o que é tudo a que aspira o menor dos mortais que em seu amor se inspira.

ELMIRA - Muito grata, Senhor, por tamanha piedade. Sentemo-nos. Assim fi carei à vontade.

TARTUFO (SENTA-SE) - Permitti perguntar: vosso mal s curou?

ELMIRA (SENTA-SE) - Estou bem, felizmente. A febre já passou.

TARTUFO - Às minhas orações grande mérito falta para alcançar do céu uma graça tão alta e nunca supliquei, com ardente virtude, outra coisa senão vossa inteira saúde.

176
E

ELMIRA - É bondade demais a vossa inquietação.

TARTUFO - Eu tanto a desejei, com tamanha aflição, que para vos salvar - daria a própria vida.

ELMIRA - Tendes o amor cristão em tão larga medida? Muito grata vos sou pelo que me fazeis.

TARTUFO - Ainda é muito aquém do quanto mereceis.

ELMIRA - Permitti que vos fale e um segredo confie, aqui, sem que ninguém nos ouça e nos espie.

TARTUFO - Crede, minha Senhora, eu me sinto encantado de estar perto de vós, sozinho, ao vosso lado. Esta é uma ocasião que a Deus tanto pedi e que, graças a Deus, agora consegui.

ELMIRA - É fácil meu desejo: é simplíssimo, em suma: abri o coração, sem faltar coisa alguma. (DAMIS, SEM SE MOSTRAR, ENTREABRE A PORTA ATRÁ DA - QUAL ESTÁ ESCONDIDO, PARA OUVIR A CONVERSA)

TARTUFO - Pois eu também almejo a graça singular de mostrar a minha alma inteira ao vosso olhar. Quando me oponho, ao ver a maneira como agem as pessoas que aqui vos rendem homenagem, isto não significa um rancor impensado mas sim para convosco um gesto de cuidado, um arroubo sincero...

ELMIRA - Entendo ser assim e quero agradecer tanto zelo por mim.

TARTUFO (TOMANDO A MÃO DE ELMIRA E APERTANDO-LHE OS DEDOS) - É tal o eu fervor... Nem posso descrevê-lo...

ELMIRA - Com que forças apertais!

TARTUFO - Por excesso de zelo, eu não tenho intenção de fazer-vos mal, - não, ao contrário, Senhora... (PÕE A MÃO SOBRE OS JOELHOS DE ELMIRA)

ELMIRA - Onde vai essa mão?

TARTUFO - . Apalpo a vossa saia: o pano é tão macio...

ELMIRA - Oh, não, não!... Vossa mão faz cócegas e eu rio... (ELMIRA A - FASTA A SUA POLTRONA E TARTUFO APROXIMA A DELE)

TARTUFO (APALPANDO UM ENFEITE DO VESTIDO DE ELMIRA) - Deus do céu, que primor! Que pontos delicados! Mas como fazem bem hoje em dia os bordados! Juro que nunca vi trabalho tão perfeito.

ELMIRA - Sim... Mas vamos falar do que nos diz respeito. Dizem que Orgon te quer faltar ao prometido e sereis de Mariana o próximo partido?

TARTUFO - Ele assim me falou. Mas existe, Senhora, ventura bem maior por que minha alma implora: É num outro lugar que as esperanças vejo dessa - felicidade onde tenho o desejo.

ELMIRA - Não são paixões da terra as que tendes em mira...

TARTUFO - Meu coração não é de pedra, dona Elmira...

ELMIRA - Eu tenho para mim: é o céu que desejais e nada mais daqui da - terra. Nada mais.

TARTUFO - O amor que nos conduz às coisas imortais não mata em nós o amor às coisas temporais, as nossas sensações podem ser empolgadas por tantas perfeições que são por Deus criadas... uma atração do céu no vosso encanto brilha, reproduzindo em vós Sua própria maravilha, espalhou-vos no rosto uma tal sedução que os olhos embevece e eleva o coração; e não vos pude ver, oh, perfeita beleza, sem adorar em vós o Pai da Natureza, e de um ardente amor sentir a chama ardente que frente ao Criador e à Criação se sente. A princípio, pensei: um afeto tão terno poderia provir do Príncipe do Inferno; porque pensei assim guardei meu coração vindo em vós o pecado e não a salvação. Afinal compreendi, beleza esplendorosa: tão intensa paixão pode não ser culposa, bem podia ajustá-la ao recato, ao pudor; então, cheio de fé, libertei meu amor. Confesso-vos, Senhora, é grande atrevimento fazer-vos deste amor um oferecimento; mas tudo espero vir de vossa caridade; nada do esforço vão de minha enfermidade. Sois a minha esperança, o meu bem, a quietude, tendes tudo nas mãos: castigo ou beatitude. Pela vossa sentença, afinal me fareis feliz, se vos agrada, infeliz, se o quereis.

ELMIRA - Vossa declaração, na verdade, é galante mas devo confessar: surpreende-me bastante. Devíeis proteger o vosso coração e refletir melhor sobre a vossa intenção. Por devoto, afinal, não quereis que vos tomem?

TARTUFO - Mas só por ser devoto eu não sou menos homem! E quando alcança ver a vossa forma divina o coração se exalta e não raciocina. A minha confissão pode causar espanto mas, afinal, Senhora, eu não sou nenhum santo; e se vós condenais a minha profissão, condenareis também a vossa sedução. Desde quando vos vi a graça sobre-humana do íntimo do meu ser - vós fostes soberana. O inefável calor do vosso olhar divino forçou a fortaleza onde tanto me obstino. Suplantou os jejuns, as rezas, os soluços, e vossos pés lançou-me, assim, sem mais rebuços. Mil vezes em silêncio o disse o meu olhar: para explicar melhor ouso agora falar. Dignai-vos compreender, com vossa alma benigna, as atribulações desta pessoa indigna. Se a vossa compaixão puder me consolar, se a este nada que eu sou vós dignais baixar, eu vos dedicarei, oh, beleza imortal! um amor...oh, já mais haverá outro igual! Vossa honra, podeis crer, não correrá perigo e nenhum desfavor há de sofrer comigo. Esses guapos don-juans por quem muitas são loucas são ruidosos no gesto e levianos nas bocas: dos êxitos que obtêm dão para se gabar; alcançando um favor, tratam de o divulgar, e com língua indiscreta e incrível pretensão blasfemam contra o altar da própria adoração; mas com homens como eu, amantes quase a medo, pode-se alimentar certeza do segredo pois neles o cuidado em proteger a fama vale por garantia à pessoa que se ama. Só nesses corações se encontra afeto justo: amor que não difama e prazeres sem susto.

198
E

ELMIRA - Escuto-vos, SEnhor, e toda essa eloquência mostra bem como sois e não vossa aparência. Acaso não temeis se tal galanteria eu conto a meu marido? E ele, então, que diria? Se as vossas afeições a meu marido digo, será que continua a ser o mesmo amigo?

TARTUFO - Vós tendes, eu sei bem, tanta benignidade que me perdoareis mi nha temeridade; haveis de desculpar uma fraqueza humana, meu amor que - vos fere, esta paixão insana. E se a vossa beleza a tal ponto me ataca, afinal não sou cego e minha carne é fraca.

ELMIRA - Outra, no meu lugar, faria de outro modo mas eu quero mostrar - que pouco me incomoda: a Orgonte não direi nossa conversa a sós mas em troca desejo uma coisa de vós: Exijo que apresseis, sem trapaça ou chica na, o casamento de Valério com Mariana; deveis renunciar ao injusto poder com que esperais ganhar pondo outros a perder.

CENA IV

ELMIRA, DAMIS, TARTUFO

DAMIS (SAINDO DE TRÁS DA PORTA ONDE SE ESCONDIA) - Não, não, Senhora! - Isto deve ser dito! Ouvi tudo dali - e por pouco não grito. A bondade do céu me inspirou o caminho para desmascarar-lhe o impávido focinho, e expor o corpanzil pecador e sebento de sua petulância e de seu fingimento, apontar a meu pai, à praça, ao povo, ao mundo, quem vos ousa propor seu amor nauseabundo.

ELMIRA - Não, Damis! Bastará que este homem se arrependa, mereça o meu perdão e nunca mais me ofenda. Assim o prometi, não falto ao prometido. Não é de meu feitio o fazer alarido: uma mulher se ri de tão tolos pedidos e não vai ao esposo entupir-lhe os ouvidos.

DAMIS - Tendes vossas razões para assim proceder: para agir de outro modo as minhas devo ter; poupá-lo em tal momento é uma pura sandice! A insolente altivez de sua carolice já triunfou demais do meu justo rancor, de desavenças mil foi o provocador no nosso pobre pai mandou e desmandou, o sonho de Valério e o meu atrapalhou; é tempo de arrancar o véu desse santinho; e justamente o céu me oferece o caminho: Por essa ocasião eu até lhe sou grato; não vou abandonar tão saboroso prato: seria merecer ser furtado, e tolíce se, tendo a faca e o queijo na mão, não - e servisse.

ELMIRA - Damis, insisto...

DAMIS - Não, pela Virgem Maria! Não podeis calcular a infinita alegria de minha alma - e quereis que eu vá retroceder e da minha vingança impedir o prazer? Preciso já e já liquidar a questão e eis quem irá me dar total satisfação.

CENA V

ORGONTE, ELMIRA, DAMIS, TARTUFO

DAMIS - Papai, quero brindar com vossa alma sempre alerta com uma surpresa a vos deixar de boca aberta! Foste muito bem pago após tanta bondade! É assim que esse Senhor retribui a amizade: ele quer desonrar-vos, meu pai! Escutei-o propondo à vossa esposa - um ato muito feio! Apanhei-o em flagrante a dizer à madama a sua confissão do impulso que o inflama. Por seu temperamento elegante e discreto ela escondeu a ofensa em deu pudor - secreto. Mas não posso admitir que uma tal indecência vos ofendesse mais sem a vossa ciência.

ELMIRA - Na minha opinião, as esposas direitas não devem perturbar o esposo com suspeitas; não é disso, a meu ver, que a nossa honra depende: a honestidade até sozinha se defende. Seria bem melhor Damis, em tal momento, se fosse mais discreto o teu procedimento.

CENA VI

ORGONTE, DAMIS, TARTUFO

ORGONTE - O que acabo de ouvir é crível?! Deus me valha!

TARTUFO - Sim, meu irmão, eu sou devasso, eu sou canalha, infeliz pecador, repleto de impiedade, o maior dos vilões de toda a humanidade. Minha vida é negror de nódoas e impurezas; não passo de um montão de crimes e torpezas. Mas vejo agora: o céu me impôs a punição e quer proporcionar-me a mortificação. Por infame que seja a ação a me imputar, nenhum gesto farei para me desculpar. Crede no que ele diz, Senhor: eu vos traí, e como um criminoso enxotai-me daqui. A vergonha a sofrer, o escárnio, o despreço são castigo menor que a pena que mereço.

ORGONTE (AO FILHO) - Traidor! Como ousas tu, com tamanha baixez, de tão grande virtude insultar a pureza?

DAMIS - Então acreditais no verbo açucarado desse vil impostor?

ORGONTE - Silêncio, amaldiçoado!

TARTUFO - Ah, deixa-o falar; vós o acusai em vão. Melhor seria crer em sua narração. Então, depois de ouvi-lo, a meu lado ficais? Por acaso sabeis de quanto sou capaz? Confiais tanto assim nesta minha aparência? Podeis jurar que sou modelo de decência? Não, vós vos enganais naquilo que pareço: para me conhecer, virai-me pelo avesso. Toda a gente me crê uma pessoa honrada mas a pura verdade é que eu não valho nada. (DIRIGINDO-SE PARA DAMIS) - Sim meu filho, falai. Tratai-me de fingido, de infame, de ladrão, de assassino e perdido, desabai sobre mim os mais torpes labéus: eu não retrucarei - tudo ofereço aos céus. E de joelhos espero, a ver se me redimes, (AJOELHA-SE) Oh, Deus! desta brutal vergonha dos meus crimes.

ORGONTE (A TARTUFO) - Meu irmão, é demais...(A DAMIS) Não dói teu coração, miserável?

DAMIS - Meu pai, acredito então...

ORGONTE (LEVANTANDO TARTUFO) - Cala-te, patifão! Levantai-vos, suplico!
(AO FILHO) - Infame!

DAMIS - Mas , papai...

ORGONTE - Cala a boca!

DAMIS -.Eu exploco...

ORGONTE - Uma palavra mais e te parto o nariz!

TARTUFO - Meu bom irmão, por Deus, tal coisa não se diz! Sofra eu, desde logo, a maior punição antes que ele receba o menor arranhão.

ORGONTE (AO FILHO) - Monstro!

TARTUFO - Deixai-o em paz... Estou me ajoelhando para vos implorar...

ORGONTE (A TARTUFO) - Irmão! Estais brincando?!... (AO FILHO) - Olha - quanta bondade!

DAMIS - Eu...

ORGONTE - Paz!

DAMIS - Eu...

ORGONTE - Paz, repito! Quando atacas Tartufo, eu sei bem qual o teu fito. Vós o odiais, eu sei! Meu filho, minha filha, minha esposa, a empregada - é uma só matilha a rosnar, a ladrar, a espumegar em vão. Para expulsar do lar este santo varão! No entanto quanto mais insistis em mordê-lo, - mais quero tê-lo aqui, mais quero merecê-lo. (A TARTUFO) - Casareis com Mariana. E vos dando a mão dela rebentarei de raiva a minha parentela.

DAMIS - Levareis para o altar vossa filha arrastada?

ORGONTE - Sim, traidor! Hoje mesmo! E grita, se te agrada! Não de me conhecer! É um desafio meu! Terão de obedecer. Quem manda aqui sou eu! Vamos, retira já tua infâmia, tratante ! E pede-lhe perdão, de joelhos, - neste instante!

191

E

DAMIS - Quem? Eu? Eu me ajoelhar diante deste velhaco?

ORGONTE - Tu resistes, patife? Eu te reduzo a caco! Um porrete! Um porrete! (A TARTUFO) - Irmão, não intercedas! (A DAMIS) - Exijo que daqui já e já te escafedas! E não tenha jamais audácia de voltar !

DAMIS - Eu sairei, mas...

ORGONTE - Rua! E trata já de andar! Deserdo-te, traidor, da minha sucessão! E mais: teu pai te lança eterna maldição!

CENA VII

ORGONTE, TARTUFO

ORGONTE - Ofender desde modo uma santa pessoa...

TARTUFO - Perdoai-o, Meu Deus, pois minha alma o perdoa! (A ORGONTE)- Se toda a minha dor conseguísseis sentir... ver que perante vós me querem - denegrir!

ORGONTE - Meu Deus!

TARTUFO - Basta pensar em tanta ingratidão para me torturar cá dentro o coração. Sinto tamanho horror...Sinto o peito esmagado! Eu nem posso falar... Vou morrer em pecado!...

ORGONTE (CORRENDO, BANHADO EM LÁGRIMAS, À PORTA POR ONDE EXPULSOU DAMIS) - Pulha! Por compaixão tens a vida poupada! Eu devia rachar-te os ossos de pancada! Sossegai, meu irmão, e não fiques magoado.

TARTUFO - Não falemos mais nisto. É assunto encerrado. Tanto aborrecimento eu vos trouxe de fora que creio ser melhor, irmão, eu ir-me embora.

ORGONTE - Irmão, estais brincando?

TARTUFO - Odeiam-me. E por fim tratam de levantar suspeitas contra mim.

ORGONTE - Acaso imaginais que lhes dou atenção?

TARTUFO - Talvez nunca termine esta perseguição e se hoje repelis a quem vem me intrigar outro dia estareis mais disposto a escutar.

ORGONTE - Não, meu irmão, jamais!

TARTUFO - Irmão, uma mulher pode fazer do esposo aquilo que quiser.

ORGONTE - Não, não!

TARTUFO - Se eu for-me embora, haverá de faltar o pretexto que que têm - pra me caluniar.

ORGONTE - Juro por Deus do Céu! Vós ficareis! Insisto!

TARTUFO - Seja o que Deus quiser, sofrerei como Cristo! mas se dese - jais...

ORGONTE - Não!

TARTUFO - Se vos causo um prazer... mas sei daqui por diante o que devo fazer: o sentimento de honra e a amizade me obrigam a evitar de futuro -

as infâmias que digam. Assim, não mais verei vossa esposa e estareis...

ORGONTE - Muito ao contrário, irmão, vós a visitareis! Irritar essa gente é a maior alegria que sinto! Quero ver-vos juntos todo o dia. E mais: para enfrentá-los, se são contra nós, não tere outro herdeiro agora se não vós. Vou daqui neste instante ao meu tabelião fazer-vos dos meus bens completa doação. Um amigo fiel, tão bom, e que consente ser meu genro, é melhor do que qualquer parente. A proposta, dizei, vossa humildade aceita?

TARTUFO - A vontade de Deus em tudo seja feita!

ORGONTE - Coitadinho! Senhor, lavremos a escritura! Hão de vos invejar - na rua da amargura!

193
E

QUARTO ATO

CENA I

CLEANTO, TARTUFO

CLEANTO - Não se fala outra coisa a não ser essa estória, o que nada a - crescenta, aliás, à vossa glória. E vem mesmo a calhar encontrar-vos, Se nhor, pois assim vos direi, se fazeis o favor de escutar-me, qual é meu pensamento. Afasto qualquer indagação de teor menos casto; julgo pelo - pior: Damis teria usado um processo desleal e vos tenha acusado injustamente. Indago: um cristão fervoroso não deve perdoar o gesto rancoroso? Como então suportais, com ar tão resignado, ver da casa do pai o filho escorraçado? Com a maior franqueza é preciso que eu frise: diante disto não há quem não se escandalize. Se vos mereço fé, sede a pomba da paz, sede um pouco mais anjo e menos satanás, sacrificai a Deus todo o vosso rancor e levai pai e filho a um beijo de amor.

TARTUFO - Assim quisera eu, de todo coração; contra ele não farei a menor restrição; tudo já perdoei e de nada censuro. Bem quisera ajudá-lo, - aqui vo-lo asseguro, mas a causa de Deus me impede o consentir: Se ele entrar nesta casa, eu tenho de sair. Depois da sua intriga injusta e injuriosa, nossa aproximação seria escandalosa. Deus bem sabe então haviam de dizer: que em minha transigência há medo de perder; como um tipo sagaz eu seria apontado e espalhariam: eu, sentindo-me culpado, voto ao acusador um carinho suspeito a fim de suborná-lo e comprar bom conceito.

CLEANTO - Essa sua desculpa é bem arrevesada: apresentais razão bastante complicada. Tendes procuração de Deus para tudo isso e Deus quando castiga usa o vosso serviço? Deixai-O, que o castigo Ele sozinho pensa, e pensai no perdão que ordena para a ofensa. Tampouco imagineis o sussurar malsão quando às ordens do céu vos cabe submissão. O mesquinho temor do que possam falar evita a boa ação que deveis praticar? Não! Tratemos de agir sempre certo e direito, sem pensar na calúnia e sem tirar proveito.

TARTUFO - Já vos disse uma vez: ele está perdoado; se o perdão, obedeço ao que o céu tem mandado; mas depois desta afronta e do escândalo, eu digo: o céu não vai mandar que ele viva comigo!

CLEANTO - E acaso mandará que se dê atenção a um capricho de pai? E se aceite a doação de riquezas, de bens, de todo um patrimônio chegando às vossas mãos por artes do demônio?

TARTUFO - Quem me conhece bem não poderá pensar que esteja nesta casa a

194
E

me locupletar. As riqueza do mundo a mim não me seduzem com os falsos - clarões que a outros olhos luzem; se prefero aceitar a esmola que me faz o pai desse furioso e irrequieto rapaz é só pelo temor - e com justa razão - de ir às garras de mais pecaminosa mão porque certos mortais, se a tiverem herdado, tratarão de gozá-la em crimes e pecado em lugar de empregá-la, e assim farei, e bem, por amor ao meu Deus e ao meu próximo. A mém.

CLEANTO - Meu prezado Senhor, nada de filigranas que ante o herdeiro legal não passam de chicanas. Tratai de ir para o céu, e deixai ao herdeiro o risco de aplicar bem ou mal seu dinheiro. Não é da vossa conta! E mal ou bem que o use é melhor do que ouvir alguém que vos acuse; porém causa-me pasmo a devoção ardente, a unção com quem embolsais esse régio presente. Afinal, meu Senhor, é a fé que vos convence a retirar do alheio o bem que lhe pertence? E se o céu vos tornou assim tão infeliz a ponto de jamais co viver com Damis, não seria melhor se, aproveitando da hora, - com toda a discrição daqui fôsseis embora? Ou preferis sofrer, contra toda a razão, que um filho perca o lar e ganhe a maldição? Acreditai, Senhor, é coisa muito feia ...

TARTUFO - Meu prezado Senhor, são três horas e meia; lamento eu não poder ficar. Um piedoso dever me chama: vou rezar.

CLEANTO (SOZINHO) - Esta é boa!

CENA II

ELMIRA, CLEANTO, MARIANA, DORINA

DORINA (A CLEANTO) - Eu vos peço, acudi, por favor! Ela sofre demais! - Pode morrer de dor! O contrato nupcial que o pai hoje assinou vede em que desespero a coitada deixou! Lá vem ele! É melhor que todos nos unamos para, por bem ou mal, salvar a quem amamos. Tão horrível desgraça é preciso evitar...

CENA III

ORGONTE, ELMIRA, MARIANA, CLEANTO, DORINA

ORGONTE - Bravos! Vejo reunida a assembléia do lar (A MARIANA) - Aqui - trago comigo um contrato perfeito: selado, autenticado, assinado, insuspeito.

MARIANA - Ah, pelo amor de Deus, não me façais sofrer, meu bom pai! Esquecei vosso pátrio poder, livrai-me do dever de vos ter obediência, tenede vossa filha clemência

195
E

Não obrigueis, Senhor, que uma lei insensata me leve a deplorar o quanto vos sou grata; e esta vida, meu pai, que por vós me foi dada, não a torneis de agora em diante desgraçada. Se contra uma esperança a acender u ma chama proibis meu coração de entregar-se a quem ama ao menos sede bom (AJOELHA=SE), mostrai-me vosso amor: proibi-me que pertença a quem eu te nho horror! Proibi, querido pai, que eu chegue a enlouquecer, proibi que sobre mim caia vosso poder!

ORGONTE (SENTINDO-SE ENTERNECER) - Firmeza, coração! Foge à fraqueza humana!

MARIANA - Ah, Não me faz sofrer o amor que vos irmana! Proclamai pelo - mundo que lhe votais! Dai-lhe pois nossos bens, se tanto vos apraz! Dai-lhes tudo, a vossa alma é tão boa, mas não chegueis a dar, meu pai, minha pessoa. Para mim será bem menor o meu tormento se eu puder fenecer - meus dias num convento.

ORGONTE - Eis aí como são essas religiosas quando um pai lhes combate as flamas amorosas! Já, de pé! Quanto mais receias recebê-lo, mais deves ca prichar em não desmerecê-lo! Trata de oferecer ao céu teu casamento e não aumentes mais meu aborrecimento!

DORINA - Meu Senhor...

ORGONTE - Cala a boca! A conversa ainda não chegou a cozinha! Hás de te calar, senão...

CLEANTO - Orgonte, eu te dedico um respeito profundo...

ORGONTE - Os teus conselhos são os melhores do mundo, tão bem sabes pensar - e muito os aprecio; mas deixa-me dizer: neles eu não me fio.

ELMIRA - Pelo visto, nem sei o que devo dizer; a cegueira mais cega é de quem não quer ver. Só quem vive num quarto escuro como breu consegue duvidar do que me aconteceu.

ORGONTE - Ora, muito obrigado! Eu creio em aparências! Conheço muito - bem as tuas complacências por esse paspalhão de meu filho: procuras sempre esconder de mim as suas travessuras! Estavas por demais serena pra ser criada: não soubeste fingir ter a honra ofendida.

ELMIRA - Então só por ouvir declarações de amor deve a gente explodir em chispas de rancor? Só se pode calar ousadia tão louca pondo os olhos em fogo e uma injúria na boca? De certas pretensões eu rio simplesmente e - todo o diz-que-diz me deixa indiferente. A minha honestidade alio a poli dez para não me mostrar selvagem na honradez. Não sou nada a favor das - damas insolentes que em defesa da honra usam unhas e dentes! Preserve-me o bom Deus destas santas loucuras: gosto de uma virtude isenta de dia - bruras. Tenho uma convicção: a discreta frieza é veneno mortal na auda - ciosa afoiteza.

ORGONTE - Conheço esta conversa! A mim ninguém apanha.

ELMIRA - Mais uma vez admiro esta fraqueza estranha, suponhamos, porém: se essa incredulidade fosse levada a ver a prova da verdade?

ORGONTE - Ver?

ELMIRA - Sim, ver.

ORGONTE - Que tolice!

ELMIRA - Ora, mas que mania! Vamos! Se visses tudo, em plena luz do dia?

ORGONTE - Miragens!

ELMIRA - Santo Deus, um tal homem existe?! Responde! Eu mostrarei o que ainda não viste. Se te escondes aqui, de modo que ninguém te veja, que - dirás do teu homem de bem?

ORGONTE - Neste caso, eu diria... Eu não diria nada. Uma calúnia tal nem deve ser pensada. Não pode ser.

ELMIRA - Orgonte, a tua teimosia vai além do normal e muito me injuria.- Não me apraz simular, meu Senhor, mas preciso que sejas testemunha e faças teu juízo.

ORGONTE - Pois, vá lá! Quero ver, sem sombra de deslizes, como serás capaz de cumprir o que dizes.

ELMIRA (A DORINA) - Vai chamá-lo.

DORINA - Senhora, um tal espertalhão não se apanha outra vez com o mesmo alçapão.

ELMIRA - Não. Assim como o amor engana e causa dano, o amor-próprio também nos leva ao próprio engano. Vai chamá-lo. (A CLEANTO E MARIANA) -Deixa-me só com minha presa

CENA IV

ELMIRA, ORGONTE

ELMIRA - Esconde-te depressa embaixo desta mesa.

ORGONTE - Como?

ELMIRA - Vamos, depressa! Isto é muito importante.

ORGONTE - Mas por que sob a mesa?

ELMIRA - Oh, vamos! O flagrante que vou oferecer-te só depende disto. Esconde-te aí embaixo! É! Sob a mesa! Inisto! E que ninguém te veja e que ninguém te escute.

ORGONTE - E a minha dignidade? Entendes que eu relute? mas anseio por ver como vais proceder.

ELMIRA - Vamos! Creio que não te irás arrepender.

(ORGONTE ENTRA EMBAIXO DA MESA) - Quero só abordar um assunto escabroso : não te assustes, porém, embora escandaloso; permite, por favor, tudo que eu diga aqui: e para convencer-te, como prometi, sou forçada a levar, -

197
E

com frases de doçura, o impostor a mostrar a face da impostura, gabar do seu amor o desejo indecente e deixar o campo livre ao seu verbo imprudente. Como só tu verás, é po pura artimanha que vou fingir ceder à sua lábia e manha. Tudo cessarei quando houveres compreendido e nada irá além do que tenhas querido. Deves interromper o ardente desespero quando vires a coisa alcançar o exagero. Poupa tua mulher, não lhe deixes impor uma vogal sequer que ofenda meu pudor. É teu todo o interesse: és senhor e juiz e... aí vem. Fica aí. Não mostres o nariz.

CENA V

TARTUFO, ELMIRA, ORGONTE (DEBAIXO DA MESA)

TARTUFO - A empregada avisou: vós me quereis falar?

ELMIRA - É verdade. Um segredo eu tenho a vos contar. Fechai a porta, - por favor, antes que o conte pois temo que outra vez alguém nos amedronte. (TARTUFO VAI FECHAR A PORTA E VOLTA) Uma disputa igual à que demos - ensejo não é precisam nte aquilo que desejo; e não venha ninguém sur - preender-nos a sós. Vistes bem, meu Senhor, os esforços que fiz para impedir o intento e a raiva de Damis; meu espanto foi tal que até nem me ocorreu desmentir a invenção pela qual se perdeu. Felizmente, porém, foi bem melhor assim: mais seguro estareis, se confias em mim. Passou a tempestade, a bonança está feita, meu marido não tem a mínima suspeita. Desejando arrostar os falsos julgamentos, bem juntos quer-nos ver a todos momentos. Eis aí como obtive esta oportunidade de conversar convosco assim mais à vontade. Isto até me autoriza a abrir meu coração ansioso de afinal sentir vossa afeição.

TARTUFO - Vosso discurso agora é muito surpreendente. Há pouco vosso estilo era bem mais fluente.

ELMIRA - Se ante aquela recusa a raiva vos domina é que não conheceis a astúcia feminina! Quase nada sabeis do quanto quer dizer quando procede assim para se defender. Sempre o nosso pudor combate em tais momentos a promessa dos mais ardentes sentimentos; de razões para o amor quanto mais se disponha, há sempre ao confessá-lo um pouco de vergonha; daí nossa defesa; e nela justamente a palavra calada é a palavra presente. O discreto pudor de nosso lábio jura a mensagem de amor que em silêncio murmura. Estou fazendo agora uma tal confissão...nem sei como julgais esta revelação...entretanto, uma vez que tudo já disse, achais que eu me empenhasse em tão grande tolice de conservar Damis nesta casa, senão por eu já conhecer o vosso coração? Poderia ser outro o meu procedimento se não retribuísse ao vosso sentimento? E, quando quis forçar a vossa desistência do casamento, o fiz apenas por prudência: Devíeis compreender: o

198
E

meu maior cuidado é o próprio interesse em ter-vos ao meu lado: desejava impedir que o vosso casamento vos roubasse de mim, fosse por um momento. TARTUFO - Alegria maior meu coração ignora! Ouvir falar assim o lábio - que se adora! É um mel a percorrer-me e invadir cada veia de uma doçura tal como jamais provei-a só vos quero agradar: nada mais há que estude: vossos desejos são minha beatitude mas permiti tomar aqui a liberdade, a audácia de descrer dessa felicidade: vejo em vossa palavra uma honesta - chicana só para me impedir de casar com Mariana. É preciso falar-vos com toda a franqueza: do vosso amor não tenho a mínima certeza; favorecei-me então um mínimo sinal a demonstrar a vossa inclinação real e me derrame na alma um filtro de bondade: as virtudes da fé, esperança e caridade.

ELMIRA (DEPOIS DE TOSSIR PARA ADVERTIR O MARIDO) - Desejais avançar com tal sofreguidão e a ternura esgotar deste meu coração? Há pouco eu procurei quase ser suplicante mas isso vos parece ainda não ser o bastante. Só um modo haverá de vos satisfazer, o de tudo vos dar e tudo vos ceder?

TARTUFO - Quanto menos alguém merece, mais aspira. As próprias confissões nos parecem mentira e, alcançado o favor, de medo de o perder, antes vale gozar que simplesmente crer. Se nem creio, Senhora, obter vosso favor, julgo temeridade esperar vosso amor; logo, não creio em vós - exceto se o provais por manifestações concretas e reais.

ELMIRA - Meu Deus! O vosso amor é um tirano perfeito a confudir-me a mente e trespassar-me o peito! sobre o meu coração furiosamente impera e violentamente arrebatada o que espera. Nessa perseguição inútil de evitar nem ao menos deixais que eu tente respirar? Será justo avançar ao pote com tal sede? É lícito exigir um prêmio que se pede? A insistência não mostra a si uma afoiteza de abusar de quem tem por vós tanta franqueza?

TARTUFO - Se tão bondosamente ouvís as minhas falas, por que me recusar a graça de prová-las?

ELMIRA - Mas como consentir nisto que desejais sem ofender o céu, de que tanto falais?

TARTUFO - Se é só temor ao céu o que vos atrapalha é fácil afastar da mente esta migalha; isto não deve nunca impedir vosso amor.

ELMIRA - Os castigos do céu me causam tal pavor!...

TARTUFO - Posso bem acalmar o que vos apavora. Sei a arte de afastar escrúpulos, Senhora. O céu proíbe, sim, qualquer prazer suspeito, mas pode-se com o céu encontrar sempre um jeito. Cada necessidade inspira uma ciência de aplacar as razões nascidas na consciência e saber corrigir o mal de nossa ação graças à santidade usada na intenção. Esses recursos - eu saberei ensinar-vos, deixai-vos conduzir, pois tudo quero dar-vos. Contentai meu desejo e não tenhais receio: responderei por tudo e nada será feito.

199
E

(ELMIRA TOSSE MAIS FORTE) - Que tosse mais renitente...

ELMIRA - E me põe num estado....!

TARTUFO - Quem sabe fará bem provar um rebuçado?

ELMIRA - É uma tosse incessante! É talvez resfriado incapaz de passar - com xarope ou melado.

TARTUFO - Que aflição deve ser...

ELMIRA - Nem podeis calcular...

TARTUFO - Vosso receio, eu sei, é fácil de calar: juro-vos: guardarei um segredo total. Na indiscrição, Senhora, é que reside o mal; o escândalo é que ofende - e quem o evita, vence-o: ninguém é pecador quando peca em silêncio.

ELMIRA - (DEPOIS DE TOSSIR NOVAMENTE E BATER NA MESA) - Vejo-me finalmente obrigada a ceder: preciso consentir em tudo conceder. Menos que o vosso afeto eu não devo esperar: vós ficareis contente e ireis me acreditar. O assunto é complicado e nele me embaraço; muito contra a vontade - ousou dar esse passo. Mas se tanto teimais, quereis ver para crer. Sem conseguirdes crer no que estou a dizer. Se em vez de uma palavra exigis testemunha tereis satisfação maior do que eu supunha; se meu comportamento importa numa ofensa, pior: sois o ofendido e na minha presença a culpa - não é minha: o vosso nome arrisco.

TARTUFO - Deixai tudo correr por minha conta e risco .

ELMIRA - Abri aquela porta e olhai se nos espia meu marido. Ele pode estar na galeria.

TARTUFO - Tanto cuidado assim? Tal susto não espero... muito aqui entre nós: faço dele o que quero. Sente tanto prazer em nos aproximar que tudo pode ver sem nada acfeditar.

ELMIRA - Não importa. Saí, permiti que vos peça e examinai se alguém se oculta nessa peça.

CENA VI

ORGONTE, ELMIRA

ORGONTE (SAINDO DE SOB A MESA) - Ah, confesso! Que monstro! Um tipo abominável! Eu não aguento mais! Espera, miserável!...

ELMIRA - Já tão cedo tu saís? Inde não viste nada! Volta pra tua toca - e de boca fechada; trata bem de escutar-lhe as palavras impuras em vez - de acreditar em simples conjecturas.

ORGONTE - Nada mais perverso inventou satanás!

200
E

ELMIRA - De quanta boa fé teu juízo é capaz! Vamos desmascarar essa al -
minha finória e então poderás dar a mão à palmatória! (ELMIRA ESCONDE OR
GONTE ATRÁS DE SI)

CENA VII

TARTUFO, ELMIRA, ORGONTE

TARTUFO (SEM VER ORGONTE) - Ah, tudo favorece o meu contentamento! Es -
piei, inteirinho, aquele apartamento: não há ninguém. Minha alma embria -
gada de gozo... (NO MOMENTO EM QUE TARTUFO AVANÇA, DE BRAÇOS ABERTOS, -
PARA ABRAÇAR ELMIRA, ELA FOGE E ELE PERCEBE ORGONTE)

ORGONTE (FAZENDO PARAR TARTUFO) - Alto lá! Que exagero esse impulso amo -
roso! Não vos apaixoneis com tamanha afoiteza! Que grande homem de bem !
Que santo! Que beleza! Alheia às tentações vossa alma nada quer: abiscoi -
tar-me a filha e roubar-me a mulher! Na dúvida a boa fé inteiramente i -
mersa esperou ver mudado o tom dessa conversa; mas chega de levar o tes -
temunho adiante: a dose para mim é mais do que bastante.

ELMIRA - É contra o meu feitio esse procedimento, Senhor: fui constran -
gida a usar de um fingimento.

TARTUFO - Irmão, acreditais....?

ORGONTE - Vamos, sem mais demora! Retira-te daqui! Já! Rua! Passa fora!

TARTUFO - Minha intenção...

ORGONTE - Nem mais um pio em minha frente! Fora de minha casa - imedia -
tamente!

TARTUFO - Não, eu não sairei. A vós toca sair: a casa me pertence? eu -
posso produzir as provas e vereis então que nada ganha quem humilha um
cristão com tão suja artimanha. Não deixo pecador impunemente oculto; ve -
reis: o céu me ensina a revidar o insulto. Tenho Deus a meu lado; O sa -
berei vingar de quem O ofende assim querendo-me expulsar!

CENA VIII

ELMIRA, ORGONTE

ELMIRA - Que quer ele dizer? Por que havemos de sair?

ORGONTE - Palavra, estou perplexo - e não é para rir.

ELMIRA - Como?

ORGONTE - Agora compreendo o logro em que caí. Aquela doação!... Em que
é que eu me meti!

ELMIRA - A doação?

ORGONTE - É tarde: agora está completa. Mas existe outra coisa ainda que me inquieta.

ELMIRA - Que coisa?

ORGONTE - Eu te direi. Mas, antes de mais nada... a caixinha!... Será que foi roubada?

202
E

QUINTO ATO

CENA I

CLEANTO, ORGONTE

CLEANTO - Onde vais tão depressa?

ORGONTE - Eu sei lá!

CLEANTO - Pois eu penso que nesta confusão esqueces o bom senso. Combine mos nós dois o que se vai fazer.

ORGONTE - A tal caixinha é que me faz enlouquecer! Mas que a própria doação me põe fora de mim!

CLEANTO - Dize-me ao menos: é tão importante assim?

ORGONTE - É um pacote de Argás, que estimo como irmão, sob o maior segredo entregou-me na mão quando fugiu daqui. Fez-me depositário de importantes papéis postos num relicário. Escolheu-me por ser seu amigo e dos primeiros.

CLEANTO - Neste caso, por que a entregaste a terceiros?

ORGONTE - O caso me deixou num drama de consciência; fui direto a Tartufo e fiz-lhe a confidência; e o seu arrozoado enfim me conveceu a lhe dar a caixinha e ele mesmo a escondeu para que a posse dela eu pudesse negar tendo uma escapatória a vir mesmo a calhar a me tranquilizar e me dar a aparência de dizer a verdade e jurar inocência.

CLEANTO - Estás em maus lencóis, digo-te com franqueza, pois tanto a doação quanto a tua esperteza mostram - e afirmo com total sinceridade tu praticaste, irmão, enorme leviandade: Tartufo vai meter-te em confusões funestas se guarda contra ti nas mãos provas como estas. Depois disto não foi prudente escorraçá-lo: devias procura um meio de acalmá-lo.

ORGONTE - E aturar toda a vida esse tipo indecente, esse hipócrita, e tê-lo como parente?! Era um simples mendigo e lhe fiz tanta festa... não quero nunca mais saber de gente honesta! Detesto homens de bem! Deles hei de dar cabo! De hoje em diante comigo não de sofrer o diabo!

CLEANTO - Muito bem! Outra vez perdeste as estribeiras! Em tudo és incapaz de ter boas maneiras! Tu saia de um exagero e cais noutro exagero. Ou esperas demais ou vais ao desespero. Reconheces teu erro e viste com que arte esse falso cristão conseguiu enganar-te. Mas, por mais que procure a razão, não atino por que praticas logo um maior desatino. Se o pérfido vilão de repente detestas que têm a ver com isto as pessoas honestas? Se de te tapear ele tem o descoco com todo esse carão de santo-de-pau-oco ,

203
E

queres que toda a gente a ele seja igual e que nenhum devoto apareça, afinal? Deixa ao mau julgador tão tola consequência e aprende a separar os fatos da aparência; não dês o teu amor à primeira investida. Em tais casos, irmão, usa a justa medida: se puderes, evita honrar qualquer incúria mas aos homens de bem não lhes faça injúria. E se tens de cair num ou outro pecado, prefere vir pecar, irmão, deste outro lado.

CENA II

ORGONTE, CLEANTO, DAMIS

DAMIS - É verdade, meu pai? O biltre vos ameaça? Ah, não há gratidão que o tipo não desfaça! A sua astúcia vil nos furta logo após transforma o próprio furto em armas contra nós?!

ORGONTE - Sim, meu filho, é verdade... E tu,, que me aconselhas?

DAMIS - Deixai por minha conta! Arranco-lhe as orelhas! Não se deve tremer ante a sua insolência: vou enfrentá-lo, eu só, sem sombra de clemência e a golpes de porrete, esvaziar-lhe a pança!

CLEANTO - Pois a isto se chama agir como criança. Modera, meu rapaz, os arroubos pueris: nós vivemos num reino e tempo tão feliz em que a violência é vã! Um vero mar de rosas!

CENA III

SRA. PERNELA, ORGONTE, ELMIRA, CLEANTO, MARIANA, DAMIS, DORINA

SRA. PERNELA - Acabo de saber de coisas misteriosas!

ORGONTE - São coisas, minha mãe, de que fui testemunha! Eis a retribuição de um amigo em que eu punha toda a minha afeição: dei-lhe um lar, - dei-lhe pão, fiz por ele o que se faz por irmão, passo a tratá-lo bem, e me esmero, e me iludo, dou-lhe a minha riqueza, a minha filha, tudo; e enquanto faço assim, sabeis o que ele quer? Com toda a devoção, roubar - minha mulher! Não contente de expor a covarde maldade transforma em ameaça a minha caridade, quer assaltar meus bens, tornar-me um indigente com armas que lhe deu meu amor imprudente, expulsar-me do lar que a ele um dia eu dei e reduzir-me ao pó de onde o retirei.

DORINA - Coitadinho!

SRA. PERNELA - Oh, meu filho, e desejas que eu creia ser Tartufo capaz - de uma coisa tão feia?

ORGONTE - Como?

SRA. PERNELA - Gente de bem vive sempre invejada...

ORGONTE - Vós não me acreditais? Parece até piada, minha mãe...

204
E

SRA. PERNELA - É calúnia! A mim ninguém ilude! Nesta casa ninguém aprecia a virtude.

ORGONTE - E que tem isto a ver no caso? Não atino...

SRA. PERNELA - Fartei-me de ensinar, quando eras pequenino: a virtude do mundo é sempre perseguida: não se pode matar a inveja nesta vida.

ORGONTE - Mas que isto tem a ver com tudo o que houve aqui?

SRA. PERNELA - Invenções de quem quer afastá-lo de ti.

ORGONTE - Já disse, minha mãe; quem o viu fui eu mesmo!...

SRA. PERNELA - Vivrm sempre a espalhar maledicência a esmo...

ORGONTE - Vós me irritais, mamãe! Repetir-vos eu vou: com meus olhos eu vi o crime que tentou.

SRA. PERNELA - As más línguas têm sempre um veneno a espalhar... é uma coisa fatal: ninguém pode escapar!

ORGONTE - Arre! Não tendes senso, eu já me convenci! Com meus olhos, que a terra há de comer, eu vi, vi, assim, vi, olhei... quereis que vos artu da e berre em vosso ouvido até vos fazer surda?

SRA. PERNELA - Meu Deus! Uma aparência engana! Aí está por que não se deve julgar por tudo que se vê.

ORGONTE - Vou explodir!

SRA. PERNELA - Meu filho, escuta as aparências unem o bem e o mal nas mesmas consequência.

ORGONTE - E devo interpretar ser mera caridade alguém vir agarrar minha cara-metade?

SRA. PERNELA - Só se deve acusar quem der motivo justo. Devias esperar, sem rumor e sem susto...

ORGONTE - Mamãe, com mil torvões! Como iria saber? Deveria esperar quietinho para ver, até... eu quase digo uma coisa indecente!

SRA. PERNELA - Deves ver no seu gesto um carinho somente... não posso - de maneira alguma acreditar que ele seja capaz do que foram contar.

ORGONTE - Não fôsseis minha mãe, a minha indignação vos ofereceria um vasto palavrão!

DORINA (A ORGONTE) - O feitiço virou contra a feiticária! Como se custa a crer num homem que não cria!

CLEANTO - Não vamos discutir coisas sem consequências: tratemos de tomar urgentes providência e impedi-lo de agir do modo que eu previa.

DAMIS - Será ele capaz de tamanha ousadia?

ELMIRA - Por mim, não posso crer essa instância possível: a sua ingrati-dão é mais do que visível!

CLEANTO - Não te fies, Orgonte. Ele tem mil maneiras de dar ao teu juízo a aparência de asneiras e convocar no inferno as bruxas inimigas para te

205
E

emaranhar num novelo de intrigas. Armado como está de tantos documentos, devias ser mais cauto e evitar julgamentos.

ORGONTE - É verdade. Mas que fazer nesta emergência? A minha indignação superou a prudência.

CLEANTO - Seria bem melhor se entre os dois, meu irmão, se pudesse arranjar uma acomodação.

ELMIRA - Soubesse que o vilão contava com tais armas nunca me prestaria a tamanhos alarmas.

ORGONTE (A DORINA, VENDO ENTRAR O SR. LEAL) - Esse homem quem será? Vai logo perguntar. Estou em condições de alguém me visitar!...

CENA IV

ORGONTE, SRA. PERNELA, ELMIRA, MARIANA, CLEANTO, DAMIS, DORINA, SR. LEAL

SR. LEAL - (A DORINA, NO FUNDO DA SALA) - Peço a tua bondade, afim de que permitas falar a teu patrão.

DORINA - Ele está com visitas; receio que não possa agora receber-vos.

SR. LEAL - Avisa-lhe que o mais humildes dos seus servos insiste em lhe falar e o assunto que traz não desagradará: é tudo que lhe apraz.

DORINA - Vosso nome?

SR. LEAL - É bastante anunciar como alguém da parte do Senhor Tartufo, por seu bem.

DORINA - É um Senhor muito bem educado e cortês vindo da parte do Senhor Tartufo e fez questão de me dizer que o vosso bem almeja.

CLEANTO (A ORGONTE) - Tu deves recebê-lo e ver o que deseja.

ORGONTE (A CLEANTO) - Vem nos conciliar. Talvez a coisa mude. Que me aconselha tu? Qual a minha atitude?

CLEANTO - Não deves demonstrar rancor nem dar estribo: se ele vem te falar, deves somente ouvi-lo.

SR. LEAL - Deus vos salve, Senhor, com todo o seu amparo, e vos dê proteção a quanto vos é caro!

ORGONTE (BAIXO, A CLEANTO) - O modo de saudar parece indicativo de não trazer nenhum intuito vingativo.

SR. LEAL - Sempre vos estimei, como a todos aqui: a vosso ilustre pai muito servi.

ORGONTE - Eu vos peço perdão e me envegonho, pois não me é dado o prazer de saber quem vós sois.

SR. LEAL - Nasci na Normandia e me chamo Leal, sou meirinho de ofício, ou seja oficial-de-justiça - e meu Deus concedeu-me a ventura de este ofício exercer com honra e compostura. E por isso aqui estou, com vossa

206
E

permissão, para vos entregar, Senhor, a intimação...

ORGONTE - Então estais aqui...

SR.LEAL - Simples dever do ofício. Contra vós um processo agora teve início, como sabeis; deixai que o mandado apresente de despejar a casa imediatamente, lavrar a certidão, lacrar tudo e dar fé...

ORGONTE - Sair de casa?

Sr. Leal - Sim, meu Senhor, Assim é. Esta casa pertence, aliás o sabeis, ao bom Senhor Tartufo e por isso deveis por força do papel que aqui tenho comigo passar todos os bens às mãos do vosso amigo. O contrato é legal, perfeito, e assim sugiro...

DAMIS (AO SR. LEAL) - Por tal patifaria eu muito vos admiro!...

SR. LEAL - Previno-vos, rapaz, não sois parte no feito... (MOSTRANDO ORGONTE) - E sim este Senhor, gentil-homem perfeito, que, como homem de bem, não zanga nem eriça quando deve cumprir as ordens da justiça.

ORGONTE - Ma...

SR. LEAL - Meu Senhor, eu sei que nem por um milhão teríamos de vós uma rebelião; suportai-me e aceitai, como um homem honrado, que eu execute aqui os termos do mandado.

DAMIS - Se o mandado a cumprir é debaixo de vara, decerto acabareis recebendo-a na cara!

SR.LEAL (A ORGONTE) - Fazei que esse rapaz se cale ou se retire, ou tenho de o prender, por mais que vos admire, por desrespeitado um agente legal!

DORINA - Esse Senhor Leal não é nada leal!

SR.LEAL - Pelos homens de bem tenho grande fervor; por isso fiz questão de vir, caro Senhor, para vos amparar e vos dar um prazer; porque, se outro meirinho houvessem de escolher, e não vos dedicasse o afeto que vos tenho, acaso em ser gentil poria algum empenho?

ORGONTE - Outro ofício haverá digno de pouco caso como o de despejar famílias?

SR. LEAL - Dou um prazo : de hoje até amanhã suspendo a execução de tudo que me ordena a douta citação; mas terei de velar aqui, discretamente, até o amanhecer, com toda a minha gente. Como formalidade e não por precaução devo guardar comigo a chave do portão. Juro não pertubar. O ritual do estilo vos assegurará o sono mais tranquilo. Mas logo de manhã sairá cada qual só levando consigo o seu próprio enxoval. Meus homens saberão com a maior polidez jogar na rua a tralha inteira de uma vez. Melhor não posso ser, com firmeza e clemência; e assim, por vos tratar com enorme indulgência, conjuro-vos, Senhor, ao mesmo proceder para poder cumprir meu honesto dever.

ORGONTE (À PARTE) - Se alguma coisa mais eu tivesse, daria agora, já e já, com a maior alegria, sem querer regatear e com todo o carinho em troca do prazer de partir-lhe o focinho.

CLEANTO (BAIXO, A ORGONTE) - Vamos, nada de asneira!

DAMIS - Um tal atrevimento comicha minha mão! Nem sei como me aguento!

DORINA - Com esse corpanzil, belo Senhor Leal, uma surra de pau não vos faria mal.

SR. LEAL - Eu te posso punir! Quem sabe se tu queres ir parar na prisão? Também prendo mulheres!

CLEANTO (AO SR.LEAL) - Entregai o papel - e, cumprida a incumbência, a gora dai-nos o prazer da vossa ausência.

SR.LEAL - Até breve. O bom Deus vos cubra de alegria.

ORGONTE - Que te arrebente - e mais àquele que te envia!

CENA V

ORGONTE, SRA, PERNELA, ELMIRA, CLEANTO, MARIANA, DAMIS, DORINA

ORGONTE - E agora, minha mãe? Eu tenho ou não razão? Sobre tudo que ouvi, qual a vossa opinião? Eis aí a traição flagrante e descoberta...

SRA. PERNELA - Estou estupefacta, e pasma, e boquiaberta!

DORINA (A ORGONTE) - Lamentos sem razão... Sem motivo insultais. A intenção de Tartufo é até clara demais: a toda a humanidade oferece a virtude; ele sabe que o bem temporal nos ilude e então se sacrifica e trata de furtar tudo que vos corrompe: ele quer vos salvar!

ORGONTE - Cala-te! Hei de mandar calar a todo instante?!

CLEANTO - Vejamos como vais agir daqui por diante.

ELMIRA -. Proclama em toda parte a audácia desse ingrato. Isto destruirá o valor do contrato; a atitude desleal irá, de tão nefanda, impedir o sucesso ao termo da demanda.

CENA VI

VALÉRIO, ORGONTE, SRA. PERNELA, ELMIRA, CLEANTO, MARIANA, DAMIS, DORINA

VALÉRIO - Perdão por afligir um tão dileto amigo: sou constrangido a tal: correis grave perigo. Alguém a quem dedico especial estima sabendo a pretensão que junto a vós me anima quis contar-me em sigilo um fato delicado, algo muito importante, um segredo de estado: mandou que eu vos trouxesse aqui minha caleça; não vos resta senão fugir a toda pressa. O tratado a quem vós abristes vosso lar foi visitar o rei para vos acusar e depor-lhe nas mãos - e isso não vos convinha - de certo foragido uma cer

ta caixinha. A qual, diz, com desprezo ao vassalo dever, em vez de dar ao rei, tratastes de esconder. Pormenores não sei do que sois acusado - mas deram instruções para serdes caçado e a ele próprio foi confiada a missão de acompanhar quem vem proceder à prisão.

CLEANTO - Já tudo conseguiu: aí está como o traidor de todos os teus bens tornar-se-á Senhor.

ORGONTE - O homenzinho, concordo, é um perverso animal!

VALÉRIO - Qualquer indecisão pode ser-vos fatal. Meu carro vos espera. A qui tendes dinheiro. Fugireis antes que vos façam prisioneiro. Não percam os mais tempo: o golpe é fulminante! Para ele a retirada é o melhor passo avante! Eu vos esconderi num lugar sem perigo e na fuga viril... vós fugirei comigo!

ORGONTE - Oh, quanta coisa devo ao vosso bom cuidado! O dia chegará de dizer obrigado. Rogo somente ao céu que me seja propício para reconhecer tão grande benefício. Adeus. Adeus. Tomai cuidado.

CLEANTO - Tem juízo. Havemos de fazer tudo que for preciso.

CENA VII

TARTUFO, UM GUARDA, SRA. PERNELA, ORGONTE, ELMIRA, CLEANTO, MARIANA, VALÉRIO, - DAMIS, DORINA

TARTUFO - Alto lá, meu Senhor! Quanto prazer em ver-vos! Não ireis muito longe! Inútil esconder-vos! O príncipe ordenou que eu vos faça prender!

ORGONTE - Não bastava, impostor, fazer-me empobrecer? Aí está, celerado, a última armadilha! E assim teu protetor vai parar na Bastilha!

TARTUFO - Não me atinge, Senhor, o vosso torpe insulto: eu o ofereço a deus, como manda o meu culto.

CLEANTO - Belo gesto cristão passar adiante a ofensa!

DAMIS - Para insultar o céu alguém vos deu licença?

TARTUFO - A vossa indignação não me vai comover: apenas vim aqui cumprir o meu dever.

MARIANA - Vossa humildade ostenta um orgulho eloquente: Ganhastes, afinal, um ofício decente.

TARTUFO - O orgulho deste ofício, a glória que irradia, é provir do poder que a esta casa me envia.

ORGONTE - Tu não te lembras mais? Minha mão caridosa, ingrato, te arrancou da miséria horrorosa!

TARTUFO - Migalhas... e chamais a tão pouco ajudar? Mas meu príncipe está em primeiro lugar... a justa obediência ao sagrado dever extingue a gratidão que acaso eu possa ter. A fim de merecer tão alta regalia tudo, até mesmo eu próprio, eu sacrificaria!

ELMIRA - Impostor!

DORINA - Como sabe esconder, o manhoso, numa auréola de anjinho os chifres do tinioso!

CLEANTO - Se é tão perfeito e assim - e vós o declarais - esse zelo, Senhor, com que vos enfeitais, como se explicará tão zelosa demora até ser apanhado a atracar-lhe a Senhora? E só vos ocorreu o amigo delatar quando a sua honradez vos expulsa do lar? E nem quero falar, para nisto me ater, da doação total que acaba de fazer! E se hoje desejais tratá-lo de culpado por que não recusais embolsar o legado?

TARTUFO (AO GUARDA) - Oh, nada de escarcéu! Meu prezado Senhor, tratai de executar as ordens, por favor.

O GUARDA - Já retardei demais o que devo fazer. Grato por me lembrar cumprir o meu dever. E para executá-lo acompanhai-me, agora: Estais preso, - Senhor! Partamos sem demora!

TARTUFO - Mas quem? Eu?

O GUARDA - Sim, Senhor!

TARTUFO - Mas...mas...por que prisão?

O GUARDA - Não vos tenho de dar qualquer explicação! (A ORGONTE) - A - calmai-vos, Senhor, após tamanho susto: nosso bondoso rei detesta o ato injusto; seu olhar ilumina os nossos corações não se deixa enganar pela arte dos vilões. De um fino discenir sua mente é dotada e sobre as coisas tem visão equilibrada; nela surpresa alguma o surpreende demais sua firme razão não se excede jamais. Às pessoas de bem lhes dá glória imortal: sem se deixar cegar, vislumbra o que é moral; abre seu coração ao amor da verdade e tem horror total a qualquer falsidade. Este que aqui está não o surpreenderia: patife mais sutil nunca o enganaria. Desde logo avistou da maneira mais clara no negro coração o negror da sua tara. Quando foi acusar-vos ele se traiu e a justiça do céu nele próprio caiu. Revelou-se ante o rei um tratante afamado que sob um outro nome era em vão procurado. Foi um longo rol de ações das mais finórias: juntas podem valer um rosário de estórias! O rei logo se encheu de horror e indignação com sua hipocrisia e sua ingratidão e mais esta traição acrescentou à lista e até aqui me fez seguir a sua pista para ver até onde iria essa imprudência, e por aí chegar à justiça e clemência: Todos esses papéis - de que se diz Senhor deverei despojar das mãos do traidor; o poder do soberano extingue por completo o contrato que o faz vosso herdeiro direto e vos perdoa enfim vossa ofensa secreta a que vos induziu a amizade correta. Este é o prêmio com que retribui vossos feitos pois soubestes lutar em prol dos seus direitos quer ele assim mostrar, quando menos se pensa, que toda a boa ação merece recompensa. Que o mérito jamais recusa a quem o tem e que, mais que o mal, só se lembra do bem.

216
E

DORINA - Louvado seja Deus!

SRA. PERNELA - Agora se respira!

ELMIRA - Oh, tudo acabou bem!

MARIANA - Parece até mentira!

ORGONTE (A TARTUFO QUE VAI SAINDO, CONDUZIDO PELO GUARDA) - Pegaram-te, tratante!

CENA VIII

SRA. PERNELA, ORGONTE, ELMIRA, MARIANA, CLEANTO, VALÉRIO, DAMIS, DORINA

CLEANTO - Irmão, por caridade evita cometer tamanha indignidade. Ao seu destino mau deixa esse miserável não vais participar de um remorso culpável; melhor rogar ao céu que o caráter lhe mude e o faça retornar ao seio da virtude, que retifique a vida e corrija seu vício para o perdão real vir a se-lhe propício, e pedir, genuflexo ante o seu coração, que não doa demais a justa punição.

ORGONTE - Bem lembrado. A seus pés louvemos com fervor o meigo coração - que nos enche de amor! E após haver cumprido o primeiro dever ao zelo de alguém mais nos cumpre agradecer: Valério: tens aqui minha filha querida; podes ficar com ela, e é para toda a vida.

211
E

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3463/85

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARÂMETROS DOS CENSO RES	
Em	28 / 03 / 85
DPF / SR / SP	
Chefe do SCDP	

"TARTUFO 81"

Para maiores de 14 anos

Leitura de texto

IDENTIFICAÇÃO

Autor : Molière

Tartufo é um beato fanático que se hospeda na casa de um rico, piedoso e ingênuo burguês a quem domina. Este, lhe oferece a filha em casamento o que significa oferecer-lhe toda a sua fortuna, mas Tartufo está apaixonado pela madrasta da moça;

O comportamento hipócrita e ambíguo de Tartufo, faz com que toda a família do burguês se indisponha contra ele que acaba por ser desmascarado.

Comédia escrita no século XVII e marco no teatro, da crítica à falsa moral religiosa e social.

Opino pela liberação para maiores de 14 anos.

São Paulo, 21 de fevereiro de 1.985

Maria de Lourdes Arbizu O. Leite
Maria de Lourdes Arbizu O. Leite

Tec. Censura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3464/85

212
E

TARTUFO

14 anos

Identificação:

Autor: Molière

Tradução: Guilherme Figueiredo

Pardieiro Produções Artísticas S/C

Local: Teatro Maria Della Costa

Grupo Profissional

EXPECI-SE CERTIFICAR ACORDO COM PARER DO RÊS
<i>Maria Lúcia Figueiredo</i>
DPF / SR / SP
Chefe do SDBP

CONTEÚDO: Orgon, um rico burguês, hospeda em sua casa o beato Tartufo, em quem deposita toda a confiança, a ponto de deixar-se dominar pelo intruso, entregando-lhe a filha e toda sua fortuna. A ambição do aventureiro é bloqueada pelo desejo de possuir Elmire, esposa do anfitrião. O oportunista é surpreendido por Damis que interrompesuas investidas contra a mãe Elmire. O comportamento - contraditório de Tartufo atrai sobre si a indisposição geral da família, a ponto de Elmire configurar um encontro para provar sua má intenção. Ao ser expulso por Orgon, o impostor lança mão de artimanhas para despejá-lo de casa, denunciando ao príncipe como o amigo compactuara com uma fraude. Porém com a chegada dos oficiais de justiça à casa de Orgon, Tartufo é desmascarado e preso em consequência de sua vida pregressa.

MENSAGEM: crítica ao artificialismo e aos interesses mesquinhos / que geralmente regem o desejo de ascensão social e as relações humanas.

LINGUAGEM: poética, com utilização de termos arcaicos e em desuso.

PÚBLICO ALVO: juvenil acima da faixa etária fixada.

GRAU DE PERSUASÃO: bastante convincente.

ENSAIO GERAL: suntuoso ambiente seiscentista, onde predomina a cor púrpura, nas escadarias e nos três pares de enormes colunas. Ao centro uma mesa de jantar, com frutas e candelabro; inúmeras cadeiras pesadas e à frente um divã. Ao fundo, em continuidade às escadarias, uma passarela por dentro de uma gigantesca moldura de quadro. Iluminação e sonoplastia não foram avaliadas por estarem em desacerto. O figurino retrata o requinte dos trajes de época da corte francesa do século XVII, confeccionados em sedas, rendas e veludos. A marcação obedeceu aos padrões rígidos do teatro conven

Rm

213
E

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

3464/8

TARTUFO

LIVRE

cional, numa montagem tendendo para o caricato, na gestivulação e xagerada, correrias e nos diálogos em formade versos, com rimas precisas, explorando o lado cômico das situações.

PARECER: a farsa de costumes constitui-se uma notável caracterização das personagens, mostrando a verdade íntima das pessoas, frente às contradições da moral em transição. São avaliados os vícios humanos, os costumes degradados e a falsa religiosidade, sob o enfoque humanístico de situações complexas e tensas em que transcorre a encenação. Assim, sem maiores restrições, opino pela liberação da peça para maiores de 14 (catorze) anos, faixa etária capaz de assimilar o tema abordado.

São Paulo, 26 de março de 1985.

Christina
VERA LÚCIA DAMÁSIO MARQUES e SILVA
Censora Federal Matr. 2.417.078.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

EXPECASSE CERTIFICANDO	
ACORDO COM PARER DOS CEN	
RÉS	
Em 28 / 03 / 87	<i>Luiz Gilm</i>
04. SR / SP	
Chefe do S.C.D.P.	

346578

"TARTUFO"

14 anos

Identificação:

Autor: Molière

Tradutor: Guilherme Figueiredo

Produtor: Pardieiro Prod. Art. S/CLtda.

Grupo Profissional

Local: T. Maria Della Costa

Conteúdo:

Orgonte, rico burguês, mantém em sua casa o supostamente piedoso Tartufo, contra a vontade da família. Totalmente subjugado por Tartufo, nega-se a acreditar nas palavras de seus familiares quando se queixam do desagradável visitante, mesmo quando sua esposa Elmira o acusa de tentar seduzi-la. Finalmente Elmira consegue convencer Orgonte a ocultar-se e ouvir as propostas amorosas de Tartufo. Irrado, Orgonte expulsa-o de sua casa, perdendo por isso seus bens, passados para o nome do farsante, e sendo denunciado ao rei. Porém, o impostor é desmascarado e a família de Orgonte volta à tranquilidade.

Mensagem: O texto faz crítica à falsa piedade.Linguagem: Texto em versos.Grau de persuasão: Convincente.Público alvo: Público a partir de quatorze anos.Ensalo Geral:

O cenário representa uma sala com móveis de época (fim do século XVIII). À esquerda, escadaria coberta de vermelho conduzindo ao andar superior, onde se vê um corredor à frente de um grande quadro. O vestuário é de época. A sonoplastia consta de músicas orquestradas em fita gravada. O espetáculo, em estilo tradicional, apresenta falas em versos. Tendo em vista a encenação bem como a temática abordada, opino pela sua liberação para maiores de quatorze anos.

São Paulo, 27 de Março de 1985

Adriana

TC MAT Nº 2.417.081



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0010, p. 337

215
E

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA O TARTUFO

ORIGINAL DE Moliere

VÁLIDO ATÉ 28 de maio de 19 85

CLASSIFICAÇÃO

S. Paulo, 28 de março de 19 85

PROIBIDO PARA MENORES DE
14 ANOS

Maria Inês Rolin Cauchiolli

MARIA INÊS ROLIN CAUCHIOLLI

CHEFE DO SCDP/BR/SP

M. J - D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada **O TARTUFO**

Original de **Moliere**

Tradução de **Guilherme Figueiredo**

Adaptação de **-**

Produção de **Pardieiro Produções Artísticas S/C Ltda.**

Requerida por **Pardieiro Produções Artísticas S/C LTDA.**

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19 _____ e recebido

a seguinte classificação: **IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. Este**

Certificado somente terá validade quando acompanhado de texto carimbado.

S. Paulo 28 de **março** de 19 **85**

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

216

E

TÍTULO " O TARTUFO "

AUTOR : " MOLIERE "

TRADUÇÃO: " GUILHERME FIGUEIREDO "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 14 ANOS "

Praça " SCDP/SR/SP "

Obs.:

DF. 02 / ABRIL / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 08 de abril de 1985

Ofício 345/Finato
TC 1001027

Brasília-DF

de

de 1.9.

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista a classificação de 14 para o qual os senhores propõem a classificação atária de 14 (quatorze) anos

Brasília-DF, 10 de 4 de 1985

Sérgio Roldan de Oliveira
Chefe do SC/DCDP

Em de de 1.9.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 10 / 4 / 1985

Welle Dindente Carvalheda
Matr. 2 415 791



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº

401

EMIÇÃO

10 ABRIL 1985

VALIDADE

10 ABRIL 1990

TÍTULO

"O TARTUFO"

AUTOR (ES)

MOLIERE

CLASSIFICAÇÃO

14

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

**TEMÁTICA RELATIVAMENTE
COMPLEXA**

Coriolano de R. C. Fagundes
CORIOLOANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO:

"O TARTUFO"

ESPÉCIE:

PEÇA TEATRALCERTIFICADO Nº **401**

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

GUILHERME FIGUEIREDO

REQUERENTE:

ROMANO DOMINGUES DA SILVA***SÃO PAULO/SP***

DECISÃO:

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

SERGIO ROLDAN DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP

ASSINATURA

Brasília, 10 DE ABRIL DE 1985.

218
E

10 de abril de 1985

571/85-SE/DCDP

SP

"TOMÁS, O LOUCO", adaptação de Joana Lopes; "O PALHACINHO SABIDO E A BRUXA BUM-BUM", de autoria de Adilson Wladimir; "FELIZ PÁSCOA", de autoria de Jean Cocteau; "OS VELHOS MARINHEIROS", de autoria de Jorge Amado; "TARTUFO", de autoria de Molière e "TANZI", de autoria de Claire Luckman.

Atenciosamente,

Coriolano de R. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor da DCDP